

PATRICIA
HIGHSMITH

*RIPLY DEBAIXO
D'ÁGUA*



COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PATRICIA HIGHSMITH

RIPLY DEBAIXO
D'ÁGUA

Tradução
Isa Mara Lando



COMPANHIA DE BOLSO

*Para os que já morreram
e estão morrendo na Intifada
e entre os curdos, para os que lutam
contra a opressão em qualquer terra,
e se levantam não só para lutar
mas também para tombar.*

TOM ESTAVA NO CAFÉ de Georges e Marie com uma xícara quase cheia de café espresso na mão. Já tinha pago, e os dois maços de Marlboro para Héloïse se avolumavam no bolso do paletó. Em pé, assistia a um jogo numa máquina de fliperama.

A tela mostrava um motociclista de desenho animado se arrojando em direção ao fundo, a ilusão de velocidade criada por uma cerca que vinha avançando dos dois lados da estrada. O jogador manipulava um meio volante, fazendo o motoqueiro ultrapassar um carro mais lento, ou saltar como um cavalo por cima de um muro que surgia de repente no meio da estrada. Se o motociclista (jogador) não saltasse a tempo, havia um impacto silencioso, aparecia uma estrela negra e dourada indicando uma colisão, o motoqueiro se acabava e o jogo também.

Tom tinha assistido a esse jogo muitas vezes (era o mais popular do café), mas nunca tinha jogado. Por algum motivo, não queria.

“*Non-non!*” De trás do balcão veio a voz cantada de Marie por cima da barulheira de costume, contestando a opinião de algum freguês, provavelmente política. Ela e seu marido eram convictos cidadãos de esquerda. “*Écoutez: Mitterand...*”

Passou pela cabeça de Tom que Georges e Marie não gostavam, porém, da imigração de africanos do Norte:

“*Eh, Marie, deux pastis!*” Era o gordo Georges com um avental branco meio sujo, por cima da camisa e da calça, servindo as poucas mesas, onde os fregueses bebiam e ocasionalmente comiam batatas fritas e ovos cozidos.

A *juke-box* tocava um velho cha-cha-chá.

Uma silenciosa estrela negra e dourada! Os espectadores deram um gemido de solidariedade. Mono. Tudo acabado. A tela piscou sua mensagem silenciosa, obcecada, INSERIR MOEDAS INSERIR MOEDAS INSERIR MOEDAS, e o operário de jeans obedientemente remexeu num bolso, inseriu mais moedas e o jogo recomeçou, o motociclista em plena

forma, chispando para o fundo, pronto para qualquer coisa, desviando-se com perícia de um barril que apareceu na pista, saltando suavemente a primeira barreira. O sujeito na direção estava atento, decidido a fazer seu homenzinho chegar até o final.

Tom pensou em Héloïse, na viagem dela para o Marrocos. Queria visitar Tânger, Casablanca, talvez Marrakesh. E Tom tinha concordado em ir com ela. Afinal, não era uma das expedições aventureiras que ela inventava, que exigiam tomar vacinas em hospitais antes de partir, e competia a ele, como seu marido, acompanhá-la em algumas de suas viagens. Héloïse tinha duas ou três inspirações por ano, e nem todas punha em prática. Tom não estava com vontade de tirar férias agora. Era início de agosto, o Marrocos estaria no auge do calor, e ele adorava suas próprias dalias e peônias nesta época do ano, tinha o maior prazer em cortar duas ou três flores frescas para a sala quase todos os dias. Gostava do seu jardim, e também gostava bastante de Henri, o faz-tudo, que o ajudava nas tarefas maiores, um gigante quando se tratava de força bruta, embora não o homem certo para outras tarefas.

E havia o Estranho Casal, como Tom começara a chamá-los em particular. Não sabia ao certo se eles eram casados, e naturalmente isso não tinha importância. Sentia que os dois estavam ali na área, e de olho nele. Talvez fossem inofensivos, mas quem sabe? Tom tinha reparado neles pela primeira vez um mês atrás, mais ou menos, em Fontainebleau, certa tarde, fazendo compras com Héloïse: um homem e uma mulher que pareciam americanos, na casa dos trinta, vindo em sua direção, fitando-o com aquele olhar que ele já conhecia bem, como se soubessem quem ele era, talvez soubessem o seu nome, Tom Ripley. Tom já vira aquele mesmo olhar algumas vezes em aeroportos, embora raramente, e não nos últimos tempos. Isso pode acontecer depois que o retrato da gente sai nos jornais, supôs, mas o retrato de Tom não saía em jornal nenhum havia anos, disso ele tinha certeza. Não depois do caso Murchison, e isso fora uns cinco anos atrás — Murchison, cujo sangue ainda manchava o chão da adega de Tom, mancha que ele dizia ser de vinho, se alguém notava.

Na verdade era uma mistura de vinho com sangue, Tom sempre se lembrava, já que Murchison levava uma pancada na cabeça com uma garrafa de vinho. Uma garrafa de Margaux empunhada por Tom.

Bem, o Estranho Casal. *Crash*, fez o motoqueiro. Tom voltou-se e levou sua xícara vazia até o balcão.

O homem do Estranho Casal tinha cabelo liso, castanho-escuro, e usava óculos de aro redondo; a mulher tinha o cabelo castanho-claro, o rosto esguio e os olhos cinzentos, ou cor de avelã. Era o homem quem sempre o fitava, com um sorriso vago e vazio. Tom teve a impressão de que talvez já o tivesse visto num aeroporto, Heathrow ou Roissy, lançando-lhe aquele olhar de conheço-a-tua-cara. Nada de hostil, mas ele não gostava.

Depois disso vira os dois passando devagar de carro pela rua principal de Villeperce ao meio-dia, quando ele ia saindo da padaria com uma *baguette* (devia ser o dia de folga de madame Annette, ou ela estava ocupada com o almoço), e mais uma vez os tinha visto olhando para ele. Villeperce era uma cidadezinha minúscula, a vários quilômetros de Fontainebleau. Por que será que o Estranho Casal viera parar aqui?

Tanto Marie, com seu grande sorriso vermelho de batom, como Georges, com sua careca avançada, estavam atrás do balcão quando Tom empurrou sua xícara e pires. “*Merci et bonne nuit, Marie... Georges!*”, despediu-se Tom com um sorriso.

“*Bon soir, m’sieur Ripley!*”, disse Georges, uma mão dando adeus, a outra servindo um Calvados.

“*Merci, m’sieur, à bientôt!*”, disse Marie.

Tom já estava quase na porta quando entrou o homem do Estranho Casal, de óculos redondos e tudo, aparentemente sozinho.

“Senhor Ripley?” Seus lábios rosados mais uma vez ostentavam um sorriso. “Boa noite.”

“Boa noite”, disse Tom, saindo.

“Nós — minha mulher e eu — podemos convidar você para um drinque?”

“Obrigado, já estou indo embora.”

“Então outra hora, quem sabe. Nós alugamos uma casa em Villeperce. Nessa direção.” Fez um gesto vago para o norte, e seu sorriso alargou-se, revelando uns dentes quadrados. “Pelo jeito vamos ser vizinhos.”

Duas pessoas chegaram naquele momento e Tom teve de dar um passo atrás, entrando de novo no bar.

“Meu nome é Pritchard. David Pritchard. Estou fazendo um curso no Instituto de Educação de Fontainebleau — o INSEAD. Você deve conhecer. Bem, minha casa é uma branca, de dois andares, com jardim e um laguinho. Aliás, nós nos apaixonamos por ela justamente por causa do lago, os reflexos no teto — a água.” Deu uma risadinha.

“Sei”, disse Tom, tentando uma voz razoavelmente agradável. Agora já estava na calçada.

“Eu telefono. O nome da minha mulher é Janice.”

Tom conseguiu acenar com a cabeça e forçar um sorriso. “Certo, está bem. Ligue mesmo. Boa noite.”

“Não tem muitos americanos por aqui!”, gritou atrás dele o decidido David Pritchard.

O senhor Pritchard vai ter que dar duro para encontrar meu número, pensou Tom, já que ele e Héloïse tinham conseguido ficar fora da lista telefônica. Aquele David Pritchard, exteriormente insosso — quase tão alto quanto Tom e um pouco mais pesado —, pelo jeito ia dar trabalho, pensou, enquanto ia caminhando para casa. Agente da polícia ou algo assim? Desencavando velhos arquivos? Detetive particular a serviço de — de quem, na verdade? Tom não conseguia pensar em nenhum inimigo ativo. Falso era a palavra que lhe ocorria para David Pritchard: sorriso falso, boa vontade falsa, talvez história falsa sobre o INSEAD. Essa escola em Fontainebleau poderia ser uma fachada, aliás uma fachada tão óbvia que Tom pensou que poderia mesmo ser verdade que Pritchard estava fazendo algum curso lá. Ou talvez os dois não fossem marido e mulher, mas sim um par de agentes da CIA. Por que será que os Estados Unidos haveriam de estar atrás de mim?, pensou Tom. Não pelo imposto de renda, isso estava em ordem. Murchison? Não, esse caso estava resolvido. Ou abandonado. Murchison e seu cadáver tinham desaparecido. Dickie Greenleaf? Difícil. Até mesmo Christopher Greenleaf, primo de Dickie, lhe mandava de vez em quando um postal amigável, de Alice Springs no ano passado, por exemplo. Christopher era agora engenheiro civil, casado, trabalhando em Rochester, Nova York, pelo que Tom se lembrava. Tom estava em boas relações até mesmo com o pai de Dickie, Herbert. Pelo menos, trocavam cartões de Natal.

Enquanto Tom se aproximava da grande árvore em frente a Belle Ombre, com seus galhos inclinados sobre a rua, seu ânimo melhorou. Que motivo havia para se preocupar? Abriu o grande portão só o suficiente para se esgueirar, bateu-o com o mínimo de barulho, fechou o cadeado e em seguida o trinco.

Reeves Minot. Tom estacou de repente, rangendo os sapatos no cascalho da entrada. Este era um trabalho para Reeves. Reeves havia telefonado alguns dias atrás. Já muitas vezes Tom decidira não fazer mais esse serviço, mas depois acabava aceitando. Será porque gostava de conhecer gente nova? Deu uma risadinha quase inaudível e continuou andando até a porta da frente, com seu costumeiro passo leve que quase não deslocava o cascalho.

A luz estava acesa na sala e a porta da frente destrancada, como Tom a deixara havia quarenta e cinco minutos. Ele entrou e trancou a porta atrás de si. Héloïse estava sentada no sofá lendo atentamente uma revista, provavelmente um artigo sobre o Norte da África, pensou ele.

“Alô, querrido, Reeves telefonou”, disse Héloïse, levantando os olhos e jogando seu cabelo loiro para trás com um gesto de cabeça. “Tõmm, você...”

“Sim. Pegue!” Sorrindo, Tom lhe atirou o primeiro maço vermelho e branco; depois o segundo. Ela apanhou o primeiro, o segundo bateu em sua blusa azul. “Que é que manda o Reeves? Algum rio? *Rivière?*”

“Ah, Tõmm, pare com isso!”, disse Héloïse, acendendo um cigarro com seu isqueiro Dunhill. No íntimo ela bem que gostava dos seus trocadilhos, pensou Tom, se bem que ela nunca lhe dissesse isso, e mal se permitisse sorrir. “Ele vai telefonar de novo, mas talvez não hoje.”

“Alguém... bem...”, Tom interrompeu-se, pois Reeves não entrava em detalhes com Héloïse, nunca, e ela afirmava não ter interesse, e até mesmo se chatear, com os afazeres de Tom e Reeves. Era mais seguro assim: quanto menos ela soubesse, melhor. Era o que Tom supunha que Héloïse pensava. E quem poderia dizer que não era verdade?

“Tõmm, amanhã vamos comprar as passagens para o Marrocos. Tudo bem?” Estava descalça, com os pés dobrados no sofá de seda amarela, como um gatinho confortável, e olhava para ele calmamente com seus olhos claros, cor de lavanda.

“S-sim. Tudo bem.” Lembrou que tinha prometido. “Primeiro vamos de avião até Tânger.”

“*Oui, chéri*, e de lá continuamos. Casablanca, é claro.”

“É claro”, Tom repetiu. “Certo, querida, vamos comprar as passagens amanhã, em Fontainebleau.” Iam sempre à mesma agência de turismo, onde conheciam o pessoal. Tom hesitou, depois resolveu falar. “Querida, você se lembra daquele casal, aqueles dois com cara de americanos que nós vimos em Fontainebleau um dia, na calçada? Vindo na nossa direção, e depois eu disse que estavam olhando para nós? Um homem moreno de óculos?”

“Acho... que sim. Por quê?”

Tom viu que ela se lembrava, “Porque ele acaba de falar comigo no café.” Tom desabotoou o paletó e enfiou as mãos nos bolsos da calça. Ainda não tinha se sentado. “Eu não gosto dele.”

“Lembro da mulher que estava com ele, uma de cabelo mais claro. Americanos, *non?*”

“Ele, pelo menos, é. Bem... eles alugaram uma casa aqui em Villeperce. Lembra-se daquela casa do...”

“*Vraiment? Villeperce?*”

“*Oui, ma chère!* A casa onde a água do lago faz reflexo no teto da sala de estar?” Ele e Héloïse já tinham se maravilhado com aquela forma oval que se movia como água no teto branco.

“Sim. Lembro-me da casa. Branca, de dois andares, com uma lareira não muito bonita. Não fica longe da casa dos Grais, não é mesmo? Alguém que estava conosco pensou em comprá-la.”

“Sim. Isso mesmo.” Um americano, conhecido de um conhecido, procurando uma casa de campo não muito longe de Paris, pedira a Tom e Héloïse que o acompanhassem enquanto ele examinava umas duas ou três casas na vizinhança. Não tinha comprado nada, pelo menos não perto de Villeperce. Isso acontecera havia mais de um ano. “Bem, indo ao que interessa, esse sujeito moreno de óculos quer dar uma de bom vizinho comigo, ou conosco, e eu não vou aceitar. Só porque nós falamos inglês, ou americano, *ho-ho!* Parece que ele tem algo a ver com o INSEAD, aquela escola grande perto de Fontainebleau. Em primeiro lugar, como é que ele sabe o meu nome, e por que está tão interessado?”

Para não parecer muito preocupado, Tom sentou-se calmamente. Ficou de frente para Héloïse, sentado numa cadeira de espaldar reto, com a mesa de café entre os dois. “David e Janice Pritchard é o nome deles. Se eles conseguirem telefonar, nós... respondemos com educação, mas estamos ocupados. Certo, querida?”

“Claro, Tómm.”

“E se eles tiverem a coragem de tocar a campainha, não vamos deixá-los entrar. Vou avisar madame Annette, pode ter certeza.”

A frente de Héloïse, sempre tranquila, tornou-se pensativa. “O que há com eles?”

A simplicidade da pergunta fez Tom sorrir. “Tenho uma sensação...” Tom hesitou. Em geral não falava com Héloïse sobre suas intuições, mas neste caso poderia protegê-la se falasse. “Eles não me parecem normais.” Tom abaixou os olhos para o carpete. O que significa ser normal? Ele não saberia responder a essa pergunta. “Tenho a sensação de que eles não são casados.”

“E... e daí?”

Tom riu, alcançou o maço azul de Gitanes na mesa de café e acendeu um com o isqueiro Dunhill de Héloïse. “É verdade, minha querida. Mas por que eles estão de olho em mim? Já não lhe falei que acho que me lembro do mesmo homem, talvez o casal, olhando fixo para mim em algum aeroporto, não faz muito tempo?”

“Não, você não falou”, disse Héloïse, parecendo ter certeza.

“Não estou dizendo que é importante, mas proponho que a gente trate esses dois com educação e distância se eles tentarem se aproximar. Certo?”

“Sim, Tómm.”

Ele sorriu. “Já houve outros de quem a gente não gostava. Não é um grande problema.” Tom levantou, deu a volta na mesa de café e puxou Héloïse pela mão que ela lhe estendia. Abraçou-a, fechou os olhos e saboreou a fragrância do seu cabelo, da sua pele. “Eu te amo. Quero você em segurança.”

Ela riu. Os dois se soltaram. “Belle Ombre parece um lugar *muito* seguro.”

“Eles não vão botar os pés aqui.”

NO DIA SEGUINTE Tom e Héloïse foram a Fontainebleau comprar suas passagens, que eram da Royal Air Maroc, como ficaram sabendo, embora tivessem pedido Air France.

“As duas são interligadas”, disse a moça da agência de viagens, uma funcionária nova que Tom não conhecia. “Hotel El Minzah, quarto de casal, três noites?”

“Hotel El Minzah, isso mesmo”, disse Tom em francês. Tinha certeza de que poderiam ficar mais um ou dois dias, se estivessem se divertindo. O Minzah tinha a fama de ser o melhor de Tânger no momento.

Héloïse tinha ido até uma loja próxima para comprar xampu. Tom viu-se olhando de esguelha para a porta durante o longo tempo que a moça levou preenchendo as passagens, e percebeu que estava pensando vagamente em David Pritchard. Mas na verdade não esperava que ele fosse entrar. Pois Pritchard e sua companheira não estavam ocupados instalando-se na casa nova?

“O senhor já esteve no Marrocos, m’sieur Ripley?”, perguntou a moça, erguendo o rosto sorridente enquanto enfiava a passagem num grande envelope.

O que ela tem com isso?, pensou Tom. Devolveu-lhe um sorriso educado. “Não. Estou ansioso para ir.”

“Volta em aberto. Assim, se o senhor se apaixonar pelo país pode ficar um pouco mais.” Passou-lhe outro envelope com a segunda passagem.

Tom já tinha assinado um cheque. “Certo. Obrigado, mademoiselle!”

“*Bon voyage!*”

“*Merci!*” Tom foi até a porta, que era ladeada por duas paredes de pôsteres coloridos — o Taiti, o mar azul, um barquinho a vela, e ali — sim! — o pôster que sempre o fazia sorrir, ao menos interiormente: Phuket, uma ilha no litoral da Tailândia, pelo que Tom se lembrava, e já tinha se dado ao trabalho de procurar. Este pôster também mostrava um mar azul, uma praia dourada, uma palmeira inclinada sobre a água,

retorcida por anos de vento contínuo. Nem uma alma à vista. “Teve um dia ruim — ou um ano ruim? *Phuket!*” Poderia ser um bom convite, pensou ele, atraindo quantidades de turistas.

Como Héloïse tinha combinado esperá-lo na loja, Tom seguiu para lá, virando à esquerda na calçada. A loja ficava em frente à igreja de Saint Pierre.

E ali — Tom ia soltar um palavrão, mas mordeu a ponta da língua —, à sua frente, vindo na sua direção, estavam David Pritchard e sua... concubina? Tom os viu primeiro, através do fluxo de pedestres que se adensava (era meio-dia, hora do almoço), mas em segundos o Estranho Casal já se fixava nele. Tom olhou para outro lado, e se aborreceu pensando que o envelope com a passagem aérea continuava na sua mão esquerda, visível do lado deles. Será que os Pritchard iriam notar? Será que passariam de carro por Belle Ombre, e explorariam a estrada ao lado, quando tivessem certeza de que ele estava ausente por um tempo? Ou será que estava se preocupando demais, absurdamente? Tom apressou o passo nos últimos metros até as vitrines douradas da Mon Luxe. Antes de passar pela porta aberta, parou e olhou para trás, para ver se o casal continuava olhando para ele, ou até mesmo se entrava na agência de viagens. Não me surpreenderia nem um pouco, pensou Tom. Viu os ombros largos de Pritchard, em seu blazer azul, um pouco acima dos transeuntes, viu sua nuca. Pelo jeito, o Estranho Casal ia passando reto pela agência de viagens.

Tom entrou no ambiente perfumado da Mon Luxe, onde Héloïse conversava com uma conhecida cujo nome ele esquecera.

“Alô, Tómm! É Françoise, lembra? Amiga dos Berthelin.”

Tom não se lembrava, mas fingiu que sim. Não tinha importância.

Héloïse já fizera suas compras. Saíram; depois de um *au revoir* para Françoise, que, segundo Héloïse, estava estudando em Paris e também conhecia os Graïs. Antoine e Agnès Graïs eram velhos amigos e vizinhos, que moravam na parte norte de Villeperce.

“Você parece preocupado, *mon cher*”, disse Héloïse. “Tudo certo com as passagens?”

“Acho que sim. Hotel confirmado”, disse Tom, dando uma palmada no bolso esquerdo do paletó, onde apareciam as passagens. “Vamos almoçar

no L'Aigle Noir?"

"Ah... *oui*", disse Héloïse, contente. "Vamos, *clarro*."

Era o que eles tinham planejado. Tom gostava de ouvi-la dizer "*clarro*", com seu sotaque, e tinha parado de tentar corrigir-lhe a pronúncia.

Almoçaram no terraço, ao sol. Os garçons e o *maître* os conheciam, sabiam que Héloïse gostava de Blanc de Blanc, filé de linguado, luz do sol, salada, provavelmente de endívias. Conversaram sobre coisas agradáveis: o verão, artesanato marroquino, bolsas de couro. Talvez uma caneca de bronze ou cobre? Por que não? Um passeio de camelo? A cabeça de Tom flutuava. Já tinha feito isso, pensou, ou será que foi num elefante no jardim zoológico? Ser levantado de repente vários metros acima do chão (onde com certeza iria despencar se perdesse o equilíbrio) não era do seu gosto. As mulheres adoravam. Será que as mulheres são masoquistas? Será que isso faz sentido? O parto, uma estoica tolerância à dor? Será que isso tudo se concatenava? Tom mordeu o lábio.

"Você está *nervoso*, Tom."

"Não", disse ele enfaticamente.

E obrigou-se a ficar calmo durante o resto da refeição, e também no carro de volta para casa.

Deviam partir para Tânger dentro de duas semanas. Um rapaz chamado Pascal, amigo de Henri, o faz-tudo, iria com eles no carro de Tom até o aeroporto e traria o veículo de volta até Villeperce. Pascal já fizera isso antes.

Tom levou uma pá para o jardim e começou a arrancar um pouco de mato, também com as mãos. Tinha trocado de roupa, estava agora de calça Levis e com seus sapatos prediletos, de couro impermeável. Enfiou o mato num saco de plástico destinado ao adubo, e começou a cortar fora as flores mortas. Estava fazendo isso quando madame Annette o chamou da varanda de trás.

"*M'sieur Tómm? Téléphone, s'il vous plaît!*"

"*Merci!*" Enquanto caminhava, foi estalando com força a tesoura de podar. Deixou-a na varanda e atendeu o telefone no hall, "Alô?"

"Alô, aqui é... é Tom?", perguntou uma voz de rapaz.

"Sim."

“Estou telefonando de Washington, DC.” Surgiu um *uuuuuuuu*, um som de interferência como se vindo de debaixo d’água. “Eu sou...”

“Quem está falando?”, perguntou Tom, sem conseguir entender nada. “Espere um momento, sim? Vou atender no outro telefone.”

Madame Annette estava passando o aspirador perto da mesa de jantar, a uma distância razoável para um telefonema normal, mas não este.

Tom atendeu em cima, no seu quarto. “Alô, estou aqui de novo.”

“Aqui é Dickie Greenleaf”, disse a voz do rapaz. “Lembra-se de mim?”
Uma risadinha.

Tom sentiu um impulso de desligar, que não durou muito. “É claro. E onde você está?”

“Washington, DC, como eu já disse.” Agora a voz soava um pouco em falsete.

Esse impostor já está exagerando, pensou Tom. Será uma mulher?
“Interessante. Está fazendo turismo?”

“Bem... depois da minha experiência debaixo d’água, como você se lembra — talvez —, não estou em muito boa forma física para fazer turismo.” Uma risada de alegria falsa. “Eu estava... estava...”

Houve uma confusão, a linha quase caiu, ouviu-se um clique, mas a voz continuou.

“...fui encontrado e ressuscitado. Como você está vendo. Ha-ha. A gente nunca esquece os velhos tempos, hein, Tom?”

“Ah, não, não esquece mesmo”, respondeu Tom.

“Agora estou numa cadeira de rodas”, disse a voz. “Dano irreparável...”

Entrou mais barulho na linha, como de uma tesoura caindo, ou algo maior.

“Sua cadeira de rodas caiu?”, perguntou Tom.

“Ha-ha!” Uma pausa. “Não. Eu estava dizendo”, continuou calmamente a voz adolescente, “dano irreparável para o sistema nervoso autônomo.”

“Sei”, disse Tom educadamente. “Que bom ter notícias suas.”

“Eu sei onde você *mora*”, disse a voz juvenil, subindo de tom na última palavra.

“Imagino que sim, já que você telefonou. Desejo a você toda saúde... uma boa recuperação.”

“Tem mesmo que desejar! Até logo, Tom.” E o sujeito desligou, às pressas, talvez para cortar uma risadinha irreprimível.

Bem, bem, pensou Tom, percebendo que seu coração estava batendo mais rápido que o normal. Devido à raiva? Surpresa? Não era medo, disse a si mesmo. O que lhe saltava à mente é que a voz talvez fosse da companheira de David Pritchard. Quem mais poderia ser? Não lhe ocorria mais ninguém no momento.

Que brincadeira estúpida, mórbida. *Doente mental*, pensou Tom, o velho clichê. Mas quem? E por quê? Será que o telefonema fora mesmo internacional ou era fingimento? Tom não tinha certeza. Dickie Greenleaf. O começo dos seus problemas, pensou. O primeiro homem que Tom havia matado, e o único que lamentava ter matado — na verdade, o único de seus crimes que ele lamentava. Dickie Greenleaf, um americano bem de vida (para aquela época), que morava em Mongibello, na costa oeste da Itália, tinha feito amizade com ele, lhe oferecera hospitalidade, e Tom tinha sentido respeito e admiração por ele, talvez até demais. Dickie se voltara contra ele, Tom ficara ressentido, e sem planejar muito apanhara um remo e matara Dickie uma tarde, quando os dois estavam sozinhos num pequeno barco. Morto? É claro que Dickie estava morto todos esses anos! Tom amarrara uma pedra no corpo dele e o empurrara para fora do barco, e o corpo afundou — bem, em todos esses anos Dickie não havia emergido, e por que haveria de emergir agora?

Franzindo o cenho, Tom caminhou devagar pelo quarto, olhando para o tapete. Percebeu que estava um pouco nauseado, e respirou fundo. Não, Dickie Greenleaf estava morto (aquela voz não era a de Dickie, mesmo), e Tom vestira a roupa e os sapatos de Dickie, usara o passaporte de Dickie por algum tempo, mas mesmo isso logo teve um fim. O testamento informal de Dickie, escrito por Tom, fora considerado válido. Portanto, quem estava tendo a audácia de trazer o assunto à baila outra vez? Quem sabia, ou se incomodava a ponto de remexer na sua antiga associação com Dickie Greenleaf?

Tom teve que ceder à náusea. Sempre que achava que ia vomitar, não conseguia se controlar. Isso já tinha acontecido. Curvou-se sobre o assento levantado da privada. Felizmente saiu apenas um pouquinho de

líquido, mas seu estômago doeu por alguns segundos. Apertou a descarga, depois escovou os dentes na pia.

Danem-se os filhos da mãe, não importa quem sejam, pensou Tom. Teve a sensação de que havia duas pessoas na linha agora há pouco, não os dois falando, mas um falando e outro ouvindo, daí a hilaridade.

Tom desceu e encontrou madame Annette na sala carregando um vaso de dalias, provavelmente depois de trocar a água. Ela enxugou o fundo do vaso com um pano e colocou-o no aparador. “Vou sair por uma meia hora, madame”, disse Tom em francês, “caso alguém telefone.”

“Sim, senhor”, respondeu ela, seguindo com suas atividades.

Madame Annette trabalhava para Tom e Héloïse havia vários anos. Seu quarto e banheiro ficavam do lado esquerdo, quando se chegava em Belle Ombre, e ela tinha sua televisão e seu rádio. A cozinha também era seu domínio, aonde se chegava por um pequeno hall, saindo dos seus aposentos. Tinha sangue normando, olhos azul-claros e pálpebras puxadas nos cantos. Tom e Héloïse gostavam dela, já que ela gostava deles, ou parecia gostar. Tinha duas grandes amigas na cidade, madames Geneviève e Marie-Louise, também governantas, e as três alternavam suas noites de folga assistindo à TV na casa de uma ou de outra.

Tom pegou na varanda sua tesoura de podar e colocou-a numa caixa de madeira que, oculta num canto, servia para guardar esses objetos. Era mais conveniente pô-la na caixa do que ir até a estufa, que ficava no fundo do jardim, à direita. Tirou uma jaqueta de algodão do armário da frente, e certificou-se de que ali estava seu porta-notas com a carteira de motorista, mesmo para este curto passeio. Os franceses gostam de fazer batidas na estrada, usando policiais de fora, portanto implacáveis. Onde estava Héloïse? Talvez no quarto dela, escolhendo roupas para a viagem? Que bom que Héloïse não tinha atendido o telefone quando aqueles canalhas ligaram! Com certeza não tinha, senão teria vindo imediatamente até o quarto dele, intrigada, fazendo perguntas. Mas Héloïse nunca fora intrometida, e os assuntos profissionais de Tom não a interessavam. Se percebia que um telefonema era para ele, desligava de imediato, não às pressas, mas como se nem pensasse no assunto.

Héloïse conhecia a história de Dickie Greenleaf, até tinha ouvido falar que Tom era suspeito (ou já tinha sido), disso ele tinha certeza. Mas ela não fazia nenhum comentário, nenhuma pergunta. Decerto ela e Tom

precisavam minimizar as atividades questionáveis dele, suas viagens frequentes por motivos inexplicáveis, a fim de aplacar Jacques Plissot, o pai de Héloïse. Era fabricante de produtos farmacêuticos, e o casal Ripley dependia em parte da sua generosa mesada para sua filha única. A mãe, Arlène, era ainda mais discreta que Héloïse quanto às atividades de Tom. Mulher esguia e elegante, parecia esforçar-se para tolerar os jovens, e gostava de dar à filha, ou a qualquer pessoa, dicas sobre os cuidados com a casa, com os móveis, e, sobretudo, economia, parcimônia.

Esses detalhes passaram rápido pela cabeça de Tom enquanto ele dirigia o Renault marrom em velocidade moderada para o centro da cidade. Eram quase cinco horas da tarde. Como é sexta-feira, Antoine Grais poderia estar em casa, pensou, mas talvez não, se tivesse passado o dia todo em Paris. Era arquiteto, e tinha dois filhos adolescentes. A casa que David Pritchard disse ter alugado ficava atrás da residência dos Grais, e assim Tom virou à direita numa certa rua em Villeperce: podia dizer que ia passar pela casa dos Grais para dar um alô ou coisa assim. Tom vinha dirigindo pela reconfortante rua principal da cidade, com seu correio, um açougue, uma padaria e o café, que era mais ou menos tudo em que consistia Villeperce.

Ali estava a casa dos Grais, quase escondida atrás de uma barraca que vendia castanhas. Era uma casa redonda, em forma de torreão militar, agora quase toda coberta por uma trepadeira de rosas cor-de-rosa. Os Grais tinham garagem e Tom viu que a porta estava fechada, o que significava que Antoine ainda não tinha chegado para o fim de semana, e que Agnès e talvez as duas crianças estavam fazendo compras.

Agora a casa branca — não a primeira que se via, mas a segunda. Tom divisou-a através de algumas árvores, do lado esquerdo. Engrenou a segunda. A estrada, onde cabiam exatamente dois carros, agora estava deserta. Havia poucas casas no lado norte de Villeperce, e a área em torno tinha mais campinas do que terras cultivadas.

Se os Pritchard tinham lhe telefonado havia quinze minutos, poderiam estar em casa, pensou. Poderia pelo menos ver se estavam tomando sol nas espreguiçadeiras junto ao lago, que devia ser visível da estrada. Um gramado verde que precisava ser aparado ficava entre a rua e a casa branca, e um caminho de lajotas ia da entrada dos carros até a

escadinha da varanda. Havia também alguns degraus no lado da varanda que dava para a rua, perto do lago. Grande parte do terreno ficava atrás da casa, pelo que Tom se lembrava.

Tom ouviu risos, decerto de mulher, talvez misturados com risadas masculinas. Sim, e vinha da área do lago entre Tom e a casa, uma área quase escondida por uma cerca viva e algumas árvores. Viu então o lago de relance, viu cintilar na água os raios de sol, e teve a impressão de ver duas figuras deitadas na grama, mas não tinha certeza. Uma figura masculina estava em pé, um homem alto, de calção vermelho.

Tom acelerou; Sim, aquele era David em pessoa; Tom teve noventa por cento de certeza.

Será que os Pritchard conheciam seu carro, o Renault marrom?

“Senhor Ripley?” A voz veio longínqua mas clara.

Tom continuou dirigindo na mesma velocidade, como se não tivesse ouvido nada.

Que coisa mais chata, pensou. Tomou a próxima entrada à esquerda e chegou em outra ruazinha com três ou quatro casas, e terras cultivadas do outro lado. Esse era o caminho de volta ao centro da cidade, mas Tom virou à esquerda para entrar numa rua que ficava em ângulo reto com a rua dos Grais e chegar novamente até a casa em forma de torreão. Mantinha sempre a mesma velocidade tranquila.

Viu a caminhonete branca dos Grais na entrada da casa. Não gostava de aparecer sem telefonar, mas talvez com a notícia dos novos vizinhos pudesse arriscar-se a quebrar a etiqueta. Agnès Grais estava tirando dois sacos de compras do porta-malas quando Tom se aproximou.

“Alô, Agnès. Quer uma ajuda?”

“Seria ótimo! Oi, Tom!”

Tom segurou os dois sacos de compras, enquanto Agnès tirava outras coisas da caminhonete.

Antoine já levava uma caixa de água mineral para a cozinha, e os dois adolescentes tinham aberto uma garrafa grande de Coca-cola.

“Salve, Antoine!”, disse Tom. “Eu estava por perto, resolvi dar uma passada. Tempo bonito, não?”

“É sim”, disse Antoine em sua voz de barítono, que por vezes fazia seu francês parecer russo para Tom. Estava de short, tênis, meias, e uma camiseta de uma tonalidade de verde da qual Tom especialmente não

gostava. Antoine tinha cabelos negros ondulados e sempre alguns quilos a mais. “Quais são as novidades?”

“Não muitas”, disse Tom, colocando os sacos na mesa.

A filha dos Grais, Sylvie, já começara a guardar as compras com ar experiente.

Tom recusou um copo de Coca-cola ou de vinho. Logo o cortador de grama de Antoine, que funcionava com benzina e não eletricidade, ia começar a zunir, imaginou Tom. Antoine era superdiligente em seu escritório em Paris e em Villeperce. “Como vão seus inquilinos de Cannes este verão?” Continuavam todos na grande cozinha.

Os Grais tinham uma vila em Cannes que Tom não conhecia, e a alugavam em julho e agosto, os meses em que podiam conseguir a melhor renda.

“Eles pagaram adiantado, mais um depósito pelo telefone”, respondeu Antoine, e deu de ombros: “Acho que está tudo bem”.

“Vocês têm vizinhos novos por aqui, sabiam?” Tom fez um gesto na direção da casa branca. “Um casal de americanos, creio — ou vocês já estão sabendo? Não sei há quanto tempo eles estão por aqui.”

“Nã-ã-o”, disse Antoine, pensativo. “Na casa *ao lado*, não.”

“Não, é na casa detrás dessa. A grande.”

“Ah, a que está à venda!”

“Ou para alugar. Acho que eles alugaram. O nome dele é David Pritchard. Está com a mulher. Ou...”

“Americanos”, disse Agnès, pensativa. Tinha ouvido a última parte. Fez uma pequena pausa, colocando uma alface na gaveta da geladeira. “Você encontrou com eles?”

“Não. Ele...” Tom resolveu prosseguir. “O homem falou comigo no café. Quem sabe alguém disse a ele que eu sou americano. Achei melhor contar a vocês.”

“Têm filhos?”, perguntou Antoine, juntando suas sobrancelhas negras. Antoine gostava de sossego.

“Não que eu saiba. Acho que não.”

“E eles falam francês?”, perguntou Agnès.

Tom sorriu. “Não tenho certeza.” Se não falavam, pensou, os Grais não iam querer conhecê-los e os desprezariam. Antoine Grais queria a

França para os franceses, mesmo se os forasteiros fossem temporários e apenas alugassem uma casa.

Conversaram sobre outras coisas, a nova caixa de adubo que Antoine ia fazer no fim de semana. Vinha num kit que estava no carro. Antoine estava indo bem com seu trabalho de arquitetura em Paris, e contratara um auxiliar que ia começar em setembro. É claro que não ia tirar férias em agosto, mesmo com o escritório vazio em Paris. Tom pensou em contar aos Grais que estava indo para o Marrocos com Héloïse, mas resolveu não fazê-lo já. Por quê?, perguntou-se. Talvez decidira inconscientemente não ir? De qualquer forma, haveria tempo para telefonar aos Grais e informá-los, como bom vizinho, que ele e Héloïse ficariam fora talvez duas ou três semanas.

Quando se despediu, depois de convites de ambos os lados para fazer uma visitinha e tomar um vinho ou um café, Tom teve a sensação de que falara dos Pritchard para os Grais sobretudo para sua própria proteção. Pois o telefonema supostamente de Dickie Greenleaf não fora um tipo de ameaça? Decididamente sim.

Os filhos dos Grais, Sylvie e Edouard, chutavam uma bola de futebol preta e branca no gramado da frente quando Tom saiu com seu carro. O garoto lhe deu adeus.

* *Phuket*: pronunciado, em inglês, como *fuck it* (foda-se). (N. E.)

DE VOLTA A BELLE OMBRE, Tom encontrou Héloïse em pé na sala. Tinha um ar inquieto.

“*Chéri...* um telefonema.”

“De quem?”, Tom perguntou, sentindo um desagradável sobressalto de medo.

“De um homem... disse que era Dickí Grrinlíf... de Washington...”

“*Washington?*”, disse Tom preocupado, vendo Héloïse apreensiva. “Greenleaf... é absurdo, meu bem. É uma brincadeira cretina.”

Ela franziu a testa. “Mas *porrrr que essa brrincaderra?*” O sotaque de Héloïse voltara com força total. “Você sabe?”

Tom empertigou-se, ficou mais alto. Era o defensor de sua esposa, e também de Belle Ombre. “Não. Mas é uma brincadeira de alguém. Não posso imaginar de quem. O que foi que ele disse?”

“Primeiro, queria falar com você. Depois falou alguma coisa do tipo... que ele estava num *fauteuil roulant* — *cadeirra* de rodas?”

“Sim, querida.”

“Por causa de um acidente com você. Na água...”

Tom abanou a cabeça: “É uma brincadeira sádica, minha querida. Alguém está fingindo ser Dickie, só que Dickie se suicidou anos atrás. Em algum lugar. Talvez na água. Ninguém encontrou o corpo dele, nunca”.

“Eu sei. Você me contou.”

“Não só eu”, disse Tom calmamente. “Todo mundo. A polícia. O corpo nunca foi encontrado. E ele tinha escrito um testamento. Exatamente algumas semanas antes de desaparecer, pelo que me lembro.” Tom acreditou totalmente no que dizia, apesar de ele mesmo ter escrito o testamento. “De qualquer forma, Dickie não estava comigo. Foi na Itália, anos atrás, que ele desapareceu.”

“Eu sei, Tómm. Mas por que essa... pessoa vem nos aborrecer agora?”

Tom enfiou as mãos nos bolsos da calça. “Uma brincadeira besta. Tem gente que procura uma espécie de... emoção, excitação, sabe como é? Pena que ele saiba o nosso número. Como era a voz?”

“Parecia jovem.” Héloïse escolheu as palavras com cuidado. “Uma voz não muito grave. Americano. A linha não estava muito clara... a ligação.”

“Era mesmo da América?”, disse Tom, não acreditando que fosse.

“*Mais oui*”, disse Héloïse, objetivamente.

Tom conseguiu dar um sorriso. “Acho que devemos esquecer isso. Se acontecer de novo, e se eu estiver aqui, só me passe o telefone, está bem? E se eu não estiver aqui faça uma voz calma, como se não acreditasse em nenhuma palavra que ele está dizendo. E desligue. Compreendeu?”

“Ah, sim!”, disse Héloïse, como se tivesse mesmo compreendido.

“Essas pessoas *gostam* de perturbar os outros. É assim que eles têm prazer.”

Héloïse sentou-se na sua ponta predileta do sofá, virada para a janela da varanda. “Onde você esteve?”

“Andando de carro por aí. Dei uma volta pela cidade.” Tom dava uma volta dessas umas duas vezes por semana, num dos três carros do casal, em geral o Renault marrom ou a Mercedes vermelha, fazendo alguma coisa útil no caminho, como encher o tanque, ir ao supermercado perto de Moret, ou calibrar os pneus. “Reparei que Antoine tinha chegado e dei uma passadinha para dizer alô. Eles estavam chegando das compras. Falei-lhes sobre os novos vizinhos — os Pritchard.”

“Vizinhos?”

“Sim, estão morando bem perto dos Grais. Meio quilômetro, não?” Tom riu: “Agnès perguntou se eles falam francês. Se não falam, não vão entrar na lista de Antoine, sabe como é? Falei a ela que não sei”.

“E o que Antoine achou da nossa viagem ao Norte da África?”, perguntou Héloïse, sorrindo. “Ex-tra-va-gante?” Ela riu. Do jeito que dissera a palavra, parecia algo caríssimo.

“Para falar a verdade, não toquei no assunto. Se Antoine fizer algum comentário sobre o preço, vou lembrá-lo de que lá as coisas são bem baratas, os hotéis, por exemplo.” Tom foi até a varanda. Queria caminhar pelo seu terreno, olhar as verduras, a salsinha triunfante e crespa, a

rúcula rija e deliciosa. Quem sabe cortaria um pouco de rúcula para a salada de hoje à noite.

“Tómm... você não vai fazer nada sobre esse telefonema?” Héloïse tinha o ar um pouco emburrado mas decidido de uma criança que faz uma pergunta.

Tom não se importou, pois não havia um cérebro de criança por trás das suas palavras, e o ar infantil podia ser devido ao longo cabelo loiro, que agora lhe caía sobre a testa. “Nada... creio eu”, disse Tom. “Avisar a polícia? Absurdo.” Sabia que Héloïse tinha consciência de como era difícil fazer a polícia se interessar por qualquer telefonema “irritante” ou pornográfico (eles nunca tinham recebido nenhum). A pessoa tem que preencher formulários e passar por um detector de mentiras, que naturalmente iria detectar tudo o mais. Tom nunca tinha passado por um deles, nem queria. “Eles estão telefonando dos Estados Unidos. Vão acabar se cansando.”

Olhou para as portas meio abertas da varanda, e resolveu ir até o reino de madame Annette, a cozinha, no canto esquerdo da casa. O cheiro de uma complexa sopa de verduras saudou suas narinas.

Madame Annette, num vestido azul e branco de bolinhas e avental azul-escuro, mexia uma panela no fogão.

“Boa noite, madame!”

“M’sieur Tómm! *Bon soir.*”

“E o que temos hoje para jantar?”

“Pedaços de vitela — mas não muito grandes, porque a noite está quente.”

“É verdade. O cheiro está divino. Quente ou não, estou com um bom apetite. Madame Annette, quero que a senhora se sinta à vontade e tenha a liberdade de convidar suas amigas quando eu e minha mulher estivermos viajando. Madame Héloïse já lhe disse alguma coisa?”

“Ah, *oui!* Sobre a viagem ao Marrocos! Claro. Tudo vai correr como de costume, m’sieur Tómm.”

“Ótimo. Mas a senhora deve convidar madame Geneviève e... a outra amiga?”

“Marie-Louise.”

“Sim. Para assistir à televisão, até jantar. Um vinhozinho da adega.”

“Ah, m’sieur Tómm! Jantar!”, disse madame Annette, como se isso fosse demais. “A gente fica muito feliz tomando chá.”

“Chá com bolo, então. A senhora vai ser a dona da casa por um tempinho. A menos que queira passar uma semana com sua irmã Marie-Odile em Lyon. Podemos pedir a madame Clusot para vir regar as plantas de dentro de casa.” Madame Clusot era mais jovem que madame Annette, e uma vez por semana fazia a limpeza que Tom chamava de séria, os banheiros e o assoalho.

“Oh...” Madame Annette fingiu considerar a ideia, mas Tom sentiu que ela preferia ficar em Belle Ombre em agosto, quando os patrões costumavam sair de férias, deixando os criados livres” exceto quando os levavam junto. “Creio que não, m’sieur Tómm, *merci quand même*. Acho que prefiro ficar por aqui.”

“Como quiser.” Tom lhe deu um sorriso e saiu pela porta de serviço, que dava para o gramado lateral.

À sua frente ficava a estrada, mal divisada através de algumas macieiras, pereiras e arbustos baixos que cresciam à vontade. Por essa estrada de terra ele tinha levado Murchison num carrinho de pedreiro, para enterrá-lo temporariamente. Também por essa estrada um ou outro fazendeiro ainda passava num pequeno trator, indo para as ruas principais de Villeperce, ou aparecia de repente com um carrinho cheio de esterco ou um feixe de lenha. A estradinha não pertencia a ninguém.

Tom foi até a sua bem cuidada horta, perto da estufa. Na estufa tinha pego uma longa tesoura, e cortou um pouco de rúcula e um maço de salsinha.

Belle Ombre parecia tão bonita vista do jardim traseiro como vista da frente: dois cantos arredondados com grandes janelas do tipo *bay window* no andar térreo e também no segundo andar, ou primeiro, como diziam os europeus. Suas pedras de um ocre rosado pareciam tão impenetráveis como as muralhas de um castelo, embora Belle Ombre fosse suavizada pelas folhas avermelhadas de uma trepadeira da Virgínia, arbustos floridos e alguns grandes vasos de plantas junto às paredes. Ocorreu a Tom que devia entrar em contato com Henri, o Gigante, antes de partir. Henri não tinha telefone, mas Georges e Marie poderiam lhe dar um recado. Henri morava com a mãe numa viela atrás da rua principal de

Villeperce. Não era nem esperto nem rápido, mas possuía uma força descomunal.

Bem, Henri tinha altura também, pelo menos um metro e noventa e três, calculou Tom, e percebeu que estava imaginando Henri defendendo Belle Ombre de um ataque de verdade. Ridículo! Que tipo de ataque? E de quem?

O que será que David Pritchard fazia o dia inteiro?, pensou Tom, voltando em direção às três janelas da varanda. Será que Pritchard realmente ia de carro até Fontainebleau todas as manhãs? E voltava quando? E o que será que aquela Janice, ou Janis, toda delicadinha, gênero fada, fazia o dia inteiro para se distrair? Pintava? Escrevia?

Será que devia dar uma passada de improviso na casa deles (a não ser, claro, que conseguisse o número do telefone), levando um punhado de dalias e peônias, como bom vizinho? Imediatamente a ideia perdeu o atrativo. Eles iam ser chatos. E, pela sua tentativa, ele mesmo ia bancar o xereta.

Não, ia ficar em casa mesmo, decidiu. Lendo mais sobre o Marrocos, Tânger, e qualquer outro lugar aonde Héloïse quisesse ir, arrumando suas máquinas fotográficas, preparando Belle Ombre para pelo menos duas semanas sem os donos da casa.

Assim, fez exatamente isso, e comprou em Fontainebleau uma bermuda azul-escura e duas camisas brancas fáceis de lavar, de manga comprida, já que nem ele nem Héloïse gostavam de mangas curtas. Héloïse às vezes almoçava com seus pais em Chantilly. Ia sozinha dirigindo a Mercedes, como sempre, e usava uma parte do dia para fazer compras, pelo que Tom imaginava, pois voltava com pelo menos seis sacolas com nomes de lojas. Tom quase nunca ia ao almoço semanal na casa dos Plissot, pois os almoços o chateavam, e sabia que Jacques, o pai de Héloïse, apenas o tolerava, sabendo que Tom tinha alguns negócios escusos. Bem, e quem não tem?, Tom sempre pensava. Pois o próprio Plissot não andava fazendo suas falcatruas com o imposto de renda? Héloïse deixou escapar certa vez (não que ela se importasse) que o pai tinha uma conta numerada em Luxemburgo. Tom também tinha, e o dinheiro nessa conta vinha da Derwatt Materiais Artísticos Ltda., e também das vendas e revendas de pinturas e desenhos de Derwatt em Londres — cada vez menos atividade nesta área, naturalmente, já que

Bernard Tufts, que falsificara Derwatts durante pelo menos cinco anos, estava morto, tinha se suicidado anos atrás.

E, de qualquer forma, quem pode dizer que é completamente limpo?

Será que Jacques Plissot desconfia de mim porque não sabe tudo a meu respeito?, pensou Tom. Algo que Plissot e a mãe de Héloïse, Arlène, tinham de bom é que não ficavam pressionando Héloïse para ter filhos, para que eles pudessem ser avós. Tom naturalmente já conversara com Héloïse sobre esse assunto delicado, mas em particular: ela não tinha vontade de ter filhos. Não tinha uma posição firme quanto a isso, apenas não ansiava por uma criança. E agora os anos haviam passado. Tom não se importava. Não tinha pais para se extasiarem com a notícia do abençoado evento: quando era pequeno seus pais tinham se afogado em Boston Harbor, Massachusetts, e ele fora adotado pela tia Dottie, uma velha pão-dura, também de Boston. De qualquer forma, Tom sentia que Héloïse vivia feliz com ele, ou pelo menos contente, do contrário já teria se queixado — ou ido embora. Héloïse era voluntariosa. E o velho e careca Jacques sem dúvida percebia que sua filha era feliz e que o casal mantinha uma casa altamente respeitável em Villeperce. Talvez uma vez por ano os Plissot vinham jantar. As visitas de Arlène Plissot, quando vinha só, eram um pouco mais frequentes e muito mais agradáveis.

Havia vários dias Tom não pensava no Estranho Casal, exceto rapidamente, quando num sábado, no correio das nove e meia da manhã, chegou um envelope quadrado escrito numa caligrafia que ele não conhecia e que detestou de imediato: maiúsculas enfeitadas, um círculo em vez de pingo no i. Convencido e estúpido, pensou Tom. Já que era endereçada a “Madame e Monsieur”, Tom abriu o envelope, antes de ver o resto da correspondência. Naquele momento Héloïse estava lá em cima tomando banho.

Caro senhor e senhora Ripley,

Ficaríamos muito contentes se vocês viessem tomar um drinque conosco sábado (amanhã). Poderiam vir por volta das seis? Sei que estamos convidando com pouca antecedência, e se a data não for conveniente para vocês podemos sugerir outra.

Estamos tão ansiosos para travar conhecimento com vocês dois!

Janice e David Pritchard

No verso: mapa indicando nossa casa. Telefone: 424-6434.

Tom virou o papel e viu uma planta simples da rua principal de Villeperce com a rua transversal, onde estava indicada a casa dos Pritchard e também a dos Grais, além da pequena casa vazia entre os dois.

Tchan-tchan-tchan, tchan!, pensou Tom, sacudindo a carta. O convite era para hoje. Estava curioso para ir, claro — quanto mais a gente souber sobre um possível inimigo, tanto melhor —, mas não queria levar Héloïse. Teria que inventar alguma coisa para dizer a ela. Enquanto isso iria confirmar o convite, mas não às nove e quarenta da manhã.

Abriu o resto da correspondência, exceto um envelope dirigido a Héloïse numa letra que lhe pareceu a de Noëlle Hassler. Era uma boa amiga de Héloïse que morava em Paris. Não havia nada de interessante: um extrato bancário de Manny Hanny, em Nova York, onde Tom tinha conta corrente, e uma propaganda da *Fortune* 500, que por algum motivo o considerava endinheirado o suficiente para se interessar por uma revista sobre ações e investimentos. Tom deixava esta tarefa (onde investir) para seu contador, Pierre Solway, que lhe fora recomendado por Jacques Plissot. Às vezes Solway tinha boas ideias. Este tipo de trabalho, se é que se podia chamar assim, aborrecia Tom, mas não Héloïse (talvez lidar com dinheiro, ou pelo menos interessar-se por dinheiro, estivesse no seu sangue). Estava sempre disposta a consultar o pai antes de tomar, com Tom, alguma decisão financeira.

Henri, o Gigante, devia chegar às onze da manhã, e, embora por vezes não soubesse bem a diferença entre quinta-feira e sábado, ele de fato apareceu dois minutos depois das onze. Como de costume, usava um macacão azul desbotado com aquelas tiras diagonais antiquadas, e um chapéu de palha de aba larga todo desfiado. Tinha uma barba castanha arruivada, que pelo jeito aparava uma vez ou outra com tesoura, uma maneira fácil de evitar fazer a barba. Van Gogh teria gostado de retratá-lo, Tom muitas vezes pensava. Curioso imaginar que um pastel de Henri feito por Van Gogh seria vendido hoje por algo em torno de trinta milhões de dólares. Dos quais Van Gogh não receberia nem um centavo, é claro.

Tom se recompôs e começou a explicar a Henri o que devia ser feito durante suas duas ou três semanas de ausência. O adubo... poderia, por favor, revolvê-lo? Tom tinha um barril redondo de arame para o adubo, que lhe chegava até o peito, com pouco menos de um metro de diâmetro, e uma porta que se abria quando se puxava o pino de metal.

Mas enquanto Tom caminhava com Henri até a estufa, conversando sobre o novo spray para rosas (será que Henri estava ouvindo?), Henri pegou um garfo de dentro da estufa e começou a atacar o adubo. Era tão alto, tão forte, que Tom não quis interrompê-lo. Henri sabia como lidar com o adubo, pois compreendia bem para que servia.

“*Oui, m’sieur*”, Henri murmurava de vez em quando, numa voz suave.

“Bem... já falei das rosas. Nenhuma praga no momento. E para deixar o jardim mais bonito é melhor podar os loureiros com a tesoura.” Henri não precisava da escada, como Tom, para podar só os lados junto ao topo. Tom deixava a parte superior da cerca viva crescer de qualquer jeito, pois aparada ficaria muito formal.

Com inveja, Tom ficou vendo Henri empurrar o barril de arame com a mão esquerda, enquanto com a direita revolia com o garfo o adubo escuro, de ótima aparência. “Ah, ótimo! *Três bien!*” Quando Tom tentava empurrar o barril, ele parecia criar raízes.

“*C’est vraiment bon*”, concordou Henri.

A seguir, mudas na estufa, e alguns gerânios também. Iriam precisar de água. Henri caminhava pesadamente pelo chão de tábuas, ouvindo os pedidos de Tom. Sabia onde estava a chave da estufa, debaixo de uma pedra redonda. Tom só a fechava quando ele e Héloïse não estavam em casa. Até os velhos borzeguins marrons de Henri pareciam ser do tempo de Van Gogh, chegando acima do tornozelo e com as solas de quase uma polegada de grossura. Seria herança de família?, pensou Tom. Henri era um anacronismo ambulante.

“Vamos ficar fora pelo menos duas semanas”, disse Tom. “Mas madame Annette vai ficar por aqui o tempo todo.”

Alguns detalhes mais, e Tom considerou que Henri já tinha recebido as informações suficientes. Um dinheirinho não cairia mal, de modo que Tom puxou a carteira do bolso de trás e lhe deu duas notas de cem francos.

“Aqui está alguma coisa para começar, Henri. Vá fazendo as contas”, acrescentou. Tom estava pronto para voltar para casa, mas o gigante não dava sinal de ir embora. Henri era sempre assim, ia ficando, ficando, apanhando um galhinho do chão, chutando uma pedra de lado, até que finalmente ia saindo sem dizer palavra. “*Au revoir*, Henri!” Tom virou-se e foi indo para casa. Quando olhou para trás, viu Henri pronto a dar mais uma surra de garfo no adubo.

Tom subiu a escada, lavou as mãos em seu banheiro e foi relaxar em sua poltrona com alguns folhetos sobre o Marrocos. As dez ou doze fotos mostravam o interior de uma mesquita, todo em mosaico, cinco canhões alinhados na beira de um penhasco, um mercado com muitos cobertores pendurados, com listas de cores vivas, uma turista loira no mais mínimo dos biquínis estendendo uma toalha cor-de-rosa na areia dourada. O mapa de Tânger, na contracapa do folheto, era esquemático, todo em azul-claro e azul-escuro, as praias em amarelo e o porto com duas curvas protetoras avançando pelo Mediterrâneo adentro, ou pelo estreito de Gibraltar. Tom procurou a rue de la Liberté, onde ficava o Hotel El Minzah, e pareceu-lhe que era bem próxima ao Grand Socco, ou grande mercado. Dava para ir a pé.

O telefone tocou. Tom tinha um aparelho ao lado da cama. “Eu atendo!”, gritou para Héloïse, que estava lá embaixo estudando seu Schubert no cravo. “Alô?”

“Alô, Tom. Aqui é Reeves”, disse Reeves Minot com voz clara, numa ligação bem audível.

“Você está em Hamburgo?”

“Claro. Acho que... bem, Héloïse deve ter contado que eu já liguei.”

“Contou, sim. E aí, tudo bem?”

“Sim, sim”, disse Reeves numa voz calma e tranquilizadora. “É só que... eu queria mandar uma coisa para você, uma coisa pequena, como uma fita cassete. Na verdade...”

É uma fita cassete, pensou Tom.

“E não é explosivo”, continuou Reeves. “Se você puder ficar com ela por uns cinco dias, e depois enviá-la para um endereço que vai estar dentro do mesmo envelope...”

Tom hesitou, um pouco aborrecido, mas sabendo que iria concordar, pois Reeves lhe fazia favores quando ele precisava — um passaporte novo para alguém, um pernoite no seu grande apartamento. Reeves fazia favores depressa e sem cobrar nada. “Olhe, amigão, eu gostaria de concordar, mas estou indo para Tânger com Héloïse daqui a uns dias, e de lá vamos seguir viagem.”

“Tânger! Ótimo! Vai dar tempo, se eu mandar expresso. Vai chegar na sua casa quem sabe amanhã. Não tem problema. Vou despachar hoje mesmo. Daí você remete... do lugar onde você vai estar daqui a uns quatro ou cinco dias.”

Ainda vou estar em Tânger, imaginou Tom. “O.k., Reeves. Em princípio.” Inconscientemente Tom abaixara a voz, como se alguém pudesse estar tentando ouvir, mas Héloïse continuava ao teclado. “Vai ser Tânger. Você confia no correio de lá? Já me avisaram que é muito lento.”

Reeves deu sua risada seca, que Tom conhecia bem. “Nesse pacote não há nada parecido com os *Versos satânicos*, pode acreditar. Por favor, Tom.”

“Tudo bem — mas *o que é*, exatamente?”

“Não vou dizer. Agora não. Não pesa nem cem gramas.”

Desligaram logo depois. Tom ficou pensando se o destinatário devia também remetê-lo para outro intermediário. Reeves sempre fora a favor de uma teoria, que talvez ele próprio criara, segundo a qual quanto mais mãos manipulassem alguma coisa, mais segura ela estaria. Reeves era, basicamente, um receptor de objetos roubados, e amava seu trabalho. Receptor — que palavra! Mas trabalhar como receptor tinha para Reeves um charme de faz de conta, como uma brincadeira de esconde-esconde para as crianças. Tom tinha que reconhecer que Reeves Minot até agora tivera sucesso. Trabalhava sozinho — ou pelo menos estava sempre sozinho em seu apartamento em Altona, e já tinha sobrevivido ali a um bombardeio que lhe fora dirigido. Sobrevivera também ao que quer que seja que lhe tinha deixado uma cicatriz de meio palmo de cima a baixo da face direita.

De volta aos folhetos, e em seguida Casablanca. Havia uns dez folhetos na sua cama. Tom pensou na encomenda expressa que ia chegar. Tinha certeza de que não precisaria assinar para recebê-la; Reeves não

gostava de registrar nada, de modo que qualquer pessoa da casa poderia recebê-la.

Então, hoje à noite, drinques com os Pritchard às seis horas. Já passava das onze, e precisava confirmar. O que dizer a Héloïse? Não queria que ela soubesse que ele ia visitar os Pritchard, primeiro porque não queria levá-la junto, e para complicar as coisas não queria lhe dizer claramente que sentia vontade de protegê-la e não desejava que ela ficasse perto daqueles dois excêntricos.

Tom desceu a escada, com a intenção de dar uma volta pelo gramado, e talvez pedir um café a madame Annette, se ela estivesse na cozinha.

Héloïse levantou-se do cravo e se espreguiçou. “*Chéri*, Noëlle telefonou enquanto você estava falando com Henri.” Ela gostaria de vir jantar hoje, talvez dormir aqui. Tudo bem?”

“Mas claro, meu doce. Sem dúvida.” Já tinha acontecido, pensou ele, de Noëlle telefonar e se convidar. Era uma mulher agradável, e Tom não tinha nada contra ela. “Espero que você tenha concordado.”

“Concordei, sim. *La pauvre...*” Héloïse começou a rir. “Tem um sujeito — Noëlle nunca devia ter acreditado que ele estava falando *sério*! Ele não foi nada legal com ela.”

Deu o fora, imaginou Tom. “Quer dizer que ela está deprimida?”

“Ah, não muito, nem por muito tempo. Ela não vem de carro, vou buscá-la em Fontainebleau. Na estação.”

“A que horas?”

“Lá pelas sete. Vou checar o horário.”

Tom ficou aliviado, ou ligeiramente aliviado. Decidiu falar a verdade. “Hoje de manhã, acredite se quiser, chegou um convite dos Pritchard — você sabe, o casal americano. Para a gente ir hoje tomar um drink, lá pelas seis. Você se incomoda se eu for sozinho, só para descobrir um pouco mais sobre eles?”

“Não”, disse Héloïse, com uma voz e um jeito de adolescente, não de alguém com vinte e tantos anos. “Me incomodar por quê? E você volta para jantar?”

Tom sorriu. “Pode ter certeza que sim.”

POR FIM TOM DECIDIU CORTAR três dalias e levá-las para os Pritchard. Ao meio-dia tinha confirmado o convite, e Janice Pritchard parecera satisfeita. Tom disse que iria sozinho, pois sua esposa tinha que buscar uma amiga na estação por volta das seis.

Assim, alguns minutos depois das seis Tom estacionou o Renault marrom na porta dos Pritchard. O sol ainda não tinha se posto e o dia estava quente. Tom usava um paletó esporte de verão e camisa sem gravata.

“Ah, senhor Ripley, seja bem-vindo!”, disse Janice Pritchard, que esperava na varanda.

“Boa noite”, disse Tom, sorrindo. Subiu os degraus e lhe deu as dalias vermelhas. “Acabei de cortar. São do meu jardim.”

“Ah, que lindas! Vou buscar um vaso. Entre, por favor. David!”

Tom entrou num pequeno vestibulo que dava para uma sala de estar quadrada, toda branca. Ele se lembrava daquela sala. A lareira, quase feia, continuava igual, com a madeira pintada de branco e um enfeitinho infeliz nas bordas. Tom teve uma impressão de falso rústico em toda a mobília, exceto o sofá e a poltrona. David Pritchard veio entrando, enxugando as mãos num pano de prato. Estava em mangas de camisa.

“Boa noite, senhor Ripley! Seja bem-vindo. Estou dando duro para aprontar os canapés.”

Janice riu obedientemente. Era mais magra do que Tom pensava; usava uma calça de algodão azul pálido e uma blusa preta e vermelha de mangas compridas e rendas no decote e nos punhos. Seu cabelo claro, curto e fofo, tinha uma cor de damasco bastante agradável.

“Bem, o que você gostaria de tomar?”, perguntou David, olhando educadamente para Tom pelos óculos de aro preto.

“Temos um pouco de tudo... provavelmente”, disse Janice.

“Ahn... gim com tônica?”, perguntou Tom.

“É pra já”, disse David. “Benzinho, não quer mostrar a casa para o senhor Ripley?”

“Claro. Se ele quiser.” Janice inclinou a cabeça com aquele jeito de fadinha que Tom já havia notado. Com isso seus olhos assumiam uma expressão oblíqua vagamente perturbadora.

Foram para a sala de jantar, atrás da sala de estar (cozinha à esquerda), onde Tom confirmou sua má impressão daquelas horríveis antiguidades fabricadas na semana passada. Viu uma pesada mesa de jantar com cadeiras de espaldar alto e assentos desconfortáveis como bancos de igreja. A escada ficava ao lado da espalhafatosa lareira, e Tom subiu acompanhando Janice, que não parava de falar.

Dois quartos, um banheiro no meio, e só. Por toda parte se via um papel de parede com um modesto desenho floral. Um quadro na parede do corredor, também de flores, desses que a gente vê em quartos de hotel.

“Vocês alugaram?”, perguntou Tom enquanto desciam a escada.

“Ah, sim, não temos certeza se queremos morar aqui. Ou *nesta* casa — mas olhe só o reflexo, olhe *agora!* Deixamos as persianas abertas para você ver.”

“Sim, que coisa mais bonita!” Da escada Tom viu os desenhos ondulados, cinzentos e brancos, criados no teto da casa pelo laguinho no gramado.

“Claro que quando o vento sopra fica ainda mais... *vívido!*”, disse Janice com uma risada aguda.

“E vocês mesmos compraram estes móveis?”

“S-sim. Mas tem alguma coisa emprestada dos donos da casa. A sala de jantar, por exemplo. Acho meio pesada.”

Tom não fez comentários.

David Pritchard já estava com os drinques prontos na sólida mesa de café, outra antiguidade fabricada ontem. Os canapés eram pedaços de queijo derretido com um palito enfiado em cada um. Havia também azeitonas recheadas.

Tom acomodou-se na poltrona; os Pritchard sentaram-se no sofá, que era revestido, como a poltrona, com um tecido florido — os móveis menos ofensivos da casa.

“Saúde!”, disse David, agora sem avental, erguendo o copo. “Aos nossos novos vizinhos!”

“Saúde”, disse Tom, e tomou um gole.

“Que pena que sua mulher não pôde vir”, disse David.

“Pois é, ela também queria vir. Outra hora ela vem. Que tal você está achando... o que você está estudando no INSEAD?”

“Estou fazendo um curso de marketing. Todos os aspectos. Marketing e como aferir seus resultados.” David Pritchard falava de maneira clara e direta.

“Todos os *aspectos!*”, disse Janice, e riu de novo, nervosa. Estava tomando alguma coisa rosada, que Tom imaginou que fosse kir, uma bebida suave feita de vinho.

“Os cursos são em francês?”, perguntou Tom.

“Francês e inglês. Meu francês não é mau, mas bem que eu poderia me esforçar mais. Com treinamento em marketing surgem muitas possibilidades de trabalho.”

“De que parte dos Estados Unidos você é?”, Tom perguntou.

“Bedford, Indiana. Depois trabalhei algum tempo em Chicago. Sempre na área de vendas.”

Tom só acreditava nele pela metade.

Janice Pritchard estava inquieta. Tinha mãos esguias e unhas bem cuidadas, pintadas de rosa-claro. Usava um anel com um pequeno diamante que mais parecia uma aliança de noivado que de casamento.

“E você, senhora Pritchard?”, Tom começou, agradável. “Também é do Meio-Oeste?”

“Não, sou de Washington, DC. Mas já morei em Kansas, Ohio e...” Hesitou, como uma menininha que esqueceu o texto, e abaixou a vista para as mãos que se retorciam suavemente no colo.

“E *morou, e sofreu, e morou...*”, disse David Pritchard num tom só parcialmente humorístico, e lançou para Janice um olhar um tanto frio.

Tom ficou surpreso. Será que eles tinham brigado?

“Não fui *eu* que toquei no assunto”, disse Janice. “O senhor Ripley me perguntou onde eu...”

“E você *precisava* entrar em detalhes?” Os ombros largos de Pritchard viraram-se ligeiramente para Janice. “Precisava?”

Janice pareceu intimidada, muda, embora tentasse sorrir, e lançou para Tom um olhar, um rápido olhar que parecia dizer: Não ligue para isso, desculpe.

“Mas você gosta disso, não gosta?”, Pritchard continuou.

“De entrar em detalhes? Ora, não vejo...”

“Mas que negócio é esse?”, Tom interrompeu, sorrindo. “Eu só perguntei a Janice de onde ela é.”

“Ah, obrigada por me chamar de Janice, senhor Ripley!”

Tom não pôde deixar de rir. Só esperava que sua risada aliviasse a atmosfera.

“Está vendo, David?”, disse Janice.

David olhou fixo para Janice em silêncio, mas pelo menos já tinha se recostado nas almofadas do sofá.

Tom bebericava seu drinque, que estava muito bom, e tirou um cigarro do bolso do paletó. “Vocês pretendem ir a algum lugar este mês?”

Janice olhou para David.

“Não”, disse David. “Não, temos umas caixas de livros para desempacotar. Elas ainda estão na garagem.”

Tom tinha visto duas estantes, uma no andar de cima e outra no térreo, vazias exceto por alguns livros de bolso.

“Nem todos os nossos livros estão aqui”, disse Janice. “Tem alguns...”

“Tenho certeza de que o senhor Ripley não quer saber onde estão os nossos livros, Janice — nem nossos cobertores de inverno”, disse David.

Tom queria saber, mas ficou quieto.

“E você, Ripley”, David continuou. “Alguma viagem este verão com sua encantadora esposa? Eu a vi uma vez, mas só à distância.”

“Não”, Tom respondeu pensativo, como se ele e Héloïse ainda pudessem mudar de ideia. “Não nos importamos de ficar por aqui mesmo este ano.”

“Nossos... a maioria dos nossos livros está em Londres.” Janice se endireitou no sofá, olhando para Tom. “Temos um apartamentozinho lá, perto de Brixton.”

David Pritchard lançou um olhar azedo à esposa. Então respirou fundo e disse a Tom: “Sim. E talvez a gente tenha alguns conhecidos em comum. Cynthia Gradnor?”

Tom imediatamente reconheceu o nome, a namorada e noiva do falecido Bernard Tufts. Amava Bernard, mas tinha se separado dele porque não suportava que ele falsificasse os Derwatts.

“Cynthia...”, disse Tom, como se buscasse na memória.

“Ela conhece o pessoal da Galeria Buckmaster”, continuou David. “Foi o que ela disse.”

Tom pensou que neste momento não poderia passar num teste com detector de mentiras, pois seu coração estava batendo palpavelmente mais depressa. “Ah, sim. Uma loira — bem, meio clara, se não me engano.” O que será que Cynthia havia contado aos Pritchard, pensou ele, e por que haveria de contar *qualquer coisa* para aqueles chatos? Cynthia não era um tipo falante, e os Pritchard estavam alguns degraus abaixo do nível social dela. Se Cynthia quisesse prejudicá-lo, arruiná-lo, pensou Tom, poderia ter feito isso anos atrás. Poderia também ter revelado a falsificação dos Derwatts, naturalmente, mas nunca fez isso.

“Talvez você conheça melhor o pessoal da Galeria Buckmaster em Londres”, disse David.

“Melhor?”

“Melhor do que você conhece Cynthia.”

“Na verdade não conheço nenhum deles. Estive nesta galeria algumas vezes. Gosto do trabalho de Derwatt. Quem é que não gosta?” Tom sorriu. “Aquela galeria é especializada em Derwatts.”

“Você já comprou alguns lá?”

“Alguns?” Tom riu. “A preços de Derwatt? Tenho dois, comprados quando não eram tão caros. São antigos. Agora eles têm um bom seguro.”

Vários segundos de silêncio. Pritchard poderia estar planejando a próxima jogada. Ocorreu a Tom que Janice podia ter personificado Dickie Greenleaf no telefone. A voz dela tinha uma extensão ampla, indo desde um agudo esganiçado até um tom bem grave quando falava baixo. Estaria correta a desconfiança de Ripley, de que os Pritchard já tinham se informado ao máximo sobre seu passado — por arquivos de jornais, conversas com gente como Cynthia Gradnor — só para se divertir à custa dele, irritá-lo e talvez fazê-lo reconhecer alguma coisa? Seria interessante saber o que os Pritchard achavam? Tom não

acreditava que Pritchard fosse agente de polícia. Mas nunca se sabe. Havia subempregados da CIA, e também do FBI. Lee Harvey Oswald trabalhava para a CIA, pensou Tom, e se tornou o bode expiatório daquela história. Será que na cabeça dos Pritchard havia extorsão, dinheiro? Pensamento horrível.

“Mais um drinque, senhor Ripley?”, perguntou David Pritchard.

“Obrigado. Quem sabe meia dose.”

Pritchard foi até a cozinha prepará-lo, levando também seu próprio copo e ignorando Janice. A porta da cozinha que dava para a sala de jantar estava aberta — Tom imaginou que não seria grande problema ouvir de lá o que se falava na sala. Mas iria esperar que Janice começasse. Iria mesmo? Acabou perguntando:

“E a senhora trabalha também, senhora... Janice? Ou já trabalhou?”

“Ah, eu era secretária em Kansas. Depois estudei canto — tive aulas de voz, primeiro em Washington. Tem tantas escolas por lá, nem dá para acreditar. Mas depois eu...”

“Depois ela me encontrou, azar dela”, disse David, entrando com os dois drinques numa bandejinha redonda.

“Já que *você* acha isso”, disse Janice com afetação deliberada. E acrescentou em seu tom mais grave e mais profundo: “Você deve saber”.

David, que ainda não tinha se sentado, deu um piparote de brincadeira em Janice, quase atingindo seu rosto e o ombro direito. “Vou dar um jeito em você.” Falou sem sorrir.

Janice, sem piscar, replicou: “Mas às vezes sou eu que dou um jeito em você”.

Tom viu que eles gostavam desses joguinhos. E será que faziam as pazes na cama? Coisa desagradável de se contemplar. Tom estava curioso sobre a conexão Cynthia. Aquilo era uma lata cheia de insetos, se os Pritchard ou qualquer outra pessoa — especialmente Cynthia Gradnor, que sabia tão bem quanto o pessoal da Galeria Buckmaster que os últimos sessenta e tantos Derwatts eram falsificados — resolvessem abri-la e contar a verdade. E não adiantava tentar tampá-la de novo, pois todas aquelas pinturas caríssimas iriam perder o valor, exceto para colecionadores excêntricos que se divertiam com boas falsificações;

como Tom, na verdade — mas quantas pessoas no mundo tinham, como ele, uma atitude cínica em relação à justiça e à veracidade?

“E como vai Cynthia... Gradnor, não é?”, começou Tom. “Faz séculos que não a vejo. Era muito quietinha, pelo que me lembro.” Tom também se lembrava de que Cynthia o detestava, pois fora de Tom a ideia de fazer Bernard Tufts falsificar os Derwatts, depois do suicídio do pintor. Bernard fizera as falsificações brilhantemente e com sucesso, num trabalho lento e regular no seu pequeno estúdio numa água-furtada de Londres, mas nesse processo arruinara sua vida, pois adorava e respeitava Derwatt e seu trabalho, e acabou sentindo que o tinha traído imperdoavelmente. Bernard, com os nervos abalados, cometera suicídio.

David Pritchard não estava com a mínima pressa de responder. Tom viu (ou achou que viu) que Pritchard percebera sua preocupação com Cynthia. Devia estar achando que Tom queria interrogá-lo sobre ela.

“Quietinha? Não”, disse Pritchard por fim.

“Não”, disse Janice com um rápido sorriso. Fumava um cigarro de filtro e suas mãos estavam mais calmas, embora ainda entrelaçadas, mesmo segurando o cigarro. Olhava constantemente do marido para Tom e vice-versa.

E o que significava isso — que Cynthia tinha despejado a história inteira para Janice e David Pritchard? Tom simplesmente não conseguia acreditar. Se fosse assim, então que os Pritchard dissessem de uma vez: o pessoal da Galeria Buckmaster está enrolando quanto aos últimos sessenta e tantos Derwatts.

“Ela está casada?”, Tom perguntou.

“Acho que *sim*, não está, David?”, perguntou Janice, e esfregou o braço direito acima do cotovelo por alguns segundos.

“Esqueci”, disse David. “Só sei que ela estava sozinha na... nas duas últimas vezes que nós a encontramos.”

Encontramos onde, Tom perguntou-se. E quem tinha apresentado Cynthia a eles? Mas Tom relutava em cutucar mais aquele assunto. Será que os braços de Janice estavam machucados? Seria esta a razão para aquela blusa de mangas compridas, um tanto antiquada, num dia quente de agosto? Para esconder os machucados infligidos por seu agressivo marido? “Vocês costumam ir a exposições de arte?”, Tom perguntou.

“Arte — ha-ha!” Lançando um olhar para a mulher, David deu uma risada genuína.

Sem cigarro, Janice novamente torcia os dedos e apertava os joelhos. “Não podemos conversar sobre alguma coisa mais agradável?”

“O que é mais agradável que a arte?”, Tom perguntou, sorrindo. “O prazer de olhar uma paisagem de Cézanne! Castanheiras, uma estradinha do interior — aqueles alaranjados tão quentes no teto das casas.” Tom deu uma risada, uma risada bem-humorada. Já era hora de ir embora, mas pensou em algo para dizer a fim de ficar sabendo de mais alguma coisa. Aceitou um segundo canapé de queijo quando Janice lhe estendeu a travessa. Tom *não* ia dizer nada sobre Jeff Constant, um fotógrafo, e Ed Banbury, um jornalista freelance, que anos atrás compraram a Galeria Buckmaster nas águas das falsificações de Bernard Tufts e do lucro que elas iriam gerar. Tom também ganhava uma porcentagem na venda dos Derwatts, soma apenas regular nos últimos anos, o que era normal, considerando que não havia mais falsificações desde a morte de Bernard Tufts.

A observação sincera de Tom sobre Cézanne caíra em ouvidos moucos. Deu uma olhada no relógio. “Estou pensando na minha mulher”, disse Tom. “Tenho que ir andando.”

“E se a gente segurasse você aqui mais um pouco?”, disse David.

“Me segurassem?” Tom já estava de pé.

“Se a gente não deixasse você sair.”

“Ora, David! *Brincando* com o senhor Ripley?” Janice se encolheu com um aparente mal-estar, mas estava dando um largo sorriso, com a cabeça um pouquinho inclinada. “O senhor Ripley *não gosta* de brincadeiras!” A voz dela estava estridente outra vez.

“O senhor Ripley gosta muito de brincadeiras”, disse David Pritchard. Estava sentado bem ereto no sofá, suas coxas robustas em evidência, as mãos grandes nos quadris. “Você não poderia ir embora agora, se a gente não quisesse deixar você sair. E eu também sei judô.”

“É mesmo?” A porta da frente, por onde Tom tinha entrado, estava uns seis metros atrás, pensou ele. Não gostava da ideia de partir para uma briga com Pritchard, mas estava pronto para se defender se a coisa chegasse a isso. Agarraria o pesado cinzeiro que estava em cima da mesa,

por exemplo. Um cinzeiro na testa tinha sido um ótimo remédio para Freddie Miles em Roma. Uma única pancada. E Freddie caiu morto. Tom olhou fixo para Pritchard. Um chato, um chato grandão, medíocre, rotineiro. “Vou andando. Muito obrigado, Janice. E senhor Pritchard.” Tom sorriu e virou-se.

Não ouviu nada atrás de si, e virou-se de novo no vestíbulo que dava para a saída. Pritchard vinha apenas andando devagar na sua direção, como se tivesse esquecido seus joguinhos. Perto dele, Janice também vinha caminhando com leveza. “Vocês estão encontrando por aqui tudo de que precisam?”; perguntou Tom. “Supermercado? Loja de ferragens? Moret ainda é o melhor lugar para se comprar tudo. Ou pelo menos é o mais próximo.”

Respostas afirmativas.

“Já ouviu falar na família Greenleaf?”, perguntou David Pritchard, jogando a cabeça para trás como se quisesse ficar mais alto.

“De vez em quando. Sim.” Tom continuava fazendo sua expressão neutra. “Você conhece o senhor Greenleaf?”

“Qual deles?”, perguntou David, brincando, mas num tom um pouco rude.

“Nesse caso você não conhece”, disse Tom. Levantou a vista para o círculo de águas ondulantes refletido no teto da sala. O sol já quase desaparecera atrás das árvores.

“É tão grande que dá para a gente se afogar aí quando chove!”, disse Janice, notando o olhar de Tom.

“Qual é a profundidade desse lago?”

“Ah... um metro e meio, mais ou menos”, respondeu Pritchard. “Acho que o fundo é lamacento. Não dá para passar a pé.” Deu um largo sorriso, mostrando os dentes quadrados.

O sorriso poderia parecer agradável e ingênuo, mas agora Tom já o conhecia melhor. Desceu os degraus até o gramado. “Obrigado a vocês dois. Vamos nos ver em breve, espero.”

“Sem dúvida! Obrigado por ter vindo”, disse David.

Gente estranha, pensou Tom enquanto dirigia o Renault, voltando para casa. Ou será que a essas alturas ele já estava totalmente fora de

contato com a América? Será que existe um casal como os Pritchard em cada cidadezinha dos Estados Unidos? Com tantas esquisitices? Da mesma forma que há rapazes e moças jovens — dezessete, dezenove anos de idade — que comem até ficar com mais de dois metros de diâmetro na barriga? Estes se encontram sobretudo na Flórida e na Califórnia, foi o que Tom tinha lido em algum lugar. São extremistas que entram em regimes draconianos depois de orgias alimentares, e assim que viram esqueletos recomeçam todo o ciclo outra vez. Uma forma de auto-obsessão, Tom imaginou.

Os portões de Belle Ombre estavam abertos e Tom foi entrando com o carro devagar, ouvindo o barulho repousante do cascalho da entrada. Estacionou à vaga da esquerda da garagem, paralelo à Mercedes vermelha.

Noëlle Hassler e Héloïse estavam sentadas no sofá amarelo da sala, e a risada de Noëlle era alegre como sempre. Esta noite ela estava com seu cabelo escuro natural, bem comprido e liso. Ela gostava de perucas — disfarces, quase. Tom nunca sabia o que esperar.

“Sim, senhoras!”, disse ele. “Boa noite, madames. Como vai, Noëlle?”

“*Bien, merci*”, disse Noëlle, “*et toi?*”

“Estamos falando da vida”, Héloïse acrescentou em inglês.

“Ah, o assunto supremo”, Tom continuou em francês. “Espero não ter atrasado nosso jantar?”

“*Mais non, chéri!*”, disse Héloïse.

Neste momento Tom adorou ver a silhueta esguia de Héloïse no sofá, pé esquerdo descalço apoiado no joelho direito. Héloïse era um enorme contraste com a tensa Janice Pritchard, sempre se contorcendo! “É que eu gostaria de dar um telefonema antes do jantar, se possível.”

“E por que não?”, disse Héloïse.

“Com licença.” Tom virou-se, subiu a escada para o seu quarto e lavou as mãos depressa no banheiro, como era seu costume depois de um episódio desagradável como o que acabava de experimentar. Lembrou-se de que iria compartilhar seu banheiro com Héloïse esta noite, pois ela cedia o dela a qualquer hóspede que viesse. Tom verificou que a segunda porta para o banheiro, que dava para o quarto de Héloïse, estava destrancada. Extremamente desagradável o momento em que o

grandalhão do Pritchard dissera “E se a gente segurasse você aqui mais um pouco?” e Janice tinha olhado fixo, bem firme. Será que ela teria ajudado o marido? Tom achou que sim. Talvez como um autômato. *Por quê?*

Tom pendurou a toalha e foi até o telefone. Sua caderneta de endereços marrom estava ali e ele precisava dela, pois não sabia de cor o telefone de Jeff Constant nem o de Ed Banbury.

Primeiro Jeff. Pelo que Tom sabia, Jeff continuava morando em NW8, onde tinha seu estúdio fotográfico. O relógio de Tom marcava sete e vinte e dois. Ele discou.

Uma secretária eletrônica atendeu no terceiro toque, e Tom pegou uma esferográfica e anotou outro número: “...até as nove da noite”, disse a voz de Jeff.

Isto é, dez horas pelo horário francês. Tom discou o número que havia anotado. Uma voz de homem atendeu, e pelo barulho ao fundo parecia que uma festa estava a todo vapor.

“Jeff *Constant*”, Tom repetiu. “Ele está? É um fotógrafo.”

“Ah, o fotógrafo! Um momento, por favor. Qual é o seu nome?”

Tom detestava isso. “Diga apenas que é Tom, sim?”

Uma espera bastante longa até que Jeff atendeu, parecendo meio sem fôlego. A barulheira da festa continuava. “Ah, *Tom*: Eu estava pensando em outro Tom... Ah, é um casamento — uma recepção depois da cerimônia. O que há de novo?”

Agora Tom ficou contente pelo ruído de fundo. Jeff tinha que gritar e esforçar-se para ouvir. “Você conhece um cara chamado David Pritchard? Americano, uns trinta e cinco anos? Cabelo escuro. A esposa se chama Janice, meio aloirada?”

“Nãã-o.”

“Dava para você perguntar a Ed Banbury se ele conhece? É possível entrar em contato com Ed?”

“Sim, mas ele se mudou há pouco tempo. Vou perguntar. Não sei o endereço dele de cor.”

“Bom, olhe... esses americanos alugaram uma casa na minha cidade, e eles dizem que conheceram Cynthia Gradnor há pouco tempo, em Londres. Estão fazendo comentários muito sarcásticos, esses Pritchard.

Mas não é nada a respeito do... Bernard.” Tom engoliu seco com o nome. Quase podia escutar o cérebro de Jeff fazendo tique-taque. “Como será que ele conheceu Cynthia? Ela costuma aparecer na galeria?” Tom se referia à Galeria Buckmaster, em Old Bond Street.

“Não”, Jeff respondeu com firmeza.

“Olhe, eu nem tenho certeza se ele *conheceu* mesmo Cynthia. Mas mesmo que ele só tenha ouvido falar dela...”

“Em relação aos Derwatts?”

“Não sei. Você acha que Cynthia ia querer sacanear? Dar alguma dica...” Tom parou, horrorizado, ao se dar conta de que Pritchard, ou o casal Pritchard, vinha investigando a vida *dele*, e remexendo seu passado até chegar em Dickie Greenleaf.

“Cynthia não é sacana”, disse Jeff, numa voz profunda e sincera, enquanto a barulheira maluca do fundo continuava. “Olhe, eu vou perguntar ao Ed...”

“Hoje à noite ainda, se possível. Me ligue a qualquer hora, não importa — bem, até a meia-noite, hora daí. Amanhã também vou estar em casa.”

“Mas qual é a desse Pritchard, você tem ideia?”

“Boa pergunta. É alguma sujeira, só não me pergunte exatamente o quê. Ainda não sei.”

“Quer dizer que talvez ele saiba mais do que parece?”

“Sim. E nem preciso lhe dizer que Cynthia me odeia.” Tom falou o mais baixo possível.

“Ela não gosta de nenhum de nós! Bem, Tom, logo mais você vai ter notícias minhas ou do Ed.”

Desligaram.

Então o jantar, servido por madame Annette, uma sopa clara e deliciosa que pelo gosto devia conter uns cinquenta ingredientes, seguida por camarões com maionese e limão, acompanhados por vinho branco gelado. A noite ainda estava quente, e as janelas da varanda se abriam em par. As duas mulheres conversavam sobre o Norte da África, pois Noëlle Hassler já havia estado lá pelo menos uma vez.

“...não tem táxi, a gente tem que pagar o que o chofer pedir... E um clima adorável!” Noëlle levantou os braços quase em êxtase, depois

pegou seu guardanapo branco e enxugou a ponta dos dedos. “A brisa! Não faz calor, porque sopra aquela brisa constante, maravilhosa, o dia inteiro... Ah, sim, em francês! E quem consegue falar árabe?” Ela riu. “Você vai se virar muito bem em francês — em toda parte.”

Depois algumas dicas. Beber água mineral, uma marca chamada Sidi não sei o que, em garrafa plástica. E, em caso de dificuldades intestinais, há umas pílulas chamadas Imodium.

“Compre alguns antibióticos para trazer de volta. Sem receita”, disse Noëlle, alegre. “Rubitracine, por exemplo. Barato! E tem validade de cinco anos! Eu sei, porque...”

Héloïse absorvia tudo isso. Ela amava lugares novos. Incrível que a família dela nunca a tivesse levado ao ex-protetorado francês, pensou Tom, mas pelo jeito os Plissot sempre tinham preferido passar férias na Europa.

“E os Prrickarts, Tómm? Que tal são eles?”, perguntou Héloïse.

“Pritchard, querida. David e Janice. Bem...” Tom deu uma olhada para Noëlle, que ouvia com um interesse apenas bem-educado. “São bem americanos”, Tom continuou. “Ele está estudando marketing no INSEAD de Fontainebleau. Ela, não sei o que faz para passar o tempo. A mobília é horrível.”

Noëlle riu. “Como assim?”

“*Style rustique*. Comprado no supermercado. Pesadão.” Tom fez cara feia. “E também não sou muito fã do Pritchard”, terminou ele com delicadeza, e sorriu.

“Têm crianças?” Perguntou Héloïse.

“Não. Não são o tipo de gente de que nós gostamos, creio eu, minha querida Héloïse. Estou contente por só eu ter ido e você não precisar aguentar aquilo tudo.” Tom riu, e pegou a garrafa de vinho para colocar um pouco de alegria nos copos.

Depois do jantar, jogaram palavras cruzadas em francês. Era bem o que Tom precisava para relaxar. Estava ficando obcecado por aquele medíocre David Pritchard, tentando imaginar qual era a dele, como Jeff tinha dito.

Lá pela meia-noite Tom estava no seu quarto, pronto para ir para a cama com o *Le Monde* e o *Trib*, cuja edição de hoje combinava sábado e

domingo.

Algum tempo depois o telefone de Tom tocou na escuridão e o acordou. Imediatamente lembrou que tinha pedido para Héloïse desligar o telefone no quarto dela, para o caso de ele receber uma chamada tarde da noite, e ficou contente com isso. Héloïse e Noëlle já tinham ficado acordadas até bem tarde conversando.

“Alô?”, disse Tom.

“Oi, Tom! É Ed Banbury. Desculpe telefonar tão tarde, mas recebi um recado do Jeff quando cheguei em casa, alguns minutos atrás, e imagino que seja importante.” A dicção leve e precisa de Ed parecia mais precisa do que nunca. “Um sujeito chamado Pritchard?”

“Sim. E a esposa. Eles... eles alugaram uma casa na minha cidade. E dizem que conhecem Cynthia Gradnor. Você sabe alguma coisa a respeito?”

“Nãã-o”, disse Ed, “mas já ouvi falar desse cara. Nick — Nick Hall é o nosso novo gerente na galeria — disse que um americano esteve lá perguntando sobre... sobre Murchison.”

“Murchison!”, Tom repetiu em voz baixa.

“Sim, foi mesmo uma surpresa. Nick está conosco faz só um ano, e não sabe de nada sobre nenhum Murchison que desapareceu.”

Ed Banbury disse isso como se Murchison tivesse feito exatamente isso, desaparecido, quando na verdade Tom o tinha matado. “Posso saber, Ed, se Pritchard disse ou perguntou alguma coisa sobre mim?”

“Não que eu saiba. Perguntei ao Nick, mas sem querer despertar desconfianças com isso, naturalmente!” Ed soltou uma boa gargalhada, parecendo o velho Ed de sempre.

“Será que Nick falou alguma coisa sobre Cynthia — sobre uma conversa entre ela e Pritchard, por exemplo?”

“Não. Jeff me falou sobre isso. Não é possível que Nick conheça Cynthia.”

Tom sabia que Ed conhecia Cynthia bastante bem. “Estou tentando imaginar como foi que Pritchard conheceu Cynthia — se é que conheceu mesmo.”

“Mas o *que será* que esse Pritchard está aprontando?”, perguntou Ed.

“Está escavando o meu passado, o maldito. Espero que se afogue na lama — em *qualquer coisa*.”

Uma risada curta de Ed. “Ele tocou no nome de Bernard?”

“Não, graças a Deus. Nem no de Murchison — quer dizer, *para mim*. Tomei um drinque com Pritchard, só isso. O cara é um bolha. Insuportável.”

Os dois riram com gosto.

“Escuta”, disse Tom. “Acha que esse Nick sabe de alguma coisa sobre Bernard etc.?”

“Não creio. Talvez saiba, mas nesse caso, prefere guardar suas suspeitas para si mesmo.”

“Suspeitas? Escuta, Ed, nós estamos sujeitos a chantagem. Ou esse Nick Hall não desconfia de nada, ou então ele está do nosso lado. Tem que estar.”

Ed suspirou. “Não tenho motivo para pensar que ele desconfie, Tom. Nós temos amigos em comum. Nick é um compositor fracassado, ainda tentando. Precisa de trabalho e nós lhe demos um emprego. Ele não entende nada de pintura, e nem se interessa, isso é certeza. Só sabe umas informações básicas sobre os preços na galeria, de modo que pode ligar para Jeff ou para mim caso apareça um cliente com algum interesse sério.”

“Que idade tem esse Nick?”

“Uns trinta. Ele é de Brighton. Tem família lá.”

“Não quero que você pergunte nada a Nick a respeito de... Cynthia”, disse Tom, como se estivesse pensando alto. “Mas fico preocupado com o que ela possa ter dito. Ela sabe de tudo, Ed”, disse Tom bem baixinho. “Uma palavra dela, duas palavras...”

“Ela não é do tipo. Juro, acho que ela sentiria que está prejudicando Bernard se abrisse o jogo. Ela tem respeito pela memória dele — certo respeito.”

“Você a vê de vez em quando?”

“Não, não. Ela nunca vem à galeria.”

“Não sabe dizer se ela está casada, por exemplo?”

“Não. Posso dar uma olhada na lista telefônica, e ver se ela ainda consta com o nome Gradnor.”

“Ahn... sim, por que não? Parece que ela tinha um telefone em Bayswater. Eu nunca soube o endereço dela. E se lhe ocorrer como foi que ela conheceu Pritchard, se é que conheceu mesmo, me diga, está bem, Ed? Pode ser importante.”

Ed Banbury prometeu que sim.

“Ah, e qual é o seu telefone, Ed?” Tom anotou o número e também o novo endereço de Ed, que ficava na área de Covent Garden.

Os dois se desejaram felicidades e desligaram.

Tom voltou para a cama, depois de parar por um momento no hall, procurando luz debaixo de alguma porta (não havia nada) para ver se o telefonema tinha perturbado alguém.

Murchison, meu Deus! A última vez que se teve notícia de Murchison foi quando ele passou uma noite na casa de Tom em Villeperce. Sua bagagem foi encontrada em Orly, e nada mais. Presumivelmente — não, decididamente — Murchison não tinha tomado o avião em que devia embarcar. Murchison, ou o que sobrara dele, estava no fundo de um rio chamado Loing, ou num canal que saía do Loing, não longe de Villeperce. Os rapazes da Galeria Buckmaster, Ed e Jeff, tinham feito um mínimo de perguntas. Murchison, que desconfiava das falsificações dos Derwatts, fora tirado de cena. Estavam todos salvos, portanto. É claro que o nome de Tom esteve nos jornais, mas por pouco tempo, pois tinha contado a convincente história de que levava Murchison de carro até o aeroporto de Orly.

Este fora outro assassinato que ele cometera, ou perpetrara, a contragosto, relutantemente, não como aqueles dois serviços da Máfia, dois garrotes que tinham sido um prazer e uma satisfação para Tom. Bernard Tufts o tinha ajudado a desenterrar o corpo de Murchison da cova rasa atrás de Belle Ombre, onde Tom tentara enterrá-lo sozinho alguns dias antes. A cova não era funda o bastante, nem segura. No meio da noite Tom e Bernard embrulharam o cadáver numa espécie de lona ou encerado, disso Tom se lembrava, e o levaram na caminhonete até determinada ponte sobre as águas do Loing, de onde não foi muito difícil para os dois jogar Murchison — com um lastro de pedras — por cima do parapeito. Na época Bernard obedecera às ordens de Tom como um soldado, pois estava envolvido em outro plano, um plano solitário e só seu, onde prevaleciam padrões de honra diferentes, relativos a

questões diferentes: a consciência de Bernard não conseguira suportar o peso da culpa por ter criado sessenta ou setenta quadros e incontáveis desenhos durante anos, deliberadamente realizados no estilo de Derwatt, seu ídolo.

Será que os jornais londrinos ou americanos (Murchison era americano) tinham mencionado Cynthia Gradnor durante o inquérito sobre Murchison? Tom achava que não. Decididamente, o nome de Bernard Tufts não fora mencionado em relação ao desaparecimento de Murchison. Tom se lembrava de que Murchison tinha um encontro com um especialista da Galeria Tate para discutir sua teoria das falsificações. Entretanto, fora primeiro à Galeria Buckmaster para falar com os proprietários, Ed Banbury e Jeff Constant, que logo alertaram Tom. Este fora a Londres para tentar salvar a situação e conseguira, disfarçando-se de Derwatt e confirmando a autoria de alguns quadros. Depois Murchison fora a Belle Ombre para ver Tom e seus dois Derwatts. Tom fora a última pessoa que Murchison vira, segundo a esposa deste, que vivia nos Estados Unidos, e a quem Murchison devia ter telefonado de Londres antes de vir a Paris e depois a Villeperce para visitar Tom.

Tom pensou que poderia ser assaltado aquela noite por sonhos desagradáveis, como Murchison despencando no chão da adega envolto numa nuvem de sangue e vinho, ou Bernard Tufts arrastando-se com suas velhas botas de deserto até a beira de um penhasco perto de Salzburgo, e aí desaparecendo. Mas não. Tamanho é o capricho, a falta de lógica dos sonhos e do subconsciente, que Tom teve um sono tranquilo, e acordou na manhã seguinte sentindo-se especialmente renovado e alegre.

TOM TOMOU UM BANHO, fez a barba, vestiu-se e desceu, logo depois das oito e meia. Era uma manhã de sol, o dia ainda não estava quente e uma brisa adorável balançava as folhas das bétulas. Madame Annette naturalmente já estava de pé na cozinha com seu radinho portátil, que ficava junto à cesta de pão, ligado nas notícias e nos programas de papo-e-pop em que a rádio francesa é pródiga.

“*Bon jour, madame Annette*”, disse Tom. “Estou pensando... já que madame Hassler deve ir embora hoje de manhã, poderíamos tomar um café da manhã reforçado. Que tal uns ovos quentes especiais?” Disse as últimas palavras em inglês. Como seria aquilo em francês? Fez uma tentativa: “*Oeufs dorlotés*, sim, madame? Faça naquelas pequenas xícaras de porcelana. Eu sei onde estão”. Tom apanhou as xícaras no armário. Havia um conjunto de seis.

“*Ab, oui, m’sieur Tómm! Je me souviens. Quatre minutes.*”

“Pelo menos. Mas primeiro vou perguntar se as senhoras também querem. Sim, meu café. Muito bem-vindo!” Tom esperou alguns segundos enquanto madame Annette despejava no filtro da cafeteira a água da sua chaleira sempre a postos. Levou então o café numa bandeja até a sala.

Tom gostava de tomar uma xícara de café em pé na sala, apreciando o gramado dos fundos da casa. Seus pensamentos vagavam, e podia pensar também em tudo de que o jardim precisava.

Alguns minutos depois estava lá fora na horta cortando um pouco de salsinha, caso fosse aprovada sua sugestão dos ovos quentes especiais. Basta pôr um pouco de salsinha picada, manteiga, sal e pimenta nas xícaras, com um ovo cru em cada uma, depois colocá-las num recipiente tampado que possa ser imerso em água quente.

“Alô, Tómm! Já trabalhando? Bom dia!” Era Noëlle, de calça preta de algodão, sandálias e uma camisa violeta. O inglês dela não era mau, Tom sabia disso, mas Noëlle quase sempre falava com ele em francês.

“Bom dia, Noëlle. Estou aqui dando duro.” Tom lhe estendeu um buquê de salsinhas. “Quer provar?”

Noëlle pegou um galhinho e começou a mastigar. Já tinha passado sombra azul nos olhos e um batom claro. “Ah, *delicieux*: Sabe”, ela continuou em francês, “Héloïse e eu estávamos conversando ontem à noite, depois do jantar. Eu poderia encontrar vocês em Tânger, se conseguir resolver alguns assuntos em Paris. Vocês dois vão na próxima sexta-feira — quem sabe eu embarco no sábado. Isto é, se você não se incomodar. Talvez uns cinco dias...”

“Mas que boa surpresa!”, respondeu Tom. “E você conhece o país. Acho uma ideia esplêndida.” Tom estava sendo sincero.

As mulheres de fato optaram pelos ovos quentes, um para cada, e o alegre desjejum exigiu mais torradas, chá e café. Estavam acabando quando madame Annette veio da cozinha com um aviso.

“M’sieur Tómm, acho que é melhor eu avisar o senhor, tem um homem do outro lado da rua tirando fotografias de *Belle Ombre*”, Ela pronunciou Belle Ombre com certa reverência.

Tom estava de pé. “Desculpe”, disse para Héloïse e Noëlle. Já desconfiava quem era. “Obrigado, madame Annette.”

Foi até a janela da cozinha para dar uma olhada. Sim, o grandalhão David Pritchard estava em ação, saindo da sombra da grande árvore inclinada que Tom amava, bem em frente a casa, e pisando na rua ensolarada, a máquina fotográfica junto ao rosto.

“Vai ver que ele acha a casa bonita”, disse Tom a madame Annette, num tom que procurava ser calmo. Daria um tiro em David Pritchard com rara alegria, se tivesse uma espingarda em casa e, é claro, se pudesse se safar sem consequências. Tom deu de ombros e acrescentou com um sorriso: “Se a senhora notar que ele está no nosso gramado, aí a coisa é diferente, me avise”.

“M’sieur Tómm, talvez ele seja turista, mas acredito que mora em Villeperce. Acho que é o americano que alugou uma casa ali com a mulher.” Madame Annette fez um gesto na direção certa.

Como correm as notícias numa cidade pequena, pensou Tom, e a maioria das *femmes de ménage* não tem carro, só janela e telefone. “É mesmo?”, disse Tom, e logo se sentiu culpado, pois madame Annette já

poderia saber, ou ficar sabendo logo, que ele tinha estado na casa desse mesmo americano ontem à noite na hora do aperitivo. “Não deve ser nada de importante”, disse enquanto ia voltando para a sala.

Encontrou Héloïse e a amiga olhando pela janela da frente, Noëlle afastando um pouco a longa cortina, sorrindo enquanto dizia algo para Héloïse. Tom estava agora longe da cozinha e madame Annette não poderia ouvi-lo, mas mesmo assim ele deu uma olhada para trás antes de falar. “Aliás, esse aí é o americano”, disse baixinho, em francês. “O tal David Pritchard.”

“Da casa onde você esteve ontem, *chéri*?” Héloïse virou-se de frente para ele. “Mas por que ele está fotografando *a gente*?”

E na verdade Pritchard não tinha parado, já tinha atravessado a rua até onde começava a famosa estradinha, a terra de ninguém. Ali por perto havia árvores e arbustos. De lá Pritchard não conseguiria uma foto nítida da casa.

“Não sei, querida, mas ele é do tipo que gosta de irritar os outros. Ele adoraria que eu fosse lá fora e mostrasse que estou chateado, e é por isso mesmo que prefiro não dizer nada.” Lançou a Noëlle um olhar divertido e voltou para a sala de jantar, onde seu maço de cigarros estava na mesa.

“Acho que ele nos viu olhando pela janela”, disse Héloïse em inglês.

“Pois muito bem”, respondeu Tom, saboreando seu primeiro cigarro do dia. “Falando sério, o que ele mais gostaria é que eu fosse lá fora perguntar por que ele está tirando fotografias!”

“Que sujeito estranho!”, disse Noëlle.

“É mesmo”, respondeu Tom.

“Ontem à noite ele não falou que queria tirar fotos da sua casa?”, continuou Noëlle.

“Não”, disse Tom. “Vamos esquecê-lo. Pedi a madame Annette para me avisar logo caso ele ponha os pés na... no nosso terreno.”

Conversaram sobre outras coisas — cheques de viagem versus cartões Visa para os países do Norte da África. Tom disse que preferia um pouco de cada um.

“Um pouco de cada um?”, perguntou Noëlle.

“Há hotéis que não aceitam Visa, só American Express, por exemplo”, disse Tom. “Mas um cheque de viagem é sempre bem-vindo.” Estava

junto à janela da varanda, e aproveitou para percorrer com a vista todo o gramado, desde a esquerda, onde ficava a estradinha, até o canto direito, o lugar da tranquila estufa. Nenhum sinal de figura humana nem de movimentação. Tom viu que Héloïse tinha notado sua preocupação. Onde será que Pritchard havia deixado o carro? Ou vai ver que Janice o tinha trazido e depois ia dar uma passada rápida para buscá-lo?

As mulheres consultavam o horário de trens para Paris. Héloïse queria levar Noëlle de carro até Moret, onde havia um trem direto para a gare de Lyon. Tom se ofereceu para ir, mas parecia que Héloïse realmente queria levar a amiga. Noëlle trouxera uma bagagem mínima, já tinha feito a mala e num segundo estava na porta com tudo pronto.

“Obrigada, Tómm!”, disse Noëlle, e riu: “Quer dizer que vamos nos ver mais cedo do que de costume — daqui a apenas seis dias!”.

“Espero que sim. Vai ser ótimo.” Tom queria levar a maleta dela, mas Noëlle não deixou.

Tom saiu com as duas e ficou olhando enquanto a Mercedes vermelha virava à esquerda e se dirigia para a cidade. Viu então um carro branco chegando devagar e uma figura saindo de trás dos arbustos para a estrada — Pritchard. De calça escura e paletó esporte bege todo amassado, entrou no carro branco. Tom foi para trás de uma cerca viva ao lado do portão de Belle Ombre, uma cerca viva bem alta, mais alta que um guarda do Palácio de Buckingham, e ficou esperando.

Os dois Pritchard, muito autoconfiantes, passaram, David dando um largo sorriso para a excitada Janice, que olhava para ele e não para a estrada. Pritchard deu uma olhada para os portões abertos de Belle Ombre, e Tom quase desejou que ele tivesse a coragem de mandar Janice parar, dar marcha à ré e entrar — Tom sentia vontade de cair de socos em cima dos dois —, mas pelo jeito Pritchard não deu essa ordem, pois o carro foi indo embora devagar. Tom notou que o Peugeot branco tinha chapa de Paris.

O que teria restado de Murchison nestas alturas?, Tom se perguntou. Com o passar dos anos o fluxo do rio, lento e regular, teria um efeito igual ou maior que o dos peixes predatórios para acabar com Murchison. Tom não tinha certeza se existia algum tipo de peixe no rio Loing que se interessasse por carne humana, a não ser, naturalmente, que houvesse enguias. Já tinha ouvido falar... mas Tom obrigou-se a

interromper seus pensamentos nauseantes. Não queria imaginar. Dois anéis, lembrou-se, que decidira deixar nos dedos do morto. Talvez as pedras tenham impedido o cadáver de rolar rio abaixo. Será que a cabeça se desprendera do pescoço e rolara para algum lugar, afastando a possibilidade da identificação dentária? A lona ou encerado com certeza já teria apodrecido.

Pare com isso!, disse Tom a si mesmo, levantando a cabeça. Poucos segundos haviam se passado desde que ele vira os horrendos Pritchard, e estava agora à porta de sua casa.

Madame Annette já tinha tirado a mesa do café e provavelmente estaria na cozinha executando as tarefas menos importantes, tais como verificar se o saleiro e o pimenteiro estavam cheios. Ou talvez estivesse em seu quarto, costurando para si ou para uma amiga (tinha uma máquina de costura elétrica), ou escrevendo uma carta para sua irmã Marie-Odile em Lyon. Domingo era domingo, e exercia sua influência, como Tom já tinha notado, também sobre ele: a gente simplesmente não se esforça muito para trabalhar no domingo. Segunda-feira era o dia de folga oficial de madame Annette.

Tom ficou olhando para o cravo, com suas teclas negras e beges. O professor de música do casal Ripley, Roger Lepetit, vinha terça-feira à tarde para dar aula aos dois. Tom estava estudando algumas velhas baladas inglesas, de que não gostava tanto quanto de Scarlatti, mas as baladas eram mais pessoais, mais cálidas, e naturalmente constituíam uma mudança. Gostava de escutar, ou ouvir escondido (Héloïse não gostava de público), os esforços da mulher para tocar Schubert. A ingenuidade dela, sua boa vontade lhe pareciam trazer uma nova dimensão às melodias familiares do mestre. Tom se divertia ainda mais quando ela tocava Schubert porque monsieur Lepetit se parecia bastante com o jovem Schubert — naturalmente, Tom percebeu, Schubert sempre fora jovem. Monsieur Lepetit tinha menos de quarenta anos, era roliço e usava óculos sem aro, como Schubert. Solteiro, morava com a mãe, tal como o gigante Henri, o jardineiro. Que diferença entre os dois homens!

Pare de sonhar, disse Tom a si mesmo. Pela lógica, o que se deveria esperar das atividades fotográficas de Pritchard? Será que as fotos ou os

negativos seriam enviados para a CIA, a organização que, como Tom se lembrou, JFK certa vez disse que gostaria de ver enforcada, empalada e esquartejada? Ou será que David e Janice iriam examinar as fotos, algumas talvez ampliadas, rindo e tagarelando sobre a possibilidade de invadir a fortaleza Ripley, que aparentemente não era guardada nem por cães, nem por homens? E será que as conversas dos Pritchard eram sonhos ou planos reais?

O que eles tinham contra ele, e por quê? O que tinham a ver com Murchison, ou Murchison com eles? Estariam relacionados? Tom não conseguia acreditar. Murchison fora um homem razoavelmente culto, de nível superior ao dos Pritchard. Tom também conhecera a mulher dele; ela viera a Belle Ombre para encontrá-lo depois do desaparecimento do marido, e conversaram durante uma hora. Uma mulher civilizada, pelo que se lembrava.

Por acaso seriam um casal de colecionadores macabros? Os Pritchard não tinham pedido seu autógrafo. Tentariam fazer algum mal a Belle Ombre na sua ausência? Tom considerou a ideia de dizer algo à polícia, contar que vira um homem que talvez fosse um ladrão, e já que os Ripley iriam passar algum tempo fora...

Tom ainda debatia essa ideia quando Héloïse voltou.

Ela estava de bom humor: “*Chéri*, por que você não pediu a esse homem — *fotografando* — para entrar? O Pritchard...”

“Pritchard, querida.”

“Pritchard. Você esteve na casa dele. Qual é o problema?”

“Olhe, Héloïse, ele não é muito amigável.” Parado junto à porta envidraçada, Tom olhava o gramado traseiro com uma postura deliberadamente relaxada. “É um chato, um xereta”, continuou, agora mais calmo. “*Fouineur*, xereta — isso é o que ele é.”

“Mas por que ele está *xerretando*?”

“Não sei, querida. O que eu sei é que a gente tem que manter a distância e ignorá-lo. Ele e a mulher dele.”

Na manhã seguinte, segunda-feira, Tom aproveitou que Héloïse estava no banho e telefonou para o instituto em Fontainebleau onde Pritchard disse que estudava marketing. O telefonema foi um tanto longo;

primeiro disse que queria falar com alguém no departamento de estudos de marketing. Estava preparado para falar francês, mas a mulher que atendeu respondeu em inglês, e sem sotaque.

Quando Tom conseguiu falar com a pessoa certa, perguntou se David Pritchard, um americano, estava no momento no instituto, ou se poderia deixar um recado: “Está no curso de marketing, se não me engano”. Falou então que tinha encontrado uma casa para alugar que talvez interessasse ao senhor Pritchard, e era importante deixar uma mensagem para ele. Tom percebeu que o homem do INSEAD o levou a sério, pois as pessoas ali estavam sempre procurando acomodações. Pediu licença e ao voltar ao telefone disse a Tom que não havia nenhum David Pritchard matriculado no instituto, nem em marketing nem em outro departamento.

“Então devo estar enganado”, disse Tom. “Agradeço a atenção.”

Tom deu uma volta pelo jardim. Já deveria saber, é claro, que David Pritchard — se é que este era seu nome verdadeiro — brincava de contar mentiras.

Agora Cynthia. Cynthia Gradnor. Que mistério. Tom curvou-se e arrancou do gramado um botão-de-ouro, delicado e brilhante. Como será que Pritchard tinha conseguido o nome dela?

Tom respirou fundo e foi voltando para casa. Decidiu que a única coisa a fazer era pedir a Ed ou a Jeff que telefonassem para Cynthia e lhe perguntassem diretamente se ela conhecia Pritchard. Ele mesmo poderia telefonar, mas desconfiava que Cynthia iria bater o telefone na sua cara, ou não ajudar em nada, qualquer que fosse o seu pedido. Tinha mais ódio de Tom do que dos outros.

Assim que Tom entrou na sala a campainha da frente tocou duas vezes. Ele se empertigou, abrindo e fechando os punhos. Deu uma espiada pelo olho mágico da porta. Viu um estranho de boné azul.

“Quem é?”

“Correio expresso, m’sieur. Para m’sieur Ripley.”

Tom abriu a porta. “Sim, obrigado.”

O mensageiro passou a Tom um pequeno envelope manilha, despediu-se e partiu. Devia ter vindo de Fontainebleau ou de Moret, pensou Tom, e talvez perguntado no café a localização da casa. Era o misterioso objeto enviado de Hamburgo por Reeves Minot, cujo nome e endereço

constavam no canto esquerdo superior do envelope. Dentro Tom encontrou uma caixinha branca, e nela algo que parecia uma pequenina fita de máquina de escrever, num estojinho de plástico transparente. Havia também um envelope branco em que Reeves escrevera “Tom”. Tom abriu.

Alô, Tom,

Aqui está. Por favor, envie daqui a cinco dias para George Sardi, 307 Temple St., Peekskill, NY 10569, mas não registrado. Por favor, indique que se trata de uma fita comum ou de máquina de escrever. Via aérea, sim?

Tudo de bom, como sempre.

RM

E o que haveria aqui?, pensou Tom, enquanto recolocava o estojinho transparente na caixa branca. Algum segredo internacional? Transações financeiras? Um registro de movimentação de dinheiro do tráfico de drogas? Ou algum revoltante material de chantagem, privado e pessoal, duas vozes gravadas quando os interlocutores pensavam estar sozinhos? Tom ficou contente por não saber nada sobre a fita. Não era pago, nem queria ser, para fazer trabalhos assim, e não aceitaria um pagamento, nem mesmo com adicional de risco, se Reeves tivesse oferecido.

Tom decidiu tentar primeiro Jeff Constant e pedir, até insistir, que descobrisse de que forma David Pritchard poderia ter descoberto o nome de Cynthia Gradnor. E o que andava fazendo Cynthia esses dias — casada, trabalhando em Londres? Tom achou que seria fácil para Ed e Jeff assumirem uma atitude relaxada, sem ansiedade. Ele, Tom Ripley, tinha eliminado Thomas Murchison para o bem de todos eles, e agora tinha que aguentar David Pritchard, aquele urubu sobrevoando sua casa.

Tom tinha certeza de que Héloïse já saíra do banho e estava no quarto dela, no andar de cima, mas mesmo assim preferiu dar esse telefonema do seu quarto, com a porta fechada. Subiu a escada de dois em dois. Procurou o número em St. John’s Wood e discou, esperando uma secretária eletrônica.

Uma voz desconhecida, masculina, atendeu, dizendo que o senhor Jeff Constant estava ocupado. Gostaria de deixar recado? O senhor Constant estava trabalhando numa sessão de fotos.

“O senhor poderia avisar o senhor Constant que Tom está no telefone e quer falar com ele só um momento?”

Em menos de meio minuto Jeff estava na linha. Tom disse: “Jeff, desculpe, mas o negócio é meio urgente. Será que você e Ed também podem fazer mais um esforço para descobrir como esse David Pritchard conseguiu o nome de Cynthia? É muito importante. E tentar saber se Cynthia já o encontrou? Esse Pritchard é um tremendo mentiroso, o pior que eu já vi. Falei com Ed ontem à noite. Ele ligou para você?”

“Sim, hoje de manhã, antes das nove.”

“Bom. Escute as novidades: ontem de manhã Pritchard estava parado na rua fotografando a minha casa. Que tal?”

“Fotografando! Será que ele é da polícia?”

“Estou tentando descobrir. Tenho que descobrir. Daqui a alguns dias vou sair de férias com a minha mulher. Fico pensando na segurança da minha casa. Talvez seja uma boa ideia convidar Cynthia para um drinque, um almoço, qualquer coisa assim, para conseguir as informações que nós queremos.”

“Bom, isso não vai...”

“Eu sei que não vai ser fácil, mas vale a pena tentar. Vale boa parte da sua renda, Jeff, e de Ed também.” Tom não quis acrescentar, ao telefone, que aquilo também poderia evitar uma acusação de fraude contra Jeff e Ed, e outra de assassinato em primeiro grau contra ele mesmo.

“Vou tentar”, disse Jeff.

“Olhe, quanto a Pritchard, vou repetir: americano, uns trinta e cinco anos, cabelo liso castanho-escuro, mais ou menos um metro e oitenta, um tipo fortão, usa óculos de aro preto, cabelo ralo na frente.”

“Está bem, vou me lembrar.”

“Se por algum motivo Ed for melhor para esse serviço...” Mas, entre os dois, Tom não saberia dizer quem seria o melhor. “Eu sei que Cynthia é um tipo difícil”, continuou Tom com gentileza, “mas acontece que Pritchard está na pista de Murchison — ou pelo menos falou no nome dele.”

“Eu sei”, disse Jeff.

“O.k.” Tom estava exausto. “Está bem, Jeff, você e Ed façam o possível para me dar notícias, sim? Vou estar aqui até sexta-feira de manhã cedo.”

Desligaram.

Tom aproveitou uma meia hora para estudar cravo com uma concentração que julgou incomum. Rendia melhor em períodos curtos e bem definidos, vinte minutos, meia hora — fazia mais progresso, se é que se atrevia a usar essa palavra. Não ambicionava a perfeição, nem sequer a correção. Nunca tocava nem tocaria em público — portanto, que importância tinha seu nível medíocre para qualquer pessoa além dele mesmo? Para Tom, seus estudos e as aulas semanais com Roger Lepetit eram uma forma de disciplina de que ele passara a gostar.

Faltavam dois minutos para terminar a meia hora, na cabeça e no relógio de Tom, quando o telefone tocou. Ele foi atender no hall.

“Alô, o senhor Ripley, por favor.”

Tom imediatamente reconheceu a voz de Janice Pritchard. Héloïse tinha atendido o telefone dela e Tom disse: “Tudo bem, querida, é para mim”. Ouviu Héloïse desligar.

“Aqui é Janice Pritchard”, continuou a voz, tensa e nervosa. “Quero pedir desculpas pelo que aconteceu ontem de manhã. Meu marido tem cada ideia tão absurda, às vezes tão *grosseira* — essa de fotografar a sua casa! Tenho certeza de que você viu, ou talvez a sua esposa.”

Enquanto ela falava, Tom se lembrou do seu rosto, aparentemente sorrindo com aprovação enquanto olhava para o marido no carro. “Acho que minha mulher viu”, disse Tom. “Tudo bem, Janice, não é nada de sério. Mas para que ele quer fotos da minha casa?”

“Ele *não quer*”, disse ela em tom agudo. “Ele só quer chatear você — chatear você, chatear todo mundo.”

Desconcertado, Tom riu, e reprimiu uma frase que havia muito desejava dizer. “Ele acha isso engraçado, não é?”

“*Acha, sim*. Não compreendo. Eu já falei para ele...”

Tom interrompeu a acusação que soava totalmente falsa: “Posso lhe perguntar, Janice, como vocês conseguiram meu telefone?”

“Ah, foi fácil. David perguntou ao encanador. Ele trabalha na cidade e nos deu o número assim que pedimos. Esteve aqui porque tivemos um probleminha com o encanamento.”

Victor Jarrot, é claro, o infatigável esvaziador das cisternas rebeldes, o libertador dos canos entupidos. Será que um homem assim teria a

menor noção de privacidade? “Ah, sei”, disse Tom, lívido, mas sem saber o que fazer com Jarrot, a não ser pedir-lhe o favor de não dar seu telefone para ninguém, em hipótese nenhuma. A mesma coisa poderia acontecer, imaginou ele, com o pessoal do *mazout*, o combustível para o aquecimento. Essa gente pensa que o mundo gira em torno do seu *métier*, e mais nada. Tom arriscou um tiro no escuro: “Escute, falando a verdade, o que é que o seu marido faz? Quer dizer, é difícil acreditar que ele está estudando marketing. Acho que ele já conhece marketing de cor e salteado! Por isso achei que ele estava brincando”. Tom não ia contar a Janice que tinha checado no INSEAD.

“Ah, um momento... É, *acho* que estou ouvindo o carro. David está chegando. Tenho que desligar, senhor Ripley. Tchau!” E desligou.

Ora essa! Ela tinha que telefonar escondido! Tom sorriu. E para quê? Para pedir desculpas! Será que pedir desculpas era mais uma humilhação para Janice Pritchard? E será que David realmente estava chegando?

Tom riu alto. Brincadeiras, joguinhos! Jogos secretos e jogos abertos. Jogos que pareciam abertos e na verdade eram ardilosos e secretos. Mas, naturalmente, os jogos secretos com começo, meio e fim acontecem, de costume, atrás de portas fechadas. E as pessoas em questão são apenas jogadores, envolvidos em algo que não está sob seu controle. Ah, com certeza.

Tom virou-se e olhou o cravo, para o qual não iria voltar agora. Saiu então e foi até seu canteiro de dalias. Cortou com o canivete apenas uma, do tipo que ele chamava “laranja com franja”, sua predileta, com pétalas que lembravam os desenhos de Van Gogh dos campos perto de Arles, folhas e pétalas retorcidas pintadas com amor e carinho, a creiom ou pincel.

Voltou para casa. Estava pensando na *Opus 38* de Scarlatti, ou *Sonata em ré menor*, como dizia monsieur Lepetit, a qual Tom estava estudando e tinha esperanças de aperfeiçoar. Amava o tema que para ele era o principal, que parecia um esforço, uma luta, um ataque a uma dificuldade — e mesmo assim era tão belo. Mas não queria praticar a ponto de desgastar o tema.

Também estava pensando no telefonema que esperava de Jeff ou Ed a respeito de Cynthia Gradnor. Deprimente pensar que a ligação não viria

nas próximas vinte e quatro horas, mesmo que Jeff conseguisse ter uma conversa com Cynthia.

Quando o telefone tocou, por volta das cinco da tarde, Tom teve uma leve, levíssima esperança de que pudesse ser Jeff, mas não era. A voz agradável de Agnès Grais anunciou-se, perguntando a Tom se ele e Héloïse poderiam ir até lá tomar um aperitivo por volta das sete. “Antoine passou aqui um fim de semana prolongado, e quer ir embora amanhã bem cedo, e vocês dois também vão partir logo mais.”

“Obrigado, Agnès. Espere um momentinho, sim? Vou falar com Héloïse.”

Héloïse concordou. Tom voltou ao telefone e confirmou com Agnès.

Tom e Héloïse saíram de Belle Ombre quase às sete. Ele foi dirigindo. A casa dos Pritchard, recém-alugada, ficava naquela mesma estrada, um pouco mais adiante, pensou. O que será que os Grais tinham observado sobre os novos inquilinos? Talvez nada. Nesta região as inevitáveis árvores silvestres — Tom gostava delas — cresciam nos campos entre as casas, às vezes tapando as luzes das moradias mais distantes, e até abafando os ruídos quando estavam cheias de folhas, como agora.

Como de costume, Tom logo se viu conversando com Antoine, embora tivesse prometido vagamente a si mesmo não ficar tão preso desta vez. Tinha pouco assunto com Antoine, um esforçado arquiteto com ideias de direita, ao passo que Héloïse e Agnès tinham aquele talento feminino para lançar-se à primeira vista numa conversa animada e mantê-la — com muitas expressões agradáveis no rosto — por uma noite inteira, se necessário.

Desta vez, porém, Antoine conversou sobre o Marrocos e não sobre o número de estrangeiros exigindo moradia em Paris. “Ah, *oui*, meu pai me levou até lá quando eu tinha uns seis anos. Nunca me esqueci. Naturalmente, voltei depois mais algumas vezes. O país tem um encanto, uma mágica. E pensar que já foi protetorado da França, na época em que o *service postal* funcionava, o *service téléphonique*, as ruas...”

Tom só ouvia. Antoine foi ficando quase poético ao descrever o amor que seu pai sentia por Tânger e Casablanca.

“É o povo, naturalmente”, disse Antoine, “que faz o país. Eles têm direito de ser donos do país deles — mas mesmo assim, do ponto de

vista francês, estão fazendo uma tremenda bagunça.”

Ah, sim. O que dizer sobre isso? Apenas suspirar. Tom arriscou: “Mudando de assunto” — sacudiu seu copo de gim com tônica, batendo os cubos de gelo —, “seus novos vizinhos são tranquilos?” Indicou com a cabeça o domínio dos Pritchard.

“Tranquilos?” Antoine fez um muxoxo. “Já que você está perguntando, por duas vezes tocaram música alto até tarde, por volta da meia-noite. Ou até depois! Música pop.” Falou essas palavras como se fosse espantoso que qualquer pessoa com mais de doze anos de idade ouvisse música pop. “Mas não por muito tempo. Uma meia hora.”

Período de tempo suspeito, pensou Tom, e Antoine Grais era o tipo de pessoa que marcaria no relógio tal fenômeno. “Quer dizer que dá para ouvir daqui?”

“Ah, sim. E estamos a quase meio quilômetro de distância! Estavam tocando a todo volume.”

Tom sorriu. “Mais alguma queixa? Eles ainda não estão pedindo emprestado seu cortador de grama?”

“*No-on*”, Antoine resmungou, e deu um gole no seu campari.

Tom não pretendia dizer nem uma palavra sobre o fato de que Pritchard tirara fotos de Belle Ombre. Aumentariam as vagas desconfianças que Antoine já tinha sobre Tom, e isso era a última coisa que ele queria. A cidadezinha inteira acabara sabendo que a polícia, tanto a francesa como a inglesa, tinha vindo falar com Tom em Belle Ombre logo depois do desaparecimento de Murchison. Não tinham feito nenhum barulho, nada de carros com a sirene ligada, mas numa cidade pequena todo mundo sabe de tudo, e Tom não podia permitir mais nada do gênero. Tinha avisado Héloïse, antes de virem à casa dos Grais, que ela não devia mencionar que vira Pritchard tirando fotos.

Os filhos dos Grais entraram, de volta da nataçã, sorrindo, de cabelo molhado, descalços, mas sem fazer barulho: os Grais não teriam permitido. Edouard e sua irmã Sylvie deram boa-noite e foram para a cozinha, com Agnès atrás.

“Um amigo nosso em Moret tem piscina em casa”, Antoine explicou para Tom. “Para nós é ótimo. Ele também tem filhos, e traz os nossos de

volta. Eu levo, ele traz.” Antoine deu um raro sorriso, fazendo vincos fundos em seu rosto bem alimentado.

“Quando vocês voltam?”, perguntou Agnès, passando as mãos no cabelo. A pergunta era para Héloïse e Tom. Antoine tinha saído da sala.

Héloïse disse: “Talvez umas três semanas? Não temos data certa”.

“Oi, cheguei”, disse Antoine, descendo a escada com algo nas mãos. “Agnès, *chérie*, quer trazer uns copinhos pequenos? Tom, aqui está um bom mapa. É velho, mas... *vous savez!*” Seu tom de voz dizia que velho era melhor.

Era um mapa rodoviário do Marrocos, muito manuseado, muitas vezes dobrado e consertado com fita adesiva.

“Vou tomar o máximo cuidado”, disse Tom.

“Vocês deviam alugar um carro. Sem dúvida. Para ir até as cidadezinhas pequenas.” Antoine foi então tratar da sua especialidade, um drinque feito com gim holandês numa garrafa de barro.

Tom lembrou-se de que Antoine tinha uma pequena geladeira no seu ateliê, no andar de cima.

Antoine preparou os drinques e passou a bandeja com quatro copinhos, servindo primeiro as damas.

“Aaaah!”, Héloïse exclamou educadamente, embora não gostasse de gim.

“*Santé!*”, disse Antoine, enquanto todos erguiam os copos. “Boa viagem e feliz regresso!”

Todos beberam.

O gim holandês era especialmente suave, Tom tinha que reconhecer, mas Antoine agia como se ele mesmo o tivesse fabricado, e Tom nunca o vira oferecer uma segunda dose. Percebeu que os Pritchard ainda não tinham tentado fazer amizade com os Grais, talvez porque não soubessem que os Grais eram velhos amigos dos Ripley. E aquela casa entre os Grais e os Pritchard? Vazia havia anos, talvez à venda; coisa sem importância, pensou Tom.

Tom e Héloïse se despediram prometendo um cartão-postal, o que fez Antoine avisá-los que o correio no Marrocos era *abominable*. Tom pensou na fita de Reeves.

Acabavam de chegar em casa quando o telefone tocou.

“Estou esperando um telefonema, querida.” Tom atendeu o telefone na mesa do hall, pronto a subir para o seu quarto caso fosse Jeff e a conversa ficasse mais complexa.

“*Chéri*, quero um pouco de iogurte, não gostei daquele gim”, disse Héloïse, indo para a cozinha.

“Tom, aqui é Ed”, disse a voz de Ed Banbury. “Consegui falar com Cynthia. Jeff e eu fizemos um esforço. Não deu para marcar um encontro com ela, mas fiquei sabendo de algumas coisas.”

“Sim?”

“Parece que um tempo atrás Cynthia esteve numa festa para jornalistas, uma espécie de grande coquetel liberado para todo mundo, e... parece que esse Pritchard estava lá.”

“Um momento, Ed, vou atender no outro telefone. Não desligue.” Tom subiu correndo a escada para o seu quarto, tirou o aparelho do gancho e desceu correndo de novo para desligar o telefone do hall. Héloïse, sem prestar atenção, estava ligando a TV na sala. Mas Tom não queria dizer o nome de Cynthia numa distância em que ela pudesse ouvir, para que não se lembrasse de que Cynthia fora noiva de Bernard Tufts, *le fou*, como Héloïse o chamava. Bernard a tinha assustado quando estivera em Belle Ombre. “Pronto, cheguei”, disse Tom. “Então você falou com Cynthia?”

“Por telefone. Hoje à tarde. Nesse coquetel, um sujeito que Cynthia conhecia disse a ela que tinha um americano lá na festa perguntando se ele conhecia Tom Ripley. Assim de repente, sem nada a ver. Daí esse homem...”

“Americano também?”

“Não sei. Bem, Cynthia falou para o amigo dela — esse homem — para dizer ao americano que fosse pesquisar a conexão de Ripley com Murchison. Foi assim que tudo aconteceu, Tom.”

Tom achou tudo isso extremamente obscuro. “Você não sabe o nome desse intermediário? O amigo de Cynthia que falou com Pritchard?”

“Cynthia não disse, e eu não queria pressionar muito. Em primeiro lugar, qual foi minha desculpa para telefonar para ela? Que um americano meio esquisito sabe o nome dela? Eu não falei que *você* me disse isso. Foi uma coisa assim que caiu do céu, sem nada a ver. Tive que

fazer o jogo desse jeito. Bem, Tom, acho que pelo menos ficamos sabendo de alguma coisa.”

É verdade, pensou Tom. “Mas Cynthia não ficou conhecendo Pritchard? Nesse coquetel?”

“Pelo que entendi, não.”

“Esse intermediário deve ter dito a Pritchard: ‘Eu vou perguntar para minha amiga Cynthia Gradnor sobre Ripley’. Pritchard sabia o nome dela direitinho, e não é um nome comum.” Talvez, pensou Tom, Cynthia tenha dado o nome dela através do intermediário, como uma espécie de cartão de visita. Pensando que o nome pudesse inspirar o temor a Deus em Tom Ripley, se chegasse até ele.

“Tom, você está na linha?”

“Sim. Essa Cynthia não traz nada de bom para nós, meu amigo. Nem Pritchard. Só que ele é simplesmente maluco.”

“Maluco?”

“É um tipo de doente mental, não me pergunte de que tipo.” Tom respirou fundo. “Ed, obrigado por todo o seu trabalho. Diga a Jeff que eu agradeço a ele também.”

Quando desligaram, Tom sofreu por alguns minutos dolorosos. Cynthia tinha suas desconfianças sobre o desaparecimento de Thomas Murchison, isso era certeza. E tinha também a coragem de enfiar o nariz no caso. Ela devia saber que, se havia alguém se candidatando à eliminação na agenda de Tom, esse alguém era ela mesma, pois sabia tudo sobre as falsificações. Provavelmente sabia até qual era o primeiro quadro que Bernard Tufts tinha falsificado (do qual nem mesmo Tom tinha certeza), com data e tudo.

Tom estava pensando que Pritchard devia ter encontrado o nome de Murchison enquanto pesquisava a respeito de Tom Ripley em arquivos de jornais. Que ele soubesse, seu nome fora mencionado apenas uma vez nos jornais americanos. Madame Annette tinha visto Tom levando até seu carro a mala de Murchison, na hora certa para chegar a Orly e tornar o voo de Murchison. Assim, enganada mas inocentemente, dissera à polícia que tinha visto o senhor Ripley e também o senhor Murchison saindo com a bagagem para entrar no carro do senhor Ripley. Tal era o poder da sugestão, da encenação, pensou Tom. Naquele mesmo momento Murchison estava muito mal enrolado numa velha

lona na adega de Tom, e Tom aterrorizado pensando que madame Annette poderia descer para apanhar uma garrafa de vinho antes que ele tivesse tempo de dar um jeito no cadáver.

O fato de que Cynthia trouxera à baila o nome de Murchison bem poderia ter dado aos Pritchard um renovado entusiasmo. Tom não tinha dúvida de que Cynthia sabia que Murchison desaparecera logo depois de visitar Tom. Isso aparecera nos jornais da Inglaterra, pelo que Tom se lembrava, embora em notícias de pouco realce. Murchison estava convencido de que todos os últimos Derwatts eram falsos. E, como se essa convicção já não bastasse, Bernard Tufts a fortalecera ainda mais, dizendo a Murchison na cara dura, no hotel em Londres: “Não compre mais Derwatts”. Murchison contara a Tom este curioso encontro no bar do hotel com um estranho que não dissera o nome. Tom, que naquela mesma época também estava espionando Murchison, vira-o conversando com Bernard, e sentira um horror de que ainda conseguia se lembrar: sabia muito bem o que Bernard devia estar dizendo.

Muitas vezes Tom já tentara imaginar se Bernard Tufts fora então procurar Cynthia para tentar reconquistá-la, afirmando que tinha jurado não pintar mais nenhum quadro falso. Mas se Bernard tinha feito isso, Cynthia não o tinha aceitado de volta.

TOM ACHOU QUE Janice Pritchard faria mais um esforço para “contatá-lo”, como ela diria, e foi o que ela fez, na terça-feira à tarde. O telefone tocou em Belle Ombre por volta das duas e meia da tarde. Tom ouviu o toque ao longe. Estava arrancando o mato de um canteiro de rosas perto de casa. Héloïse atendeu, e depois de alguns segundos apareceu na varanda chamando: “Tómm! Téléphone!”.

“Obrigado, meu doce.” Largou a enxada no chão. “Quem é?”

“A mulher de Prrickard.”

“Ah! Pritchard, querida.” Aborrecido, mas curioso, Tom atendeu no hall. Dessa vez não conseguiria subir para conversar sem explicar para Héloïse por quê. “Alô?”

“Alô, senhor Ripley! Que bom que você está em casa. Estive pensando... talvez seja presunção da minha parte, mas eu gostaria tanto de lhe dizer algumas palavras pessoalmente.”

“Ah, é?”

“Estou de carro. Estou livre até as cinco horas. Posso...”

Tom não queria que ela viesse a Belle Ombre, nem queria ir até a casa de teto iridescente. Marcaram um encontro perto do obelisco em Fontainebleau (ideia de Tom), num café operário chamado Le Sport, ou coisa parecida, às três e quinze. Tom e Héloïse estavam esperando monsieur Lepetit às quatro e meia para a aula de música, mas Tom não lhe disse isso.

Héloïse virou-se mostrando nos olhos um interesse que poucos telefonemas dele despertavam.

“Sim, justo ela, imagine.” Tom detestava ter que dizer isso, mas foi em frente. “Ela quer me ver. Posso ficar sabendo de alguma coisa, então concordei. Hoje à tarde.”

“Ficar sabendo de alguma coisa?”

“Não gosto do marido dela. Aliás, não gosto de nenhum dos dois, minha querida, mas se eu ficar sabendo de alguma coisa já ajuda.”

“Eles estão fazendo perguntas estranhas?”

Tom sorriu, sentindo-se grato por Héloïse compreender os problemas dos dois — principalmente os *dele*. “Não muitas. Não se preocupe. Eles gostam de provocar. *Ils taquinent*. Os dois.” Acrescentou num tom mais alegre: “Vou lhe dar um relatório completo quando voltar — em tempo para m’sieur Lepetit”.

Tom saiu alguns minutos depois. Encontrou um lugar para estacionar perto do obelisco, arriscando-se a uma multa, mas não se importou.

Janice Pritchard já estava esperando no bar, parecendo um tanto sem jeito. “Senhor Ripley!” Deu a Tom um sorriso cálido.

Tom cumprimentou-a com a cabeça, mas ignorou a mão que ela lhe estendia. “Boa tarde. Podemos sentar numa mesa?”

Assim fizeram. Tom pediu chá para a senhora e um café expresso para ele.

“O que o seu marido está fazendo hoje?”, Tom perguntou com um sorriso agradável. Esperava que Janice dissesse que ele estava no INSEAD em Fontainebleau; nesse caso lhe pediria que desse mais detalhes sobre os estudos dele.

“Hoje ele tem massagem à tarde”, respondeu Janice. “Em Fontainebleau. Tenho que apanhá-lo às quatro e meia.”

“Massagem? Ele tem algum problema nas costas?” A palavra “massagem” era desagradável para Tom; ele a associava com locais de prostituição, mesmo sabendo que existem salões de massagem respeitáveis.

“Não.” O rosto de Janice parecia torturado. Olhava alternadamente para Tom e para o tampo da mesa. “Ele gosta, só isso. Onde quer que esteja, duas vezes por semana, seja lá como for.”

Tom engoliu em seco, detestando a conversa. Os gritos pedindo “Un Ricard!” e os berros de triunfo dos jogadores de fliperama eram mais agradáveis do que Janice discorrendo sobre o maluco do marido.

“Quer dizer, mesmo quando a gente está em Paris, ele logo consegue achar um salão de massagem.”

“Curioso”, murmurou Tom. “E o que ele tem contra mim?”

“Contra você?”, disse Janice, surpresa. “Ora, nada. Ele tem respeito por você.” Olhou Tom bem nos olhos.

Tom sabia disso. “E por que ele diz que está estudando no INSEAD, já que não está?”

“Ah, você sabe disso?” Os olhos dela ficaram mais firmes, mais divertidos, cheios de malícia.

“Não”, disse Tom. “Não tenho certeza. Só que não acredito em tudo que o seu marido diz.”

Janice riu, com uma alegria curiosa.

Tom não devolveu o sorriso. Não sentia vontade. Ficou vendo Janice esfregar o pulso direito com o polegar, como se fizesse uma massagem inconsciente. Usava uma blusa branca impecavelmente limpa por cima da mesma calça azul, com um colar de turquesas (não legítimas, porém bonitas) por baixo da gola. E assim que o punho da blusa subiu com a massagem, Tom viu marcas inequívocas de um machucado. Percebeu também uma marca azulada no lado esquerdo do pescoço, outro machucado. Será que ela queria que ele visse suas equimoses? “Bem”, disse Tom por fim, “já que ele não frequenta o INSEAD...”

“Ele gosta de contar histórias esquisitas”, disse Janice, olhando para o cinzeiro de vidro, onde havia três tocos de cigarros de fregueses anteriores.

Tom deu um sorriso indulgente, fazendo o possível para que parecesse genuíno. “Mas é claro que você gosta dele assim mesmo.” Viu Janice hesitar, franzir a testa. Sentiu que ela estava fazendo o número da donzela em perigo, ou algo parecido, e gostando que ele a forçasse a falar.

“Ele precisa de mim. Não tenho certeza se... quer dizer, se eu gosto mesmo dele.” Levantou os olhos para Tom.

Ah, Jesus, como se isso tivesse importância, pensou Tom. “Olhe, fazendo uma pergunta bem americana, como é que ele ganha a vida? De onde vem o dinheiro?”

De repente a testa de Janice perdeu os vincos. “Ah, isso não é problema. A família dele tinha uma madeireira no estado de Washington. Foi vendida quando o pai morreu, e David ficou com a metade, junto com o irmão dele. Esse dinheiro está todo investido em algum lugar — quer dizer, a renda vem daí.”

Pela maneira como ela disse “em algum lugar” Tom percebeu que ela não sabia nada sobre ações e investimentos. “Na Suíça?”

“Não. Num banco em Nova York, eles cuidam de tudo. É bastante para nós, mas David sempre quer mais.” Janice deu um sorriso quase doce, como se falasse de uma criança que está sempre pedindo mais um pedaço de bolo. “Acho que o pai dele ficou impaciente, e o botou para fora de casa quando ele tinha vinte e dois anos, porque não estava trabalhando. Já naquela época David tinha uma boa mesada, mas queria mais.”

Tom imaginava isso muito bem. O dinheiro fácil alimentava a fantasia na vida de David, garantia uma irrealidade contínua, e ao mesmo tempo punha comida na mesa e na geladeira.

Tom tomou um gole de café. “Por que você queria me encontrar?”

“Ah...” A pergunta pareceu despertá-la de um sonho. Deu uma sacudidela na cabeça e olhou para Tom. “Para lhe dizer que ele está jogando com você. Ele quer *prejudicá-lo*. Aliás, quer prejudicar a mim também. Mas você tem interesse para ele agora.”

“De que jeito ele pode me prejudicar?” Tom pegou seu maço de Gitanes.

“Ah, ele desconfia de você... de tudo. Então ele quer fazer você se sentir bem mal.” Falou essas palavras como se esse mal fosse algo desagradável, mas não mais que um jogo.

“Até agora ele não conseguiu.” Tom lhe estendeu o maço. Ela recusou e tirou um cigarro do seu próprio maço. “Ele desconfia do que, por exemplo?”

“Ah, não vou dizer. Se eu contar, ele me bate.”

“Ele bate em você?”

“Ah, sim. Às vezes ele perde a calma.”

Tom fingiu um leve choque. “Mas você deve saber o que ele tem contra mim. Não deve ser nada pessoal, porque eu só o conheci duas semanas atrás.” Então arriscou: “Ele não sabe nada sobre mim”.

Os olhos dela se estreitaram, e seu sorrisinho fraco nem podia mais ser chamado de sorriso. “Não, ele só finge.”

Tom não gostava dela, assim como não gostava do marido, mas tentou fazer isso não transparecer no rosto. “Ele costuma andar por aí aborrecendo os outros?”, perguntou, como se fosse uma ideia divertida.

Mais uma risada juvenil de Janice, embora as rugas em volta dos olhos indicassem que ela tinha pelo menos trinta e cinco anos, também a idade que o marido aparentava. “Pode-se dizer que sim.” Deu uma olhada para Tom e desviou a vista.

“Quem foi antes de mim?”

Silêncio, enquanto Janice olhava para o cinzeiro sórdido como se fosse a bola de cristal de uma cartomante, como se pudesse vislumbrar ali fragmentos de velhas histórias. Suas sobrancelhas se ergueram — estaria representando algum número, para seu próprio prazer? — e Tom viu pela primeira vez uma cicatriz em forma de lua crescente do lado direito da testa. Resultado de algum cinzeiro voador?

“O que ele espera conseguir aborrecendo os outros?”, perguntou Tom com delicadeza, como se fizesse uma pergunta numa sessão espírita.

“Ah, para ele isso é uma diversão.” Agora Janice deu um sorriso de verdade. “Tinha um cantor na América — *dois* cantores!”, acrescentou rindo. “Um era um cantor pop e a outra, muito mais importante, uma soprano de ópera. Esqueci o nome dela, talvez seja melhor assim, ha-ha-ha! Norueguesa, acho. Pois então, David...” Janice fitou de novo o cinzeiro.

“Um cantor pop?”, Tom tentou ajudar.

“Sim. David começou a mandar bilhetes insultuosos, sabe como é? ‘Você está desafinando’, ou ‘Há dois assassinos esperando-o’, coisas assim. David queria que ele ficasse inseguro, que perdesse o equilíbrio na hora do show. Aliás, nem tenho certeza se os bilhetes chegaram até ele, esses cantores recebem tantas cartas, e esse aí é bem famoso no meio da garotada. O nome dele era Tony não-sei-o-que, disso eu me lembro. Mas acho que ele acabou se envolvendo com drogas, e não...” Janice fez outra pausa, e disse: “David gosta de ver a pessoa *murchar* — quando consegue. O prazer dele é esse, ver os outros murcharem”.

Tom ouvia. “E ele coleciona dados sobre essas pessoas? Artigos de jornal?”

“Não muito”, disse Janice num tom indiferente. Deu uma olhada para Tom e tomou um gole de chá. “Um dos motivos é que ele não ia querer esses recortes de jornal em casa, caso seja... ahn, bem-sucedido. Acho que ele não teve sucesso com essa soprano norueguesa, por exemplo,

mas lembro que ele ficava com a TV ligada, vendo-a cantar, e dizendo: ‘Olhe lá, ela está tremendo, ela vai errar!’. Ora, que *absurdo*, eu pensava.” Janice olhou nos olhos de Tom.

Que franqueza fingida, pensou Tom. Se ela sentia tudo isso, então por que continuava morando com David Pritchard debaixo do mesmo teto? Tom respirou fundo. Não se fazem perguntas lógicas para todas as mulheres casadas. “E para mim, o que ele está planejando? Só quer me infernizar?”

“Ah, provavelmente. Ele acha que você é muito seguro de si. Convencido.”

Tom conteve uma risada. “Me infernizar”, disse, pensativo. “E depois?”

Janice levantou os cantos dos lábios finos, formando uma linha astuciosa, divertida, que ele nunca tinha visto, e os olhos dela evitaram os dele. “Quem sabe?” De novo ela esfregou o pulso.

“E como foi que David me descobriu?”

Janice lhe deu uma olhada, e ponderou a pergunta. “Se não me engano ele viu você num aeroporto. Reparou no seu casaco.”

“Casaco?”

“É, de couro com gola de pele. Enfim, um belo casaco. David disse: ‘Puxa, olhe só que casaco bonito, quem será esse cara?’. E aí deu um jeito de descobrir. Quem sabe ficou atrás de você numa fila, para descobrir o seu nome.” Janice deu de ombros.

Tom fez um esforço para se lembrar de algo do gênero, mas não conseguiu. Piscou os olhos. Era possível, naturalmente, descobrir seu nome num aeroporto, notando seu passaporte americano. E depois verificando — onde? Nas embaixadas? Tom não estava registrado, pelo menos não *achava* que estava registrado, na embaixada de Paris, por exemplo. Arquivos de jornais? Isso exigia perseverança. “Há quanto tempo vocês estão casados? E como foi que você conheceu David?”

“Ah...”, de novo uma alegria esquisita em seu rosto fino, a mão passando pelo cabelo cor de damasco. “É, acho que estamos casados há mais de três anos. A gente se conheceu numa grande conferência para secretárias, contadores, até chefes.” Mais uma risada. “Em Cleveland, Ohio. Não sei como David e eu começamos a conversar, tinha tanta

gente. Mas David tem um certo charme, talvez você não consiga perceber.”

Tom não conseguia mesmo. Tipos como Pritchard parecem decididos a conseguir o que querem, mesmo que isso signifique torcer o braço ou até estrangular alguém, e Tom sabia que isso tem certo charme para certos tipos de mulher. Afastou o punho da camisa e olhou as horas. “Desculpe. Tenho um compromisso daqui a alguns minutos, mas ainda sobra um tempinho.” Estava morrendo de vontade de mencionar Cynthia, de perguntar de que maneira Pritchard pretendia utilizá-la, mas não queria introduzir o nome dela na conversa. E, naturalmente, não queria parecer preocupado. “O que o seu marido quer de mim, se é que posso perguntar? Por que ele estava tirando fotos da minha casa, por exemplo?”

“Ah, ele quer deixar você com medo dele. Quer ver você com medo dele.”

Tom deu um sorriso tolerante. “Desculpe, mas isso, de jeito nenhum.”

“É só uma demonstração de *poder* por parte dele. Eu já disse isso muitas vezes para ele.”

“Mais uma pergunta direta: por acaso ele já consultou um psicanalista?”

“Ha! *Eeele?*” Janice se retorceu de rir. “Claro que não! Ele ri desses caras, diz que são todos charlatães — se é que fala no assunto.”

Tom fez sinal ao garçom. “Mas, Janice, você não acha que é uma coisa fora do comum o marido bater na mulher?” Tom mal podia controlar um sorriso, já que Janice com certeza gostava desse tratamento.

Janice se mexeu na cadeira e franziu a testa. “Bate...” Olhou fixo para a parede. “Talvez eu não devesse ter dito isso.”

Tom já tinha ouvido falar do tipo que acoberta o companheiro, e Janice era assim, ou pelo menos estava sendo. Tirou uma nota da carteira. A conta dava menos, e Tom fez um gesto para o garçom ficar com o troco. “Vamos falar de algo mais alegre. Me conte a próxima jogada de David”, disse num tom agradável, como se fosse uma brincadeira divertida.

“Jogada? Que jogada?”

“Contra mim.”

O olhar dela nublou-se, como se por sua cabeça passasse uma multidão de possibilidades. Conseguiu dar um sorriso. “Honestamente não posso dizer, talvez eu não conseguisse expressar em palavras se...”

“Por que não? Tente.” Tom esperou. “Jogar uma pedra na minha janela?”

Ela não respondeu, e Tom, aborrecido, levantou-se: “Com licença”.

Em silêncio, talvez ofendida, ela também se levantou, e Tom deixou que ela caminhasse à sua frente até a porta.

“Janice, eu vi que você foi buscar David no domingo em frente à minha casa. E agora está indo buscá-lo outra vez. Você é muito atenciosa.”

Mais uma vez nada de resposta.

De repente Tom sentiu uma raiva fervendo dentro de si, e percebeu que vinha da frustração. “Por que você não sai dessa? Por que você fica aguentando tudo isso?”

Naturalmente Janice Pritchard não ia responder, era um tiro muito próximo do alvo. Tom viu uma lágrima iluminar-lhe o olho direito enquanto caminhavam, presumivelmente em direção ao carro dela, já que ela ia na frente.

“E será que vocês são mesmo casados?”, Tom continuou.

“Ah, pare com isso!” Agora as lágrimas transbordaram. “Eu queria tanto gostar de você.”

“Ora, não se incomode, madame.” Nesse momento Tom lembrou-se do sorriso satisfeito de Janice quando apanhou David Pritchard de carro em frente a Belle Ombre, na manhã do último domingo. “Até logo.”

Tom virou-se e foi indo para seu carro, apressando o passo nos últimos metros. Sentia vontade de dar um soco em alguma coisa, num tronco de árvore, qualquer coisa. No caminho para casa teve de tomar cuidado para não pisar demais no acelerador.

Ficou contente ao ver que a porta da frente estava trancada. Héloïse veio abrir. Estava tocando cravo. As partituras dos “Lieder” de Schubert estavam na estante.

“Minha mãe do céu!”, disse Tom exasperado, segurando a cabeça com as mãos.

“O que aconteceu, *chéri*?”

“A mulher é doida! Que coisa deprimente. Terrível.”

“O que foi que ela disse?” Héloïse estava calma.

Héloïse não se abalava com pouca coisa, e Tom sentiu-se melhor vendo a compostura dela. “Tomamos um café. Quer dizer, eu tomei. Ela... bem, sabe como são esses americanos.” Tom hesitou. Continuava sentindo que ele e Héloïse podiam simplesmente ignorar os Pritchard. Por que deixar Héloïse nervosa com as neuroses daqueles dois? “Você sabe, querida, como às vezes eu fico cheio das pessoas, de certas pessoas. Fico chateado a ponto de explodir, desculpe.” Antes que ela fizesse mais alguma pergunta, Tom disse: “Me dá licença”, e foi até o lavabo do hall, onde lavou o rosto com água fria, as mãos com água e sabão e as unhas com uma escovinha. Com monsieur Roger Lepetit logo estaria numa atmosfera completamente diferente. Tom e Héloïse nunca sabiam qual dos dois seria o primeiro na meia hora de aula, pois monsieur Lepetit escolhia de repente e com um sorriso educado, dizendo “*Alors, monsieur*”, ou “*Madame, s’il vous plaît?*”.

Monsieur Lepetit chegou dali a alguns minutos, e após as observações costumeiras sobre o tempo bonito, o jardim em tão boas condições, fez um gesto a Héloïse com seu sorrisinho cor-de-rosa, levantando a mão gorducha e dizendo: “*Vous, madame? Gostaria de começar?*”.

Tom continuou na sala, ainda em pé. Sabia que Héloïse não se importava com sua presença quando tocava, fato que ele apreciava. Teria detestado fazer o papel de Crítico Severo. Acendeu um cigarro, postou-se atrás do longo sofá, e fitou o Derwatt acima da lareira. *Não* era um Derwatt, lembrou-se, mas uma falsificação de Bernard Tufts chamada *Homem numa cadeira*. Era marrom avermelhado com traços amarelos e, como todos os Derwatts, tinha contornos múltiplos, vários deles com traços mais escuros, que algumas pessoas diziam que davam dor de cabeça; a certa distância as imagens pareciam ter vida, até mesmo movimento. O homem sentado na cadeira tinha um rosto meio marrom, simiesco, com uma expressão que podia ser descrita como pensativa, mas que absolutamente não era definida por traços nítidos. Era aquele clima inquieto (mesmo na cadeira), cheio de dúvidas, perturbado, que agradava a Tom; isso e o fato de que era falso. Ocupava um lugar de honra na sua casa.

O outro Derwatt na sala era *As cadeiras vermelhas*, mais uma tela de tamanho médio para grande, mostrando duas meninas de uns dez anos sentadas em cadeiras de espaldar reto, numa atitude tensa, com os olhos grandes, assustados. Mais uma vez o contorno amarelo avermelhado das cadeiras e das figuras era triplicado e quadruplicado; e depois de alguns segundos (Tom sempre pensava, imaginando um primeiro olhar) o observador percebia que o fundo poderia revelar chamas, que as cadeiras poderiam estar pegando fogo. Quanto valeria agora este quadro? Uma soma de seis dígitos em libras esterlinas, uma soma alta de seis dígitos. Talvez mais. Dependia de quem estivesse leiloando. O agente de seguros de Tom estava sempre elevando o valor de seus dois quadros. Tom não tinha a menor intenção de vendê-los.

Mesmo se aquele David Pritchard tão vulgar conseguisse estourar todas as falsificações, não poderia tocar nas *Cadeiras vermelhas*, naturalmente, um quadro bem antigo, proveniente de Londres. Ele *não podia* meter o bedelho naquele assunto e provocar uma devastação, pensou Tom. Pritchard nunca tinha ouvido falar de Bernard Tufts. Os encantadores compassos de Franz Schubert deram a Tom força e ânimo, embora a execução de Héloïse não tivesse nível de concerto: mas a intenção, o respeito por Schubert estava lá, assim como no *Homem numa cadeira* de Derwatt — não, de Bernard Tufts — o respeito por Derwatt estivera lá quando Bernard o pintara no estilo de Derwatt.

Tom relaxou os ombros, abriu e fechou as mãos e fitou suas unhas. Tudo limpo e organizado. Lembrou-se de que Bernard Tufts nunca quis compartilhar dos lucros, da renda cada vez maior dos falsos Derwatts. Sempre tinha aceitado só o suficiente para se manter em seu estúdio em Londres.

Se um tipo como Pritchard denunciasse as falsificações — de que jeito? —, Bernard Tufts também seria denunciado, pensou Tom, embora já estivesse morto. Jeff Constant e Ed Banbury teriam que responder à pergunta: quem fizera as falsificações? E, naturalmente, Cynthia Gradnor sabia. A pergunta mais interessante era: será que ela teria suficiente respeito por Bernard Tufts, seu antigo amor, para não traí-lo? Tom sentiu um desejo curioso, cheio de orgulho, de fazer exatamente isso, proteger Bernard, tão idealista e infantil, que por fim morrera por

suas próprias mãos (ou por sua própria ação, pulando de um penhasco em Salzburgo), pagando seus pecados.

A história de Tom foi que Bernard tinha deixado com ele sua mochila enquanto fora procurar um quarto, pois queria mudar de hotel; e que nunca tinha voltado. Na verdade, Tom seguira Bernard, que pulara de um precipício. E Tom tinha cremado o corpo no dia seguinte da melhor maneira possível e afirmado que era de Derwatt. E sua palavra fora aceita.

Engraçado seria se Cynthia ainda alimentasse um ressentimento, perguntando a si mesma: onde está o corpo de Bernard, afinal? E Tom sabia que ela o odiava, assim como odiava os rapazes da Galeria Buckmaster.

O AVIÃO INICIOU A ATERRISSAGEM com um mergulho súbito da asa direita, e Tom ergueu-se no assento, tanto quanto lhe permitia o seu cinto de segurança. Insistira em que Héloïse se sentasse à janela, e lá embaixo estavam as duas dramáticas pontas, bem recurvadas para dentro, do porto de Tânger, avançando pelo estreito de Gibraltar como se quisessem capturar alguma coisa.

“Lembra do mapa? Então, olhe lá!”, disse Tom.

“*Oui, mon chéri.*” Héloïse não parecia tão animada quanto ele, mas também não tirava os olhos da janelinha redonda.

Infelizmente a janela estava suja e a visão não era clara. Tom inclinouse, tentando ver Gibraltar. Não conseguiu, mas viu a ponta sul da Espanha, onde ficava Algeciras. Tudo parecia muito pequeno.

O avião se endireitou, inclinou-se para o outro lado e virou à esquerda. Nenhuma paisagem. Mais uma vez a asa direita deu um mergulho, e Tom e Héloïse tiveram a visão, agora mais próxima, de casas brancas aglomeradas numa colina — casinhas brancas como giz, com minúsculas janelas quadradinhas. Ao pousar, o avião taxiou por dez minutos. Os passageiros desataram os cintos, sem paciência para continuar sentados.

Entraram no salão de controle de passaportes, onde a luz do sol se derramava por janelas fechadas, bem no alto das paredes. Encalorado, Tom tirou seu paletó de verão e o colocou no braço. Nas duas filas, que andavam bem devagar, as pessoas pareciam ser turistas franceses; havia também nativos marroquinos, pensou Tom, alguns vestidos com o traje tradicional, a *djellabah*.

Na sala seguinte, onde apanhou suas bagagens, que aguardavam no chão — um sistema extremamente informal —, Tom trocou mil francos franceses em dirrãs, e perguntou para uma morena que atendia no balcão de informações qual a melhor maneira de chegar ao centro. Táxi. E o preço? Cerca de cinquenta dirrãs, respondeu ela em francês.

Héloïse fora “razoável” nos preparativos e os dois deram conta de suas poucas malas sem carregador. Tom lembrara a Héloïse que podia comprar coisas no Marrocos, e até mesmo mais uma mala para trazê-las de volta.

“Cinquenta até a cidade, certo?”, disse Tom em francês para o chofer que abriu a porta do táxi. “Hotel El Minzah?” Tom sabia que não havia taxímetro.

“Entre”, foi a brusca resposta em francês.

Tom e o chofer colocaram as malas para dentro.

Tom sentiu que dispararam feito um foguete, porém a sensação se devia à estrada um tanto esburacada, mais o vento que entrava pelas janelas abertas. Héloïse ia se segurando no assento e numa alça. Pela janela do chofer entrava poeira. Mas pelo menos a estrada era reta, e pareciam estar se dirigindo para o punhado de casinhas brancas que Tom tinha visto do avião.

As casas se elevavam dos dois lados, moradias bastante primárias de tijolo vermelho, com quatro ou seis andares. Chegaram a uma espécie de rua principal, com homens e mulheres de sandálias andando pelas calçadas, um ou dois cafés, e crianças pequenas atravessando a rua em disparada, obrigando o chofer a dar freadas súbitas. Esta devia ser a cidade propriamente dita, poeirenta, cinzenta, cheia de gente passeando e fazendo compras. O chofer virou à esquerda e parou alguns metros adiante.

Hotel El Minzah. Tom saiu e pagou, dando dez dirrãs de gorjeta, e um garoto do hotel, de uniforme vermelho, veio ajudá-los.

Tom registrou-se no saguão formal, de teto alto. Pelo menos parecia limpo, com predominância de vermelho e vinho nas cores, com as paredes de um branco cremoso.

Alguns minutos mais tarde Tom e Héloïse estavam em sua “suíte”, palavra que Tom sempre achava de uma elegância ridícula. Héloïse lavou as mãos e o rosto com seu jeito rápido e eficiente, e começou a desfazer as malas, enquanto Tom apreciava a cena da janela. Estavam no quarto andar, pela contagem europeia. Viu lá embaixo um panorama movimentado de edifícios cinzentos e brancos, nenhum com mais de seis andares, roupas em desordem penduradas para secar, bandeiras esfrangalhadas e não identificadas presas aos mastros em alguns tetos,

muitas antenas de televisão, e mais roupas estendidas nos telhados para secar. Bem embaixo, visível da outra janela do quarto, a classe endinheirada, da qual ele presumivelmente fazia parte, tomava sol e lagarteava nos jardins dos hotéis. O sol já tinha desaparecido da área em torno da piscina do El Minzah. Para além das silhuetas horizontais com seus biquínis e calções de banho havia uma orla de mesas e cadeiras brancas, e depois destas palmeiras bonitas e bem cuidadas, arbustos e buganvílias em flor.

Nas pernas de Tom, o ar-condicionado soprava frio. Estendendo as mãos, deixou o frescor subir pelas mangas.

“*Chéri!*” Um grito anunciando uma leve desgraça. A seguir uma risada curta. “Cortaram a água! *Tout d’un coup!* Bem como Noëlle falou. Lembra?”

“Quatro horas por dia no total, não foi o que ela disse?” Tom sorriu. “E a toaleta? E o banho?” Ele entrou no banheiro. “Então, Noëlle não disse... sim, olhe só! Um balde de água limpa! Não que eu fosse beber, mas para a gente se lavar...”

Tom deu um jeito de lavar as mãos e o rosto na água do balde, e juntos os dois tiraram quase tudo das malas. Saíram então para dar um passeio.

Sacudindo moedas desconhecidas no bolso direito da calça, Tom ficou pensando no que comprar primeiro. Um café, cartões-postais? Estavam na place de France, um cruzamento de cinco ruas, incluindo a rue de la Liberté, onde ficava seu hotel, segundo o mapa.

“Olhe!”, disse Héloïse, apontando uma bolsa de couro trabalhado. Estava pendurada na porta de uma loja junto com echarpes e tigelas de cobre de utilidade duvidosa. “Que tal, Tómm? Bonita? É diferente.”

“Ahn... não vamos ver outras lojas, meu doce? Vamos dar uma olhada por aí primeiro.” Já eram quase sete horas. Alguns comerciantes estavam começando a fechar. De repente Tom pegou a mão de Héloïse. “Não é bárbaro? Um país novo!”

Ela lhe devolveu o sorriso. Tom viu as curiosas linhas negras em seus olhos cor de lavanda, que saíam da pupila como os raios de uma roda; uma imagem pesada para algo tão belo como os olhos de Héloïse.

“Eu te amo”, disse Tom.

Caminharam pelo boulevard Pasteur, uma avenida larga em ligeiro declive. Mais lojas, tudo mais denso. Passavam moças e mulheres de vestido comprido e sandálias, enquanto os meninos e rapazes usavam jeans, tênis e camisas leves.

“Gostaria de tomar um chá gelado, gracinha? Ou um kir? Aposto que eles sabem fazer um bom kir.”

Voltaram então em direção ao hotel, e na place de France, segundo o mapa esquemático de Tom, encontraram o Café de Paris, com uma longa fileira de mesas e cadeiras barulhentas na calçada. Tom conseguiu uma mesinha redonda que parecia ser a última, e agarrou outra cadeira de uma mesa próxima.

“Pegue um pouco de dinheiro, querida”, disse Tom, puxando a carteira e oferecendo a Héloïse metade das notas de dirrãs.

Ela tinha uma maneira graciosa de abrir a bolsa — uma espécie de pequena mochila — e fazer as notas, ou o que quer que fosse, desaparecer instantaneamente, mas no lugar exato. “Quanto é isto?”

“Uns quatrocentos francos franceses. Vou trocar mais hoje à noite no hotel. Já notei que o Minzah dá o mesmo câmbio que o aeroporto.”

Héloïse não demonstrou interesse nesta observação, mas Tom sabia que ela iria se lembrar. Não ouviu falar francês em volta, apenas árabe e outra língua que, segundo suas leituras, era um dialeto berbere. Fosse o que fosse, era ininteligível. As mesas estavam quase inteiramente tomadas por homens, vários deles de meia-idade e bastante pesados, em camisas de manga curta. Só uma mesa mais distante era ocupada por um homem loiro de short e uma mulher.

E os garçons eram poucos.

“Tõmm, será que não é melhor a gente garantir a reserva do quarto para Noëlle?”

“Sim, seria bom reforçar a reserva.” Tom sorriu. Quando se registraram, tinha perguntado sobre o quarto para madame Hassler, que chegaria amanhã à noite. O recepcionista disse que o quarto estava reservado. Pela terceira vez Tom fez sinal para um garçom de paletó branco levando uma bandeja, que parecia não dar atenção a nada. Mas desta vez ele se aproximou.

Tom foi informado de que não havia vinho nem cerveja.

Então pediram café. “*Deux cafés.*”

Os pensamentos de Tom estavam em Cynthia Gradnor, justo nela, em pleno Norte da África. Cynthia, o paradigma da reserva inglesa, loira, fria. Pois não fora fria com Bernard Tufts? Nada simpática, no final? Bem, Tom não poderia responder, já que isso entrava no campo das relações sexuais, tão diferentes em particular daquilo que um casal mostra em público. Será que ela denunciaria a ele, Tom Ripley, sem denunciar a si mesma e a Bernard Tufts? Curioso que, embora Cynthia e Bernard nunca tivessem se casado, Tom os considerava como uma só entidade, espiritualmente. Decerto tinham sido amantes, e por muitos meses — mas o fator físico não importava. Cynthia respeitava Bernard, o amava profundamente, e Bernard, com sua maneira atormentada de ser, talvez pensasse que não era “digno” nem de fazer amor com Cynthia, tão culpado se sentia por falsificar os Derwatts.

Tom deu um suspiro.

“Que foi, Tómm? Está cansado?”

“Não!” Tom não estava cansado, e deu um largo sorriso, com uma sensação genuína de liberdade, ao se dar conta de onde estava: a centenas de quilômetros de seus “inimigos”, se é que podia chamá-los assim. Podia chamá-los de importunos, e isso incluía não só os Pritchard, mas também Cynthia Gradnor.

No momento... Tom não conseguiu terminar esse pensamento, e de novo franziu o cenho. Sentindo isso, esfregou a testa. “Amanhã... o que nós vamos fazer? Que tal o Museu Forbes, os soldadinhos de brinquedo? Fica lá na Casbah. Lembra?”

“Sim!”, disse Héloïse, seu rosto se iluminando de repente. “Le Casbah! E depois Le Socco.”

Estava se referindo ao Grand Socco, ou grande mercado. Iriam comprar, pechinchar, discutir preços, coisas de que Tom não gostava, mas sabia que tinha de fazer, para não ficar com cara de bobo nem pagar preços de bobo.

Voltando ao hotel, Tom não se deu ao trabalho de discutir o preço dos figos, uns verde-claros e outros mais escuros, ambas as variedades no estágio ideal de amadurecimento. Comprou também umas lindas uvas verdes e duas laranjas. Encheu os dois sacos plásticos que o vendedor no

carrinho lhe deu: “Vão ficar bonitas no nosso quarto. E vamos dar umas para Noëlle também”.

Para sua alegria, a água tinha voltado. Héloïse tomou um banho, seguida por Tom, e os dois então relaxaram de pijama na cama *king-size*, saboreando o frescor do ar-condicionado.

“E tem a televisão”, disse Héloïse.

Tom foi até o aparelho e ligou, ou tentou ligar, dizendo: “Só por curiosidade”.

A TV não funcionava. Verificou a tomada, que parecia estar bem conectada no mesmo plugue da lâmpada, que acendia normalmente.

“Amanhã”, murmurou Tom, resignado, sem dar importância. “Amanhã peço para alguém dar um jeito.”

Na manhã seguinte visitaram o Grand Socco, diante da Casbah, necessitando depois de um táxi — sem taxímetro — para voltar ao hotel com as compras de Héloïse: uma bolsa de couro marrom e um par de sandálias de couro vermelho, que nenhum dos dois queria ficar carregando o dia inteiro. Tom fez o táxi esperar enquanto deixava o pacote na recepção. Foram então ao correio, de onde ele enviou o misterioso objeto que parecia uma fita de máquina de escrever. Na França, tinha feito o embrulho. Via aérea, mas não registrada, como Reeves desejava. Tom não escreveu endereço de remetente, nem mesmo um inventado.

Depois seguiram em outro táxi até a Casbah, subindo umas ruazinhas estreitas. Ali estava o castelo de York — pois já não lera que Samuel Pepys estivera algum tempo empregado ali ou em serviço? —, com vista para o porto, suas muralhas de pedra parecendo enormemente fortes e colossais em contraste com as casinhas brancas de ambos os lados. Por perto havia uma mesquita com um alto domo verde. Enquanto Tom a contemplava, começou um cântico em voz alta. Quatro vezes por dia, como ele havia lido, soava o chamado do muezim para as orações, feito hoje em dia por uma gravação. Uma gente que tem preguiça de sair da cama e subir a escada, pensou Tom, mas é implacável quando se trata de acordar os outros às quatro da manhã. Imaginou que os crentes tinham

que levantar da cama, voltar-se para Meca, recitar alguma coisa e depois retornar para a cama.

Tom gostou do Museu Forbes, com seus soldados de chumbo — aliás, achou que gostou mais do que Héloïse, mas não tinha certeza. Héloïse falou pouco, mas parecia fascinada, tanto quanto Tom, pelas cenas de batalha, os acampamentos para os feridos com ataduras manchadas de sangue em torno da cabeça, a parada dos diversos regimentos, vários deles a cavalo — tudo isso disposto em longos balcões recobertos de vidro. Os soldados e oficiais tinham uns doze centímetros de altura, e os canhões e vagões eram proporcionais. Incrível! Como seria emocionante ter de novo sete anos de idade... os pensamentos de Tom pararam abruptamente. Seus pais já estavam mortos, afogados, na época em que ele tinha idade para gostar de soldadinhos de chumbo. Estava então sob os cuidados de tia Dottie, e ela nunca compreenderia o encanto dos soldadinhos de chumbo, nem lhe daria dinheiro para comprá-los.

“Não é ótimo estarmos aqui tão sozinhos?”, disse Tom a Héloïse, pois, estranhamente, não havia viva alma em nenhum dos salões que percorriam.

A entrada era grátis. O zelador, um rapaz de *djellabah* branca no grande saguão de entrada, apenas lhes pediu a gentileza de assinar o livro dos visitantes. Héloïse acedeu, e depois Tom. Era um livro grosso com páginas creme. Despediram-se: “*Merci et au revoir!*”.

“Agora um táxi?”, perguntou Tom. “Olhe! Será que esse aí estacionado é táxi?”

Saíram pela entrada dianteira entre grandes gramados verdes. Num lugar que parecia ponto de táxi havia no momento só um carro empoeirado. Estavam com sorte: era um táxi.

“*Au Café de Paris, s’il vous plaît*”, disse Tom pela janela antes de entrar.

Sentados no café, os dois começaram a pensar em Noëlle — Noëlle que iria tomar um avião dentro de algumas horas em Roissy. Colocariam um prato de frutas frescas no quarto dela (que ficava bem em cima do deles) e tomariam um táxi até o aeroporto para buscá-la. Tom bebericou um suco de tomate com uma fatia de limão, e Héloïse um chá de menta, do qual ouvira falar, mas que ainda não experimentara. Tinha um cheiro delicioso. Tom tentou dar um gole. Héloïse disse que estava morrendo

de calor e diziam que o chá ajudava a refrescar, mas ela não imaginava de que maneira.

O hotel ficava a apenas alguns passos de distância. Tom pagou as bebidas, e estava tirando seu paletó branco das costas da cadeira quando achou que reconhecia uma figura familiar no bulevar principal à sua esquerda.

David Pritchard? De perfil, a cabeça parecia a de Pritchard. Tom ficou na ponta dos pés, mas havia tanta gente andando para lá e para cá que Pritchard, se é que era ele, desapareceu na multidão. Não valia a pena chispar até a esquina para ver melhor, pensou Tom, muito menos correr atrás dele. Provavelmente estava enganado. Aquela combinação de cabelo castanho-escuro com óculos de aro redondo: a gente não vê um tipo assim todo dia?

“Por aqui, Tómm.”

“Eu sei.” No caminho viu um vendedor de flores. “Olhe, Héloïse, flores! Vamos comprar!”

Compraram uns ramos de buganvílias, vários lírios e um buquezinho de camélias. Estas eram para Noëlle.

Algun recado para os Ripley? *Non, m’sieur*, disse o recepcionista de libré vermelha atrás do balcão.

Um telefonema para a administração resultou em dois vasos, um para o quarto de Noëlle, outro para o de Tom e Héloïse. Afinal, havia muitas flores. A seguir, uma chuva rápida antes de sair e encontrar algum lugar para almoçar.

Resolveram procurar o The Pub, recomendado por Noëlle — “logo na esquina do boulevard Pasteur, no centro da cidade”, Tom se lembrou que ela dissera. Perguntou a um homem que vendia gravatas e cintos na calçada se sabia onde ficava The Pub. Segunda rua à direita, sem erro.

“*Merci infiniment!*”, disse Tom.

The Pub tinha um levíssimo ar-condicionado, mas de qualquer forma era confortável e divertido. Até Héloïse o apreciou, pois sabia como eram os *pubs* ingleses. Aqui o proprietário tinha se esforçado: vigas aparentes no teto, um velho relógio de pêndulo na parede, junto a fotos de times esportivos, o menu escrito num quadro-negro, garrafas de Heineken em evidência. Era um lugar bem pequeno, mas não muito

cheio. Tom pediu um sanduíche de cheddar, e Héloïse uma tábua de queijos e também uma cerveja, que ela só bebia nas mais tórridas condições.

“Será que a gente devia telefonar para madame Annette?”, perguntou Héloïse depois dos primeiros goles.

Tom teve uma leve surpresa. “Não, querida. Por quê? Você está preocupada?”

“Não, *chéri*, é você que está preocupado. Não é?” Héloïse franziu a testa muito de leve, mas fazia esse gesto tão raramente que nela parecia uma careta.

“Não, meu doce. Preocupado com o quê?”

“Com esse Prrickard, não é?”

Tom tapou os olhos, sentindo-se ruborizar. Ou seria o calor? “Pritchard, querida. Não”, disse com firmeza, vendo chegar seu sanduíche de queijo e uma tigelinha de tempero. “O que ele pode fazer?”, acrescentou. “*Merci*”, disse para o garçom, que estava servindo Héloïse depois dele, talvez por acaso. Tom sentiu que aquele “O que ele pode fazer?” era uma pergunta tola, vazia, feita para acalmar Héloïse. Pritchard podia fazer muita coisa, dependendo do quanto exatamente conseguisse provar. “Que tal seu queijo?”, disse Tom, fazendo mais uma pergunta vazia.

“*Chéri*, esse Prrik-shard não será aquele que telefonou fingindo que era Grreinleaf?” Héloïse passou delicadamente um pouco de mostarda no queijo.

A maneira como ela pronunciou Greenleaf, omitindo Dickie, fazia-o, e portanto o seu cadáver, parecer estar a quilômetros de distância, ficando até irreal. Tom disse calmamente: “Muito improvável, minha querida. Pritchard tem a voz grave. Não parece uma voz de rapaz. Você disse que a voz parecia de uma pessoa jovem”.

“Sim.”

“Telefonemas”, disse Tom pensativo, colocando um pouco de condimento na borda do prato. “Me faz lembrar uma piada boba. Quer ouvir?”

“Sim”, disse Héloïse, com um interesse leve, porém firme, em seus olhos cor de lavanda.

“Um hospício. *Maison de fous*. Um médico vê um paciente escrevendo alguma coisa e pergunta o que é. Uma carta. Carta para quem?, pergunta o médico. Para mim mesmo, diz o paciente. E o que diz a carta?, pergunta o médico. O paciente responde, não sei, ainda não recebi.”

Héloïse não riu, mas pelo menos sorriu. “Acho que é boba mesmo.”

Tom respirou fundo. “Docinho, os postais. Temos que comprar um punhado. Camelos galopando, mercados, panoramas do deserto, galinhas penduradas de cabeça para baixo...”

“Galinhas?”

“Elas costumam aparecer de cabeça para baixo nos postais. No México, por exemplo. A caminho do mercado.” Tom não quis acrescentar — para acabarem de pescoço torcido.

Mais duas Heineken para terminar o almoço. As garrafas eram pequenas. De volta à elegância do El Minzah, com seu pé-direito alto, e mais um banho, desta vez juntos. Depois ficaram com vontade de fazer uma sesta. Havia tempo de sobra antes de irem para o aeroporto.

Um pouco depois das quatro Tom vestiu jeans e uma camisa limpa e desceu para comprar postais. Comprou uma dúzia na recepção do hotel. Tinha trazido uma caneta e pretendia começar um cartão, onde Héloïse também poderia escrever, para a fiel madame Annette. Ah, já ia longe o tempo — e será que fora mesmo há tanto tempo? — em que enviara um cartão-postal da Europa para tia Dottie, com o propósito, reconheceu Tom, de continuar nas boas graças dela e assim herdar alguma coisa. Ela lhe deixara em testamento dez mil dólares, mas dera sua casa, de que Tom gostava e que tinha esperança de herdar, para outra pessoa, cujo nome ele esquecera, talvez porque quisesse mesmo esquecer.

Sentou-se num banquinho no bar do Hotel El Minzah, onde a luz era bastante boa. Mandar um cartão para os Clegg também seria um gesto bem amigável, pensou. Eram velhos e bons vizinhos que moravam perto de Melun, ambos ingleses, ele um advogado aposentado. Tom escreveu em francês:

Cara madame Annette,

Muito quente por aqui. Vimos um casal de cabritos andando soltos pela calçada, sem corda!

Era verdade, mas o garoto de sandálias que os levava sabia controlá-los muito bem, agarrando-os pelos chifres quando necessário. E onde será que estavam indo? Tom continuou:

Por favor, diga a Henri que a forsítia pequena perto da estufa precisa de água agora. A bientôt,

Tom

“M’sieur?”, disse o barman.

“*Merci, j’attends quelqu’un*”, respondeu Tom. Imaginou que o barman de paletó vermelho sabia que ele estava hospedado ali. Os marroquinos, como os italianos, tinham aquele olhar observador que memoriza o rosto dos estranhos.

Tom só esperava que Pritchard não estivesse rondando Belle Ombre e perturbando madame Annette, que com certeza já o reconhecia à distância tão bem quanto Tom. O endereço dos Clegg? Tom não tinha certeza do número da rua, mas de qualquer forma podia ir começando o cartão. Héloïse gostava de ter o mínimo trabalho possível com os postais.

Deixando a caneta no balcão, Tom deu uma olhada para a direita.

Não precisava preocupar-se com a hipótese de que Pritchard estivesse em Belle Ombre, pois ali estava ele sentado no bar, seus olhos escuros cravados em Tom, a apenas quatro banquinhos de distância. Com seus óculos de aro redondo e camisa azul de manga curta, tinha um copo à frente, mas os olhos fixos em Tom.

“Boa tarde”, disse Pritchard.

Duas ou três pessoas entraram no bar, de sandálias e roupões de banho, vindas da piscina atrás de Pritchard.

“Boa tarde”, respondeu Tom calmamente. Suas piores e mais extremadas desconfianças pareciam ter se realizado: os malditos Pritchard o tinham espionado em Fontainebleau com as passagens aéreas ainda na mão ou no bolso, perto da agência de viagens! *Phuket*, pensou Tom, lembrando-se da praia calmíssima daquela ilha no pôster da agência de viagens. Olhou de novo para o seu postal, que era dividido em quatro imagens: camelo, mesquita, moças no mercado de xales listados, uma praia azul e dourada. *Caros Clegg*. Tom pegou a caneta.

“Quanto tempo vai ficar por aqui, senhor Ripley?”, perguntou Pritchard, agora se aventurando a aproximar-se de Tom, copo na mão.

“Ah... acho que vamos embora amanhã. Você está aqui com sua mulher?”

“Sim. Mas não neste hotel”, disse Pritchard com frieza.

“Aliás”, disse Tom, “o que você pretende fazer com as fotos que tirou da minha casa? No domingo, lembra?” Lembrou-se de ter feito a mesma pergunta à mulher de Pritchard, e ainda confiava, ou esperava, que Janice não tivesse contado ao marido sobre seu encontro com Tom Ripley na hora do chá.

“Domingo. Sim. Vi sua mulher, ou alguma outra pessoa, olhando pela janela da frente. Bem, as fotos são apenas para os arquivos. Como já disse, eu... eu tenho um bom dossiê a seu respeito.”

Pritchard não tinha dito exatamente isso, pensou Tom. “Você trabalha para algum escritório de investigações? Xeretas Internacionais Ltda.?”

“Ha-ha-ha! Não, é só para meu próprio prazer — e da minha mulher”, acrescentou com certa ênfase. “E você é um campo fértil, senhor Ripley.”

Tom estava pensando que aquela moça um tanto sem graça da agência de viagens devia ter respondido à pergunta de David Pritchard: “Para onde foi que o seu último cliente comprou passagem? É um vizinho meu, o senhor Ripley. Fizemos sinal para ele agora mesmo, mas ele não nos viu. Não estamos conseguindo decidir, mas gostaríamos de ir para algum lugar bem diferente”. E a moça poderia ter dito: “Ah, o senhor Ripley acabou de comprar passagens para Tânger, para ele e a esposa”. Poderia ter sido obtusa a ponto de dar até o nome do hotel, pensou Tom, especialmente considerando que a agência recebe uma porcentagem do local onde o cliente se hospeda. Tom disse: “Você e sua esposa vieram até Tânger só para me ver?”. Seu tom de voz mostrava que se sentia até lisonjeado.

“Por que não? É interessante”, disse Pritchard, seus olhos escuros fixos em Tom.

Mas que chato de galochas. E a cada vez que Tom o via Pritchard parecia estar um quilo mais gordo. Curioso. Tom deu uma olhada para a esquerda para ver se Héloïse já vinha entrando no saguão. Estava na

hora de ela chegar. “Muito trabalho para você, creio eu, considerando que vamos ficar tão pouco tempo. Estamos indo embora amanhã.”

“Ah, é? Ainda precisam ir a Casablanca, não?”

“Ah, sem dúvida, vamos a Casablanca. Em que hotel você e Janice estão hospedados?”

“No... ahn... Grand Hotel Villa de France, logo ali, a uma ou duas ruas.”

Tom não acreditou muito. “E como estão os nossos amigos comuns? Temos tantos!” Tom sorriu. Estava em pé, segurando na mão esquerda os cartões e a caneta, apoiado no banquinho forrado de couro preto.

“Quais?” Pritchard deu uma risadinha que parecia de velho.

Tom adoraria lhe acertar um murro no saliente plexo solar. “A senhora Murchison?”, Tom arriscou.

“Sim, estamos em contato, e com Cynthia Gradnor também.”

Mais uma vez o nome rolou fácil da sua língua. Tom afastou-se alguns centímetros, indicando sua iminente partida pela porta ampla. “Vocês conversam através do Atlântico?”

“Ah, sim. Por que não?” Pritchard mostrou os dentes quadrados.

“Mas...”, começou Tom, aparentando confusão, “sobre o que vocês falam?”

“Sobre *você!*”, Pritchard respondeu com um sorriso. “Comparamos nossos dados. E fazemos planos.”

“E o seu objetivo?”

“Prazer. Talvez vingança.” Soltou uma risadinha com gosto. “Para alguns, naturalmente.”

Tom concordou com a cabeça, e disse numa voz agradável: “Boa sorte”. Virou-se e saiu.

Avistou Héloïse numa poltrona do saguão. Estava lendo um jornal francês, ou pelo menos escrito em francês, mas Tom viu também uma coluna em árabe de cima a baixo na primeira página. “Querida...” Tom sabia que ela tinha visto Pritchard.

Héloïse levantou-se de um pulo. “De novo esse sujeito! Tom, não dá para acreditar que ele está aqui!”

“Estou tão chateado quanto você”, Tom disse baixinho em francês, “mas vamos manter a calma, porque ele pode estar nos observando lá do

bar.” Tom assumiu uma postura ereta e calma. “Diz ele que está hospedado aqui perto com a mulher, no Grand Hotel não-sei-o-quê. Não acredito muito, não. Mas não há dúvida de que ele vai passar a noite em algum hotel por aí.”

“E ele vem seguir a gente *até aqui!*”

“Minha querida, meu doce, nós podíamos...” Tom parou abruptamente, sentindo-se à beira de um precipício nesse raciocínio. Estava prestes a dizer que ele e Héloïse poderiam mudar-se naquela tarde, mudar de hotel e assim passar uma rasteira em Pritchard, mas não seria tão divertido para Noëlle Hassler, que provavelmente já havia avisado seus amigos que estaria no Hotel El Minzah por alguns dias. E por que ele e Héloïse deveriam se incomodar tanto por causa daquele crápula chamado Pritchard? “Você deixou a chave na portaria?”

Héloïse disse que sim. “A esposa de Prrikard está com ele?”, perguntou, enquanto saíam para a calçada.

Tom nem olhou para ver se Pritchard já tinha saído do bar. “Ele disse que sim, o que provavelmente significa não.” *Esposa!* Mas que relacionamento era aquele, se a esposa já lhe confessara no café em Fontainebleau que o marido era um tirano e um brutamontes! E mesmo assim os dois não se desgrudavam. Era de dar nojo.

“Você está tenso, *chéri.*” Héloïse segurava seu braço, para poderem ficar juntos em meio às pessoas que se acotovelavam andando pela calçada.

“Estou pensando. Desculpe.”

“Pensando no quê?”

“Em nós. Em Belle Ombre. Em tudo.” Deu uma rápida olhada para o rosto de Héloïse, vendo-a jogar o cabelo para trás com a mão esquerda. *Quero que a gente esteja em segurança*, poderia acrescentar, mas não queria perturbar Héloïse ainda mais. “Vamos atravessar a rua.”

Mais uma vez tomaram o boulevard Pasteur, como se as vitrines e as levas de gente fossem um verdadeiro ímã. Viram uma tabuleta vermelha e negra sobre uma porta: Rubi Bar and Grill, em inglês com letras árabes embaixo.

“Vamos dar uma olhada?”, perguntou Tom.

Era um bar e restaurante pequeno, com três ou quatro fregueses que não pareciam turistas, em pé ou sentados.

Tom e Héloïse ficaram em pé ao lado do balcão e pediram um café expresso e um suco de tomate. O garçom trouxe um pratinho de feijão frio e outro de azeitonas pretas e rabanetes, com garfos e guardanapos de papel.

Um homem corpulento, no banquinho atrás de Héloïse, lia um jornal árabe com ar absorto e parecia estar almoçando naqueles pratinhos. Usava uma *djellabah* amarelada que chegava quase até os pés, deixando à mostra os sapatos sociais pretos. Tom o viu enfiar a mão numa abertura lateral da *djellabah* para pegar algo no bolso da calça. As bordas dessa abertura pareciam meio sujas. O homem assoou o nariz e depois enfiou o lenço de volta no bolso, sem tirar os olhos do jornal.

Tom sentiu uma inspiração. Iria comprar uma *djellabah* e, com alguma coragem, usá-la. Informou isso a Héloïse, e ela riu:

“E eu vou fotografar você — na Casbah? Ou na porta do nosso hotel?”

“Ah, em qualquer lugar.” Tom estava pensando como era prática aquela roupa solta, pois pode-se usar por baixo dela um terno, uma bermuda, ou até mesmo um calção de banho.

Estava com sorte: logo na esquina do Rubi Bar and Grill havia uma loja e penduradas na porta muitas *djellababs*, entre xales de cores vivas.

“*Djellabah, s’il vous plaît?*”, pediu Tom ao proprietário. “Não, cor-de-rosa não”, continuou em francês, ao ver a primeira oferta do dono da loja. “E mangas compridas?” Tom indicou o pulso com o dedo.

“Ah! *Si! Ici, m’sieur*” Suas sandálias iam fazendo clap-clap no assoalho de madeira. “*Ici...*”

Um cabideiro de *djellababs*, meio oculto por dois balcões. Não havia lugar nem para se esgueirar atrás do dono da loja, mas Tom apontou para uma *djellabah* verde-clara. Tinha mangas compridas e duas aberturas para se enfiar as mãos nos bolsos. Tom segurou-a junto ao corpo para verificar o comprimento.

Héloïse tossiu um pouco por educação e foi indo para a porta.

“*Bon, c’est fait*”, disse Tom depois de perguntar o preço, que lhe pareceu razoável. “E estas aqui?”

“Ah, *si*.” Seguiu-se um elogio — Tom não conseguia entender todas as palavras, embora o homem falasse francês — sobre a qualidade dos seus canivetes. Para a caça, para *le bureau*, para a cozinha.

Tom escolheu rapidamente: um canivete de cabo de madeira clara, com enfeites de bronze, a lâmina afiada e pontiaguda, côncava no lado cego. Trinta dirrãs. Dobrado, não chegava a quinze centímetros, adequado a qualquer bolso.

“Que tal um passeio de táxi?”, perguntou a Héloïse. “Uma volta rápida, em qualquer direção. Gosta da ideia?”

Héloïse deu uma olhada no relógio. “Tudo bem. Você não vai vestir sua *djellabah*?”

“Vestir? Posso vestir no táxi!” Tom acenou para o dono da loja, que os estava observando. “*Merci, m’sieur!*”

O dono da loja disse alguma coisa que Tom não compreendeu, mas esperava que fosse “Deus vos acompanhe”, qualquer que fosse o Deus.

O chofer de táxi perguntou: “Iate Clube?”

“Vamos deixar esse para almoçar qualquer dia”, disse Héloïse para Tom. “Noëlle quer levar a gente lá.”

Uma gota de suor escorreu pelo rosto de Tom. “Algum lugar bem fresco? Com brisa?”, disse em francês para o chofer.

“La Haffa? Brisa — oceano. Perto. Chá!”

Tom não pescou nada. Mesmo assim, entraram, entregando sua sorte ao chofer. Tom disse bem claramente: “Precisamos estar no Hotel El Minzah daqui a uma hora”, e certificou-se de que o chofer compreendera bem.

Os dois olharam o relógio. Precisavam buscar Noëlle às sete.

Mais uma vez a alta velocidade e a suspensão defeituosa no táxi. Era claro que o chofer estava se dirigindo para algum lugar bem definido. Rumavam para o oeste, pensou Tom, e a cidade começou a desaparecer lá atrás.

“Seu vestido”, disse Héloïse com malícia.

Tom tirou a *djellabah* dobrada no saco plástico, colocou-a em posição e enfiou pela cabeça o tecido verde-claro bem fino. Mais um ou dois movimentos e ela já estava por cima da sua calça; antes de sentar, verificou se não iria rasgá-la. “Pronto!”, disse triunfante para Héloïse.

Ela o examinou com uma centelha de aprovação nos olhos.

Tom verificou os bolsos da calça: acessíveis. O canivete estava no bolso esquerdo.

“La Haffa”, disse o chofer, parando ao lado de um muro de cimento com duas portas, uma delas aberta. O estreito Atlântico, todo azul, ficava logo além, visível por uma abertura no muro.

“O que é isso? Um museu?”, perguntou Tom.

“*Thé-café*”, disse o chofer. “*J’attends? Demie-beure?*”

Melhor dizer que sim, pensou Tom, e respondeu: “O.k., meia hora”.

Héloïse já tinha saído, e de cabeça bem erguida fitava o mar azul. A brisa constante soprava seu cabelo para o lado.

Uma figura de calça negra e camisa branca amarfanhada lhes fez um sinal da porta de uma loja, como um mau espírito, pensou Tom, querendo levá-los para o inferno, ou para a desgraça. Um vira-lata negro e esquelético começou a farejá-los, mas perdeu o entusiasmo e saiu mancando sobre três patas. Qualquer que fosse o problema da sua quarta pata, pelo jeito era muito antigo.

Quase com relutância, Tom seguiu Héloïse pela tosca passagem no muro, tornando um caminho de pedras que ia em direção ao mar. Viu uma espécie de cozinha à esquerda, com um fogão para esquentar água. Largos degraus de pedra, sem corrimão, desciam até o oceano. De ambos os lados Tom viu cubículos sem paredes do lado do mar, com tapetes de palha apoiados em varas fazendo as vezes de teto; no chão outros tapetes de palha, e nenhuma outra mobília. Também não havia nenhum cliente no momento.

“Curioso”, disse Tom a Héloïse. “Quer tomar um chá de menta?”

Héloïse abanou a cabeça: “Agora não. Não gosto daqui”.

Tom também não estava gostando. O garçom não dava sinal de vir servi-los. Era fácil imaginar que aquele lugar seria fascinante à noite, ou ao pôr do sol, com amigos, com um pouco de vida, uma lamparina de óleo no chão. A gente se senta de pernas cruzadas naqueles tapetes de palha, ou se reclina como os antigos gregos. Tom ouviu risadas vindas de um cubículo, onde três homens fumavam alguma coisa, sentados de pernas cruzadas no chão recoberto de tapetes. Tom teve a impressão de

ver xícaras de chá e um prato branco, num ponto da saleta onde a luz do sol caía como pequeninos flocos de ouro.

O táxi estava esperando, o chofer conversando e rindo com o sujeito magro de camisa branca.

Voltaram para o El Minzah. Tom pagou o táxi e entrou no saguão do hotel com Héloïse. Não viu Pritchard em parte alguma. E ficou contente ao notar que sua *djellabah* não despertava a menor atenção.

“Querida, tem uma coisa que eu gostaria de fazer agora, talvez por uma hora. Será que dava para você... você se importaria de ir sozinha até o aeroporto buscar Noëlle?”

“*Non-n*”, disse Héloïse pensativa. “Vamos voltar para cá em seguida, naturalmente. O que você vai fazer?”

Tom sorriu, hesitou. “Nada de importante. Só... dar um tempo sozinho. Então vejo você lá pelas oito? Ou logo depois? Dê lembranças para Noëlle. A gente se vê logo mais!”

TOM SAIU PARA A LUZ DO SOL, ergueu a *djellabah* e puxou seu mapa do bolso traseiro da calça. O Grand Hotel Villa de France, que Pritchard tinha mencionado, ficava realmente a dois passos dali, seguindo pela rue de Hollande. Tom começou a caminhar. Limpou o suor da testa com a parte superior da *djellabah* verde-clara, depois ergueu-a pelos lados e tirou-a pela cabeça, enquanto andava. Pena que não tivesse um saco plástico, mas dobrada a roupa se transformava num quadradinho bem pequeno.

Ninguém olhava para ele, e Tom também não fitava os passantes. A maioria das pessoas, homens e mulheres, levava sacos de compras e não estava passeando.

Tom entrou no saguão do Grand Hotel Villa de France e olhou em volta. Não tão chique como o El Minzah; quatro pessoas sentadas nas cadeiras do saguão, nenhuma delas Pritchard ou a esposa. Tom foi até o balcão e perguntou se podia falar com monsieur David Pritchard.

“Ou madame Pritchard”, acrescentou.

“A quem devo anunciar?”, perguntou o rapaz atrás do balcão.

“Diga apenas que é Thomas.”

“M’sieur Thomas?”

“*Oui.*”

Um telefonema revelou que monsieur Pritchard não estava no momento, embora o rapaz, olhando para trás, notasse que sua chave não estava no quadro.

“Posso falar com a esposa dele?”

Desligando o telefone, o rapaz disse que m’sieur Pritchard estava sozinho.

“Muito obrigado. Por favor, diga que m’sieur Thomas o procurou, sim? Não, obrigado, m’sieur Pritchard sabe onde me encontrar.”

Tom virou-se para a porta e naquele momento viu Pritchard saindo de um elevador, com a máquina fotográfica a tiracolo. Foi andando

calmamente até ele. “Boa tarde, senhor Pritchard!”

“Ora, alô! Bela surpresa.”

“Sim. Pensei em dar uma passada para dizer alô. Você tem uns minutos? Ou tem algum compromisso?”

Os lábios de Pritchard, de um cor-de-rosa forte, abriram-se com surpresa — ou seria prazer? “Sim, por que não?”

Pelo jeito essa era a frase preferida de Pritchard: por que não. Tom assumiu uma maneira afável e foi indo para a porta, mas teve de esperar enquanto Pritchard deixava a chave na portaria.

“Bela câmara”, observou Tom, quando Pritchard voltou. “Acabo de chegar de um lugar ótimo perto daqui, à beira-mar. Bem, tudo aqui é à beira-mar, não é?” Deu uma risada gostosa.

De novo sair do ar-condicionado e mergulhar no sol quente. Tom viu que eram quase seis e meia.

“Você conhece bem Tânger?”, perguntou Tom, pronto para bancar o especialista. “La Haffa? É o tal lugar com vista espetacular. Ou talvez um café?” Fez um gesto circular com o dedo indicando as redondezas.

“Vamos tentar o lugar que você mencionou primeiro. Esse que tem a vista bonita.”

“Quem sabe Janice gostaria de vir também?” Tom estacou na calçada.

“Ela está tirando uma soneca”, disse Pritchard.

Conseguiram um táxi depois de alguns minutos de esforço no bulevar. Tom pediu ao chofer para levá-los a La Haffa.

“Essa brisa não é uma delícia?”, disse Tom, deixando entrar o vento por uma pequena fresta na janela. “Você conhece um pouco de árabe? Ou o dialeto berbere?”

“Muito pouco”, disse Pritchard.

Tom estava preparado para fingir um pouco também. Pritchard usava sapatos brancos trançados, do tipo que Tom não suportava. Engraçado como tudo em Pritchard o irritava, até o relógio, com aquela pulseira dourada elástica, espalhafatosa e cara, e o relógio todo dourado, até mesmo o mostrador, relógio de cafetão, pensou Tom. Preferia infinitamente o seu Patek Philippe bem conservador, com pulseira de couro marrom, parecendo uma antiguidade.

“Olhe! Acho que já chegamos.” Como de costume, na segunda vez em que se vai a um lugar a viagem parece mais curta. Tom pagou, apesar dos

protestos de Pritchard, vinte dirrãs, dispensou o chofer e disse: “É um salão de chá. Chá de menta. Talvez outras coisas também.” Deu uma risadinha. Kif, *cannabis*, tudo aqui se poderia conseguir a pedidos, imaginou.

Entraram pela porta no muro de pedra e desceram a escada, observados por um dos garçons de camisa branca, como Tom percebeu.

“Olhe só esta vista!”, disse Tom.

O sol ainda flutuava sobre o estreito azul. Olhando para o mar seria fácil pensar que não existiam partículas de poeira, porém no chão, à direita e à esquerda, poeira e areia se acumulavam em camadas finas. Viam-se pedaços de tapetes de palha no caminho de pedra, e as plantas pareciam sedentas no solo seco. Um dos cubículos, ou como quer que se chamassem aqueles espaços divididos, estava cheio de gente, com seis homens conversando animadamente, sentados ou reclinados.

“Aqui?”, perguntou Tom, apontando outro cubículo. “Assim a gente pode pedir alguma coisa, se o garçom vier. Chá de menta?”

Pritchard deu de ombros, e girou alguns botões da sua câmara.

“Por que não?”, disse Tom, achando que ia ser mais rápido do que Pritchard, mas este disse a mesma coisa ao mesmo tempo.

Sem nenhuma expressão no rosto, Pritchard levantou a câmara até os olhos e apontou-a para o mar.

O garçom chegou, com uma bandeja vazia na mão. Estava descalço.

“Dois chás de menta, por favor”, pediu Tom em francês.

Uma resposta afirmativa e o rapaz se foi.

Pritchard tirou mais três fotos, devagar, dando as costas para Tom, que estava na sombra do teto baixo. Pritchard virou-se e disse com um sorriso débil: “Tiro uma sua?”.

“Não, obrigado”, respondeu Tom cordialmente.

“Será que a gente tem que ficar sentado?”, perguntou Pritchard, dando mais alguns passos dentro do cubículo pontilhado pela luz do sol.

Tom deu uma risadinha. Não estava a fim de sentar. Tirou a *djellabah* que trazia dobrada debaixo do braço esquerdo e colocou-a com delicadeza no chão. Sua mão esquerda voltou para o bolso da calça, onde passou o polegar sobre o canivete dobrado. Notou que havia também

duas almofadas no chão, sem dúvida para apoiar os cotovelos quando a pessoa se inclinava.

Tom arriscou: “Por que você disse que sua esposa está aqui com você, se ela não está?”.

“Ah...” Apesar do sorriso fraco, o cérebro de Pritchard trabalhava acelerado. “Acho que só de brincadeira.”

“Por quê?”

“Por divertimento.” Pritchard ergueu a câmera e apontou-a para Tom, como se para devolver-lhe a insolência.

Tom fez um gesto violento na direção da câmera, como se fosse jogá-la no chão, embora não a tocasse. “Pare com isso agora mesmo. Não gosto de fotos.”

“Pior ainda, parece que você odeia as câmeras.” Mas Pritchard já tinha abaixado a sua.

Que bom lugar para matar esse filho da puta, pensou Tom, já que ninguém sabia que os dois tinham se encontrado, muito menos *aqui*. Um murro para nocauteá-lo, umas facadas para que sangrasse até morrer, depois arrastá-lo até outro cubículo (ou não), e partir.

“Não é bem isso”, disse Tom. “Tenho duas ou três em casa. E também não gosto que as pessoas tirem fotos da minha casa como se estivessem fazendo um reconhecimento — algo para uso futuro.”

David Pritchard, que segurava a câmera nas mãos, na altura da barriga, deu um sorriso benevolente. “Está preocupado, senhor Ripley.”

“Nada disso.”

“Quem sabe está preocupado com Cynthia Gradnor — e a história de Murchison.”

“De jeito nenhum. Em primeiro lugar, você nunca se encontrou com Cynthia Gradnor. Por que deu a entender que sim? Só para se divertir? E que tipo de divertimento é esse?”

“Você sabe que tipo.” Pritchard estava se aquecendo, mas muito cautelosamente, para a refrega. Era óbvio que preferia a fachada cínica e fria. “O prazer de ver um vigarista esnobe como você se ferrar todo.”

“Ah. Nesse caso boa sorte, senhor Pritchard.” Tom estava se equilibrando nos dois pés, com as mãos nos bolsos da calça, sentindo

uma vontade louca de atacar. Percebeu que estava esperando o chá, e lá vinha o garçom.

O rapaz colocou a bandeja direto no chão, serviu dois copos com uma chaleira de metal e desejou aos cavalheiros que bebessem com prazer.

O chá realmente tinha um cheiro delicioso, fresco, quase encantador, tudo que Pritchard não era. Veio também um pires com galinhos de hortelã. Tom tirou a carteira e insistiu em pagar, apesar dos protestos de Pritchard. Acrescentou também uma gorjeta. “Vamos?”, disse Tom, e abaixou-se para pegar seu chá, tomando o cuidado de continuar de frente para Pritchard. Não ia passar a Pritchard o copo dele. Os copos estavam em armações de metal. Tom colocou um raminho de hortelã dentro do seu.

Pritchard curvou-se e apanhou seu copo. “Ai!”

Talvez tivesse derramado algumas gotas na roupa, Tom não sabia nem se importava. Será que Pritchard, com aquele seu jeito pervertido, estava saboreando este chá da tarde, pensou Tom, apesar de que nada acontecia, exceto o fato de que a relação entre os dois estava se tornando cada vez mais odiosa de ambas as partes? Será que quanto mais odiosa, mais Pritchard gostava? Bem provável. Tom voltou a pensar em Murchison, mas de outra maneira: estranhamente, Pritchard estava agora na posição de Murchison, agindo como alguém que poderia traí-lo, e possivelmente denunciar também os Derwatts falsificados e o Empório Artístico Derwatt, agora de propriedade de Jeff Constant e Ed Banbury. Será que Pritchard pretendia ficar firme, como Murchison? Será que tinha armas, ou só vagas ameaças?

Em pé, Tom bebericava seu chá. Percebeu qual era a semelhança entre os dois homens: a ambos era necessário perguntar se preferiam parar com as investigações ou sumir do mapa. Tinha insistido com Murchison para deixar em paz as falsificações, não mexer com elas. Não tinha ameaçado Murchison. Mas quando ele se revelara inflexível...

“Senhor Pritchard, eu gostaria de lhe pedir uma coisa que talvez lhe seja impossível. Saia da minha vida, pare de xeretar e, por que não?, vá embora de Villeperce. O que você está fazendo lá além de me espionar? Você nem mesmo está estudando no INSEAD.” Tom riu com indiferença, como se as histórias que Pritchard inventava fossem pueris.

“Senhor Ripley, eu tenho o direito de morar onde quiser. Da mesma forma que você.”

“Sim, se você se comportar como todo mundo. Estou pensando em botar a polícia atrás de você, pedir que fiquem de olho em você em Villeperce — onde eu já moro há vários anos.”

“Você, chamar a polícia!” Pritchard tentou dar risada.

“Posso contar a eles que você fotografou minha casa. Tenho três testemunhas, além de mim mesmo, naturalmente.” Tom poderia ter mencionado uma quarta, Janice Pritchard.

Tom colocou no chão seu copo de chá. Pritchard também tinha colocado o seu depois de se queimar, e não o pegara mais.

O sol ia descendo, cada vez mais próximo ao mar azul, à direita de Tom e atrás de Pritchard. No momento Pritchard continuava tentando bancar o frio. Tom lembrou que Pritchard sabia judô, ou pelo menos foi o que ele disse. Quem sabe estava mentindo? De repente Tom perdeu a paciência, explodiu, e com um impulso da perna direita deu um chute na barriga de Pritchard — estilo jiu-jítsu talvez —, mas o chute saiu baixo e atingiu Pritchard na virilha.

Enquanto Pritchard se dobrava em dois, retorcendo-se de dor, Tom acertou-lhe um soco direto no queixo. Pritchard desabou no tapete sobre o chão de pedra com um ruído surdo; parecia totalmente inconsciente e sem forças, mas talvez não estivesse.

Nunca chute um homem caído no chão, pensou Tom, e deu mais um pontapé em Pritchard, forte, no diafragma. Tom estava furioso a ponto de querer sacar seu canivete novo e dar umas facadas, mas talvez houvesse pouco tempo. Mesmo assim, agarrou Pritchard pela gola da camisa e lhe deu outro soco de direita no queixo.

Esta pequena rixa estava decididamente vencida, pensou Tom, enquanto passava a *djellabah* por cima da cabeça. Nenhuma gota de chá derramado. Nem sangue. Um garçom que entrasse poderia pensar, vendo Pritchard deitado sobre o lado esquerdo, de costas para a porta do cubículo, que estava tirando uma soneca.

Tom saiu e subiu sem esforço os degraus de pedra até o nível da cozinha. Fez um sinal ao rapaz de camisa amassada parado lá fora:

“*Un taxi? C’est possible?*”

“*Si — peut-être cinque minutes?*” O rapaz abanou a cabeça, como se nem ele mesmo acreditasse nos cinco minutos.

“*Merci. J’attendrai.*” Tom não via outro meio de transporte; nenhum ônibus, nem ponto de ônibus à vista. Ainda estourando de energia, caminhou devagar pela beira da estrada — não havia calçada — saboreando a brisa que soprava na sua testa úmida. Clap, clap, clap. Caminhou um pouco como um filósofo pensativo, olhou para o relógio — sete e vinte e sete —, virou-se e foi voltando devagar para La Haffa.

Estava pensando, imaginando Pritchard dando queixa dele por assalto e agressão na polícia de Tânger. Dava para imaginar? Tom não conseguia. Dificuldades indizíveis. Pritchard *nunca* faria isso, pensou.

E se um garçom saísse correndo (como faria um garçom na Inglaterra ou na França), dizendo “m’sieur, seu amigo está passando mal!”, Tom afirmaria não saber de nada sobre o incidente. Mas como a hora do chá (e quando não era hora do chá nestas paragens?) era tão à vontade, e o garçom já tinha recebido, Tom duvidava que uma figura excitada disparasse pela porta do muro de La Haffa à sua procura.

Depois de uns dez minutos um táxi se aproximou vindo da direção de Tânger, parou e descarregou três homens. Tom correu para pegá-lo, e ainda teve tempo de dar ao rapaz parado na porta o troco que chacoalhava no bolso.

“Hotel El Minzah, *s’il vous plaît!*”, disse Tom, e acomodou-se para desfrutar do passeio. Tirou seus Gitanes meio amassados e acendeu um.

Estava começando a gostar do Marrocos. O lindo grupo de casinhas brancas na área da Casbah foi se aproximando, e Tom sentiu que o táxi foi engolido pela cidade, tornou-se indistinguível num longo bulevar. Uma curva à esquerda e ali estava o seu hotel. Tom puxou a carteira.

Na calçada, na entrada do El Minzah, segurou calmamente a barra da *djellabah*, puxou-a por cima da cabeça e dobrou-a como antes. Um pequeno corte no dedo médio da mão direita fizera duas manchinhas na *djellabah*. No táxi Tom já tinha reparado, mas agora o corte não estava sangrando. Coisa à toa, comparada com o que poderia ter acontecido, um corte de verdade feito pelos dentes de Pritchard, por exemplo, ou pela fivela do seu cinto.

Tom entrou no saguão de teto alto. Eram quase nove horas. Héloïse com certeza já devia estar de volta do aeroporto com Noëlle.

“A chave não está aqui, m’sieur”, disse o homem no balcão.

Nenhum recado também. “E madame Hassler?”, perguntou Tom.

A chave dela também não estava, de modo que Tom pediu ao recepcionista que telefonasse para o quarto de madame Hassler.

Noëlle respondeu. “Alô, Tómm! Estamos conversando — e eu estou me vestindo.” Ela riu. “Quase acabando. Está gostando de Tânger?” Por algum motivo Noëlle estava falando inglês, e parecia estar de ótimo humor.

“Muito interessante!”, disse Tom. “Fascinante! Estou empolgado mesmo!” Sua própria voz lhe pareceu excitada, entusiasmada demais, talvez. Mas estava pensando em Pritchard caído naquele tapete, provavelmente ainda não descoberto por ninguém. Amanhã Pritchard não ia se sentir tão bem. Tom ouviu Noëlle explicar que ela e Héloïse estariam prontas para encontrá-lo no saguão em menos de meia hora. A seguir passou o telefone para Héloïse.

“Alô, Tómm. Estamos conversando.”

“Eu sei. Encontro você aqui embaixo — daqui a uns vinte minutos?”

“Estou indo agora para o nosso quarto. Quero me refrescar.”

Isso desagradou a Tom, mas não tinha ideia de como impedi-la. Além disso, Héloïse tinha a chave.

Tom tomou o elevador para o seu andar, e chegou na porta do quarto alguns segundos antes de Héloïse, que tinha descido a escada.

“Noëlle parece em plena forma”, disse Tom.

“Ah, sim. Ela adora Tânger! Aliás, ela quer nos convidar para jantar hoje à noite num restaurante à beira-mar.”

Tom estava abrindo a porta. Héloïse entrou.

“Si senola, tá celto”, disse Tom, fazendo seu sotaque chinês, que às vezes divertia Héloïse. Deu uma chupada no dedo cortado. “Possível usar banheilo plimeilo? Tem pouco tempo. Chop-chop.”

“Ah, sim, Tómm, pode ir. Mas se você for usar o chuveiro, eu vou usar a pia.” Héloïse foi até o ar-condicionado, que ficava debaixo das amplas janelas.

Tom abriu a porta do banheiro. Havia duas pias lado a lado, como em muitos hotéis que buscam dar conforto aos hóspedes, pensou Tom, mas

não podia deixar de imaginar um casal escovando os dentes, ou a esposa arrancando as sobrancelhas enquanto o marido coçava a barba, e essa imagem antiestética o deprimia. Pegou no seu estojo de toalete o saco plástico de sabão em pó que ele e Héloïse sempre levavam em viagens. Mas primeiro água fria, lembrou-se. Havia um mínimo de sangue, mas Tom queria tirar tudo. Esfregou as duas manchinhas, que agora pareciam mais claras, e deixou escorrer água. Uma segunda lavagem, agora com água morna e um sabão que não faz espuma, mas é eficiente.

Entrou no quarto enorme — duas camas enormes, nada menos, juntas lado a lado — e pegou um cabide de plástico no armário da frente.

“O que você fez hoje à tarde?”, perguntou Héloïse. “Comprou alguma coisa?”

“Não, querida.” Tom sorriu. “Dei umas voltas — e tomei chá.”

“Chá? Onde?”

“Ah, num barzinho, igual a todos os outros. Só quis dar um tempo vendo as pessoas passarem.” Tom voltou ao banheiro e pendurou sua *djellabah* atrás da cortina do chuveiro, para que pingasse dentro da banheira. Tirou então a roupa, pendurou-a num toalheiro e tomou um rápido banho frio. Héloïse entrou e usou a pia. Descalço e de roupão, Tom foi procurar uma muda limpa de roupa de baixo.

Héloïse tinha trocado de roupa e agora estava de calça branca e blusa listada de verde e branco.

Tom vestiu uma calça de algodão preto. “Noëlle está gostando do quarto dela?”

“Você já lavou sua *djellabah*?”, perguntou Héloïse lá do banheiro, onde estava se maquiando.

“Toda empoeirada!”, Tom respondeu.

“O que são essas manchas? Gordura?”

Será que ela tinha visto outras manchas que ele não notara? Naquele momento Tom escutou a voz chorosa, bem aguda, do chamado para as orações, vinda de uma torre próxima. Podia ser tomada como um alerta, pensou, uma advertência de que o pior estava por vir, se ele quisesse considerá-la assim, coisa que não queria. Gordura? Será que dava para sair dessa?

“Tómm, isso parece sangue”, disse ela em francês.

Ele se aproximou, abotoando a camisa. “Mas não é muito, meu doce. É que eu fiz um cortezinho no dedo. Bati em alguma coisa.” Isso era verdade. Estendeu a mão direita com a palma para baixo. “É minúsculo. Mas eu queria tirar as manchas.”

“Ah, são muito fraquinhas”, disse ela solenemente. “Mas de que jeito você fez isso?”

Tom já tinha percebido no táxi que teria de explicar algumas coisas para Héloïse, pois ia sugerir que mudassem de hotel amanhã ao meio-dia, aliás, antes ainda do meio-dia. Estava até um pouco preocupado com a perspectiva de passar a noite ali. “Bem, minha querida...” Tom procurou as palavras.

“Você viu aquele...”

“Pritchard”, Tom completou. “Sim. Tivemos uma briguinha. Uma troca de sopapos em frente a uma casa de chá, um café. Ele me chateou tanto que eu acabei batendo nele. Acertei-lhe um soco. Mas não machucou muito.” Héloïse continuava esperando mais, como tantas vezes já tinha feito no passado. Raramente estava junto com ele quando algo assim acontecia, e Tom não estava acostumado a compartilhar informações com ela — ou, pelo menos, não mais que o necessário.

“Bem, Tomm, você se encontrou com ele em algum lugar?”

“Ele está num hotel aqui perto. E a mulher dele não está junto, apesar de ele ter dito que sim, quando eu o vi no bar lá embaixo. Imagino que ela está em Villeperce. Só gostaria de saber o que ela está aprontando.” Tom estava pensando em Belle Ombre. Sentia que uma espiã podia ser mais sorrateira do que um espião. Sem dúvida seria muito menos questionada por outras pessoas.

“Mas o que acontece com esses Prri-chard?”

“Querida, já falei para você que eles são birutas. Malucos! *Fous!* Mas isso não precisa estragar suas férias. Você tem Noëlle. Esse canalha quer chatear *a mim*, não a você, disso eu tenho certeza.” Tom umedeceu os lábios, e sentou-se na cama para calçar os sapatos. Queria voltar a Belle Ombre para dar uma checada nas coisas, e depois ir a Londres. Amarrou os sapatos depressa.

“Onde foi a briga? Por quê?”

Ele abanou a cabeça, sem palavras.

“Seu dedo ainda está sangrando?”

Tom olhou para o dedo. “Não.”

Héloïse foi até o banheiro e voltou com um band-aid, pronta para colocá-lo.

Num segundo o pequeno curativo estava no lugar e Tom sentiu-se melhor — pelo menos não estaria deixando um rastro, uma levíssima marquinha cor-de-rosa em algum lugar.

“Em que você está pensando?”, ela perguntou.

Tom olhou para o relógio. “Nós não temos que encontrar Noëlle lá embaixo?”

“Sim”, respondeu Héloïse calmamente.

Tom guardou a carteira no bolso do paletó. “Eu levei a melhor na briga de hoje.” Tom imaginou Pritchard “descansando” hoje à noite, quando voltasse ao seu hotel, mas o que iria fazer amanhã era imprevisível. “Mas acho que o tal senhor Pri-Pritchard vai querer revanche. Talvez amanhã. É melhor você e Noëlle mudarem de hotel. Não quero que aconteça nada de desagradável com vocês duas.”

As sobancelhas de Héloïse tremeram de leve. “Revanche como? E você quer ficar aqui?”

“Isso é o que ainda não sei. Vamos descer, querida.”

Tinham feito Noëlle esperar cinco minutos, mas ela estava de bom humor. Parecia que tinha voltado a um lugar de que gostava, depois de uma longa ausência. Quando se aproximaram, estava batendo papo com o barman.

“*Bon soir, Tómm!*”, disse ela, e continuou em francês. “O que posso oferecer de aperitivo? Hoje a noite é minha.” Noëlle sacudiu a cabeça e seu cabelo liso agitou-se como uma cortina. Seus brincos eram grandes argolas de ouro; estava de calça preta e uma jaqueta preta bordada. “Vocês dois estão bem agasalhados para a noite? Sim”, disse Noëlle, conferindo, como uma mãe, se Héloïse estava levando um suéter na mão.

Tom e Héloïse já tinham sido avisados: as noites em Tânger eram decididamente mais frias do que os dias.

Dois Bloody Marys, um gim com tônica para o cavalheiro.

Héloïse puxou o assunto. “Tom acha que talvez tenha que sair do hotel amanhã — talvez *nós* precisemos sair. Noëlle, você se lembra daquele homem que estava fotografando a nossa casa?”

Tom ficou satisfeito ao ver que Héloïse não tinha mencionado Pritchard enquanto estava sozinha com sua amiga.

Noëlle se lembrava: “Ele está por aqui?”, exclamou, espantadíssima.

“E continua dando trabalho! Mostre a mão, Tómm!”

Tom deu risada. *Melhor mostrar a mão do Pritchard.* “Você vai ter que aceitar minha palavra”, disse solene, mostrando seu band-aid.

“Uma briga de socos!”, disse Héloïse.

Noëlle olhou para Tom. “Mas por que ele está zangado com você?”

“Este é o problema. Ele é uma espécie de espião — e disposto a comprar uma passagem de avião, coisa que a maioria não faz, só para chegar mais perto. Estranho.”

Héloïse disse a Noëlle que Pritchard estava em Tânger sem a esposa, hospedado num hotel próximo, e como talvez pudesse tentar algum golpe estranho, seria melhor se os três saíssem do El Minzah, pois Pritchard sabia que Tom e Héloïse estavam ali.

“Tem outros hotéis na cidade”, disse Tom desnecessariamente, tentando parecer mais tranquilo do que realmente se sentia. Percebeu que estava contente por Noëlle e Héloïse saberem da sua enrascada, da sua tensão atual, embora Noëlle não soubesse nada sobre o misterioso desaparecimento de Murchison nem sobre o negócio dos Derwatts. *Negócio.* Palavra com dois significados, pensou, terminando seu drinque: empreendimento, coisa que de fato era, e falsidade, que no momento metade dos Derwatts também era. Com dificuldade Tom voltou a focalizar sua atenção nas mulheres. Estava em pé, como Héloïse; apenas Noëlle se encarapitava num banquinho.

As duas estavam conversando sobre a compra de joias no Grand Socco, ambas falando ao mesmo tempo, embora sem dúvida conseguissem, como sempre, ser perfeitamente claras uma com a outra.

Entrou um homem com rosas vermelhas, um vendedor de rua, a julgar por sua roupa. Noëlle fez um gesto para dispensá-lo, ainda absorta na conversa com Héloïse. O barman levou o homem até a porta.

Jantar no Nautilus Plage. Noëlle tinha feito a reserva. Era um restaurante com terraço à beira-mar, movimentado mas bastante elegante, com muito espaço entre as mesas. Lia-se o menu à luz de velas. A especialidade da casa era peixe. Só aos poucos foram voltando ao assunto de amanhã, a questão do próximo hotel. Noëlle tinha certeza de que conseguiria livrá-los facilmente da obrigação não escrita de permanecer cinco dias no El Minzah. Ela conhecia o pessoal de lá: o hotel estava lotado, e ela diria apenas que desejava evitar alguém que estava para chegar.

“O que é verdade, não é?”, perguntou ela sorrindo, erguendo as sobrancelhas para Tom.

“Totalmente”, disse Tom. Noëlle parecia ter esquecido seu último amante, pensou Tom, o tal que a deixara tão deprimida.

TOM LEVANTOU CEDO NO DIA SEGUINTE, e o fato de despertar Héloïse acidentalmente antes das oito não pareceu incomodá-la.

“Vou tomar um café lá embaixo, querida. A que horas Noëlle disse que queria sair do hotel — às dez?”

“É, lá pelas dez”, disse Héloïse ainda de olhos fechados. “Deixe que eu faço as malas, Tómm. Aonde você vai?”

Héloïse sabia que ele estava indo a algum lugar. Tom, porém, não sabia exatamente aonde estava indo. “Fazer a ronda. Quer que eu peça um café da manhã completo para você? Com suco de laranja?”

“Eu peço, quando sentir vontade.” Héloïse se aninhou no travesseiro.

Essa sim era uma boa esposa, tranquila, pensou Tom, abrindo a porta e soprando um beijo para ela. “Volto daqui a uma hora.”

“Por que você está levando a *djellabah*?”

Tom estava com ela de novo na mão, dobrada. “Não sei. Para comprar um chapéu combinando — que tal?”

No saguão Tom voltou a falar com o pessoal da recepção, lembrando-os de que ele e sua esposa iriam embora naquela manhã. Noëlle já os havia avisado ontem à noite, bem tarde, perto da meia-noite, mas Tom achou que seria mais educado avisar de novo, pois a equipe tinha mudado. Foi então ao banheiro masculino, onde um americano de meia-idade estava fazendo a barba na pia — ou pelo menos parecia americano. Tom sacudiu sua *djellabah* e a vestiu.

O americano ficou olhando pelo espelho. “Escute, vocês não tropeçam nesses negócios?” Com o barbeador elétrico na mão, o americano deu uma risadinha, parecendo não ter certeza se Tom o tinha compreendido.

“Ah, claro”, respondeu Tom. “Daí a gente faz uma piada de mau gosto, como... tenha uma viagem sem tropeços!”

“Ha-ha-ha!”

Tom acenou com a mão e saiu.

Mais uma vez desceu a suave ladeira do boulevard Pasteur, onde os comerciantes armavam suas bancas na calçada, ou já estavam a postos. O que usavam os homens na cabeça? A maioria não usava nada, percebeu Tom olhando em volta. Alguns tinham uma espécie de pano branco, parecendo uma toalha quente de barbeiro mais do que um turbante. Por fim Tom comprou um chapéu de palha de aba larga, amarelado, por vinte dirrãs.

De chapéu novo, foi andando rumo ao Grand Hotel Villa de France. No caminho parou no Café de Paris para tomar um expresso e comer algo que se assemelhava a um *croissant*. Depois seguiu em frente.

Demorou-se uns dois minutos na porta do Villa de France, na esperança de que Pritchard aparecesse; neste caso abaixaria a aba do chapéu e continuaria olhando em frente. Mas Pritchard não apareceu.

Tom entrou no saguão, olhou em torno e foi até a recepção. Afastou o chapéu para trás, como um turista que vem chegando do sol, e disse em francês: “Bom dia. Posso falar com m’sieur David Pritchard, por favor?”.

“Prritchárd...”, o funcionário procurou no livro, e discou num telefone numa mesinha à esquerda.

Tom viu o funcionário fazendo que sim e franzindo a testa. Voltando até Tom disse: “*Je suis désolé*, m’sieur, mas m’sieur Prritchárd não quer ser incomodado”.

“Diga a ele que é Tom Ripley, por favor”, disse Tom com insistência. “Tenho certeza... é *muito importante*.”

O funcionário tentou de novo. “É m’sieur Ripley, m’sieur. Ele está dizendo que...”

O funcionário deve ter sido interrompido por Pritchard, e depois de um momento veio dizer a Tom que m’sieur Prritchárd não queria falar com ninguém.

Primeiro e segundo *rounds*, vitória de Tom, pensou ele, enquanto agradecia e saía. Será que Pritchard estava com o queixo quebrado? Um dente solto? Pena que não fosse muito pior.

Agora voltar ao El Minzah. Tinha que trocar mais dinheiro para Héloïse na hora de pagar e sair. Que pena não ter conhecido melhor Tânger! Mas — aqui o ânimo de Tom melhorou, e portanto sua autoconfiança — quem sabe poderia conseguir um avião para Paris no

fim da tarde. Tinha que telefonar para madame Annette, pensou. Mas primeiro ligar para o aeroporto. Air France, se possível. Sua intenção era atrair Pritchard de volta para Villeperce.

Comprou um buquê bem amarrado de jasmims de um vendedor de rua. Tinha um perfume interessante e autêntico.

De volta ao quarto, encontrou Héloïse já vestida e fazendo as malas dos dois.

“Chapéu novo! Ponha, quero ver você com ele.”

Inconscientemente Tom tinha tirado o chapéu ao entrar no hotel, e agora o recolocou na cabeça. “Você não acha que fica muito parecido com o México?”

“Não, *chéri*, não com esse seu vestido”, disse Héloïse, examinando-o com toda seriedade.

“O que há de novo com Noëlle?”

“Primeiro vamos para o Hotel Rembrandt. Depois, Noëlle está com planos de ir de táxi até Cap Spartel. Diz ela que a gente tem que visitar esse lugar. Quem sabe almoçar lá. Tomar um lanche. Não um almoço pesado.”

Tom se lembrava de Cap Spartel no mapa, um cabo ou promontório a oeste de Tânger. “Quanto tempo até lá?”

“Noëlle disse que são menos de quarenta e cinco minutos. Disse que tem *camelos*, imagine, e uma vista maravilhosa. Tómm...” Os olhos de Héloïse de repente se entristeceram.

Tom viu que ela pressentia que ele poderia estar de partida, e hoje mesmo. “Eu... bem, tenho que telefonar para as companhias aéreas, meu doce. Estou pensando em Belle Ombre!”, acrescentou, como um cavaleiro antes da partida. “Mas vou tentar tomar um avião só no fim da tarde. Também gostaria de conhecer Cap Spartel.”

“Você...” Héloïse colocou uma blusa dobrada na mala. “Você viu Prrichô hoje de manhã?”

Tom sorriu. Héloïse fazia variações infinitas sobre aquele nome. Pensou em dizer que o (adjetivo-impúblicável) estava no hotel mas não quis vê-lo, mas por fim disse: “Não. Só dei uma volta, comprei um chapéu, tomei um café”. Gostava de resguardar certas coisinhas de Héloïse, coisinhas que só serviriam para perturbá-la.

Às quinze para o meio-dia Noëlle, Héloïse e Tom estavam num táxi rumando para oeste, em direção a Cap Spartel, atravessando uma região vazia e árida. Tom tinha telefonado do saguão do Rembrandt, e com a ajuda e a influência do gerente do hotel conseguiu uma reserva num avião da Air France que partia de Tânger às cinco e quinze da tarde para Roissy. O gerente tinha lhe garantido que a passagem estaria à sua espera no aeroporto de Tânger. Assim, Tom podia voltar sua atenção para a paisagem, ou assim pensava. Não havia tempo para telefonar para madame Annette, mas sua aparição inesperada não iria aterrorizá-la, e ele tinha no bolso a chave da casa.

“*Agorra*, este lugar foi muito importante — *semprrre*”, disse Noëlle em inglês, começando uma preleção sobre Cap Spartel, depois que Tom a custo conseguiu pagar o táxi, apesar dos protestos dela. “Os romanos estiveram aqui — todo mundo esteve aqui”, disse ela, abrindo os braços.

Trazia sua bolsa de couro a tiracolo, e usava uma calça de algodão amarela e uma jaqueta aberta sobre a camisa. A brisa constante soprava na roupa e no cabelo dos três, vinda invariavelmente do oeste, ou assim parecia a Tom. Era uma brisa que enfunava as camisas e calças dos homens como balões, e ao mesmo tempo era suave. Em matéria de construções, a única coisa que se via na área eram dois bares. Cap Spartel, encarapitado numa elevação, ficava a cavaleiro do estreito, com uma vista esplêndida, pois o Atlântico se estendia para o oeste em toda a sua amplitude.

A alguns metros dali, dois ou três camelos com seu sorriso tolo e afetado os observavam, confortavelmente instalados na areia com as patas dobradas debaixo do corpo. Um homem de camisolão branco e turbante ficava por perto dos animais, sem nunca olhar para eles. Com a mão em concha, comia algo que parecia amendoim.

“Que tal uma volta de camelo agora? Ou é melhor depois do almoço?”, perguntou Noëlle. “Olhem lá, estão vendo? Eu quase esqueci!” Apontou para a praia que fazia uma curva magnífica do lado oeste, e Tom viu ruínas de adobe, paredes baixas, decerto remanescentes de corredores e salas. “Aqui os romanos fabricavam óleo de peixe e mandavam para Roma. Antigamente os romanos eram donos de *tudo isso*.”

Neste momento Tom estava olhando para a encosta de uma colina, onde um homem desmontou de uma moto e logo assumiu a postura da prece, traseiro levantado, testa no chão, sem dúvida voltado para Meca.

Ambos os cafés tinham mesas dentro e fora, um deles com um longo terraço dando para o mar. Escolheram este e sentaram-se numa mesinha branca de metal.

“Que céu lindo!”, disse Tom. Era mesmo impressionante, algo para se guardar na memória, uma imensa cúpula azul sem uma nuvem, sem nem sequer um avião ou pássaro naquele momento, apenas o silêncio e a sensação de que o tempo não existia. Afinal, pensou ele, será que os camelos tinham mudado nestes milhares de anos, desde a longínqua era em que seus passageiros não tinham máquinas fotográficas?

Escolheram para almoço apenas aperitivos, refeição predileta de Héloïse. Suco de tomate, água Perrier, azeitonas, rabanetes, iscas de peixe frito. Debaixo da mesa, Tom olhou o relógio. Quase duas da tarde.

As mulheres conversavam sobre passeios de camelo. O rosto pequeno de Noëlle, com seu narizinho estreito, já estava queimado de sol. Ou seria uma maquiagem de proteção? E por quanto tempo ainda Noëlle e Héloïse ficariam em Tânger?

“Quem sabe mais uns três dias?”, perguntou Noëlle, olhando para Héloïse. “Tenho alguns amigos aqui. Tem também o Golf Club, ótimo para almoçar. Hoje de manhã só consegui entrar em contato com uma amiga.”

“Você vai dar notícias, Tómm?”, perguntou Héloïse. “Anotou o telefone do Rembrandt?”

“Claro, querida.”

“Que absurdo”, disse Noëlle com veemência, “que um sujeito monstruoso como esse Prrichárd consiga estragar as férias da gente!”.

“Ah...” Tom deu de ombros. “Ele não estragou. E eu tenho uns assuntos pra tratar lá em casa. E em outros lugares também.” Tom não sentiu que estava sendo evasivo, embora estivesse. Noëlle não se interessava nem um pouco pelos detalhes das suas atividades, ou em saber como ele ganhava a vida. Lembrou-se vagamente de que ela vivia de uma renda da família, mais alguma coisa deixada por um ex-marido.

Terminado o lanche, foram andando devagar até os camelos, mas primeiro fizeram carinhos no “burrinho bebê”, atração anunciada em

inglês pelo proprietário, um homem de sandálias encarregado da mamãe burra. O burrinho bebê, com suas orelhas felpudas, não saía de perto da mamãe burra.

“Retrato? Foto?”, perguntou o proprietário dos animais. “Burrinho bebê!”

Noëlle tinha uma máquina fotográfica em sua espaçosa bolsa. Tirou-a e deu ao homem uma nota de dez dirrãs. “Ponha a mão na cabeça do burrinho”, disse para Héloïse. *Clic!* Héloïse deu um largo sorriso. “Agora você, Tómm!”

“Não.” Ou talvez sim. Tom deu um passo em direção ao burrinho bebê, mas abanou a cabeça: “Não, deixe que eu tiro uma foto de vocês duas”.

Tirou, e depois deixou as mulheres conversando em francês com o guia dos camelos. Tinha de tomar um táxi de volta a Tânger para pegar sua bagagem — que poderia ter trazido, mas queria voltar até o Rembrandt para ver se Pritchard já tinha descoberto que eles estavam ali. No El Minzah havia avisado à recepção que os três estavam seguindo para Casablanca.

Alguns minutos antes tinha pedido ao garçom do café para telefonar chamando um táxi, e agora precisava esperar. Entrementes, ficou andando no terraço para lá e para cá, obrigando-se a caminhar devagar.

Chegou finalmente o táxi que ele havia pedido, ou um táxi qualquer trazendo algumas pessoas até ali. Tom entrou e disse: “Para o Hotel Rembrandt, boulevard Pasteur, *s’il vous plaît*”.

Saíram em disparada.

Tom não se voltou para olhar os camelos, não desejando ver Héloïse sacudindo de um lado para o outro enquanto o camelo se levantava. Não queria nem pensar na ideia de ter que olhar de lá de cima, do lombo de um camelo, até a areia lá embaixo, apesar de que Héloïse devia estar dando um largo sorriso e olhando para todas as direções enquanto passeava. Depois iria desmontar no chão sem nenhum osso quebrado. Tom fechou a janela, deixando só uma fresta, pois a velocidade do táxi fazia entrar um vento forte.

Será que ele já tinha andado de camelo? Tom não tinha certeza, embora o desprazer de ser erguido assim para o alto parecesse tão real,

tão dentro da sua memória, que ele sentia que isso tinha acontecido. Ele odiaria essa sensação. Seria como estar numa piscina, num trampolim cinco ou seis metros acima da água, e olhar para baixo. *Pule!* Mas por que deveria pular? Será que alguma vez alguém o tinha mandado pular? Num acampamento de férias, talvez? Tom não tinha certeza. Às vezes sua imaginação era tão clara quanto uma experiência lembrada. E algumas experiências lembradas iam se esvanecendo, supunha ele, tais como a de matar Dickie Greenleaf e Murchison, ou até mesmo os dois gordos mafiosos, em torno de cujas gargantas ele apertara um garrote. Essas duas criaturas que alegavam ser humanas, como diria Doonesbury, não significavam nada para ele, exceto pelo fato de que tinha um ódio especial à Máfia. Será que realmente matara esses dois num trem? Estaria seu inconsciente protegendo seu consciente, dando-lhe a impressão de que ele talvez *não* os tivesse matado? Ou que a coisa não fora bem assim? Mas, naturalmente, havia lido nos jornais sobre os dois cadáveres. Ou será que tinha lido mesmo? É claro que não iria recortar a notícia para guardar em casa! Tom percebeu que havia de fato um anteparo entre o fato e a lembrança, embora não pudesse lhe dar um nome preciso. Mas podia sim, pensou alguns segundos depois; o nome desse anteparo era autopreservação.

Mais uma vez as ruas poeirentas, movimentadas, populosas, e as construções de quatro andares de Tânger que iam tomando forma de todos os lados. Tom avistou a torre de tijolos vermelhos de San Francisco, parecendo um pouco a da praça São Marcos, em Veneza, apesar de seus desenhos árabes sobre tijolo branco. Tom inclinou-se para a frente e disse em francês: “já estamos bem perto”, pois o chofer continuava em alta velocidade.

Por fim, uma guinada à esquerda no boulevard Pasteur e Tom já estava na calçada, pagando o chofer.

Tinha deixado sua bagagem aos cuidados do porteiro no saguão do hotel. “Algum recado para Ripley?”

Não havia nada.

Ficou satisfeito com isso. Tinha apenas uma mala pequena e uma maleta de executivo. “Agora vou precisar de um táxi”, disse ao recepcionista. “Para o aeroporto, por favor.”

“Sim, senhor.” O homem levantou um dedo e disse alguma coisa para um mensageiro.

“Não veio ninguém perguntar por mim? Nem mesmo alguém que não deixou recado?”

“*Non, m’sieur*. Creio que não”, disse o funcionário, com ar sério.

Tom entrou no táxi, que já tinha chegado. “*L’aéroport, s’il vous plaît.*”

O táxi rumou para o sul. Assim que deixaram a cidade, Tom reclinou-se no assento e acendeu um cigarro. Quanto tempo Héloïse ainda ficaria no Marrocos? Será que Noëlle iria convencê-la a seguir viagem para algum outro lugar? Para o Egito, talvez? Tom não imaginava as duas no Egito, mas podia imaginar muito bem que Noëlle quisesse ficar mais tempo no Marrocos. Isso convinha perfeitamente a Tom, pois pressentia algum perigo pela frente, talvez violência, e o lugar de risco era Belle Ombre. Precisava tentar afastar os odiosos Pritchard de Villeperce, pensou, pois como forasteiro — pior, americano — não queria causar problemas nem distúrbios naquela tranquila cidadezinha. Já trouxera o bastante, na verdade, mas até o momento conseguira manter tudo bem quieto e encoberto.

No avião da Air France a atmosfera era francesa, e Tom, com uma passagem de primeira classe, aceitou uma taça de champanhe (que não era sua bebida favorita) enquanto via o litoral de Tânger e da África afastar-se para longe. Se há um litoral cujo contorno pode ser chamado de “único”, palavra tão popular, usada e abusada nos folhetos de viagens, é o litoral de Tânger com suas duas pontas. Tom queria voltar ali algum dia. Pegou seu garfo e faca para jantar, no momento mesmo em que as terras da Espanha também desapareciam e davam lugar à costureira brancura de ostra e à mesmice opaca da janela que é o destino dos passageiros de avião. Havia um exemplar novo (bem, novo para Tom) do *Le Point* à sua espera, e sua intenção era dar uma lida depois do jantar e então tirar uma boa e decidida soneca até a hora do pouso.

Pensou em telefonar para Agnès Grais e perguntar como estavam as coisas, e assim fez ao chegar a Roissy, depois de pegar sua mala. Agnès estava em casa.

“Estou em Roissy”, disse Tom em francês, respondendo a pergunta dela. “Resolvi voltar mais cedo... Sim, Héloïse continuou lá com a amiga

dela, Noëlle. E aí, nada de novo no front? Tudo bem por aqui?”

“Que eu saiba, sim. Você vai voltar para casa de trem? Deixe que eu apanho você em Fontainebleau. Muito tarde? Ora, não importa! Mas claro, Tómm!”

Agnès consultou o horário dos trens. Iria buscá-lo logo depois da meia-noite. Garantiu a Tom que seria um prazer, um divertimento.

“Escute, Agnès, mais uma coisa. Você poderia ligar agora para madame Annette e avisar que eu vou voltar para casa sozinho hoje à noite? Assim ela não vai se assustar quando eu abrir a porta com a minha chave.”

Agnès disse que sim.

Com isso Tom sentiu-se muito melhor. Às vezes fazia favores semelhantes para os Grais e seus filhos. Era parte da vida no interior, parte da satisfação de morar numa cidade pequena: ajudar os vizinhos. A outra parte, naturalmente, era a trabalhadeira de ir de lá para qualquer lugar, ou voltar, como agora. Tomou um táxi até a gare de Lyon e de lá um trem, onde comprou a passagem do cobrador, achando melhor pagar uma pequena multa do que ter que lidar com as maquinas na estação. Podia pegar um táxi até em casa, mas não gostava da ideia de deixar um chofer ir até os portões de Belle Ombre. Era como deixar um inimigo em potencial saber exatamente onde a gente mora. Tom reconheceu esse medo dentro de si, e perguntou-se se estava ficando paranoico. Porém, se o chofer de táxi se revelasse realmente um inimigo, seria tarde demais para perguntas retóricas.

Chegou em Fontainebleau e ali estava Agnès, sorridente e bem-humorada como sempre, e Tom respondeu às suas perguntas sobre Tânger enquanto iam de carro até Villeperce. Não mencionou os Pritchard, e estava esperando que Agnès dissesse alguma coisa, qualquer coisa, sobre Janice, que morava a apenas uns duzentos metros de distância da casa dela, mas Agnès não disse nada.

“Madame Annette disse que vai esperar você. Puxa, Tómm, essa madame Annette...”

Agnès não conseguia encontrar palavras para louvar a dedicação da governanta, e de fato madame Annette já tinha até aberto os portões.

“Quer dizer que você não tem certeza de quando Héloïse volta?”, perguntou Agnès, parando o carro na frente de Belle Ombre.

“Não. Depende dela. Ela bem que está precisando de umas feriazinhas.” Tom apanhou sua bagagem no porta-malas e deu boa-noite a Agnès, com seus agradecimentos.

Madame Annette abriu a porta da frente. “*Soyez le bienvenu, m’sieur Tómm!*”

“*Merci*, madame Annette! Estou feliz de estar de volta.” Estava mesmo feliz de sentir de novo o perfume leve e familiar de rosas e de lustramóveis, de ouvir madame Annette perguntar se estava com fome. Tom lhe garantiu que não, e que queria apenas ir dormir. Mas primeiro, a correspondência?

“*Ici, m’sieur Tómm. Comme toujours.*”

Estava na mesa do hall, uma pilha não muito grande.

“E madame Héloïse está bem?”, perguntou madame Annette ansiosamente.

“Está, sim. Está com madame Noëlle, amiga dela, a senhora se lembra.”

“Esses países tropicais...”, madame Annette abanou a cabeça. “A gente tem que tomar muito cuidado.”

Tom riu: “Hoje mesmo madame estava andando de camelo”.

“Uuu-lá!”

Infelizmente era um pouco tarde para telefonar para Jeff Constant ou Ed Banbury sem faltar com as boas maneiras, mas Tom ligou assim mesmo. Primeiro Ed. Já devia ser quase meia-noite em Londres.

Ed atendeu, meio sonolento.

“Ed, desculpe ligar tão tarde. Mas é importante.” Tom umedeceu os lábios. “Acho que é melhor eu ir até Londres.”

“Ah, é? O que está acontecendo?” Ed já estava bem acordado.

“Ansiedade”, disse Tom com um suspiro. “É melhor eu conversar... com algumas pessoas daí, sabe? Será que dá para eu ficar na sua casa? Ou na casa de Jeff? Uma ou duas noites?”

“É bem possível que sim, tanto na minha casa como na dele”, disse Ed, com sua voz tensa e clara parecendo agora bem normal. “Jeff tem uma cama sobrando e eu também.”

“Pelo menos na primeira noite, até eu ver como vão as coisas. Obrigado, Ed. Alguma novidade de Cynthia?”

“Não.”

“Nenhuma dica, nenhum boato?”

“Não, Tom. Você já voltou para a França? Eu achei que você...”

“David Pritchard apareceu em Tânger, acredite se quiser. Seguiu a gente até lá.”

“*O quê?*” Ed parecia genuinamente surpreso.

“Olhe, Ed, as intenções dele não me cheiram nada bem, e ele está levando a coisa a sério mesmo. A mulher dele ficou em casa — aqui na minha cidade. Dou os detalhes para você em Londres. Ligo de novo amanhã, depois que eu comprar minha passagem. Qual seria uma boa hora para pegar você em casa?”

“Amanhã de manhã, antes das dez e meia, hora de Londres. Onde está Pritchard agora?”

“Em Tânger, que eu saiba. Pelo menos no momento. Ligo amanhã de manhã, Ed.”

TOM DORMIU BEM, e antes das oito já estava em pé. Desceu para dar uma olhada no jardim. A forsítia com que vinha se preocupando fora regada, ou pelo menos parecia estar bem, e Henri tinha estado lá, como Tom percebeu vendo algumas rosas cortadas no monte de adubo junto à estufa. Em dois dias era impossível que tivesse acontecido um desastre, a menos que houvesse uma chuva de granizo.

“M’sieur Tómm! *Bonjour!*” Madame Annette estava na porta envidraçada da varanda.

Sem dúvida seu café já devia estar pronto. Tom voltou depressa para casa.

“Eu não estava esperando que o senhor acordasse tão cedo, m’sieur”, disse madame Annette após lhe servir a primeira xícara.

Sua bandeja estava na sala, com a cafeteira.

“Nem eu.” Tom sentou-se no sofá. “Agora a senhora precisa me contar as novidades. Sente-se, madame.”

Era um pedido fora do comum. “Mas eu ainda não saí para comprar pão!”

“Compre do homem que passa buzinando na caminhonete!” Tom sorriu. Uma caminhonete com pão ia buzinando pela rua, e as mulheres saíam na rua de penhoar para comprar seus filões. Tom já havia visto essa cena.

“Mas ele não para aqui, porque...”

“A senhora tem razão, madame. Mas ainda vai sobrar pão na padaria hoje de manhã, se a senhora conversar comigo dois minutos.” Ela preferia andar até o centrinho para comprar pão, pois encontrava gente conhecida na padaria e trocava fofocas. “E então? Tudo tranquilo por aqui?” Tom sabia que esta pergunta faria madame Annette espremer os miolos procurando algo fora do comum.

“M’sieur Henri esteve aqui uma vez. Não ficou muito tempo, menos de uma hora.”

“Ninguém mais tirou fotografias de Belle Ombre?”, Tom perguntou com um sorriso.

Madame Annette sacudiu a cabeça. Estava com as mãos cruzadas no colo. “Não, m’sieur. Mas... minha amiga Yvonne me contou que madame... Pichard? A esposa...”

“Pitchard, algo assim.”

“Pois é, ela chora quando faz compras. Lágrimas, mesmo! Dá para imaginar?”

“Não”, disse Tom. “Lágrimas!”

“O marido dela não está aqui. Foi embora.” Madame Annette disse isso como se ele tivesse abandonado a mulher.

“Quem sabe está viajando a negócios. Madame Pritchard já fez amigos na cidade?”

Hesitação. “Acho que não. Ela parece triste, m’sieur. Posso preparar um ovo quente para o senhor quando voltar da padaria?”

Tom aceitou a ideia. Estava com fome, mas ninguém impediria madame Annette de ir à padaria.

A caminho da cozinha ela se virou: “Ah, o senhor Clegg telefonou. Acho que foi ontem”.

“Obrigado. Algum recado?”

“Não. Só mandou lembranças.”

Quer dizer que madame Pritchard andava chorando. Mais um show dramático, Tom imaginou, e talvez apenas para o divertimento dela mesma. Tom levantou-se e foi até a cozinha. Quando madame Annette veio chegando com sua bolsinha, tirando do gancho a sacola de compras, Tom disse: “Madame Annette, por favor, não diga para ninguém que eu estou em casa, ou que passei a noite em casa. É que acho que vou ter que ir embora de novo ainda hoje... Sim, infelizmente, e portanto não compre nada extra para mim. Depois eu lhe dou mais detalhes”.

Às nove horas Tom telefonou para a agência de viagens de Fontainebleau e reservou uma passagem para Londres de primeira classe, com a volta em aberto, saindo de Roissy à uma da tarde. Fez a mala com as roupas de costume, colocando duas ou três camisas fáceis de lavar.

Avisou madame Annette: “Se alguém telefonar, diga que ainda estou no Marrocos com madame Héloïse, sim? Vou voltar rapidinho! Talvez amanhã, ou depois de amanhã... Não, não, eu lhe telefono amanhã, com certeza, madame”.

Tom já havia dito a madame Annette que estava indo para Londres, mas não disse onde iria ficar. Também não deixou instruções para o caso de Héloïse telefonar, na esperança de que ela não ligasse, já que o sistema telefônico marroquino era tão desanimador.

Ligou então para Ed Banbury de seu quarto, lá em cima. Apesar de madame Annette ainda não saber nada de inglês, e Tom achava que ela era impermeável a essa língua, ele preferia ter certas conversas totalmente fora do alcance dela. Tom avisou a Ed a hora do seu voo e disse que poderia chegar na casa dele logo depois das três, se fosse conveniente.

Ed disse que não havia problema.

Tom checou o endereço de Ed em Covent Garden, certificando-se de que estava correto. “Ed, nós precisamos pensar em Cynthia, descobrir o que ela anda fazendo, se é que anda fazendo alguma coisa. Precisamos de uns espões. Precisamos mesmo é de uma toupeira espão. Pense nisso, Ed! Logo mais a gente se vê. Quer alguma coisa aqui da Sapolândia, ou melhor, França?”

“Ahn... uma garrafa de Pernod? Dá para conseguir na free shop do aeroporto?”

“Seu pedido é uma ordem. *À bientôt.*”

Estava descendo a escada com sua maleta quando o telefone tocou. Esperou que fosse Héloïse.

Era Agnès Grais. “Tom, já que você está sozinho, que tal vir jantar aqui em casa hoje à noite? Apenas as crianças estão aqui, e eles jantam mais cedo, sabe?”

“Obrigado, Agnès, quanta gentileza”, respondeu ele em francês. “Sinto muito, mas tenho que ir embora outra vez... Sim, hoje, de Roissy. Aliás, eu estava pronto para chamar um táxi. Que pena!”

“Táxi para onde? Estou indo agora fazer compras em Fontainebleau. Não serve para você?”

Era exatamente o que Tom queria, e ele se convidou, sem problemas, para uma carona até Fontainebleau. Agnès chegou dali a cinco ou dez minutos. Tom já tinha se despedido de madame Annette quando a caminhonete de Agnès Grais entrou pelos portões de Belle Ombre, que ele já tinha aberto. Saíram os dois.

“Aonde você vai agora?” Agnès lhe lançou uma olhada e um sorriso, como se achasse que ele era o maior farrista de todos os tempos.

“Para Londres. Um assunto para resolver — aliás...”

“Sim, Tómm?”

“Eu agradeceria se você não dissesse a ninguém que eu dormi em casa esta noite. Nem que estou indo para Londres passar um ou dois dias. Não é *muito* importante — para ninguém —, mas eu sinto que deveria estar junto com Héloïse, apesar de ela estar com Noëlle, e as duas são muito amigas. Você conhece Noëlle Hassler?”

“Sim. Já a encontrei umas duas vezes, creio.”

“Vou voltar para Casablanca daqui a alguns dias, provavelmente.” Tom assumiu uma atitude mais relaxada. “Você sabia que a curiosa madame Pritchard anda chorosa ultimamente? Quem me contou foi madame Annette, minha fiel espiã.”

“Chorosa? Por quê?”

“Não faço ideia!” Tom não ia dizer que o senhor Pritchard parecia não estar em casa no momento. Madame Janice Pritchard devia estar reclusa em casa, já que Agnès não tinha notado a ausência do marido. “Estranho ir à padaria enxugando lágrimas, não?”

“Muito estranho! E triste.”

Agnès deixou Tom no lugar que ele havia sugerido no impulso do momento: em frente ao Hotel L’Aigle Noir. O carregador que veio descendo a escadaria talvez conhecesse Tom de vista, ou talvez não, já que ele frequentava apenas o restaurante e o bar do hotel. O fato é que se empenhou em conseguir um táxi disposto a ir até Roissy, pelo que Tom lhe deu uma gorjeta.

Num espaço de tempo que lhe pareceu curto, Tom se achou em outro táxi, indo pelo lado esquerdo da estrada rumo a Londres. No chão do carro estava um saco plástico contendo o Pernod de Ed e um pacote de Gauloises. Da janela Tom viu fábricas e depósitos de tijolo vermelho,

enormes anúncios de companhias, sem nada prometer da amistosa fraternidade que ele associava com as visitas a seus companheiros de Londres. Tinha encontrado mais de duzentas libras em dinheiro no seu envelope marcado “Reino Unido-Inglaterra” (reservava uma gaveta da sua escrivaninha para o que lhe sobrava de moeda estrangeira), e também alguns cheques de viagem em libras.

“Por favor, preste atenção quando chegar a Seven Dials”, disse Tom ao chofer com uma voz educada porém ansiosa, “se o senhor for por ali.” Ed Banbury o tinha prevenido de que os motoristas de táxi às vezes erravam o caminho naquele ponto, o que podia ser desastroso. O edifício de apartamentos de Ed, velho mas restaurado, segundo ele, ficava em Bedfordbury Street. Era uma rua até pitoresca, viu Tom ao chegar.

Ed estava em casa, como prometido. Assim que abriu a porta, depois de ouvir a voz de Tom no interfone, caiu um trovão que fez Tom estremecer de alto a baixo. Enquanto abria a segunda porta, Tom ouviu os céus se abrirem e a chuva despencar.

“Não tem elevador”, disse Ed, debruçando no parapeito e descendo alguns degraus. “Segundo andar.”

“Oi, Ed”, disse Tom quase num sussurro. Não queria falar alto, pois havia dois apartamentos em cada andar que poderiam escutar a conversa. Ed pegou o saco plástico. O corrimão de madeira era lindo e lustroso, as paredes pareciam recém-pintadas de branco e o carpete era azul-escuro.

O apartamento de Ed tinha a mesma aparência limpa e nova do hall. Ed fez um chá, pois, segundo disse, sempre tomava chá a esta hora, e também porque a chuva estava caindo com força total.

“Você falou com Jeff?”, perguntou Tom.

“Ah, sim. Ele quer ver você. Quem sabe hoje à noite. Falei para ele que ia ligar assim que você chegasse e a gente já tivesse conversado um pouco.”

Tomaram chá no aposento que ia ser o quarto de Tom, uma espécie de biblioteca ao lado da sala, com um sofá que parecia uma cama de casal adaptada, com uma coberta e algumas almofadas. Tom fez um rápido relatório das atividades de David Pritchard em Tânger, e do agradável episódio que terminou com Pritchard desmaiado no chão de pedra em

La Haffa, um local popular no litoral de Tânger onde se fuma kif e se toma chá de menta.

“Eu não o vi mais desde aquela vez”, Tom continuou. “Minha esposa ainda está lá, com uma amiga de Paris chamada Noëlle Hassler. Acho que elas vão seguir viagem até Casablanca. Não quero que Pritchard faça nenhum mal a minha mulher, e não creio que ele vá tentar. Ele está atrás *de mim*. Não sei o que aquele filho da mãe está pretendendo.” Tom saboreava seu delicioso chá Earl Grey. “Pritchard pode ser maluco, tudo bem. Mas o que me interessa é o que ele pode ficar sabendo através de Cynthia Gradnor. Nenhuma novidade da parte dela? Nada a respeito do intermediário, por exemplo — aquele amigo de Cynthia com quem Pritchard conversou na tal festa?”

“Sim. Conseguimos o nome dele. É George Benton. Foi Jeff que consegui, de algum jeito, e não foi nada fácil. Foi através de umas fotos tiradas na festa. Jeff teve que fazer uma porção de perguntas, e ele nem sequer esteve nessa festa.”

Tom ficou interessado. “Tem certeza do nome? Mora em Londres?”

“Tenho bastante certeza.” Ed cruzou as pernas e franziu um pouco a testa. “Encontramos três Benton promissores na lista telefônica. Há tantos Benton, inclusive com a inicial G — a gente não poderia telefonar para todos e perguntar a cada um se conhece Cynthia.”

Tom teve que concordar. “O que me preocupa é saber até onde Cynthia está disposta a chegar. Aliás, será que ela está em contato com Pritchard? Cynthia me detesta.” Tom chegou a tremer quando disse essas palavras. “Ela adoraria acabar comigo. Mas se ela resolver denunciar as falsificações, dar a data em que Bernard Tufts começou a pintar os quadros” — aqui a voz de Tom virou quase um cochicho —, “também vai estar traindo Bernard, seu grande amor. Estou apostando que ela não vai chegar a esse ponto. Mas é apenas uma aposta.” Tom reclinou-se na sua poltrona, mas sem conseguir relaxar. “Aliás, é mais uma esperança; e um desejo. Não vejo Cynthia há vários anos e a atitude dela em relação a Bernard pode ter mudado — de leve. Quem sabe ela agora está mais interessada em se vingar de mim.” Tom fez uma pausa e ficou observando enquanto Ed refletia.

“Tom, por que você diz vingar-se de você, se a coisa atinge todos nós? Jeff e eu... nós escrevíamos artigos com fotos de Derwatt e dos seus quadros velhos”, acrescentou com um sorriso, “quando sabíamos que Derwatt já estava morto.”

Tom olhou firme para o seu velho amigo. “É porque Cynthia sabe que fui eu quem teve a ideia de fazer Bernard falsificar os quadros. Seus artigos vieram depois. Bernard contou o lance para Cynthia, e foi quando os dois começaram a se separar.”

“É verdade. Sim, eu me lembro.”

Ed, Jeff e Bernard, mas especialmente Bernard, tinham sido amigos do pintor Derwatt. E quando este, numa fase de depressão, fora à Grécia e deliberadamente se afogara numa ilha do litoral grego, seus amigos de Londres naturalmente ficaram chocados, abismados: na verdade, Derwatt havia apenas “desaparecido” na Grécia, já que seu corpo nunca fora encontrado. Ele tinha algo em torno de quarenta anos, pensou Tom, e começava a ser reconhecido como um pintor de primeira categoria, provavelmente com uma grande carreira pela frente. Foi então que Tom sugeriu que o pintor Bernard Tufts tentasse falsificar alguns Derwatts.

“Por que você está sorrindo?”, perguntou Ed.

“Estava pensando na minha última confissão. Tenho certeza de que um padre diria: você poderia escrever e assinar tudo isso?”

Ed jogou a cabeça para trás e riu. “Não, ele diria que você inventou tudo isso!”

“Não!”, continuou Tom, rindo. “O padre ia dizer que...”, mas o telefone tocou em outra sala.

“Desculpe, Tom, estou esperando uma ligação”, disse Ed, e saiu.

Enquanto Ed conversava, Tom deu uma olhada na biblioteca onde iria dormir. Um monte de livros, capa dura e brochura, em duas estantes que iam do chão até o teto. Tom Sharpe e Muriel Spark quase lado a lado. Ed tinha comprado alguns bons móveis desde a última vez que Tom o vira. De onde seria a família de Ed? De Hove?

E o que estaria fazendo Héloïse neste momento? Quase quatro da tarde? Quanto antes ela saísse de Tânger e fosse para Casablanca, mais feliz ele ficaria.

“Tudo bem”, disse Ed ao voltar, vestindo um suéter vermelho por cima da camisa. “Cancelei um compromisso sem importância, e estou livre para o resto da tarde.”

Tom levantou-se: “Vamos até a Buckmaster. Não fica aberta até cinco e meia? Seis?”

“Seis, creio eu. Só vou guardar o leite na geladeira, e vamos esquecer o resto. Tom, se você quiser pendurar suas coisas, tem lugar neste armário aqui à esquerda.”

“Já coloquei minha roupa nessa cadeira, por enquanto. Vamos indo?”

Ao chegar à porta Ed virou-se. Tinha vestido uma capa de chuva. “Você mencionou duas coisas que queria dizer. É a respeito de Cynthia?”

“Ah, sim.” Tom abotoou sua jaqueta. “A segunda é um detalhe. Naturalmente Cynthia sabe que o corpo que eu mandei cremar era o de Bernard, não o de Derwatt. Nem preciso lhe dizer isso. Portanto, de certo modo isto é mais um insulto para Bernard — eu sujei o nome dele ainda mais, digamos, dizendo à polícia que ele era outra pessoa.”

Ed pensou nisso por alguns segundos, com a mão na maçaneta. Soltou-a então nervosamente e olhou para Tom. “Mas você sabe, Tom, durante todo esse tempo ela não disse nada para nós. Nem para Jeff, nem para mim. Ela apenas nos ignora, o que para nós está ótimo.”

“Acontece, Jeff, que ela nunca teve uma oportunidade como esta que David Pritchard está apresentando. Um maluco, xereta e sádico. Cynthia pode simplesmente usá-lo, você não percebe? E é isso que ela está fazendo.”

Um táxi para Old Bond Street, até a vitrine de latão e madeira escura, discretamente iluminada, da Galeria Buckmaster. A bela porta, antiga e sólida, ainda tinha sua maçaneta de bronze polido, como Tom observou. Duas palmeiras plantadas em vasos na vitrine da frente ladeavam uma pintura antiga e escondiam quase todo o espaço da galeria.

Nick Hall, o novo funcionário que segundo a descrição feita a Tom tinha uns trinta anos, estava conversando com um homem mais velho. Nick tinha o cabelo negro e liso, era bastante corpulento e pelo jeito possuía o hábito de ficar sempre de braços cruzados.

Olhando as paredes, Tom viu pinturas modernas que considerou medíocres — não uma exposição de um único artista, mas uma seleção de três ou quatro pintores. Tom e Ed ficaram num canto até que Nick concluiu sua conversa com aquele senhor mais velho. Nick deu um cartão ao homem, e este foi embora. Parecia que não havia mais ninguém na galeria.

“Senhor Banbury, boa tarde”, disse Nick, adiantando-se, sorrindo e mostrando seus dentes pequenos e iguais, do tipo que Tom não gostava. Nick pelo menos parecia um sujeito franco. E era claro que conhecia Ed e os dois mantinham um bom contato.

“Boa tarde, Nick. Quero lhe apresentar um amigo — Tom Ripley. Este é Nick Hall.”

“Muito prazer em conhecê-lo”, disse Nick, sorrindo de novo. Não estendeu a mão, mas inclinou-se um pouco.

“O senhor Ripley está aqui só por uns dois dias, e queria dar uma olhada na galeria, conhecer você e talvez ver alguns quadros interessantes.”

Ed falava de modo leve e agradável, e Tom agiu da mesma forma. Aparentemente, Nick nunca tinha ouvido o nome de Tom. Ótimo. Uma situação muito diferente (e muito mais segura) da última vez em que estivera na galeria. Naquela ocasião, Tom se lembrava de que um rapaz gay chamado Leonard ocupava a posição de Nick, e sabia que Tom estava personificando Derwatt e dando uma entrevista coletiva na sala dos fundos desta mesma galeria.

Tom e Ed foram indo até a sala ao lado (havia apenas duas salas de exposição) e viram nas paredes algumas paisagens à maneira de Corot. Na segunda sala havia algumas telas encostadas na parede no canto de trás. Tom sabia que havia outras na sala do fundo, depois da porta branca meio manchada, onde se realizara a entrevista coletiva — duas, na verdade — com Tom fazendo o papel de Derwatt.

Sem que Nick pudesse ouvir, já que estava no salão da frente, Tom pediu a Ed que lhe perguntasse se ultimamente alguém tinha se interessado em comprar Derwatts. “Outra coisa: eu gostaria de dar uma olhada no livro dos visitantes, ver as assinaturas.” Tom achou que seria típico de David Pritchard assinar. “De qualquer forma, o pessoal da

Galeria Buckmaster — ou seja, você e Jeff, os donos — sabe que eu gosto de Derwatts, não é?”

Ed foi perguntar a Nick.

“Temos seis Derwatts no momento, senhor Ripley”, disse Nick, e empertigou-se em seu terno cinza, como se visse a perspectiva de uma venda. “Naturalmente me lembro de seu nome agora, senhor Ripley. Por favor, os Derwatts estão aqui.”

Nick mostrou-lhe os quadros colocando-os sobre o assento de uma cadeira, apoiados no encosto. As telas eram todas de Bernard Tufts; de duas Tom se lembrava, das outras quatro não. *Gato à tarde* foi a que mais lhe agradou, uma composição quase abstrata, castanho avermelhada, onde um gato malhado de branco e cor de marmelada não era identificável à primeira vista, um gato dormindo. E depois a *Estação em lugar nenhum*, uma tela adorável com manchas azuis, castanhas e ocre, tendo ao fundo uma construção feita a giz mas parecendo meio suja, presumivelmente uma estação de trem. Depois outras figuras humanas — *Irmãs brigando*, um Derwatt típico, embora para Tom fosse um Bernard Tufts por causa da data: um retrato de duas mulheres, de frente uma para a outra, as duas de boca aberta. Os contornos multilíneares de Derwatt transmitiam uma sensação de atividade, barulho de vozes, e os traços vermelhos — um recurso favorito de Derwatt, copiado por Bernard Tufts — sugeriam raiva, talvez unhas arranhando e sangue pingando.

“E quanto vocês estão pedindo por este aqui?”

“*As irmãs...* creio que perto de trezentas mil, senhor Ripley. Posso dar uma olhada. Agora, se houver um comprador em vista, tenho que avisar uma ou duas pessoas. Este quadro é muito popular.” Nick sorriu de novo.

Tom não gostaria de ter este quadro na sua casa, mas perguntou o preço por curiosidade. “E o *Gato*?”

“Um pouco mais. Este é muito cobiçado. Vamos conseguir.”

Tom trocou olhares com Ed.

“Está se lembrando dos preços, hein, Nick!”, disse Ed cordialmente. “Muito bem.”

“Pois é, muito obrigado, senhor Banbury.”

“Vocês recebem muitos pedidos para Derwatts?”, perguntou Tom.

“Ahn... não muitos. Custam muito caro. Ele é a cereja no nosso chantilly, creio eu.”

“Ou a maior joia da nossa gargantilha”, acrescentou Ed. “O pessoal da Tate Gallery, da Sotheby’s, vem aqui ver o que há de novo, o que nos foi devolvido para revenda. Mas esse pessoal dos leilões, nós não precisamos deles.”

Tom imaginava que a Buckmaster tinha seu próprio esquema de leilões, avisando os possíveis compradores. Ficou contente de ver que Ed Banbury conversava com liberdade diante de Nick Hall, como se Tom e Ed fossem velhos amigos — o cliente e o marchand. Marchand: parecia estranho, mas Ed e Jeff realmente se encarregavam da escolha dos quadros que aceitavam para vender, e selecionavam os artistas jovens, e também os mais velhos, que iriam representar. Suas decisões em geral se baseavam no mercado, nas modas, isso Tom sabia, mas o critério de escolha de Ed e Jeff lhes permitia pagar um alto aluguel em Old Bond Street e ainda conseguir lucro.

“Imagino”, disse Tom para Nick, “que não há novos Derwatts encontrados recentemente em algum sótão, ou algo assim?”

“Sótão! De jeito nenhum! Nem desenhos, nem mesmo estudos, há mais ou menos um ano.”

Tom fez que sim, pensativo. “Eu gosto do *Gato*. Agora, se posso comprar ou não... vou pensar no assunto.”

“O senhor tem...”, Nick parecia estar tentando lembrar.

“Dois”, disse Tom. “*Homem numa cadeira* — meu predileto — e *As cadeiras vermelhas*”.

“Sim, senhor. Tenho certeza de que estão nos arquivos.” Nick não deu sinal de lembrar que o *Homem numa cadeira* era uma falsificação e o outro era autêntico.

“Acho que temos que ir andando”, disse Tom para Ed, como se tivessem um compromisso. E para Nick Hall: “Vocês têm um livro de visitantes?”.

“Ah, temos sim, senhor. Ali em cima da mesa.” Nick foi até a mesa da sala da frente e abriu um livro grande nas páginas mais recentes. “Quer uma caneta?”

Tom inclinou-se, olhou, pegou a caneta. Assinaturas rabiscadas, Shawcross ou algo parecido, Forster, Hunter, algumas com endereços, a maioria sem. Uma olhada na página anterior revelou a Tom que Pritchard não havia assinado pelo menos durante o último ano. Tom assinou mas não deixou endereço; apenas Thomas P. Ripley e a data.

Logo estavam na calçada, onde chuviscava.

“Puxa vida, estou contente de ver que aquele tal Steuerman não está na galeria”, disse Tom, com um largo sorriso.

“Certo. Você não se lembra? Você fez uma tremenda gritaria lá da França.”

“Claro, por que não?” Agora os dois aguardavam um táxi. Alguns anos antes Ed ou Jeff — Tom não queria apontar o dedo para nenhum dos dois — tinha descoberto um pintor chamado Steuerman, que segundo eles poderia produzir uns Derwatts passáveis. *Passáveis?* Tom ficou tenso mesmo agora, em sua capa de chuva. Steuerman poderia ter furado todo o esquema, se a Galeria Buckmaster tivesse feito a estupidez de tentar colocar suas produções no mercado. Tom lembrou-se de que tinha baseado sua posição contra Steuerman em slides coloridos que a galeria lhe enviara. De qualquer forma, tinha visto os slides em algum lugar, e eram simplesmente inaceitáveis.

Ed estava na rua, abanando o braço. Ia ser duro, nessa hora e nessa chuva, conseguir um táxi.

“O que você combinou com Jeff para hoje à noite?”, perguntou Tom, falando alto debaixo da chuva.

“Ele ficou de vir à minha casa lá pelas sete. Olhe lá!”

Um táxi vinha surgindo, com uma abençoada luzinha amarela brilhando no teto. Os dois entraram.

“Adorei ver aqueles Derwatts agora há pouco”, disse Tom, saboreando a recordação. “Ou melhor, eu deveria dizer aqueles Tufts.” Fez esta última palavra soar macia como algodão. “E pensei numa solução para o problema Cynthia — a peninha para atrapalhar, ou como devo chamá-la?”

“Qual é a solução?”

“Simplesmente vou telefonar e perguntar a ela. Vou perguntar se ela está em contato com a senhora Murchison, por exemplo. E com David

Pritchard. Vou fingir que sou da polícia francesa. Posso ligar da sua casa?”

“Ah, com certeza!”, disse Ed, compreendendo de repente.

“Você tem o número de Cynthia? Isso não é problema?”

“Não, está na lista telefônica. Não é mais em Bayswater — é em Chelsea, creio eu.”

NO APARTAMENTO DE ED, Tom tomou um banho, aceitou um gim com tônica e pôs suas ideias em ordem. Ed tinha lhe dado o número de Cynthia Gradnor num pedaço de papel.

Tom praticou com Ed seu sotaque de policial francês. “Son quase sete horras. Se Jeff chegarr, você deixa ele entrarr e continua tudo como semprrre, si?”

Ed concordou, quase fez uma reverência. “Sim. *Oui!*”

“Estou telefonando do birrô de polícia em... é melhor eu dizer Paris em vez de Melun. Agorra...” Tom estava em pé, andando pelo gabinete de Ed, onde o telefone ficava quase imerso na papelada da escrivania. “Barrulhos de fundo, porr favorr. Um clique-claque da máquina de escreverr — estamos numa delegacia de *police*. Tipo Simenon. Aqui todo mundo conhece um ao outro.”

Ed concordou, sentou-se e enfiou uma folha de papel na máquina. Clique-clique-claque.

“Mais pensativo”, disse Tom. “Não precisa ser tão rápido.” Discou e preparou-se para falar com Cynthia Gradnor: dizer-lhe que David Pritchard tinha entrado em contato algumas vezes, e se seria possível fazer algumas perguntas a respeito do senhor Ripley.

O telefone tocou, tocou.

“Madame Grradnórr non está”, disse Tom. “*Merde!*” Olhou para o relógio. Sete e dez. Desligou o telefone. “Quem sabe ela saiu para jantar. Quem sabe viajou, não está na cidade.”

“Sempre há um amanhã”, disse Ed. “Ou hoje mesmo, mais tarde.”

A campainha da porta tocou.

“É Jeff”, disse Ed, e foi até o hall da frente atender.

Jeff entrou, de guarda-chuva em punho, mas mesmo assim um pouco molhado. Era mais alto e mais corpulento que Ed, e estava mais careca do que da última vez que Tom o encontrara. “Alô, Tom! Que prazer! Uma visita inesperada e muito bem-vinda, como sempre!”

Os dois deram um aperto de mão caloroso, quase se abraçaram.

“Jeff, tire essa capa de chuva molhada e ponha alguma coisa seca para dentro”, disse Ed. “Uísque?”

“Você adivinhou. Obrigado, Ed.”

Os três se sentaram na sala de estar, que tinha um sofá e uma mesinha de café bem de jeito. Tom explicou a Jeff por que tinha vindo: as coisas tinham esquentado desde os seus últimos telefonemas. “Minha mulher ainda não voltou de Tânger. Está com uma amiga num hotel chamado Rembrandt. Assim, vim até aqui para tentar descobrir o que Cynthia anda fazendo — ou talvez tentando fazer — a respeito de Murchison. Ela pode estar em contato...”

“Sim, Ed me contou”, disse Jeff.

“...em contato com a *senhora* Murchison na América, que naturalmente deve estar interessada em saber como seu marido desapareceu. Acho que tenho de pesquisar isso.” Tom pôs na mesa seu gim com tônica. “Se a polícia for procurar o corpo de Murchison lá no meu vilarejo, ela bem que pode encontrar. Ou pelo menos um esqueleto.”

“São só alguns quilômetros de onde você mora — pelo que você falou uma vez, não foi?”, disse Jeff com um pouco de medo. “Num rio?”

Tom deu de ombros. “Sim. Ou num canal. Por um conveniente lapso da memória, esqueci o local exato, mas eu seria capaz de reconhecer a ponte de onde eu e Bernard jogamos o corpo aquela noite. Naturalmente” — Tom empertigou-se e sua expressão ficou mais alegre — “ninguém sabe por que e como Thomas Murchison desapareceu. Pode ter sido raptado em Orly, quando eu o levei até lá, percebem?” Tom abriu um sorriso. Tinha dito “o levei”, como se realmente acreditasse nisso. “Ele estava com *O relógio*, e esse quadro desapareceu em Orly. Um legítimo Tufts.” Tom riu. “Ou então o *próprio* Murchison pode ter resolvido desaparecer. Seja como for, alguém roubou *O relógio* e nós nunca mais vimos nem ouvimos falar desse quadro — vocês se lembram?”

“Sim.” Jeff franzia o cenho, pensativo. Segurava seu copo entre os joelhos. “Quanto tempo mais esses Pritchard vão ficar morando lá na sua cidade?”

“Acho que deve ser um contrato de seis meses de aluguel. Eu devia ter perguntado, mas não perguntei.” Vou me desembaraçar de Pritchard em menos de seis meses, pensou Tom. De algum jeito. Sentiu sua raiva aumentar, e para desabafar começou a contar a Ed e Jeff sobre a casa que os Pritchard tinham alugado. Descreveu a mobília pseudoantiga, e o lago no gramado onde batia o sol da tarde, formando desenhos no teto da sala. “Eu só gostaria de ver aqueles dois afogados lá dentro”, Tom concluiu, e os outros dois riram.

“Mais um drinque, Tom?”, perguntou Ed.

“Não, obrigado. Para mim está bom.” Tom olhou o relógio: passava um pouquinho das oito. “Quero tentar ligar para Cynthia mais uma vez antes de sair.”

Ed e Jeff cooperaram. Mais uma vez Ed providenciou o ruído de fundo de máquina de escrever, enquanto Tom, em pé, afiava seu sotaque conversando com Jeff em voz séria: “Non vamos darr rrisada. Isto aqui é um birrô de *police* em Parris. Recebi umas informaçõs de m’sieur Prrichar, e tenho que interrogar madame Grradnor, porrque ela talvez saiba alguma coisa sobrre m’sieur Murchison ou sua mulherr. Si?”.

“Sim”, disse Jeff com igual seriedade, como se estivesse fazendo um juramento.

Tom estava com papel e lápis a postos para anotar qualquer coisa, além do papel com o telefone de Cynthia. Discou.

No quinto toque atendeu uma voz de mulher.

“Alô, boa noite, madame. É madame Grradnor?”

“Sim.”

“Aqui é o comissárrio Edouard Bilsault, falando de Parris. Estamos em comunicação com m’sieur Prrichar a respeito de um certo Thomas Murchison — a senhorra conhece esse nome, non?”

“Sim, conheço.”

Até aqui tudo bem. Tom falava com um timbre mais agudo e mais tenso que o normal. Afinal, Cynthia poderia reconhecê-lo pela voz. “M’sieur Prrichar está agorra na Afrrique du Nord, como talvez a senhorra saiba. Nós gostaríamos de saber o enderreço de madame Murrchison — na Amérrica, se a senhorra por acaso souberr.”

“Para que propósito?”, perguntou Cynthia Gradnor, agora parecendo a velha Cynthia de sempre, dura e brusca quando as circunstâncias exigiam.

“Porque nós podemos receber informações — muito em breve — sobre o marido dela. M’sieur Pritchard nos telefonou de Tânger, mas nós não podemos entrar em contato com ele *agorrra*.” Tom fez um timbre ainda mais agudo com a urgência.

“Humm”, disse Cynthia num tom dubio. “Creio que o senhor Pritchard tem sua própria maneira de lidar com esse assunto de que o senhor está falando. Não é da minha conta. Sugiro que o senhor espere até ele voltar.”

“Mas nós não podemos — não *devemos* esperrar, madame. Temos uma pergunta a fazer para madame Murchison. M’sieur Pritchard não estava em casa quando nós ligamos, e o sistema telefônico em Tânger é *muito ruim*.” Tom deu um pigarro mal-humorado que lhe raspou a garganta, e fez sinal pedindo mais barulhos de fundo. Cynthia não parecera surpresa ao saber que Pritchard estava em Tânger.

Ed fechou um livro com força e continuou batendo na máquina de escrever. Jeff, virado para a parede, pôs na boca as mãos em concha e criou uma longínqua sirene de polícia, igualzinha às sirenes parisienses.

“Madame...”, continuou Tom, com voz sincera.

“Um momento.”

Devia estar pegando o endereço. Tom apanhou a caneta, sem nem olhar para seus amigos.

Cynthia voltou e leu alto um endereço em Manhattan, no lado leste, na altura da rua setenta e pouco.

“*Merci, madame*”, disse Tom com gentileza, mas como se isso não fosse mais que a obrigação dela para com a polícia. “E o telefón?” Anotou o número também. “*Merci infiniment, madame. Et bonne soirée.*”

“Glub-glub-uuuuuu”, fez Jeff, enquanto Tom se despedia educadamente. Tom precisava reconhecer que os barulhos eram convincentes, mas talvez não ouvidos por Cynthia.

“Sucesso”, disse Tom calmamente. “E pensar que ela tinha o endereço da senhora Murchison!” Tom olhou para seus amigos, que no momento o fitavam em silêncio. Enfiou no bolso os dados sobre a senhora

Murchison e mais uma vez olhou para o relógio. “Mais um telefonema — posso, Ed?”

“Claro, Tom. Quer ficar sozinho?”

“Não é preciso. Desta vez é para a França.”

Mesmo assim os dois foram para a cozinha.

Tom ligou para Belle Ombre, onde deviam ser nove e meia.

“Alô, madame Annette!” A voz de madame Annette evocou o vestíbulo da frente e o balcão da cozinha, tão familiar, junto à cafeteira, onde havia também um telefone.

“Ah, m’sieur Tómm’ Eu não sabia onde encontrar o senhor! Tenho más notícias. M...”

“É mesmo?”, Tom perguntou, franzindo a testa.

“Madame Héloïse! Ela foi raptada!”

Tom prendeu a respiração. “Não pode ser! Quem lhe contou?”

“Um homem com sotaque americano! Ele telefonou hoje, lá pelas quatro da tarde. Eu não sabia o que fazer. Falou isso, e depois desligou. Falei com madame Geneviève. Ela disse: ‘O que a polícia *daqui* pode fazer? A senhora tem que avisar lá em Tânger, avisar m’sieur Tómm’, mas eu não sabia como encontrar o senhor.”

Tom fechou bem os olhos, enquanto madame Annette continuava. Estava pensando: Pritchard tinha contado esta mentira, tinha descoberto que Tom Ripley não estava mais em Tânger com a esposa e decidira criar outra encrenca. Tom respirou fundo e tentou dizer alguma coisa coerente para madame Annette.

“Madame Annette, acho que isso é um golpe. Por favor, não se preocupe. Eu e madame Héloïse mudamos de hotel, acho que já lhe contei isso. Madame está agora no Hotel Rembrandt. Mas não se preocupe, eu mesmo vou telefonar para minha mulher hoje à noite e aposto que ela ainda está lá!” Tom riu, uma risada genuína. “Sotaque americano!”, disse com desprezo. “Não ia ser alguém do Norte da África, não é mesmo, madame, nem um policial de Tânger, lhe dando uma informação correta, não é verdade?”

Madame Annette teve que admitir que assim era.

“E como está o tempo por aí? Aqui está chovendo.”

“Por favor, m’sieur Tómm, o senhor me telefona quando descobrir onde está madame Héloïse?”

“Sim, hoje mesmo.” Acrescentou com calma: “*Espero* falar com ela hoje à noite. Depois eu lhe telefono”.

“A qualquer hora, m’sieur! Eu tranquei todas as portas da casa com todo o cuidado, e os portões também.”

“Muito bem, madame Annette!”

Depois de desligar, Tom exclamou: “Puxa vida!”.

Enfiou as mãos nos bolsos e foi ter com seus amigos, que estavam agora na biblioteca com seus drinques. “Tenho novidades”, disse, sentindo prazer em compartilhar a notícia, mesmo sendo ruim, em vez de guardar tudo para si, como em geral tinha que fazer com as notícias más. “Minha governanta disse que minha mulher foi raptada. Em Tânger.”

Jeff franziu a testa. “Raptada? Você está brincando?”

“Um homem com sotaque americano telefonou para minha casa, informou madame Annette e depois desligou. Tenho certeza que é alarme falso. Isso é típico de Pritchard — criar o máximo de confusão.”

“O que você vai fazer?”, perguntou Ed. “Telefonar para o hotel e ver se ela está lá?”

“Exatamente.” Mas no momento Tom limitou-se a acender um Gitanes, saboreando por alguns segundos a sensação de detestar David Pritchard, de odiar cada grama do seu corpo, até seus óculos de aro redondo e seu relógio vulgar. “Sim, vou telefonar para o Rembrandt em Tânger. Minha esposa costuma voltar para o quarto lá pelas seis ou sete horas para se vestir para o jantar. O hotel pode pelo menos me dizer se ela esteve por lá.”

“Claro. Ligue mesmo, Tom”, disse Ed.

Tom voltou para o telefone de Ed, perto da máquina de escrever, e pescou seu caderno de endereços no bolso interno do paletó. Tinha anotado o número do Rembrandt, com o prefixo de Tânger. Alguém não lhe tinha dito que três da manhã era o melhor horário para ligar para Tânger? Tom tentou, discando cuidadosamente.

Silêncio. A seguir um toque, três toques rápidos e promissores. Depois o silêncio.

Tom tentou a telefonista: pediu-lhe por favor para fazer a ligação, e deu o número de Ed. A telefonista lhe disse para desligar, ligou de volta depois de um minuto e disse que estava tentando a chamada para Tânger. De Londres, dava respostas insolentes, irritadas, para outra telefonista cuja voz Tom mal conseguia ouvir, mas também não teve sorte.

“Às vezes, a esta hora... posso tentar de novo ainda hoje, bem mais tarde.”

Tom agradeceu, mas disse: “Não, tenho que sair. Vou tentar eu mesmo, mais tarde”.

Foi então para a biblioteca, onde Ed e Jeff estavam terminando de fazer a sua cama, e disse: “Não tive sorte. Não consegui fazer a ligação. Bem que eu ouvi falar do sistema telefônico de Tânger. Bom, vamos sair para comer alguma coisa, e esquecer esse negócio todo por enquanto”.

“Que droga”, disse Jeff, endireitando-se. “Ouvi você dizer que ia tentar de novo mais tarde.”

“Vou, sim. Aliás, agradeço a vocês dois por fazerem a minha cama. Vai ser muito aconchegante na hora de deitar.”

Alguns minutos depois estavam lá fora debaixo da garoa, com dois guarda-chuvas para os três, indo para um *pub*-restaurante recomendado por Ed. Ficava bem perto e era cheio de vigas aparentes e divisórias de madeira. Não se sentaram no balcão e sim na mesa, de onde Tom podia ver melhor os fregueses. Pediu rosbife e pudim de Yorkshire, para lembrar os velhos tempos.

Tom perguntou a Jeff Constant sobre seu trabalho, que era de fotógrafo freelance. Jeff tinha que pegar alguns serviços só pelo dinheiro, tarefas de que ele não gostava tanto quanto das outras que chamava de “interiores artísticos com ou sem gente” — ou seja, interiores de casas bonitas, talvez com um gato ou um vaso de plantas. O trabalho comercial em geral se relacionava com desenho industrial — do tipo closes de um ferro elétrico ou um aspirador de pó.

“Ou de edifícios inacabados na periferia”, continuou Jeff. “Tenho que fotografá-los, às vezes debaixo de uma chuva como esta.”

“Você e Ed costumam se ver bastante?”, perguntou Tom.

Os dois sorriram e olharam um para o outro. Ed falou primeiro: “Eu diria que não — verdade, Jeff? Mas se um precisa do outro, não tem erro”.

Tom estava pensando no passado, quando Jeff tirara as excelentes fotos dos quadros (genuínos) de Derwatt, e Ed Banbury os tinha elogiado, escrito artigos sobre Derwatt, enfiando cuidadosamente uma palavra aqui, outra ali, para fazer rolar a bola da publicidade, como eles esperavam, e a bola tinha mesmo começado a rolar. Derwatt estava morando no México, assim dizia a história, mas era um recluso; recusava-se a dar entrevistas, recusava-se até mesmo a dar o nome da aldeia onde morava. Acreditava-se, porém, que ficava perto de Vera Cruz, e era deste porto que ele enviava seus quadros para Londres. Os antigos proprietários da Galeria Buckmaster vinham trabalhando com Derwatts sem grande sucesso, pois não tinham feito esforço para colocá-lo no mercado. Jeff e Ed fizeram isso só depois que Derwatt foi para a Grécia e se afogou. Todos eles tinham conhecido Derwatt (todos menos Tom, o que era curioso, embora às vezes ele se sentisse como se o tivesse conhecido). Antes de morrer Derwatt fora um bom pintor, com um trabalho interessante, sempre vivendo à beira da pobreza em Londres, conhecido e admirado por Jeff, Ed, Cynthia e Bernard. Vinha de alguma lúgubre cidade industrial do Norte do país, Tom se esquecera qual. Tom percebeu que foram os elogios, a badalação que tinham trazido o sucesso para Derwatt. Curioso. Mas veja bem, Van Gogh não sofreu por falta de boas críticas? Quem havia elogiado Vincent? Ninguém — talvez apenas Theo.

O rosto estreito de Ed se contraiu. “Tom, vou lhe perguntar isso só mais uma vez esta noite. Você não está mesmo preocupado com Héloïse?”

“Não. Estava pensando em outra coisa agora mesmo. Conheço este Pritchard, Ed. Conheço-o de leve, mas já é o bastante.” Tom riu. “Nunca conheci ninguém como ele, mas já li sobre tipos assim. São sádicos. Diz a mulher que ele tem uma renda independente, mas desconfio que os dois mentem a mais não poder.”

“Ele é casado?”, perguntou Jeff, surpreso.

“Já não lhe contei? A mulher também é americana. A mim parece uma dupla sadomasoquista. Cada um ama e odeia o outro, sabe como é?”

Tom continuou para Jeff: “Pritchard me disse que estava estudando marketing no INSEAD, uma escola de administração perto de Fontainebleau. Absolutamente falso. Outra: a mulher está cheia de machucados nos braços e no pescoço. Esse cara veio morar na minha cidade só para estragar a minha vida. E agora Cynthia atçou a imaginação dele trazendo à baila de novo o caso Murchison”. Tom percebeu, enquanto cortava seu rosbife, que não queria contar para Ed e para Jeff que Pritchard (ou a esposa) tinha tentado imitar Dickie Greenleaf no telefone, falando com ele e também com Héloïse. Não tinha a menor vontade de voltar ao assunto Dickie Greenleaf.

“E ele continuou seguindo você até Tânger!”, exclamou Jeff, fazendo uma pausa com o garfo e a faca nas mãos.

“Sem a mulher”, disse Tom.

“Como será que a gente consegue se livrar de uma peste dessas?”, perguntou Jeff.

Tom riu: “Justamente, essa é a pergunta mais interessante!”.

Os outros dois pareceram um pouco surpresos com sua risada, mas deram um jeito de sorrir também.

Jeff disse: “Eu gostaria de voltar para a casa de Ed, se você vai tentar ligar para Tânger. Gostaria de saber o que está acontecendo”.

“Claro, Jeff, venha mesmo!”, disse Ed. “Quanto tempo Héloïse pretende ficar por lá, Tom? Em Tânger? Ou no Marrocos?”

“Talvez mais uns dez dias, por aí. Não sei. A amiga dela, Noëlle, já esteve lá. Elas querem seguir até Casablanca.”

Depois um café expresso, e Jeff e Ed falaram um pouco de negócios. Ficou claro para Tom que cada um procurava passar serviço para o outro. Jeff Constant era um bom fotógrafo para retratos, e Ed Banbury fazia entrevistas para o suplemento dominical dos jornais.

Tom insistiu em pagar o jantar. “Vocês têm que me dar esse prazer.”

A chuva tinha parado, e Tom propôs uma volta pelo quarteirão perto da casa de Ed. Gostava das lojinhas entremeadas com as portas dos edifícios, aquelas portas vetustas com suas frestas de bronze polido para cartas, e a aconchegante delicatessen bem iluminada, com prateleiras cheias de frutas frescas, enlatados, pão e cereais, aberta até quase meia-noite.

“Os donos são árabes ou paquistaneses”, disse Ed. “Seja como for, é uma bênção. Abre também aos domingos e feriados.”

Voltaram até a porta do edifício de Ed, que ele abriu convidando-os a entrar.

Tom achou que agora tinha uma chance melhor de fazer a ligação telefônica com o Hotel Rembrandt, embora talvez não tão boa como às três da manhã. Mais uma vez discou cuidadosamente, na esperança de que a telefonista fosse competente e falasse francês.

Jeff e Ed foram entrando, Jeff com um cigarro na mão, para ouvir as novidades.

Tom fez um gesto: “Ninguém atende”. Discou para a telefonista e deixou o problema nas mãos dela. Ela prometeu se comunicar quando conseguisse uma ligação com o Rembrandt. “Droga!”

“Você acha que há esperança, Tom?”, perguntou Ed. “Não é melhor mandar um telegrama?”

“A telefonista de Londres ficou de ligar de volta. Não fiquem acordados esperando, vocês dois.” Tom olhou para seu anfitrião. “Ed, você se importa se eu atender aqui mesmo, se me ligarem de Tânger hoje à noite?”

“Claro que não. Do meu quarto eu não vou ouvir. Lá não tenho telefone.” Deu-lhe uma palmadinha no ombro.

Foi o primeiro contato físico que Tom se lembrava de ter tido da parte de Ed, além dos apertos de mão. “Vou tomar um banho — e com certeza, quando eu estiver todo ensaboado, a ligação será completada.”

“Vai nessa! A gente chama você”, disse Ed.

Tom pegou seu pijama no fundo da mala e foi para o banheiro, que ficava entre seu dormitório improvisado e o quarto de Ed. Já estava se secando quando Ed o chamou com um grito. Tom respondeu, mas vestiu o pijama e os chinelos antes de sair. Queria perguntar a Ed: *É Héloïse ou a telefonista?*, mas não disse nada e pegou o telefone. “Alô?”

“Boa noite, Hotel Rembrandt. O senhor é...”

“M’sieur Ripley”, completou ele em francês. “Eu gostaria de falar com madame Ripley, quarto 317.”

“*Ab, oui. Vous êtes...*”

“*Son mari*”, disse Tom.

“*Un instant.*”

Tom percebeu que o “*Son mari*” quebrou um pouco o gelo. Olhou então para os seus dois amigos, bem atentos. Uma voz sonolenta disse então: “Alô?”

“Héloïse! Eu estava tão preocupado!”

Ed e Jeff relaxaram, sorrindo.

“Sabe, aquele *Prritchar* horroroso... ele telefonou para madame Annette dizendo que você foi raptada!”

“Raptada! Mas hoje eu nem vi o Prricha”, disse Héloïse.

Tom riu: “Vou telefonar para madame Annette ainda hoje, ela vai ficar bastante aliviada”. Tom procurou então saber quais eram os planos de Héloïse e Noëlle. Hoje elas tinham ido a uma mesquita, e também a um mercado. Sim, tencionavam ir a Casablanca amanhã.

“Para que hotel?”

Héloïse precisou refletir, ou procurar em algum lugar. “Miramare.”

Que original, pensou Tom, ainda bem-humorado. “Escute, querida, mesmo que você não veja o tal fulano, ele bem pode estar rondando por aí, tentando descobrir onde você está hospedada — e talvez eu também. Por isso estou contente que você vá a Casablanca amanhã. E depois?”

“Depois o quê?”

“Aonde você vai de lá?”

“Não sei. Acho que para Marrakesh.”

“Pegue um lápis”, disse Tom com firmeza. Deu o telefone de Ed e certificou-se de que ela havia anotado direito.

“Por que você está em Londres?”

Tom riu. “Por que você está em Tânger? Olhe, querida, eu não vou estar aqui o dia todo, mas você pode telefonar e deixar recado, acho que Ed tem secretária eletrônica.” Ed fez que sim. “Me deixe o nome do próximo hotel, se você for continuar depois de Casablanca... Bom. Dê lembranças a Noëlle... Te amo. Tchau, querida.”

“Que alívio!”, disse Jeff.

“Sim. Para mim. Ela disse que nem viu Pritchard por lá — o que naturalmente não quer dizer grande coisa.”

“Pri-chato”, disse Jeff.

“Cri-cri-chard”, retorquiu Ed, bem sério, andando pela sala.

“Chega!” Tom deu um largo sorriso. “Ainda tenho que telefonar para madame Annette. Preciso mesmo. Enquanto isso, pensei na senhora Murchison.”

“É mesmo?”, perguntou Ed, curioso, descansando o cotovelo numa estante de livros. “Você acha que Cynthia está em contato com ela? Comparando anotações?”

Pensamento horrível. Tom refletiu. “Talvez uma saiba o endereço da outra, mas quanto será que uma pode contar para a outra? Além disso, talvez seja só depois da chegada de David Pritchard que elas tenham estado em contato.”

Jeff, ainda em pé, passeava inquieto. “O que você ia dizer sobre a senhora Murchison?”

“Que...” Tom hesitou, não querendo falar sobre suas ideias ainda não bem formadas; contudo, estava entre amigos. “Eu adoraria telefonar para ela na América e perguntar o que está acontecendo com o negócio de... com as investigações sobre o desaparecimento do marido dela. Mas acho que ela me detesta quase tanto quanto Cynthia. Bem, não tanto assim, é claro, mas eu fui a última pessoa que viu Murchison. Mas por que eu deveria telefonar para ela?” Tom explodiu de repente: “Que diabo esse Pritchard pode *fazer* de concreto? O que ele sabe de novo? Nada, puxa vida! Que droga!”

“Isso mesmo”, disse Ed.

“E se você telefonasse para a senhora Murchison — você é tão bom para fazer imitações, Tom — como aquele inspetor, Webster, não era?”, perguntou Jeff.

“Sim.” Tom não gostava de lembrar o nome de Webster, o inspetor inglês, embora Webster não tivesse conseguido descobrir a verdade. “Não, não vou me arriscar, obrigado.” Será que Webster, que fora a Belle Ombre e até mesmo a Salzburgo, estaria ainda trabalhando no caso? Estaria em contato com Cynthia e com a senhora Murchison? Tom voltou à mesma conclusão: não havia nada de novo; portanto, para que se preocupar?

“Bom, acho que vou me recolhendo”, disse Jeff. “Tenho que trabalhar amanhã. Quer me dizer o que você vai fazer amanhã, Tom? Ed tem meu telefone. E você também, não é?”

Despedidas e boas-noites.

“Ligue para madame Annette”, disse Ed. “Pelo menos, é uma tarefa agradável.”

“Pelo menos!”, disse Tom. “Bem, Ed, já vou dando boa-noite também, com meus agradecimentos pela hospitalidade. Estou dormindo em pé.”

Tom ligou então para Belle Ombre.

“Alôôô?” A voz de madame Annette estava aguda de ansiedade.

“Madame Annette, sou eu!” Tom lhe informou que tudo estava bem com madame Héloïse, e que a história do rapto era um alarme falso. Não pronunciou o nome de David Pritchard.

“Mas o senhor sabe quem contou essa história malvada?”, madame Annette usou a palavra *méchante*, cheia de veneno.

“Não tenho ideia, madame. O mundo está cheio de gente com más intenções. É estranho, mas eles têm *prazer* nisso. Tudo bem aí em casa?”

Madame Annette garantiu a Tom que tudo estava bem. Ele lhe disse que lhe telefonaria quando soubesse sua data de chegada. Quanto à volta de madame Héloïse, não tinha certeza, mas ela continuava com a sua boa amiga madame Noëlle, e estava se divertindo.

Tom caiu na cama e dormiu como uma pedra.

NO DIA SEGUINTE o tempo estava claro e brilhante como se a chuva do dia anterior não tivesse caído, só que tudo parecia bem lavado — ou foi o que Tom pensou, vendo pela janela a ruazinha estreita lá embaixo. A luz do sol rebrilhava na vidraça, e o céu estava de um azul bem claro.

Ed tinha deixado a chave na mesa de café, com um bilhete dizendo-lhe para se sentir em casa, e avisando que não voltaria antes das quatro da tarde. Ed já tinha lhe mostrado onde ficavam a chaleira, as xícaras e tudo o mais. Tom fez a barba, tomou café e fez sua cama. Às nove e meia estava lá embaixo, caminhando rumo a Piccadilly, saboreando as cenas de rua, os fragmentos de conversas, a variedade de sotaques que ouvia dos passantes.

Na Simpson's Tom deu uma passeada, aspirando o aroma floral do momento, e lembrou-se de que, já que estava em Londres, poderia comprar uma cera com perfume de lavanda para madame Annette. Foi até a seção de roupas masculinas e comprou um robe de chambre para Ed, de uma lã Black Watch bem leve; para si mesmo comprou outro robe de um xadrez vermelho vivo, Royal Stewart. Tinha certeza de que Ed era um tamanho menor do que ele. Com os dois robes numa grande sacola de plástico, saiu na direção de Old Bond Street e da Galeria Buckmaster. Eram quase onze horas.

Quando chegou, viu Nick Hall conversando com um homem moreno. Nick cumprimentou-o com a cabeça.

Tom deu uma volta pela galeria. Entrou na sala onde estavam os Corots, ou tranquilas paisagens que lembravam Corot, depois voltou à sala da frente, onde ouviu Nick dizendo: “...menos de quinze mil, meu senhor. Posso verificar, se o senhor quiser”.

“Não, não.”

“Todos os preços são confirmados pelos proprietários da Galeria Buckmaster, e podem subir ou descer um pouco, em geral muito pouco.”

Nick fez uma pausa. “Dependendo do mercado, não da pessoa que quer comprar.”

“Muito bem. Verifique então para mim, por favor. Estou pensando em treze mil. Gosto bastante desse *Piquenique*.”

“Sim, senhor. Tenho seu telefone, e vou tentar contatá-lo amanhã.”

Ainda bem, pensou Tom, que Nick não tinha dito “ligo amanhã”. Nick estava usando um belo par de sapatos pretos, diferentes dos de ontem.

“Alô, Nick — se posso chamá-lo assim”, disse Tom, quando ficaram sozinhos. “Nós nos conhecemos ontem.”

“Ah, eu me lembro, claro, senhor Ripley.”

“Você tem aí alguns desenhos de Derwatt para eu dar uma olhada?”

Nick hesitou um instante. “S-sim, senhor. Estão numas pastas na sala de trás. A maioria não está à venda. Aliás, creio que nenhum está à venda — oficialmente.”

Muito bem, pensou Tom. Arquivos sagrados. Estudos para pinturas que tinham se tornado clássicas, ou iriam tornar-se. “Mas... seria possível?”

“Claro. Com certeza, senhor Ripley.” Nick deu uma olhada para a porta da frente e foi até lá, talvez para verificar se estava trancada, ou para passar um trinco. Voltou até Tom, e os dois passaram pelo segundo salão e foram até a sala de trás, um aposento menor, com uma escrivaninha atulhada de papéis, as paredes manchadas, cheia de telas, molduras e pastas apoiadas nas paredes que outrora foram brancas. Será que vinte jornalistas, mais Leonard, o garçom, dois fotógrafos e ele próprio tinham se acotovelado ali naquela ocasião? Sim, lembrou-se Tom.

Nick agachou-se e levantou uma pasta. “Mais ou menos a metade desses aqui são esboços para pinturas”, disse, segurando com as duas mãos a grande pasta cinza.

Havia outra mesa perto da porta, e com reverência Nick colocou ali a pasta e desamarrou os três cordões que a atavam.

“Sei que há mais algumas pastas aqui nas gavetas”, disse Nick, apontando com a cabeça um armário branco com seis gavetas rasas e o tampo chegando até a cintura, um móvel novo para Tom.

Cada desenho de Derwatt estava num envelope de plástico transparente. Carvão, lápis e *conté*. À medida que Nick ia levantando os desenhos, cada um em seu envelope plástico, Tom percebeu que não conseguia distinguir os Derwatts dos Bernard Tufts, ou pelo menos com total confiança. Os esboços das *Cadeiras vermelhas* (três) sim, pois sabia que esta era uma criação de Derwatt. Mas quando chegaram aos estudos preparatórios para o *Homem numa cadeira*, uma falsificação de Bernard Tufts, o coração de Tom deu um pulso, pois ele possuía essa pintura, amava-a e a conhecia bem, e viu que o dedicado Bernard Tufts havia feito seus estudos preparatórios com o mesmo amor e cuidado com que Derwatt faria. Nesses esboços, que não foram feitos para impressionar ninguém, Bernard estava se fortificando para seu verdadeiro esforço, a composição em cores na tela.

“Estes aqui estão à venda?”, perguntou Tom.

“Não. Bem, o senhor Banbury e o senhor Constant não querem vender. Que eu saiba, nunca vendemos nenhum. Não há muita gente...” Nick hesitou. “O senhor sabe, o papel que Derwatt usava nem sempre era da melhor qualidade. Ele vai amarelado e se desfazendo nas bordas.”

“Na minha opinião esses desenhos são maravilhosos”, disse Tom. “Continue tomando bem conta deles. Não deixe que tomem luz, e tudo o mais.”

Nick deu seu sorriso sempre pronto. “E mínima manipulação.”

Havia outros. *Gato dormindo*, de que Tom gostou muito, feito por Bernard Tufts (assim pensou ele), em folhas de bom tamanho de um papel bastante barato, com indicações de cores feitas a lápis: preto, marrom, amarelo, vermelho, até verde.

Ocorreu a Tom que Tufts havia se fundido a Derwatt de tal maneira que era artisticamente impossível separar os dois, pelo menos em alguns desses desenhos, ou na maioria. Bernard Tufts havia se transformado em Derwatt, em mais de um sentido. Na verdade, Bernard havia morrido num estado de confusão e vergonha por ter conseguido tornar-se Derwatt, assumindo o velho estilo de vida de Derwatt, sua pintura, seus desenhos exploratórios. Nos esforços de Bernard, pelo menos nesses na Galeria Buckmaster, não havia o menor sinal de debilidade ou hesitação

nos esboços, seja a lápis ou em cores. Bernard parecia ser o mestre de cada composição e de todas as decisões quanto a cores e proporções.

“Está interessado, senhor Ripley?”, perguntou Nick Hall, levantando-se e fechando uma gaveta. “Posso falar com o senhor Banbury.”

Tom sorriu. “Não tenho certeza. É uma tentação. E...” A pergunta confundiu Tom por um instante. “Quanto vocês pediriam por um desses desenhos preliminares, um esboço de pintura?”

Nick olhou para o chão, pensando. “Eu não saberia dizer, senhor Ripley. Realmente não saberia. Não creio que eu tenha os preços dos desenhos por aqui — se é que eles existem.”

Tom engoliu em seco. Muitos, a maioria desses desenhos vinha do modesto estúdiozinho de Bernard Tufts em algum lugar de Londres, onde ele vivera e trabalhara nos últimos anos de sua vida. Estranhamente, esses esboços eram a melhor garantia da autenticidade das pinturas de Derwatt, pensou Tom, pois não traíam nenhuma mudança no uso das cores, coisa que tanto havia perturbado Murchison.

“Obrigado, Nick. Vamos ver.” Tom foi indo para a porta e se despediu.

Caminhou pela Burlington Arcade, sem se deixar tentar no momento pelas gravatas de seda, as belas echarpes e cintos nas vitrines. Ia pensando: se Derwatt fosse “denunciado”, se se revelasse que a maior parte do seu trabalho fora falsificada, que importância teria isso, já que os esforços de Bernard Tufts tinham sido igualmente bons, absolutamente similares e lógicos, mostrando o mesmo desenvolvimento que o verdadeiro Derwatt poderia ter demonstrado se tivesse morrido com cinquenta ou cinquenta e cinco anos em vez de trinta e oito, ou da idade que tinha quando cometera suicídio? Tufts, seria possível alegar, tinha melhorado a obra da juventude de Derwatt. Se sessenta por cento (Tom calculava) das obras de Derwatt agora existentes fossem assinadas por B. Tufts, por que seriam menos valiosas?

A resposta, claro, é que tinham sido comercializadas desonestamente, com o seu valor de mercado, que não parava de subir, baseado no nome de Derwatt. Só que este nome, na verdade, tinha pouco valor na época da sua morte, já que Derwatt não fora muito conhecido. Mas Tom estivera nesse impasse antes.

Ficou contente de voltar à realidade em Fortnum & Mason, perguntando onde poderia encontrar utilidades domésticas. “Coisinhas

para a casa — do tipo cera para móveis”, acrescentou para um vendedor, que o atendia de terno e gravata.

Ali estava ele então, abrindo uma lata de cera, aspirando a fragrância da lavanda de olhos fechados, imaginando que estava de volta a Belle Ombre. “Eu queria três latas”, disse ao vendedor.

Colocou as três latas, em seu saco plástico, na sacola grande que já continha os robes de chambre.

Assim que terminou essa pequena tarefa, seus pensamentos voltaram para Derwatt, Cynthia, David Pritchard e os problemas do momento. Por que não tentar encontrar Cynthia e conversar com ela pessoalmente, em vez de falar por telefone? Claro que seria difícil marcar um encontro — ela poderia desligar na cara dele se lhe telefonasse, e poderia ignorá-lo se ele fosse esperá-la na porta de sua casa. Mas o que havia a perder? Cynthia realmente poderia ter contado a Pritchard sobre o desaparecimento de Murchison, poderia ter realçado esse fato no currículo de Tom, que Pritchard evidentemente já pesquisara em arquivos de jornal, em Londres? Tom poderia descobrir se Cynthia continuava em contato com Pritchard, se lhe telefonava ou lhe escrevia ocasionalmente. E poderia descobrir o plano dela, se é que ela tinha algum plano além de lhe causar pequenos aborrecimentos.

Almoçou num *pub* perto de Piccadilly e depois tomou um táxi para o apartamento de Ed Banbury. Colocou o robe na cama de Ed, sem cerimônia, sem nenhum cartãozinho, mas a sacola da Simpson’s fazia uma bonita figura, pensou ele. Voltou para o seu quarto-biblioteca, colocou seu robe numa cadeira e foi buscar a lista telefônica, que estava perto da escrivaninha de Ed. Procurou Gradnor, Cynthia L., e encontrou. Olhou o relógio — quinze para as duas — e começou a discar.

Uma voz gravada, a de Cynthia, respondeu no terceiro sinal, e Tom pegou um lápis. A mensagem pedia que se telefonasse para um número no horário comercial.

Tom ligou para esse número e foi atendido por uma voz feminina anunciando algo parecido com Agência Vernon McCullen. Perguntou se poderia falar com miss Gradnor.

Miss Gradnor veio atender. “Alô?”

“Alô, Cynthia. Aqui é Tom Ripley”, disse Tom, fazendo uma voz séria e um pouco grave. “Estou em Londres por alguns dias — aliás, já estou aqui há um dia ou dois. Eu gostaria...”

“Por que você está telefonando *para mim?*”, perguntou ela, já se eriçando toda.

“Porque eu gostaria de encontrá-la”, disse Tom calmamente. “Estou pensando numa coisa, numa ideia, que eu acho que seria de interesse para você e para todos nós.”

“Todos nós?”

“Acho que você sabe.” Tom se empertigou. “Tenho certeza de que você sabe. Cynthia, gostaria de encontrar você por dez minutos. Em qualquer lugar — num restaurante, num salão de chá...”

“*Salão de chá!*” A voz dela não chegou a levantar-se, o que demonstraria descontrolado.

Cynthia nunca se descontrolava. Tom continuou com um jeito decidido: “Sim, Cynthia. Em qualquer lugar. Se você me disser...”

“E por que isso agora?”

Tom sorriu. “Uma ideia que poderia solucionar uma porção de problemas, de coisas desagradáveis.”

“Não tenho vontade de vê-lo, senhor Ripley.” E desligou.

Tom refletiu sobre essa rejeição por alguns segundos, andou um pouco pelo gabinete de Ed, acendeu um cigarro.

Discou o número que tinha rabiscado, foi atendido de novo pela agência, confirmou o nome e conseguiu o endereço. “Seu escritório fica aberto até que horas?”

“Ahn... umas cinco e meia.”

“Obrigado”, disse Tom.

Naquela tarde, desde mais ou menos cinco e cinco, Tom ficou esperando na porta da Agência Vernon McCullen, em King’s Road. Era um edifício novo, cinzento, que abrigava uma dúzia de companhias, como Tom constatou pela lista de empresas na parede do saguão. Continuou atento, esperando uma mulher alta e esguia, de cabelo castanho-claro liso, que não imaginava que ele a estivesse esperando. Ou será que imaginava? A espera foi longa. Às vinte para as seis Tom olhou para o relógio talvez pela décima quinta vez, cansado de passear os olhos

pelos vultos e os rostos que saíam, homens e mulheres, alguns parecendo cansados, outros rindo e tagarelando, como se contentes por ter se passado mais um dia.

Tom acendeu um cigarro, o primeiro desde o início da espera, pois muitas vezes acender um cigarro em circunstâncias em que ele logo será proibido, tal como ao esperar um ônibus, tem o poder de fazer as coisas acontecerem. Tom entrou no saguão.

“Cynthia!”

Havia quatro elevadores, e Cynthia Gradnor acabava de sair do elevador de trás à direita. Tom largou o cigarro, pisou nele, depois o apanhou do chão e colocou-o num cinzeiro com areia.

“Cynthia”, disse Tom novamente, pois ela com certeza não o tinha escutado da primeira vez.

Cynthia estacou bruscamente, e seu cabelo liso balançou um pouco. Seus lábios pareciam mais finos e mais retos do que Tom se lembrava. “Tom, eu já lhe disse que não quero encontrá-lo. Por que você insiste em me aborrecer?”

“Não tenho intenção de aborrecer você — muito pelo contrário. Só gostaria de conversar cinco minutos...” Tom hesitou. “Será que não dá para a gente se sentar em algum lugar?” Já havia notado que não faltavam *pubs* nas imediações.

“Não. Não, obrigada. Por que isso é tão vital?” Seus olhos cinzentos enviaram a Tom um olhar hostil, e depois evitaram seu rosto.

“É a respeito de Bernard. Eu acho... bem, que isso vai interessar você.”

“O quê?”, disse ela quase num sussurro. “Imagino que você teve mais uma ideia desagradável.”

“Não, pelo contrário”, disse Tom, abanando a cabeça. Tinha pensado em David Pritchard: será que qualquer coisa, qualquer ideia, seria mais desagradável do que Pritchard? Não para Tom, no momento. Olhou para os sapatos pretos de Cynthia, de salto baixo, viu suas meias pretas de estilo italiano. Tudo chique, mas lúgubre. “Estou pensando em David Pritchard, que poderia prejudicar Bernard e muito.”

“Como assim? O que você quer dizer?” Cynthia levou um encontrão de um passante que vinha por trás.

Tom segurou-lhe o braço para firmá-la, e Cynthia soltou-se com um tranco. “É um inferno conversar aqui no meio da rua”, disse Tom. “O que eu estou dizendo é que Pritchard não tem boas intenções para com ninguém, nem com você, nem com Bernard, nem...”

“Bernard já morreu”, disse Cynthia antes que Tom pudesse pronunciar “comigo”. “O mal já foi feito.” *Graças a você*, ela poderia acrescentar.

“Só que todo o mal ainda não foi feito. Tenho que lhe explicar — em dois minutos. Será que a gente não podia sentar em algum lugar? Tem um bar logo ali na esquina!” Tom fez o máximo esforço para ser ao mesmo tempo educado e firme.

Com um suspiro, Cynthia cedeu, e os dois viraram a esquina. Não era um *pub* muito grande, e portanto não muito barulhento, e foi possível até encontrar uma pequena mesa redonda. Tom não se importava que viesse ou não alguém para servi-los, e tinha certeza de que Cynthia também não.

“Escute, Cynthia, qual é a desse Pritchard? Além de ser um espião, um xereta e, desconfio muito, um sádico com a mulher dele?”

“Mas não um assassino.”

“Ah, é? Que bom saber. Você anda escrevendo para David Pritchard, falando com ele por telefone?”

Cynthia respirou fundo, piscou os olhos. “Achei que você tinha algo a dizer sobre Bernard.”

Cynthia Gradnor estava em contato íntimo com Pritchard, pensou Tom, embora talvez fosse bastante esperta para não registrar nada por escrito. “Tenho mesmo. Duas coisas. Eu... mas, em primeiro lugar, posso perguntar por que você se associou a um crápula como esse Pritchard? Esse cara é doente da cabeça!” Tom deu um sorriso, seguro de si.

Cynthia disse devagar: “Não tenho vontade de falar sobre Pritchard — que aliás eu nunca vi, nunca encontrei”.

“Então como você sabe o nome dele?”, perguntou Tom, mantendo uma voz educada.

Mais uma inspiração profunda; Cynthia olhou para o tampo da mesa, depois para Tom. De repente parecia mais magra e mais velha. Devia estar pelos quarenta anos, pensou Tom.

Ela acabou dizendo: “Não estou a fim de responder a essa pergunta. Será que não dá para você ir direto ao assunto? Você falou que tinha algo para dizer sobre Bernard”.

“Sim. O trabalho dele. Veja, fiquei conhecendo Pritchard e a mulher porque agora eles são meus vizinhos lá na França. Talvez você saiba disso. E Pritchard mencionou Murchison, aquele sujeito que desconfiava muito das falsificações.”

“E que misteriosamente desapareceu”, disse Cynthia, agora atenta.

“Sim, em Orly.”

Ela deu um sorriso cínico. “Apenas tomou outro avião? Para onde? E nunca mais entrou em contato com a esposa?” Fez uma pausa. “Vamos, Tom. Eu sei que você deu um fim em Murchison. Você pode ter levado a bagagem dele até Orly..”

Tom continuou calmo. “Basta você perguntar para minha governanta, que nos viu saindo de casa aquele dia — Murchison e eu. Indo para Orly.”

Cynthia naturalmente não arranhou uma réplica instantânea para o que ele acabava de dizer.

Tom levantou-se. “O que você gostaria de tomar?”

“Dubonnet com uma rodela de limão, por favor.”

Tom foi até o balcão, pediu o Dubonnet para Cynthia e um gim com tônica para si, e depois de uns três minutos de espera conseguiu pagar e levar as bebidas para a mesa.”

“Voltando a Orly”, continuou Tom, sentando-se. “Eu me lembro de que deixei Murchison na calçada. Não estacionei o carro. Não ficamos no bar tornando uma saideira.”

“Não acredito.”

Mas Tom acreditava em si mesmo, pelo menos agora. Continuará acreditando até que alguém pusesse na sua frente uma prova inegável. “Como você sabe qual era a relação dele com a mulher? Como é que eu sei?”

Cynthia disse com doçura: “Pensei que a senhora Murchison tinha ido procurar você”.

“E foi mesmo. Em Villeperce. Tomamos chá na minha casa.”

“E ela disse alguma coisa sobre um mau relacionamento entre ela e o marido?”

“Não, mas por que haveria de dizer? Ela veio me procurar porque eu fui a última pessoa que viu o marido dela, ao que se saiba.”

“Sim”, disse Cynthia com um risinho satisfeito, como se guardasse para si alguma informação que Tom não tinha.

Bem, e se era assim, que informação era essa? Tom esperou, mas Cynthia não continuou. Foi Tom quem prosseguiu: “A senhora Murchison — suponho eu — poderia levantar de novo o assunto das falsificações. A qualquer momento. Mas quando eu a vi, ela reconheceu que não compreendia o raciocínio do marido, nem por que ele tinha essa teoria de que os últimos Derwatts eram falsos”.

Cynthia tirou um maço de cigarros da bolsa e puxou um delicadamente, como se estivessem racionados.

Tom lhe estendeu seu isqueiro. “Você tem notícias da senhora Murchison? Mora em Long Island, se não me engano?”

Cynthia fez um ligeiro não com a cabeça, ainda calma, e aparentando não estar interessada.

Não estava dando nenhum sinal de relacionar Tom ao telefonema da polícia francesa perguntando-lhe o endereço da senhora Murchison. Ou será que estaria fingindo, representando — e representando bem?

“Eu lhe perguntei isso”, continuou Tom, “porque — se é que você não sabe — Pritchard está tentando levantar poeira a respeito de Murchison. Ele está atrás de mim, especialmente. Muito estranho. Ele não entende coisa nenhuma de pintura, não liga a mínima para a arte — você tinha que ver os móveis na casa dele, as coisas que ele tem nas paredes!” Tom não pôde deixar de rir. “Estive lá para tomar um drinque. O clima não foi nada amigável.”

Cynthia reagiu com um pequenino sorriso de agrado, como Tom esperava. “Por que você está preocupado?”

Tom manteve sua expressão agradável. “Não estou preocupado, estou chateado. Ele tirou várias fotos da minha casa, do lado de fora, num domingo de manhã. Você gostaria que um estranho fizesse isso, sem nem pedir licença? E por que ele quer fotos da minha casa?”

Cynthia não disse nada, e deu um gole no seu Dubonnet.

Tom perguntou: “Você está incentivando Pritchard nesse jogo anti-Ripley?”.

Naquele momento, na mesa atrás de Tom ouviu-se uma gargalhada que ribombou como uma explosão.

Cynthia nem piscou, ao contrário de Tom, mas passou uma mão preguiçosa pelo cabelo, onde Tom viu agora alguns fios brancos. Ele tentou imaginar o apartamento dela, moderno mas com toques aconchegantes, provavelmente vindos da família dela — uma velha estante de livros, um acolchoado. Suas roupas eram tradicionais, de boa qualidade. Não se atreveria a perguntar se ela era feliz. Cynthia iria zombar, ou atirar o copo na cara dele. Será que ela teria uma pintura ou desenho de Bernard Tufts na parede?

“Olhe aqui, Tom, você acha que eu não sei que você matou Murchison e depois se livrou dele, de algum jeito? Que... que foi Bernard quem pulou do penhasco em Salzburgo, e que foi o corpo dele, ou as cinzas dele, que você fez passar como sendo de *Derwatt*?”

Tom ficou em silêncio, calado diante da intensidade dela, pelo menos no momento.

“Bernard morreu por causa desse jogo sujo”, continuou ela. “Ideia *sua*, as falsificações. Você arruinou a vida dele, e quase arruinou a minha também. Mas você pouco se importava, não é? Contanto que os quadros continuassem saindo do forno, assinados por *Derwatt*?”

Tom acendeu um cigarro. Um engraçadinho em pé no balcão batia os calcanhares no apoio de metal, rindo alto, aumentando ainda mais a barulheira do bar. “Eu nunca forcei Bernard a pintar, a continuar pintando”, disse Tom em voz baixa, embora ninguém pudesse ouvi-los. “Isso estaria além dos meus poderes, além dos poderes de qualquer um, e você sabe disso. Eu mal conhecia Bernard quando sugeri as falsificações. Perguntei a Ed e Jeff se eles conheciam alguém capaz de fazer isso.” Tom não tinha certeza se era verdade mesmo, se ele não tinha sugerido o nome de Bernard de imediato, já que as pinturas de Bernard, as poucas que Tom tinha visto, não eram drasticamente diferentes das de *Derwatt*, nem conflitantes com seu estilo. Tom continuou: “Bernard era mais amigo de Ed e de Jeff”.

“Mas foi você que incentivou isso tudo. *Você* aplaudiu!”

Agora Tom ficou irritado. Cynthia estava certa apenas em parte. Sentiu-se entrando no território da fêmea enraivecida, coisa que o

amedrontava. Quem seria capaz de lidar com aquilo? “Você sabe que Bernard podia ter abandonado o negócio a qualquer momento, poderia simplesmente ter parado de pintar os Derwatts. Ele amava Derwatt como artista. Você não pode esquecer o lado pessoal de tudo isso, o que havia entre Bernard e Derwatt. Eu... eu acho honestamente que o que Bernard estava fazendo acabou ficando fora do nosso alcance — na verdade desde o início, quando ele começou a assumir o estilo de Derwatt.” Tom acrescentou com convicção: “Eu só gostaria de saber quem seria capaz de impedi-lo de continuar”. Com certeza Cynthia não tinha feito isso, pensou ele, e ela sabia das falsificações desde o início, já que era íntima de Bernard, os dois moravam em Londres e pretendiam se casar.

Cynthia continuou em silêncio, e deu uma tragada no cigarro. Por um instante seu rosto ficou encovado, como o de uma pessoa morta ou doente.

Tom olhou para seu drinque. “Cynthia, eu sei que não existe nenhum grande amor entre mim e você, portanto não lhe importa que Pritchard me infernize a vida. Mas será que ele vai começar a abrir a boca sobre *Bernard*?” Mais uma vez Tom abaixou a voz. “E, pelo jeito, só para me prejudicar? É um absurdo!”

Cynthia fixou o olhar nele. “Bernard? Não. Quem foi que mencionou Bernard em toda essa história? Quem vai trazer à baila o nome dele agora? Será que Murchison sabia o nome dele? Acredito que não. E se soubesse? Murchison está morto. Por acaso Pritchard já falou em Bernard?”

“Não para mim”, disse Tom. Ficou olhando enquanto ela tomava as últimas gotas vermelhas do copo, como se estivesse anunciando o final do encontro. “Quer tomar mais um?”, perguntou ele, vendo o copo vazio. “Se você tomar eu também tomo.”

“Não, obrigada.”

Tom tentou refletir, e depressa. Era uma pena que Cynthia soubesse — ou achasse que sabia — que o nome de Bernard Tufts nunca tinha sido mencionado em conexão com os quadros falsos. Tom se lembrava de ter falado em Bernard para Murchison, quando tentava convencê-lo a parar de investigar as falsificações. Mas, como Cynthia tinha dito,

Murchison estava morto, pois Tom o matara alguns segundos depois dessa conversa inútil. Tom não poderia apelar para o desejo de Cynthia — ele supunha que ela tinha este desejo — de manter limpo o nome de Bernard, já que esse nome nunca fora mencionado nos jornais. Mesmo assim, tentou.

“Você com certeza não haveria de querer o nome de Bernard envolvido na história, caso esse biruta desse Pritchard continue pesquisando e fique sabendo o nome dele através de alguém.”

“Através de quem?”, perguntou Cynthia. “De *você*? Está brincando?”

“Não!” Tom viu que ela tinha tomado a sua pergunta como uma ameaça. “Não”, repetiu ele, sério. “Na verdade, foi uma ideia completamente diferente — e mais feliz — que passou pela minha cabeça, se por acaso o nome de Bernard for relacionado aos quadros.” Tom mordeu o lábio e olhou para o humilde cinzeiro de vidro, que o fez lembrar a conversa igualmente desanimadora com Janice Pritchard em Fontainebleau, onde o cinzeiro tinha pontas de cigarros de outros fregueses.

“E que ideia é essa?” Cynthia pegou sua bolsa e endireitou-se na cadeira, com ar de quem estava pronta para ir embora.

“Que Bernard ficou nessa por tanto tempo — seis, sete anos? —, que acabou se desenvolvendo e se aperfeiçoando — e de certa maneira transformou-se no próprio Derwatt.”

“Você já não disse isso? Ou será que foi Jeff que repetiu para mim o que você lhe disse?” Cynthia não parecia impressionada.

Tom insistiu. “Mais importante: qual seria a catástrofe se alguém revelasse que a segunda metade, ou algo mais, da produção de Derwatt era de autoria de Bernard Tufts? Será que os quadros vão ficar piores por causa disso? Nem estou falando sobre o valor das boas falsificações — que aliás são notícia de jornal hoje em dia, e são até mesmo uma nova moda, ou uma nova indústria. Estou falando de Bernard como um pintor que se desenvolveu *a partir* de Derwatt — quer dizer, continuou de onde ele parou.”

Cynthia se mexeu na cadeira, inquieta, quase se levantou. “Parece que você não consegue perceber — nem você, nem Ed, nem Jeff — que

Bernard era muito infeliz com o que estava fazendo. Foi uma coisa que acabou conosco. Eu...” Ela abanou a cabeça.

Na mesa atrás de Tom novamente explodiram gargalhadas, um estouro de risadas frenéticas. Como poderia afirmar para Cynthia, no próximo meio minuto, que Bernard também amava e respeitava o trabalho de Derwatt, mesmo quando fazia “falsificações”? A objeção de Cynthia era quanto à honestidade de Bernard ao tentar imitar o estilo de Derwatt.

“Cada artista tem seu destino”, disse Tom. “Bernard teve o seu. Fiz o possível para... para mantê-lo vivo. Ele esteve na minha casa, você sabe, e eu conversei com ele, antes de ele ir para Salzburgo. Bernard estava confuso no fim, achando que tinha traído Derwatt de algum jeito.” Tom umedeceu os lábios, bebeu depressa o resto do seu copo. “Eu disse: ‘Muito bem, Bernard, então pare com as falsificações, mas veja se acaba com essa depressão’. Eu estava sempre esperando que ele fosse falar com você de novo, que vocês dois iam ficar juntos de novo...” Aqui Tom se deteve.

Cynthia olhou para ele com seus lábios finos entreabertos. “Tom, você é o homem mais perverso que eu já conheci — se você considera isso um elogio. E aposto que considera.”

“Não.” Tom ficou em pé, pois Cynthia já estava se levantando da cadeira, jogando a alça da bolsa no ombro.

Tom a seguiu até a rua, sabendo que ela adoraria despedir-se o mais rápido possível. Pelo endereço dela na lista telefônica, achou que ela poderia ir para casa a pé, se é que estava indo para lá, e tinha certeza de que não queria que ele a acompanhasse até a porta. Tom teve a sensação de que ela morava sozinha.

“Até logo, Tom. Obrigada pelo drinque”, disse Cynthia quando chegaram na calçada.

“Foi um prazer.”

De repente ele se viu sozinho, de frente para King’s Road, e virou-se para ver a figura alta de Cynthia, com seu suéter bege, desaparecer entre as outras pessoas na calçada. Por que não tinha feito mais perguntas? Qual era a intenção dela ao incentivar Pritchard? Por que não tinha perguntado a ela logo de saída se ela havia telefonado para os Pritchard?

Bem, porque Cynthia não iria responder, pensou Tom. Ou se Cynthia alguma vez encontrou a senhora Murchison?

DEPOIS DE VÁRIOS MINUTOS DE ESFORÇO, Tom conseguiu um táxi e pediu ao chofer que fosse para Covent Garden, dando o endereço de Ed. Seu relógio marcava sete e vinte e dois. Seus olhos pulavam do letreiro de uma loja para o alto de um telhado, depois para uma pomba, um cachorro na coleira atravessando a rua. O chofer teve que dar a volta na King's Road e tomar a direção oposta. Tom estava pensando: se tivesse perguntado a Cynthia se estava sempre em contato com Pritchard, ela poderia ter respondido com seu sorriso de gato: “Claro que não. Qual é a necessidade?”

E isso podia significar que um tipo como Pritchard continuaria agindo por impulso próprio, sem dispor de mais munição — apesar de que ela tinha lhe dado alguma — só porque havia decidido odiar Tom Ripley.

Ao chegar no apartamento, Tom ficou contente de encontrar tanto Jeff como Ed.

“Que tal foi seu dia?”, perguntou Ed. “O que você fez? Além de me comprar aquele belo roupão. Já mostrei para Jeff.”

Estavam no gabinete de Ed, onde ficava a escrivaninha com a máquina de escrever e o telefone.

“Ah, de manhã dei uma olhada na Buckmaster e conversei com Nick. Gosto dele cada vez mais.”

“Ele não é ótimo?”, disse Ed meio mecanicamente, à sua maneira inglesa.

“Ed, em primeiro lugar, tem algum recado para mim? Eu dei o seu número para Héloïse, você sabe.”

“Não, eu verifiquei quando cheguei, lá pelas quatro e meia. Se você quiser tentar ligar para Héloïse agora...”

Tom sorriu. Casablanca? A esta hora? Mas estava um pouco preocupado, pensando em Meknès ou talvez Marrakesh, cidades do interior que lhe traziam visões de areia, horizontes longínquos, camelos que andavam com facilidade enquanto as pessoas afundavam num solo

macio que na sua imaginação assumia os poderes malignos da areia movediça. Tom piscou os olhos. “Ahn... talvez eu tente ligar para ela mais tarde. Tudo bem, Ed?”

“Claro, Tom, minha casa é sua! Quer um gim com tônica?”

“Daqui a pouco, obrigado. Encontrei Cynthia hoje.” Tom viu que Jeff ficou atento.

“Onde? E como?” Jeff riu ao fazer esta última pergunta.

“Fiquei esperando na saída do trabalho dela. Às seis horas. Tive um pouco de dificuldade, mas acabei convencendo a moça a tomar um drinque comigo num *pub* ali perto.”

“É mesmo!”, disse Ed, impressionado.

Tom sentou-se numa poltrona, aceitando o gesto convidativo de Ed. Jeff parecia bem instalado no sofá meio afundado. “Ela não mudou. Continua jururu como sempre. Mas...”

“Relaxe, Tom”, disse Ed. “Volto daqui a um minuto.” Foi até a cozinha e de fato voltou num relance, trazendo um gim com tônica sem gelo e uma rodela de limão.

Enquanto isso Jeff perguntou: “Você acha que ela está casada?”. Fez a pergunta a sério, mas pelo jeito percebia que Cynthia não teria respondido nem sim nem não, se Tom lhe tivesse perguntado.

“Tenho a impressão de que não. Mas é só uma impressão”, disse Tom, aceitando seu drinque. “Obrigado, Ed. Bom, parece que o problema é *meu*, não de vocês. Também não é da Galeria Buckmaster, nem de Derwatt.” Tom ergueu o copo. “Saúde!”

“Saúde”, os dois responderam.

“Quando digo problema, estou dizendo que Cynthia mandou uma mensagem para Pritchard — que, aliás, ela disse nunca ter encontrado — para tentar investigar o caso Murchison. É por isso que estou dizendo que o problema é *meu*.” Tom fez uma careta. “O Pri-chato continua morando no meu bairro. Pelo menos a mulher dele está por lá, neste momento.”

Jeff perguntou: “Mas o que exatamente ele pode fazer — ou ela?”.

“Me apoquentar. Continuar se engraçando para o lado de Cynthia. Encontrar o corpo de Murchison. Ha! Mas pelo menos parece que miss

Gradnor *não* quer abrir o bico sobre as falsificações.” Tom deu um gole no seu drinque.

“Pritchard sabe a respeito de Bernard?”, perguntou Jeff.

“Eu diria que não. Cynthia me disse: ‘Quem falou sobre Bernard em toda essa história?’ — querendo dizer que ninguém falou. Ela tem uma atitude defensiva em relação a Bernard — graças a Deus, e para sorte de todos nós!” Tom reclinou-se na sua confortável cadeira. “Na verdade, eu tentei de novo fazer o impossível.” Como tentei com Murchison, pensou Tom. Tentei e fracassei. “Perguntei para Cynthia, seriamente, se os quadros de Bernard não eram, afinal, tão bons ou melhores do que Derwatt poderia produzir? E no mesmo estilo de Derwatt? O que há de tão horrível se o nome de Derwatt mudasse para Tufts?”

“Ufa”, disse Jeff, esfregando a testa.

“Não vejo como”, disse Ed, de braços cruzados, em pé junto ao sofá onde Jeff estava sentado. “Quanto ao valor dos quadros, não vejo como, mas quanto à *qualidade*...”

“Que deveria ser a mesma coisa, mas não é”, disse Jeff, olhando para Ed com um sorriso irônico.

“Verdade”, concordou Ed. “Você falou sobre isso com *Cynthia*?”, perguntou, parecendo meio preocupado.

“N-não a fundo”, disse Tom. “Na verdade, foram uma ou duas perguntas retóricas. Eu estava tentando contrabalançar o ataque dela, mas na realidade ele não foi lá grande coisa. Ela me disse que eu arruinei a vida de Bernard e quase arruinei a dela também. O que é verdade, creio eu.” Agora foi Tom quem esfregou a testa e se levantou. “Vocês me dão licença, vou lavar as mãos.”

Foi até o banheiro, que ficava entre seu dormitório-biblioteca e o quarto de Ed. Estava pensando em Héloïse, no que ela estaria fazendo agora. Perguntou-se se Pritchard tinha seguido Héloïse e Noëlle até Casablanca.

“Cynthia fez outras ameaças, Tom?”, perguntou Ed em voz baixa quando Tom voltou. “Ou ameaças de ameaças?”

Ed quase fez uma careta ao falar: Tom sabia que ele nunca tinha conseguido engolir aquela Cynthia. Às vezes ela deixava as pessoas constrangidas, pois tinha sempre um ar imperturbável de quem estava

acima de tudo, de qualquer coisa que os outros pudessem pensar ou fazer. Naturalmente, em relação a Tom e seus sócios da Galeria Buckmaster ela já tinha demonstrado franco desprezo. Mas permanecia o fato de que ela não fora capaz de convencer Bernard a parar com as falsificações, apesar de provavelmente ter tentado.

“Nenhuma ameaça, penso eu”, disse Tom por fim. “Ela está gostando de saber que Pritchard está me azucrinando. E vai ajudá-lo nisso, se puder.”

“Ela conversa com ele?”, perguntou Jeff.

“Por telefone? Não sei”, disse Tom. “Talvez. Como o nome dela está na lista telefônica, é fácil para Pritchard lhe telefonar, se ele quiser.” Tom estava pensando: o que Cynthia poderia dar a Pritchard, já que não estava disposta a denunciar as falsificações? “Talvez Cynthia queira chatear a gente — todos nós — só porque ela sabe que *pode* abrir o bico a qualquer momento, quando quiser.”

“Mas você disse que ela nem ameaçou fazer isso”, disse Jeff.

“Não, mas não é do feitio dela ameaçar”, respondeu Tom.

“Não mesmo”, Ed concordou. “Pensem na repercussão”, acrescentou baixinho, em tom sincero, como se refletisse.

Será que Ed estava pensando na repercussão desfavorável para Cynthia, para Bernard Tufts, para a galeria, ou para os três? De qualquer forma seria horrível, pensou Tom, inclusive porque seria algo possível de se provar não pela análise das telas, mas pela ausência dos certificados de procedência. Além disso havia os desaparecimentos, até agora apenas parcialmente explicados, de Derwatt, Murchison e *também* de Bernard Tufts, que dariam mais peso à coisa toda.

Jeff ergueu o queixo bem pronunciado e deu seu sorriso largo e bem-humorado, que Tom não via havia muito tempo. “A menos que nós conseguíssemos provar que não sabíamos de nada sobre as falsificações.” Disse isso dando risada, como se naturalmente fosse impossível.

“Sim, se nós não fôssemos amigos de Bernard Tufts, e se ele nunca tivesse ido à Galeria Buckmaster”, disse Ed. “Aliás, na verdade ele nunca esteve na galeria.”

“Podemos jogar a culpa toda em Bernard”, disse Jeff, agora mais sério, mas ainda sorrindo.

“Isso não cola”, disse Tom, refletindo sobre o que acabava de ouvir. Terminou de tomar seu drinque. “Cynthia vai nos esganar com as próprias mãos se a gente botar a culpa em Bernard. Eu tremo só de pensar!” Tom riu alto.

“Isso é *bem* verdade!”, disse Ed Banbury, sorrindo com o humor negro da coisa. “Mas como é que ela poderia provar que a gente está mentindo? Que Bernard mandava os quadros do seu ateliê em Londres, e não do México?”

“Ou será que ele se daria ao trabalho de mandar do México, para a gente acreditar nos carimbos postais?”, perguntou Jeff, iluminando o rosto com aquela fantasia alegre.

“Com o preço daqueles quadros”, disse Tom, “Bernard bem que poderia se dar ao trabalho de enviá-los até da China! Principalmente com a ajuda de um cúmplice.”

“Um cúmplice!”, disse Jeff, levantando o dedo. “Aí está! O culpado é o cúmplice, e nós não conseguimos encontrá-lo, nem nós, nem Cynthia! Ha-ha!”

Os três soltaram uma gargalhada. Foi um alívio.

“Absurdo”, disse Tom, esticando as pernas. Será que seus amigos estavam lhe atirando mais uma ideia para brincar, e com essa brincadeira os três e a galeria poderiam se livrar das ameaças veladas de Cynthia e de todos os pecados do passado? Se fosse assim, a ideia do cúmplice não era viável. Na verdade, Tom estava pensando outra vez em Héloïse, e em tentar se comunicar com a senhora Murchison enquanto estava em Londres. O que poderia lhe perguntar? Logicamente, plausivelmente? Como Tom Ripley, ou como policial francês, como já havia feito com sucesso com Cynthia? Será que Cynthia já teria ligado para a senhora Murchison contando que a polícia francesa havia lhe pedido o endereço dela? Tom duvidava. Embora a senhora Murchison fosse mais fácil de enganar do que Cynthia, era mais prudente tomar cuidado. Depois do orgulho vem a queda. Tom queria saber se o abelhudo do Pritchard havia falado recentemente, ou alguma vez, com a senhora Murchison por telefone. Bem, queria saber principalmente isso, mas poderia telefonar com a desculpa de confirmar o endereço e telefone dela, a respeito das investigações sobre seu marido. Não, teria que fazer alguma

pergunta bem definida: serrá que ela sabia onde m'sieur Prrichar estava no momento, pois a police tinha perdido a pista dele na Afrrique du Nord, e m'sieur Prrichar estava ajudando a police a prrocurrarr seu marido.

“Tom?” Jeff deu um passo para junto dele, oferecendo-lhe um pratinho de pistaches.

“Obrigado. Posso ficar com um punhado? Adoro pistaches”, disse Tom.

“Claro, Tom, pegue quantos quiser”, disse Ed. “Jogue as casquinhas aqui no cesto.”

Tom disse: “Acabo de pensar numa coisa óbvia a respeito de Cynthia”.

“O que é?”, perguntou Jeff.

“Ela não pode jogar dos dois lados. Não pode ficar nos provocando, nem espicaçando Pritchard, perguntando ‘Onde está Murchison?’. Se fizer isso, estará admitindo que havia uma razão para eliminá-lo, ou seja, que era preciso fazê-lo calar a boca sobre as falsificações. Se Cynthia continuar nessa, ela vai acabar expondo o fato de que Bernard fez as falsificações, e creio que ela não quer expor Bernard a *nada*. Nem mesmo ao fato de ter sido explorado.”

Os outros ficaram em silêncio alguns segundos.

“Cynthia sabe que Bernard era um cara esquisito. Nós o exploramos, exploramos o talento dele, disso não há dúvida.” Tom acrescentou, pensativo: “Será que ela teria se casado com ele?”

“Sim”, disse Ed com convicção. “Acho que sim. Debaixo daquela casca toda, ela é um tipo maternal.”

“*Maternal!*” Sentado no sofá, Jeff riu tanto que levantou os pés do chão. “Maternal, Cynthia!”

“Todas as mulheres são, você não acha?”, perguntou Ed, sério. “Eu acredito que aqueles dois iam se casar. E essa é mais uma razão para ela estar tão sentida.”

Tom sacudiu a cabeça depressa para clarear as ideias e mastigou mais um pistache.

“Alguém está interessado em comer?”, perguntou Jeff.

“Ah, sim”, respondeu Ed. “Conheço um lugar — não, esse aí é em Islington. Tem outro lugar bom perto daqui, diferente do de ontem à

noite.”

“Quero tentar madame Murrchisson”, disse Tom, levantando da cadeira. “Nova York, vocês sabem. Talvez agora seja uma boa hora, se ela estiver almoçando em casa.”

“Vai firme”, disse Ed. “Quer usar o telefone da sala? Ou esse aqui?”

Franzindo a testa, um pouco nervoso, Tom dava a impressão de querer ficar sozinho. “Na sala está bem.”

Ed fez um gesto, e Tom tirou seu caderninho.

“Fique à vontade”, disse Ed, colocando uma cadeira perto do telefone.

Tom continuou em pé. Discou para o número de Manhattan, e ensaiou em silêncio para apresentar-se como o comissário Edouard Bilsault, da polícia francesa, falando de Paris — e graças a Deus tinha anotado aquele nome difícil, “Bilsault”, debaixo do endereço da senhora Murchison, do contrário poderia não se lembrar. Desta vez faria um sotaque menos acentuado, mais parecido com o de Maurice Chevalier.

Infelizmente a senhora Murchison não estava em casa, mas deveria voltar a qualquer momento, disse uma voz de mulher, que Tom achou que poderia ser uma empregada ou faxineira, embora não tivesse certeza; assim, continuou caprichando no sotaque francês.

“Querr fazerr o favorr de avisarr que o comissárrio Bilsault — non non, non prrecisa escrever — vai ligarr parra ela de novo... si, hoje à noite ou amanhã... Obrrigado, madame.”

Não havia necessidade de dizer que o telefonema era a respeito de Thomas Murchison, porque a senhora Murchison iria imaginar. Tom decidiu tentar de novo mais tarde, já que ela estava para chegar.

Tom não tinha certeza do que iria lhe perguntar, se conseguisse falar com ela: se tinha notícias de David Pritchard, claro, com quem a polícia francesa perdera contato no momento. Estava perfeitamente preparado para ouvir um “Não, não tenho notícia nenhuma” quando fizesse essa pergunta, mas mesmo assim tinha que perguntar alguma coisa, ou afirmar alguma coisa, pois a senhora Murchison e Cynthia poderiam estar em contato, pelo menos de vez em quando. Mal tinha entrado no estúdio de Ed quando o telefone da escrivania tocou.

Ed atendeu. “Ah, sim! *Oui!* Só um momento! Tom! É Héloise!”

“Ah!”, disse Tom, e pegou o fone. “Alô, minha querida!”

“Alô, Tómm!”

“Onde você está?”

“Estamos em Casablanca. Muito fresco, uma brisa deliciosa! E sabe da maior? O tal mister Prrichard apareceu por aqui! Nós chegamos à uma da tarde, e ele deve ter chegado logo depois. Deve ter descoberto o nosso hotel, porque...”

“Ele está no mesmo hotel de vocês? O Miramare?”, perguntou Tom, lívido e impotente, apertando o telefone.

“*Non!* Mas ele *apareceu* aqui. Ele viu a gente, viu Noëlle e eu. Mas não viu você, nós reparamos que ele olhava em volta, procurando. Mas, Tómm...”

“Sim, meu doce?”

“Isso foi seis horas atrás! Depois disso, Noëlle e eu demos uma procurada. Telefonamos a um hotel, dois hotéis, e ele não está hospedado em nenhum. Nós achamos que ele foi embora porque você não está conosco.”

Tom continuava franzindo a testa. “Não tenho tanta certeza. Como você pode estar tão certa?”

Houve um clique final, como se uma mão maldosa tivesse cortado a linha. Tom respirou fundo e conteve-se para não dizer um palavrão.

Em seguida a voz de Héloïse voltou, falando mais calmamente, através de ruídos oceânicos: “...já é de noite e nós não o estamos vendo em parte alguma. Claro que é uma vergonha ele seguir a gente assim. Aquele canalha, *le salaud!*”.

Tom estava pensando que Pritchard já deveria ter voltado a Villeperce a essas alturas, acreditando que ele, Tom, também havia voltado. “Mesmo assim você deve ter cuidado, querida. Esse Pritchard é cheio dos truques. Não confie nem mesmo em algum estranho que disser ‘Venha comigo’, seja lá para onde for. Mesmo que for para entrar numa loja, por exemplo. Está compreendendo?”

“*Oui, mon cher.* Mas nós passeamos só durante o dia, olhando as vitrines, comprando umas coisinhas de couro, de bronze. Não se preocupe, Tómm. Muito pelo contrário! Aqui é divertido. Hei! Noëlle quer lhe dizer uma palavrinha.”

Muitas vezes Tom se espantava com o “Hei!” de Héloïse, mas agora a interjeição lhe pareceu gostosa, familiar, e o fez sorrir. “Alô, Noëlle. Quer dizer que você está se divertindo em Casablanca?”

“Ah, Tómm, é maravilhoso! Acho que já faz três anos que estive em Casablanca, mas me lembro tão bem do porto — um porto melhor do que Tânger, você sabia? Este aqui é muito maior...”

Os ruídos marítimos aumentaram, afogando a voz dela. “Noëlle?”

“...não ver esse monstro há várias horas é um *prazer*”, continuou Noëlle em francês, aparentemente sem notar a interrupção.

“Está falando de Pritchard?”

“Prrichar, *oui! C’est atroce!* Essa história de rapto!”

“*Oui, il est atroce!*”, disse Tom, como se ecoando as palavras em francês ele confirmasse que David Pritchard era insano, uma figura para ser odiada por toda a humanidade e posta atrás das grades. Só que, infelizmente, Pritchard não estava atrás das grades. “Sabe, Noëlle, estou pensando em ir a Villeperce logo mais, amanhã mesmo, porque Pritchard talvez esteja lá, criando alguma encrenca. Posso tentar falar com vocês amanhã?”

“Mas é claro. Que tal meio-dia? Podemos estar aqui.”

“Mas não se preocupem se eu não ligar, porque telefonar durante o dia é difícil.” Tom confirmou o número do Miramare com Noëlle, que, com sua maneira eficiente, já o tinha à mão. “Noëlle, você sabe como Héloïse é, às vezes ela nem se preocupa quando uma situação é perigosa. Olhe, eu não quero que ela ande sozinha na rua, nem durante o dia, nem para comprar um jornal.”

“Compreendo, Tómm”, disse Noëlle em inglês, “e aqui é tão fácil *contratar* alguém para fazer qualquer coisa!”

Pensamento horrível, mas Tom respondeu com gratidão: “Pois é! Mesmo que Pritchard já tenha voltado para a França”. E acrescentou num francês grosseiro: “Só gostaria que ele tirasse a sua” — Tom não disse o que — “da nossa cidade”.

Noëlle riu. “Até amanhã, Tómm!”

Mais uma vez Tom pegou seu caderninho com o número da senhora Murchison. Percebeu que estava fervendo de raiva de Pritchard. Pegou o telefone e discou.

“Alô!”

“Madame Murchisson?”

“Sim.”

Tom apresentou-se mais uma vez: “Comissário Edouard Bilsault, falando de Parris”. Estava preparado para dar o número do distrito e do bairro, inventado na hora, se fosse necessário. Também estava curioso para saber — se conseguisse descobrir com diplomacia — se Cynthia já tinha tentado ligar para a senhora Murchison aquela noite.

Limpou a garganta e empostou a voz num timbre mais alto. “Madame, é a respeito de seu marido, que está desaparecido. No momento non estamos conseguindo localizar Davi Prrichar. Estivemos em contato com ele recentemente — mas m’sieur Prrichar foi a Tânger — a senhorra sabia disso?”

“Ah, sim”, disse a senhora Murchison calmamente, com sua voz civilizada de que Tom agora se lembrava. “Ele disse que talvez fosse, porque o senhor Ripley ia para lá — com a esposa, creio.”

“*Oui*. Exato, madame. A senhorra não teve notícias de m’sieur Prrichar depois que ele viajou parra Tânger?”

“Não.”

“Nem de madame Cynthia Grradnorr? Crreio que ela também está em contato com a senhorra?”

“Sim, ultimamente, ela às vezes escreve ou telefona. Mas não é a respeito de ninguém em Tânger. Neste ponto não posso ajudá-lo.”

“Si, comprreendo. *Merci*, madame.”

“Ahn... eu não sei o que o senhor Pritchard está fazendo em Tânger. Foi o senhor quem sugeriu que ele fosse? Quer dizer, foi uma ideia da polícia francesa?”

Era uma ideia de lunático, pensou Tom, típica ideia do maluco do Pritchard: seguir Ripley, e nem mesmo para matar, só para infernizar. “Non, madame, foi m’sieur Prrichar que quis seguir m’sieur Ripley até a Afrique du Nord, non foi nossa ideia. Mas em gerral ele tem contato com a *police française*.”

“Mas quais são as novidades sobre meu marido? Apareceu algum fato novo?”

Tom suspirou, e ouviu a buzina dos carros nova-iorquinos pela janela aberta da senhora Murchison. “Non, madame, nenhuma novidade, sinto muito. Mas estamos tentando. É uma situação delicada, madame, porque m’sieur Ripley é um homem rrespeitado na cidade onde morra, e nós non temos nada, *absolument rien*, contrra ele. É m’sieur Prrichar que tem suas prróprrias ideias — que naturalmente nós levamos em considerraçon, mas a ssenhorra comprreende, madame Murchisson?...” Continuou falando num tom educado, mas aos poucos afastando o bocal para que sua voz fosse sumindo. Fez um barulho estranho, uma sucção, um gargarejo, e desligou, como se a linha tivesse caído.

Ufa! Não foi tão mal como ele temia, e sem perigo nenhum, pensou ele. Mas, decididamente, Cynthia estava em contato! Esperava que essa fosse a última vez que ele precisava telefonar para a senhora Murchison.

Voltou então para o escritório, onde Ed e Jeff pareciam prontos para sair e jantar. Tinha decidido não telefonar para madame Annette hoje à noite, mas amanhã de manhã, depois que ela voltasse das compras, que com certeza ela continuava fazendo no mesmo horário. Madame Annette saberia através de sua fiel sentinela — Geneviève, não era? — se m’sieur Prrichar já tinha voltado a Villeperce ou não.

“Bem”, disse Tom, sorrindo. “Falei com madame Murrchisson. E...”

“Achamos melhor não ficar por perto, Tom.” Jeff parecia interessado.

“Pritchard andou em contato, o bastante para avisar a senhora Murchison de que tinha ido para Tânger. Imagine! Acho que um telefonema já bastou para isso. E ela me disse que Cynthia às vezes lhe telefona e escreve. Que péssimo, não?”

“Quer dizer, estão todos em contato”, disse Ed. “Sim... É bem mau.”

“Vamos sair e comer alguma coisa”, disse Tom.

“Tom, estive conversando com Ed”, começou Jeff. “Um de nós dois, ou ambos vamos até a França ajudar você contra esse...” — Jeff procurou uma palavra — “...esse maluco obcecado desse Pritchard.”

“Ou até Tânger”, Ed Banbury acrescentou de imediato. “Aonde quer que você tenha que ir, Tom. Ou onde quer que a gente possa ser útil. Nós estamos todos juntos nessa história, você sabe.”

Tom assimilou a ideia. Na verdade, era bem confortadora. “Obrigado. Vou pensar no que eu, ou nós, precisamos fazer — ou *prrecisamos fazerr*.

Bom, vamos sair?”

TOM NÃO PENSOU MUITO em seus problemas do momento enquanto jantava com Jeff e Ed. Tinham tomado um táxi para um restaurante que Jeff conhecia na área de Little Venice, pequeno e tranquilo. Na verdade estava tão tranquilo e sem fregueses naquela noite que Tom falou baixo o tempo todo, mesmo quando conversava sobre assuntos inocentes como culinária.

Ed disse que vinha dando alguma atenção a seu esquecido talento para a cozinha, se é que tinha algum, e da próxima vez iria se arriscar a cozinhar para os dois.

“Amanhã à noite? Ou na hora do almoço?”, perguntou Jeff com um sorriso incrédulo.

“Tenho um livrinho chamado *O cozinheiro criativo*”, continuou Ed. “Ele incentiva a gente a combinar vários ingredientes e...”

“Sobras?” Jeff ergueu um pedaço de aspargo, com manteiga escorrendo, e deu uma mordida.

“Pode caçar”, disse Ed. “Mas da próxima vez, eu juro.”

“Só que amanhã você ainda não vai estar pronto para ser um cozinheiro criativo”, disse Jeff.

“Como é que eu posso saber se Tom vai estar aqui amanhã à noite? Será que o próprio Tom sabe?”

“Não”, disse Tom. Tinha observado, numa mesa que ficava depois de duas mesas vazias, uma moça muito bonita de cabelo loiro liso, conversando com um rapaz sentado à sua frente. Usava um vestido preto sem mangas, brincos de ouro, e tinha aquela autoconfiança feliz que Tom poucas vezes via fora da Inglaterra, com um tipo de beleza que fazia seus olhos se voltarem para ela a todo momento. A moça o fez pensar num presente para Héloïse. Brincos de ouro? Absurdo! Quantos pares Héloïse já tinha? Um bracelete? Héloïse gostava de uma surpresa, mesmo pequena, quando ele voltava de alguma viagem. E quando será que ela voltaria para casa?

Ed deu uma olhada para ver por que Tom estava tão fascinado.

“Bonita, não?”, disse Tom.

“É mesmo”, Ed concordou. “Olhe, Tom, posso ficar livre no fim da semana. Ou mesmo na quinta-feira, depois de amanhã, para ir à França — ou a qualquer lugar. Tenho um artigo para revisar e datilografar. Mas posso acabar rápido, se necessário. Se você está em dificuldades.”

Tom não respondeu de imediato.

“E com Ed nada de processador de textos”, Jeff comentou. “Ed é do tipo antigo.”

“*Eu sou* um processador de textos”, disse Ed. “E o que dizer das suas velhas câmeras, falando nisso? *Algumas* são bem velhas.”

“E excelentes”, respondeu Jeff calmamente.

Tom viu que Ed deixou passar uma resposta. Tom estava saboreando deliciosas costeletas de carneiro e um bom vinho tinto. “Ed, amigo, fico muito grato”, disse em voz baixa, dando uma olhada para a esquerda, onde, depois de uma mesa vazia, a outra mesa tinha agora três pessoas. “Digo isso porque você pode se dar mal. Veja, não sei exatamente como, porque ainda não vi Pritchard com nenhuma arma, por exemplo.” Tom abaixou a cabeça e disse como para si mesmo: “Talvez eu tenha até que agarrar aquele filho da puta num corpo a corpo. Acabar de uma vez com ele, sei lá”.

Suas palavras ficaram pairando no ar.

“Eu sou bem forte”, disse Jeff num tom alegre. “Você pode precisar disso, Tom.”

De fato, Jeff Constant devia ser mais forte que Ed, pensou Tom, pois era mais alto e mais pesado. Por outro lado, Ed parecia capaz de se mover mais depressa, se necessário. “Todos nós precisamos nos conservar em boas condições, *n'est-ce pas?* Bom, e agora, quem está a fim de uma boa sobremesa com calda escorrendo?”

Jeff quis pagar a conta. Tom convidou os amigos para tomar um Calvados, dizendo: “Quem sabe quando vamos nos encontrar de novo, assim numa boa?”

A proprietária lhes disse que o Calvados era por conta da casa.

Tom acordou com a chuva batendo na janela, um ruído não forte, mas decidido. Vestiu seu robe novo, ainda com a etiqueta pendurada, lavou-se e foi para a cozinha. Pelo jeito, Ed ainda não estava em pé. Ferveu um pouco de água e fez um café forte só para si. Tomou um banho rápido, fez a barba, e estava dando o nó na gravata quando Ed apareceu.

“Bom dia! Lindo dia, não?”, disse Ed, sorrindo. “Está vendo? Estou usando meu robe novo.”

“Estou vendo, sim.” Tom estava com a cabeça em outro lugar: pensava em telefonar para madame Annette, e ficou feliz ao lembrar-se de que na França era uma hora mais tarde, e dentro de uns vinte minutos ela estaria de volta das compras. “Fiz café, quer tomar um pouco? O que eu faço com a minha cama?”

“Deixe arrumada por enquanto. Depois a gente vê.” Ed foi até a cozinha.

Tom ficou contente ao ver que Ed conhecia-o bastante para imaginar que ele gostaria de fazer a cama ou então tirar os lençóis, e dizer-lhe para deixar a cama arrumada era uma maneira de demonstrar que ele era bem-vindo para ficar mais uma noite, se necessário. Ed colocou alguns *croissants* para esquentar no forno, e pôs na mesa também suco de laranja. Tom tomou o suco, mas estava tenso demais para comer qualquer coisa.

“Tenho que telefonar para Héloïse ao meio-dia, ou pelo menos tentar”, disse Tom. “Não lembro se já lhe disse.”

“Fique à vontade para usar meu telefone, Tom. A qualquer hora.”

Tom estava pensando que talvez não estivesse em casa ao meio-dia. “Obrigado, Ed. Vamos ver.” Deu um pulo ao ouvir o telefone tocar.

Depois de algumas palavras de Ed, Tom percebeu que era um telefonema de negócios, algo a respeito da legenda de uma foto.

“O.k., claro, é fácil”, disse Ed. “Estou com a cópia aqui... Eu telefono para você antes das onze. Não tem problema.”

Tom olhou para o relógio e viu que o ponteiro dos minutos quase não se mexera desde a última vez que o tinha olhado. Estava pensando que poderia pedir a Ed um guarda-chuva emprestado e passar parte da manhã andando por aí — talvez dar uma olhada na Galeria Buckmaster

para escolher um desenho para uma possível aquisição. Um desenho de Bernard Tufts.

Ed voltou em silêncio e foi até o bule de café.

“Vou tentar ligar para minha casa”, disse Tom, e levantou da cadeira da cozinha.

Na sala, Tom discou para Belle Ombre e deixou o telefone tocar oito vezes, e depois mais duas, antes de desistir.

“Ela está fazendo compras. Talvez fazendo fofocas”, acrescentou para Ed com um sorriso. Mas já havia notado que madame Annette também estava ficando um pouco surda.

“Tente mais tarde, Tom. Vou me vestir.” Ed saiu.

Dali a poucos minutos Tom ligou de novo, e madame Annette respondeu no quinto toque.

“Ah, m’sieur *Tómm*! Onde o senhor está?”

“Ainda em Londres, madame. E falei com madame Héloïse ontem. Ela está bem. Em Casablanca.”

“Casablanca! E quando ela volta para casa?”

Tom riu. “Como é que eu posso saber? Estou telefonando para perguntar como estão as coisas em Belle Ombre.” Tom sabia que madame Annette lhe contaria se tivesse visto algum espião, ou lhealaria de m’sieur Pritchard, pelo nome, caso ele já tivesse tido tempo de voltar e espionar.

“Aqui está tudo bem, m’sieur *Tómm*, Henri não esteve por aqui, mas mesmo assim está tudo bem.”

“E a senhora sabe por acaso se m’sieur Pritchard está em casa, em Villeperce?”

“Ainda não, m’sieur, ele está viajando, mas volta hoje. Acabei de saber isso por intermédio de Geneviève esta manhã na padaria, e ela ficou sabendo pela esposa de m’sieur Hubert, o electricista, que fez um serviço para madame Prrichar hoje de manhã.”

“É mesmo?”, disse Tom, cheio de respeito pelo serviço de informações de madame Annette. “E ele volta hoje?”

“Ah, sim, com certeza”, disse madame Annette calmamente, como se estivesse falando sobre o nascer ou o pôr do sol.

“Vou telefonar de novo antes... antes... bem, antes de ir para qualquer outro lugar. Bem, madame Annette, cuide-se a senhora também!” Desligou, e soltou um profundo suspiro.

Tom achou que deveria voltar para casa naquele mesmo dia, portanto reservar sua volta para Paris era a sua próxima tarefa. Foi até sua cama e começou a tirar os lençóis, quando se lembrou da possibilidade de voltar a Londres antes que Ed tivesse outro hóspede, de modo que refez a cama como estava.

“Achei que você já tinha acabado com isso”, disse Ed, entrando no quarto.

Tom explicou: “O velho Pri-chato está voltando para Villeperce hoje. Assim, vou encontrá-lo lá. E, se for necessário, vou atraí-lo para Londres, onde” — Tom lançou um sorriso para Ed, expressando agora uma fantasia — “as ruas são numerosas e muito escuras à noite, e Jack, o Estripador, fez um bom serviço, não fez? O que ele...”. Tom fez uma pausa.

“O que ele o quê?”

“O que Pritchard conseguiria ao me arruinar, isso eu não sei. Satisfação sádica, creio eu. Ou ao revelar a história de Murchison. Talvez ele não conseguisse provar nada, sabe, Ed? Mas eu ficaria em maus lençóis. E se ele conseguisse me matar, poderia ver Héloïse tornar-se uma viúva infeliz, talvez voltando a morar em Paris, pois não consigo imaginá-la morando sozinha na nossa casa, ou mesmo casando com outro homem e morando lá.”

“Tom, pare de sonhar!”

Tom se espreguiçou, tentando relaxar. “Não compreendo gente louca.” Mas percebeu que tinha compreendido Bernard Tufts muito bem. E no caso de Bernard tinha perdido a parada, pois não fora capaz de impedi-lo de se suicidar. “Bom, Ed, me dá licença agora, vou providenciar um voo.”

Tom telefonou para a reserva da Air France e ficou sabendo que podia tomar o voo que saía de Heathrow à uma e quarenta daquela tarde. Deu a informação a Ed e disse: “Vou apanhar minha maleta e ir andando”.

Ed estava pronto para sentar à sua máquina de escrever, já com trabalhos espalhados pela mesa. “Espero ver você logo, Tom. Adorei sua visita. Vou estar com você em pensamento.”

“Tem algum desenho de Derwatt à venda? Pelo que entendi, em princípio eles não estão à venda.”

Ed Banbury sorriu. “Estamos segurando esses desenhos, mas para você...”

“Quantos são? E a que preço, mais ou menos?”

“Uns cinquenta, ou por aí. Os preços? Talvez a partir de dois mil, até quinze mil, talvez. Alguns são Bernard Tufts, naturalmente. Se são *bons* desenhos, o preço é mais alto. Nem sempre depende do tamanho.”

“Eu pagaria o preço normal, é claro. Ficaria feliz de pagar.”

Ed quase deu risada. “Ora, Tom, se você gosta de algum desenho, você merece ganhar de presente! De quem é o lucro, afinal de contas? De nós três!”

“Talvez eu tenha tempo de dar uma olhada na galeria hoje. Você não tem nenhum aqui em casa?”, Tom perguntou, como se Ed decerto tivesse.

“Tenho um no meu quarto, se você quiser dar uma olhada.”

Foram até o quarto, no final de um pequeno corredor. Ed levantou um desenho emoldurado, que estava apoiado no seu gaveteiro. O desenho em *conté* e carvão mostrava linhas verticais e oblíquas que poderiam representar um cavalete, e atrás dele a sugestão de uma figura só um pouquinho mais alta que o cavalete. Seria um Tufts ou um Derwatt?

“Bonito.” Tom apertou os olhos, abriu de novo, deu um passo à frente. “Como se chama?”

“*Cavalete no estúdio*”, replicou Ed. “Gosto deste vermelho alaranjado, é quente. Só essas duas linhas para indicar o tamanho da sala. É típico. Não fico com ele na parede o tempo todo — só uns seis meses por ano, talvez —, assim ele sempre tem sabor de novidade.”

O desenho tinha uns setenta centímetros de altura e talvez cinquenta de largura, numa moldura cinzenta e neutra, bem apropriada.

“É de Bernard?”, perguntou Tom.

“É um Derwatt. Comprei uns anos atrás, por uma quantia irrisória. Acho que foram umas quarenta libras. Esqueci onde eu o encontrei! Ele pintou isto em Londres. Olhe a mão.” Ed estendeu a mão direita na mesma posição que se via no esboço.

No desenho, a mão direita com a indicação de um esguio pincel nos dedos estava estendida. O pintor se aproximava do cavalete, o pé esquerdo delineado por um traço cinza-escuro representando a sola do sapato.

“Homem indo trabalhar”, disse Ed. “Me dá coragem, esse quadro.”

“Compreendo.” Na porta, Tom virou-se: “Vou saindo para ver os desenhos — e depois tomar um táxi para Heathrow. Muito obrigado, Ed, por toda a sua gentileza”.

Tom pegou sua capa de chuva e sua maleta. Debaixo da sua chave na mesinha de cabeceira tinha deixado duas notas de vinte libras para os telefonemas, que Ed iria encontrar ainda hoje ou amanhã.

“Não é melhor combinar logo o dia da minha chegada?”, perguntou Ed. “Por exemplo, amanhã? É só falar, Tom.”

“Vamos ver como estão as coisas. Quem sabe eu telefono para você hoje à noite. E não se preocupe se eu não telefonar. Devo estar em casa lá pelas sete ou oito da noite, se tudo correr bem.”

Na porta, deram um firme aperto de mão.

Tom foi até uma esquina que parecia promissora, e quando conseguiu um táxi pediu ao chofer para levá-lo até Old Bond Street.

Desta vez Nick estava sozinho quando Tom chegou, e levantou-se da mesa onde folheava um catálogo da Sotheby's.

“Bom dia, Nick”, disse Tom com voz agradável. “Estou de volta para dar mais uma olhada nos desenhos de Derwatt. Seria possível?”

Nick levantou-se e sorriu como se considerasse esse pedido algo especial. “Sim, senhor Ripley, é por aqui, o senhor já sabe.”

Tom gostou do primeiro que Nick tirou, o esboço de uma pomba no peitoril de uma janela, com algumas linhas extras no contorno, típicas de Derwatt, sugerindo o movimento alerta da ave. O papel, amarelado mas originalmente de um branco creme, apesar de ser de boa qualidade, estava se deteriorando nas bordas, mas Tom gostou disso. Era um desenho feito a carvão e *conté*, agora debaixo de um plástico transparente.

“E o preço deste?”

“Ahn... talvez dez mil, senhor Ripley. Tenho que verificar.”

Tom olhou para outro desenho na pasta, o interior de um restaurante movimentado, que não o atraiu, e depois duas árvores e um banco num cenário que parecia um parque de Londres. Não, o pombo. “Se eu der um sinal e você falar com o senhor Banbury?”

Tom assinou um cheque de duas mil libras e o deu para Nick na sua mesa. “É uma pena que não esteja assinado por Derwatt. Sem nenhuma assinatura”, disse Tom, interessado na resposta que Nick daria.

“Bem, s-sim, pois é”, respondeu Nick num tom agradável, balançando-se nos calcanhares. “Assim era Derwatt, pelo que ouvi dizer. Fazia um esboço no impulso do momento, nem pensava em assinar, esquecia de assinar depois, e aí ele... não está mais entre nós.”

Tom concordou. “Verdade. Até logo, Nick. O senhor Banbury tem meu endereço.”

“Sim senhor, não tem problema.”

A seguir, Heathrow, que lhe parecia mais abarrotado a cada vez que passava por lá. As faxineiras com vassouras e baldes sobre rodinhas não conseguiam dar conta dos guardanapos de papel e envelopes de passagens aéreas jogados no chão. Tom teve tempo de comprar uma caixa com seis tipos de sabonetes ingleses para Héloïse e uma garrafa de Pernod para Belle Ombre.

E quando será que veria Héloïse?

Tom comprou um jornal de fofocas, do tipo que não ia conseguir no avião. No seu assento de primeira classe, cochilou depois de almoçar lagosta com vinho branco, e só acordou quando a aeromoça pediu para apertar os cintos. A colcha de retalhos dos campos franceses, com sua nítida divisão de verde-claro, verde-escuro e marrom, já se estendia lá embaixo. O avião inclinou-se de lado. Tom se sentia revigorado, pronto para qualquer coisa — quase. Pela manhã, em Londres, ocorreu-lhe fazer uma visita aos arquivos de jornais, onde quer que isso ficasse, para procurar informações sobre David Pritchard, como provavelmente Pritchard já tinha feito nos Estados Unidos a respeito de Tom Ripley. Mas o que haveria nos arquivos sobre David Pritchard, se é que este era o seu nome verdadeiro? Delitos de uma adolescência mimada? Multas de trânsito? Um problema com drogas aos dezoito anos? Coisas que mal mereciam registro, mesmo na América, e sem nenhum interesse na Inglaterra ou na França. Mesmo assim, era curioso pensar que Pritchard

poderia estar nos arquivos por torturar e matar um cachorro aos quinze anos de idade — alguma horrível pepita como esta que bem poderia ter surgido em Londres, se os computadores dessem uma peneirada bem fina. Tom se firmou no assento quando o avião pousou suavemente e começou a frear. Quanto ao *seu* prontuário... bem, poderia resumir-se a uma lista de interessantes suspeitas. Nenhuma condenação, porém.

Depois do controle de passaportes, Tom foi até um telefone público e ligou para casa.

Madame Annette respondeu no oitavo toque. “Ah, m’sieur *Tõmm!* *Où êtes-vous?*”

“No aeroporto de Roissy. Com sorte, chego em casa daqui a umas duas horas. Tudo bem por aí?”

Tom se assegurou de que tudo estava correndo nos eixos como sempre.

Tomou um táxi até a casa. Estava tão ansioso para chegar que não se preocupou com a possibilidade de o chofer se interessar pelo seu endereço. O dia estava quente e ensolarado, e Tom abriu uma fresta nas duas janelas, esperando que o chofer não reclamasse de uma *courant d’air*, coisa que os franceses costumam fazer com a mais suave brisa. Tom pensava em Londres, no jovem Nick, na boa vontade de Jeff e Ed para ajudar em caso de necessidade. E o que estaria fazendo Janice Pritchard? A que ponto será que ela ajudava o marido, o acobertava, e a que ponto o instigava a respeito desses assuntos? Ficava ao lado dele e depois o abandonava quando ele precisava dela? Janice era o elo mais fraco da corrente, pensou Tom, um termo absurdo para alguém tão frágil.

O ouvido de madame Annette era bastante apurado para ouvir os pneus do táxi no cascalho, pois já tinha aberto a porta da frente e estava na varanda antes de o carro parar. Tom pagou a corrida, deu uma gorjeta ao chofer e levou sua mala até a porta.

“*Non, non*, madame, deixe que eu levo!”, disse Tom. “Não pesa nada!”

Os velhos hábitos de madame Annette nunca morriam, hábitos como o de sempre querer carregar a mala mais pesada, como cabia a uma governanta.

“Madame Héloïse telefonou?”

“*Non*, m’sieur.”

Essa era uma boa notícia, pensou Tom. Entrou no hall da frente e inspirou o aroma de velhas pétalas de rosas, ou algo semelhante, mas sem o cheiro de lavanda, o que o fez lembrar que estava trazendo a cera na maleta.

“Um chá, m’sieur Tómm? Ou um café? Um refresco gelado?” Ela já estava pendurando sua capa de chuva.

Tom hesitou, entrou na sala e deu uma olhada pela varanda para o gramado. “Bem, sim, um café. E sem dúvida um drinque também.” Eram sete horas. “Acho que primeiro vou tomar um banho rápido.”

“*Oui*, m’sieur. Ah! Madame Berthelin telefonou. Ontem à noite. Eu disse a ela que o senhor e madame estavam viajando.”

“Obrigado”, disse Tom. Os Berthelin, Jacqueline e Vincent, eram vizinhos que moravam a alguns quilômetros de distância, em outra cidade. “Vou telefonar para ela”, disse Tom, já subindo a escada. “Nenhum outro telefonema?”

“*N-non, je crois que non.*”

“Desço em dez minutos. Ah, mas primeiro...” Tom colocou sua maleta no chão, abriu-a e tirou as latas de cera em seu saco plástico. “Um presente para a casa, madame.”

“*Ah, cirage de lavande! Toujours le bienvenu! Merci!*”

Tom estava de volta à sala em dez minutos, de tênis e roupa limpa. Resolveu tomar um pequeno Calvados com seu café, só para variar. Madame Annette andava à sua volta, procurando garantir que o jantar seria satisfatório, embora sempre fosse. Sua conversa entrava por um ouvido de Tom e saía pelo outro, pois naquele momento ele estava pensando em telefonar para Janice Pritchard, o elo mais fraco da corrente.

“Parece muito apetitoso”, disse Tom educadamente. “Pena que madame Héloïse não esteja aqui para jantar comigo.”

“E quando é que madame Héloïse volta?”

“Não tenho certeza. Mas ela está se divertindo — com uma boa amiga, como a senhora sabe.”

Depois ficou sozinho. Janice Pritchard. Tom levantou-se do sofá amarelo e foi até a cozinha com deliberada lentidão. Disse então a madame Annette: “E m’sieur Prrichar? Volta hoje, não?”. Tom tentou

parecer despreocupado, como se estivesse perguntando sobre um vizinho qualquer, que ainda não fosse seu amigo. Foi até a geladeira para pegar um pedaço de queijo ou qualquer outra coisa que estivesse bem à vista, como se tivesse ido lá para este fim.

Madame Annette lhe passou um pratinho e uma faca, e respondeu: “Hoje de manhã ele ainda não estava de volta. Talvez agora já esteja”.

“Mas a mulher dele continua por aqui?”

“Ah, sim. Às vezes ela vai ao mercado.”

Tom voltou à sala com o pratinho na mão, e o colocou junto ao seu drinque. Na mesa do hall havia um bloco de anotações, em que madame Annette nunca tocava, e logo Tom encontrou o número dos Pritchard, que ainda não constava da lista telefônica oficial.

Antes que chegasse ao telefone, viu madame Annette se aproximando.

“M’sieur Tõmm, antes que eu me esqueça, fiquei sabendo hoje de manhã que les Prrichar compraram a casa deles em Villeperce.”

“É mesmo? Interessante.” Mas Tom disse isso como se não estivesse interessado. Madame Annette se afastou. Ele ficou olhando para o telefone.

Se o próprio Pritchard atendesse, pensou, desligaria sem dizer palavra. Se Janice atendesse, arriscaria uma chance. Poderia perguntar como estava o queixo de David, supondo que Pritchard contara a Janice sobre a refrega em Tânger. Será que Janice sabia que Pritchard tinha dito a madame Annette, em seu francês com sotaque americano, que Héloïse tinha sido raptada? Tom decidiu que não tocaria nesse assunto. Onde terminava a educação e começava a insanidade, ou vice-versa? Tom endireitou-se, lembrando-se de que a cortesia e a polidez poucas vezes são um erro, e discou.

Janice Pritchard respondeu com um alô cantado, bem americano: “Alô-o-o-ou?”.

“Alô, Janice. É Tom Ripley”, disse Tom com um sorriso no rosto.

“Ah, senhor Ripley! Achei que você estivesse no Norte da África!”

“Estava, mas voltei. Vi seu marido lá, como você sabe.” Dei um murro nele e o nocauteei, pensou Tom, e sorriu de novo polidamente, como se Janice pudesse vê-lo pelo telefone.

“S-sim. Fiquei sabendo...” Janice fez uma pausa. Sua voz era melodiosa, ou pelo menos suave. “Sim, houve uma briga...”

“Ah, não foi uma grande briga”, disse Tom modestamente. Tinha a sensação de que David Pritchard ainda não estava em casa. “Espero que David esteja se sentindo bem.”

“Claro que ele está *bem*. Eu *sei* que ele vive *procurando* esse tipo de coisa”, disse Janice com sinceridade. “Bateu, levou, não é mesmo? E *por que* ele teve que ir até Tânger?”

Tom sentiu um calafrio. Essas palavras eram mais profundas do que Janice imaginava, talvez. “David ficou de voltar logo?”

“Sim, hoje à noite. Vou buscá-lo em Fontainebleau, depois que ele me ligar”, respondeu Janice com a sua maneira firme, séria. “Ele me disse que ia atrasar um pouco, porque está comprando uns artigos esportivos em Paris.”

“Ah. Golfe?”

“Nã-ão. Pescaria, creio. Não tenho certeza. Você sabe como David fala, sempre rodeando os assuntos.”

Tom não sabia. “E como você está passando aí sozinha? Muito solitária, ou entediada?”

“Ah não, nunca me aborreço sozinha. Escuto meus discos de gramática francesa, tento melhorar.” Uma risadinha. “As pessoas são legais por aqui.”

De fato. Tom pensou imediatamente nos Graís, duas casas mais adiante, mas não quis perguntar se ela tinha travado conhecimento com eles.

“Bem, esse é David. Semana que vem quem sabe vão ser raquetes de tênis”, disse Janice.

“Se ele fica feliz com isso”, Tom respondeu com uma risadinha. “Quem sabe assim ele para de pensar na *minha* casa.” Usou um tom tolerante e divertido, como se falasse de uma criança com uma obsessão temporária.

“Ah, duvido. Ele comprou esta casa aqui. E ele acha você *fascinante*.”

Tom mais uma vez lembrou-se de Janice, sorrindo, obviamente de bom humor, apanhando o marido de carro, depois que Pritchard tinha passado um bom tempo rondando e fotografando Belle Ombre com sua câmera. Tom arriscou: “Você parece desaprovar algumas coisas que ele faz. Já lhe ocorreu desencorajá-lo? Ou até mesmo largar dele?”

Riso nervoso. “As mulheres não abandonam os maridos, não é verdade? Daí ele viria atrás de *mim!*” Esta última palavra foi dita em tom agudo, em meio a uma risada.

Tom não estava rindo, nem sequer sorrindo. “Compreendo”, falou, não sabendo o que mais dizer. “Você é uma esposa leal! Bem, tudo de bom para vocês dois, Janice. Quem sabe a gente se vê logo mais.”

“Ah, sim, quem sabe. Obrigada pelo telefonema, senhor Ripley.”

“Tchau, tchau.” Tom desligou.

Que hospício! *A gente se vê!* Ele tinha dito “a gente”, como se Héloïse já estivesse de volta. E por que não? Isso poderia tentar Pritchard a aventurar-se mais, a ser mais ousado. Tom percebeu que tinha o desejo de assassinar Pritchard. Era semelhante ao seu desejo de atacar a Máfia, mas este era impessoal: ele odiava a Máfia em si, considerava os mafiosos uns chantagistas brutais e bem organizados. Qualquer membro da Máfia que ele matasse, e já tinha matado dois, não importava, eram dois a menos. Mas com Pritchard era uma questão pessoal, Pritchard tinha enfiado o nariz onde não era chamado e estava pedindo uma boa surra. Será que Janice poderia ajudar? Não conte com Janice, lembrou Tom; ela o abandonaria no último minuto, e salvaria o marido para poder desfrutar de outros desprazeres mentais e físicos, presumivelmente, nas suas mãos. Por que não tinha acabado com Pritchard em La Haffa, com a ajuda da sua nova faca, que estava ali mesmo no seu bolso?

Talvez precisasse se livrar dos dois Pritchard para conseguir ter um pouco de paz, pensou, acendendo um cigarro. A menos que os dois decidissem sair das redondezas.

O Calvados e o café. Tom bebeu até o fim e levou para a cozinha a xícara e o pires. Madame Annette não estaria pronta para servir pelo menos por uns bons cinco minutos, como ele logo percebeu; assim, informou a ela que iria dar mais um telefonema.

Ligou então para os Graís, cujo número sabia de cor.

Agnès respondeu, e pelo barulho de fundo Tom achou que tinha interrompido o jantar.

“Sim, voltei de Londres hoje. Pelo jeito estou atrapalhando vocês.”

“Não! Sylvie e eu estamos só arrumando a cozinha. Héloïse está com você?”

“Não, ela ainda está no Norte da África. Eu só queria avisar que voltei. Não sei dizer quando Héloïse vai resolver voltar. E você sabia que os seus vizinhos, os Pritchard, compraram aquela casa?”

“*Oui!*”, disse Agnès imediatamente, e informou a Tom que ficou sabendo disso através de Marie no café. “E o barulho, Tómm”, continuou ela com a voz um tanto divertida. “Acredito que madame esteja sozinha agora, mas ela toca discos de rock a todo volume a qualquer hora do dia e da noite! Ha-ha! Será que ela fica dançando sozinha?”

Ou assistindo a vídeos pornográficos? Tom piscou os olhos. “Não faço ideia”, respondeu sorrindo. “Dá para você ouvir da sua casa?”

“Sim, quando o vento sopra para cá! Não todas as noites, claro, mas no domingo à noite Antoine ficou furioso. Só que não furioso o bastante para ir até a casa deles mandá-los calar a boca. Aliás, ele nem conseguia encontrar o número do telefone deles.” Agnès riu de novo.

Despediram-se de modo agradável e cordial, como bons vizinhos. Tom sentou-se então para um jantar solitário, com uma revista na frente. Enquanto comia seu excelente bife na brasa, ia mastigando mentalmente os dois Pri-chatos. Será que neste mesmo minuto David estaria de volta, talvez com seu equipamento de pesca? Para pescar Murchison? Ora, por que isso não tinha lhe ocorrido logo? O corpo de Murchison?

Tom tirou os olhos da página que estava lendo e reclinou-se para trás na cadeira, tocando os lábios com o guardanapo. Equipamento de pesca? Seria necessário um gancho de ferro, uma corda forte, e mais que um barco a remo. Seria necessário bem mais do que ficar à beira de um rio ou de um canal com uma varinha de pescar e uma linha delicada, como faziam alguns moradores do local, apanhando, com sorte, uns peixinhos brancos, presumivelmente comestíveis. Já que o dinheiro de Pritchard vinha fácil, segundo Janice, será que ele iria comprar um barco a motor sofisticado? Até mesmo contratar um ajudante?

Mas quem sabe estava numa pista totalmente errada?, pensou Tom. Quem sabe David Pritchard gostava realmente de pescar?

A última coisa que Tom fez aquela noite foi endereçar um envelope para a sua filial do National Westminster Bank, pois precisava transferir

dinheiro de uma aplicação para a conta corrente, a fim de cobrir o cheque de duas mil libras. Na manhã seguinte, ao ver o envelope junto à máquina de escrever, iria se lembrar disso.

DEPOIS DE SEU PRIMEIRO CAFÉ na manhã seguinte, Tom saiu para a varanda e foi até o jardim. Tinha chovido durante a noite, e as dalias estavam lindas; ficariam melhor ainda se fossem podadas, e seria bom cortar algumas para a sala. Madame Annette raramente fazia isso, sabendo que Tom gostava de escolher sozinho as cores do dia.

David Pritchard está de volta, lembrou-se Tom, deve ter voltado ontem à noite, e hoje está partindo, talvez, para sua pescaria. Estaria mesmo?

Pagou algumas contas, passou uma hora mexendo no jardim e depois almoçou. Madame Annette não lhe trouxe nenhuma novidade sobre os Pritchard que pudesse ter surgido na padaria de manhã. Depois Tom deu uma verificada nos dois carros na garagem e no que estava estacionado do lado de fora, no momento a caminhonete. Todos estavam funcionando bem, e Tom lavou os vidros dos três.

Pegou então a Mercedes vermelha, que ele poucas vezes dirigia e que considerava o carro de Héloïse, e saiu na direção oeste.

Na paisagem plana as estradas lhe pareciam familiares, mas não eram as que ele tomava para ir até Moret, por exemplo, nem a Fontainebleau, os centros comerciais. Tom nem poderia dizer com exatidão qual estrada tinha tomado naquela noite com Bernard para dar um fim no corpo de Murchison. Procuravam apenas um canal, qualquer riacho distante em que pudessem jogar com facilidade o cadáver amarrado. Lembrou-se de que tinha colocado algumas pedras grandes na lona que envolvia Murchison, para fazer o corpo afundar e permanecer lá embaixo. Bem, e assim acontecera, pelo que sabia. Numa rápida olhada, viu que havia um mapa rodoviário dobrado no porta-luvas, talvez um mapa dos arredores, mas no momento preferia confiar no seu instinto. Os principais rios da área, o Loing, o Yonne e o Sena, tinham numerosos canais e tributários, alguns sem nome, e Tom sabia que num destes ele havia despejado

Murchison, jogando-o por cima do parapeito de uma ponte que poderia reconhecer se conseguisse chegar lá.

Busca sem esperanças, talvez. Se qualquer pessoa resolvesse tentar encontrar Derwatt no México, em alguma aldeia, seria tarefa para a vida inteira — e que tarefa, pensou Tom, pois Derwatt nunca morara no México, apenas em Londres, e só tinha ido à Grécia para se matar.

Tom olhou o medidor de gasolina: tinha mais de meio tanque. Fez o retorno no primeiro local seguro e seguiu para nordeste. Só a cada três minutos, mais ou menos, via outro carro. Verdes campos se estendiam à esquerda e à direita, densas plantações de milho para consumo do gado. Corvos negros grasnavam no alto, voando em círculos.

Tom lembrava que saíra com Bernard aquela noite e dirigira sete ou oito quilômetros, rumando para oeste, a partir de Villeperce. Não seria melhor voltar para casa e fazer um círculo no mapa, com o centro a oeste de Villeperce? Escolheu agora uma estrada que deveria passar pela casa dos Pritchard, e depois pela casa dos Grais.

Tenho que telefonar para os Berthelin, pensou de repente. Jacqueline e Vincent.

Será que os Pritchard conheciam a Mercedes vermelha de Héloïse? Tom achava que não. Quando foi chegando no sobrado branco dos Pritchard, diminuiu a velocidade e tentou enxergar o máximo possível sem tirar os olhos da estrada. Uma picape branca na entrada, em frente aos degraus da varanda, chamou a sua atenção. Seria uma entrega de equipamentos esportivos? Na carroceria havia alguma coisa cinzenta e volumosa que se projetava para fora. Tom ouviu a voz de um homem, talvez dois homens, embora não tivesse certeza, e então a casa dos Pritchard já ficara para trás.

Seria um barco aquilo embrulhado na picape? A lona cinzenta que o cobria fez Tom lembrar-se da outra lona, de um cinza mais escuro, que havia coberto o corpo de Thomas Murchison. Bem! Quem sabe David Pritchard tinha adquirido uma picape, um barco, e talvez até um assistente? Seria um barco a remo? Como poderia um homem sozinho colocar um barco a remo nas águas de um canal (a altura da água variava com a ação das comportas), mais o motor, além de descer, ele próprio, com uma corda? As margens do canal eram íngremes. Será que

Pritchard estava discutindo o pagamento com o entregador, ou com alguém que pretendia contratar?

Se David Pritchard estava de volta, Tom não poderia colocar Janice, uma aliada nada confiável, contra o marido, pois David atenderia o telefone, ou possivelmente escutaria a conversa e arrancaria o fone das esguias mãos da mulher.

A casa dos Grais não mostrava sinais de vida no momento. Tom virou à esquerda numa estrada vazia, e depois à direita dali a alguns metros, entrando assim na rua onde ficava Belle Ombre.

Voisy, pensou Tom de repente. O nome lhe surgiu na cabeça sem razão alguma, e foi como uma luz que se acende inesperadamente. Era a cidadezinha perto da qual corria o riacho ou canal onde havia jogado o corpo de Murchison. *Voisy*. Para oeste, pensou. De qualquer forma, poderia procurar no mapa.

Foi o que fez ao chegar em casa, tendo encontrado um mapa detalhado da região de Fontainebleau. Um pouquinho para oeste, não longe de Sens, fica *Voisy*, às margens do rio Loing. Tom sentiu-se aliviado. O corpo de Murchison devia ter sido arrastado para o norte, em direção ao Sena, se é que tinha se movido, coisa de que ele duvidava. Tentou levar em consideração as fortes chuvas, as inversões da corrente. Teria havido inversões? Não num rio do interior, pensou ele. E por sorte era um rio, pois os canais costumam ser drenados e esvaziados para reparos.

Telefonou para os Berthelin e Jacqueline atendeu. Sim, disse Tom, ele e Héloïse tinham estado alguns dias em Tânger, e Héloïse continuava lá.

“E como estão passando seu filho e a nora?”, perguntou Tom. O filho dos Berthelin, Jean-Pierre, tinha terminado seus estudos na Escola de Belas-Artes, interrompidos uns dois anos atrás pela moça com quem ele agora estava casado, e contra quem Vincent Berthelin, pai de Jean-Pierre, tinha se zangado, como Tom se lembrava. “*Essa garota não merece tudo isso!*”, Vincent tinha gritado.

“Jean-Pierre está ótimo e eles estão esperando um bebê para dezembro!” A voz de Jacqueline transbordava de alegria.

“Ah, parabéns!”, disse Tom. “Bom, é melhor essa casa de vocês ficar mais quente para esperar o bebê!”

Jacqueline riu, e concordou nesse ponto delicado. Reconheceu que durante anos ela e Vincent não tiveram água quente, mas agora iam instalar um *segundo* WC, próximo ao quarto de hóspedes.

“Que bom!”, disse Tom, sorrindo, lembrando-se da época em que os Berthelin, por algum motivo decididos a levar uma vida rústica em sua casa de campo, ferviam uma chaleira de água para se lavar e só tinham um banheiro fora da casa.

Prometeram se ver logo, promessa nem sempre cumprida, pois tem gente que está sempre ocupada, pensou Tom; mesmo assim, sentiu-se melhor depois de desligar. Ter boas relações com os vizinhos era importante.

Tom relaxou no sofá com o *Herald Tribune*. Madame Annette devia estar nas dependências dela, e Tom achou que estava ouvindo sua televisão. Sabia que ela assistia a novelas, pois antigamente ela costumava comentá-las com Héloïse e com ele, até perceber que o casal Ripley não as assistia.

As quatro e meia, com o sol ainda bem acima do horizonte, Tom pegou o Renault marrom e partiu na direção de Voisy. Que diferença, pensou ele, entre este cenário de hoje, com as fazendas iluminadas pelo sol, e aquela noite com Bernard, uma noite sem lua, pelo que se lembrava, e ele tão incerto da direção a seguir. Até o momento, disse a si mesmo, o túmulo aquático de Murchison vinha sendo um esconderijo perfeito, e talvez continuasse sendo.

Viu então a placa anunciando VOISY antes da cidade, que na verdade não se podia ver, pois ficava depois de uma curva à esquerda e atrás de um arvoredo. À sua direita Tom viu a ponte horizontal, com uma rampa em cada ponta e cerca de trinta metros de comprimento, talvez mais. Por cima daquele parapeito, que chegava até a cintura, ele e Bernard tinham jogado Murchison.

Continuou dirigindo a uma velocidade menor porém regular. Virou à direita e atravessou a ponte, sem saber aonde levava a estrada e sem se importar com isso. Pelo que se lembrava, ele e Bernard tinham estacionado o carro e arrastado aquele fardo embrulhado em lona até a ponte. Ou será que tinham se atrevido a parar o carro sobre a própria ponte?

No primeiro local conveniente Tom parou e consultou seu mapa, viu um cruzamento e continuou, sabendo que uma placa apontaria o caminho para Nemours ou Sens e assim o orientaria. Estava pensando no rio que acabava de vislumbrar: de um verde azulado meio sujo, com a superfície da água uns dois metros (hoje, pelo menos) abaixo do nível superior das margens macias cobertas de grama. Ninguém conseguiria caminhar até a beira sem escorregar, ou perder o equilíbrio e cair no rio.

E em nome de que David Pritchard pensaria em vir até VOISY, quando havia mais vinte ou trinta quilômetros de rios e canais muito mais próximos de Villeperce?

Tom voltou para casa e, depois de tirar a camisa e o jeans, deu uma cochilada em seu quarto. Sentia-se mais seguro, mais relaxado. Foi uma soneca deliciosa de três quartos de hora, depois da qual sentiu que tinha se livrado do estresse de Tânger, da ansiedade de Londres e da conversa com Cynthia, e da possível aquisição de um barco por Pritchard. Foi então para o aposento na parte da casa que ele chamava de “fundo direito” de Belle Ombre, que era seu estúdio ou sala de trabalho.

O velho assoalho de bela madeira de carvalho ainda tinha uma boa aparência, embora não estivesse tão brilhante e encerado como os outros pisos da casa. Tom mantinha pelo chão alguns velhos pedaços de lona ou vela de barco, que na sua opinião eram decorativos, impediam que eventuais pingos de tinta manchassem o chão e também lhe serviam de trapos para enxugar ou lavar um pincel.

O pombo. Onde pendurar aquele desenho amarelado? Na sala, com certeza, para compartilhar com seus amigos.

Olhou por alguns segundos um quadro que tinha pintado, agora apoiado contra a parede: madame Annette em pé com xícara e pires na mão, trazendo-lhe o café da manhã. Tom tinha feito vários esboços, para não cansar madame Annette. Ela usava um vestido vermelho e um avental branco. Depois, um retrato de Héloïse, olhando pela janela curva no canto do estúdio de Tom, a mão direita repousando no parapeito da janela, a esquerda na cintura. Mais esboços preliminares, lembrou Tom. Héloïse não gostava de posar por mais que dez minutos de cada vez.

Deveria tentar uma paisagem vista da sua janela? Já se haviam passado três anos desde a última tentativa, pensou. O bosque escuro e denso logo além da sua propriedade, onde aliás o corpo de Murchison conhecera seu primeiro local de descanso, não era uma lembrança feliz. Tom dirigiu novamente seus pensamentos para a composição. Sim, iria tentar, faria os primeiros esboços amanhã de manhã, as lindas dalias em primeiro plano, à esquerda e à direita, rosas vermelhas e cor-de-rosa mais para trás. Podia-se fazer algo bonitinho e piegas com aquela paisagem idílica, mas não era sua intenção. Talvez tentasse trabalhar apenas com a espátula.

Desceu, pegou um paletó branco de algodão no armário da frente, só para poder levar a carteira no bolso interno, e foi até a cozinha, onde madame Annette estava em ação. “Já trabalhando, madame? Não são nem cinco horas.”

“Os cogumelos, m’sieur. Gosto de preparar com antecedência.” Madame Annette olhou-o com seus olhos azuis e sorriu. Estava trabalhando na pia.

“Vou sair por uma meia hora. Posso comprar alguma coisa que a senhora precisa?”

“*Oui, m’sieur — Le Parisien Libéré? S’il vous plaît.*”

“Com prazer, madame!” Tom saiu.

Primeiro apanhou o jornal no café, para não esquecer de comprá-lo. Ainda não se viam os homens que saíam do trabalho, mas a agitação costumeira já tinha começado, os gritos de “*Un petit rouge, Georges!*”, e Marie ia pegando o ritmo para a noite. Deu a Tom um adeusinho, lá da extremidade esquerda do balcão. Tom se flagrou olhando em torno rapidamente, procurando David Pritchard, sem encontrá-lo. Pritchard teria se destacado: mais alto que a maioria, óculos de aro redondo em evidência, olhando firme, sem se misturar.

Entrou de novo na Mercedes vermelha e partiu na direção de Fontainebleau. Logo em seguida entrou à esquerda na primeira curva, sem nenhuma razão. Rumava agora para sudoeste, mais ou menos. O que estaria fazendo Héloïse a essas horas? Caminhando devagar, voltando para o Hotel Miramare, em Casablanca, com Noëlle, as duas com sacolas plásticas e cestas recém-adquiridas repletas com as compras

da tarde? Ambas falando sobre o chuveiro e a soneca de antes do jantar? Deveria tentar falar com Héloïse às três da madrugada?

Ao ver uma placa indicando Villeperce, Tom pegou o rumo de casa, notando que havia oito quilômetros até sua cidadezinha. Diminuiu a marcha e parou para deixar uma garotinha fazendeira atravessar a estrada tocando seus gansos com uma longa vara; bonito, pensou ele, três gansos brancos indo aonde tinham que ir, mas no seu próprio ritmo, imperturbáveis.

Na curva seguinte precisou diminuir por causa de uma picape que andava muito devagar, e notou de imediato uma forma cinzenta que se projetava da traseira. Um canal ou riacho ficava à direita da estrada, a uns sessenta ou oitenta metros de distância. Pritchard e companhia, ou David Pritchard sozinho? Tom estava próximo o bastante para ver, pela janela de trás, que o motorista conversava com alguém no banco ao lado. Imaginou que os dois estavam olhando e falando sobre a água, o riacho à direita. Diminuiu a marcha ainda mais. Tinha certeza de que a picape era a mesma que tinha visto no quintal ou jardim dos Pritchard, como quer que eles o chamassem.

Pensou em pegar qualquer estrada transversal, fosse à esquerda ou à direita, mas decidiu continuar reto e ultrapassar a picape.

Quando acelerou, um carro se aproximou da direção oposta, um grande Peugeot cinzento com jeito de que não se importava com ninguém. Tom diminuiu, deixou passar o Peugeot e então pisou no acelerador.

Os dois homens na picape continuavam conversando, e o motorista não era Pritchard, mas alguém que Tom não conhecia, um homem de cabelo castanho-claro ondulado. Sentado ao lado dele, Pritchard conversava e apontava para o riacho. Ao ultrapassá-los, Tom teve uma certeza razoável de que eles não o tinham notado.

Continuou para Villeperce, mas olhando pelo espelho até o último momento para ver se a picape iria se aventurar a atravessar um campo, por exemplo, para ver o riacho de perto. Isso não aconteceu enquanto Tom observava.

NAQUELA NOITE TOM SENTIU-SE INQUIETO depois do jantar, sem vontade de assistir à televisão, nem de telefonar para os Clegg ou para Agnès Grais. Pensou em ligar para Jeff Constant ou Ed Banbury. Um dos dois poderia estar em casa. O que dizer? Venha o mais rápido possível? Pensou que poderia pedir a um deles que viesse encontrá-lo, para dar-lhe uma assistência física em caso de necessidade, Tom admitiu — e não se importaria de admitir também para Ed e Jeff. *Poderia* ser uma pequena temporada de férias para um dos dois, especialmente se nada acontecesse. Se Pritchard passasse cinco ou seis dias tentando pescar alguma coisa sem conseguir, com certeza desistiria. Ou seria tão pirado, tão obsessivo, que continuaria durante semanas, meses?

A ideia era assustadora, porém possível. Quem pode prever o que um desequilibrado mental é capaz de fazer? Bem, os psicólogos podem, pensou, mas a predição se baseia em casos passados, em semelhanças, probabilidades, nada que nem mesmo os médicos possam chamar de definitivo.

Héloïse. Ela já estava longe de Belle Ombre havia seis dias. Era bom saber que as duas estavam lá, Héloïse e Noëlle, e melhor ainda saber que Pritchard *não* estava lá.

Tom olhou para o telefone. Lembrou de Ed antes de Jeff, e pensou que por sorte em Londres era uma hora mais cedo, caso se sentisse inspirado para ligar ainda aquela noite.

Nove e doze agora. Madame Annette tinha terminado de arrumar a cozinha e devia estar profundamente imersa na televisão. Tom pensou que poderia fazer um ou dois esboços para seu quadro a óleo mostrando a paisagem da janela.

Quando ia chegando na escada, o telefone tocou.

Atendeu no hall. “Alô?”

“Alô-ou, senhor Ripley?”, disse uma voz americana, sorridente e confiante. “É Dickie outra vez. Lembra? Venho observando você — e sei

muito bem onde você tem andado.”

A voz parecia a de Pritchard, empostada num tom um pouco mais agudo que o normal para parecer “jovem”. Imaginou a cara de Pritchard com um sorriso forçado, a boca retorcida comendo as consoantes, tentando imitar a pronúncia arrastada de Nova York. Tom ficou em silêncio.

“Assustado, Tom? Vozes do passado? Vozes dos mortos?”

Será que Tom ouviu — ou imaginou? — uma palavra de censura de Janice ao fundo? Uma risadinha abafada?

O sujeito limpou a garganta: “O acerto de contas está próximo, Tom. Cada ação tem seu preço”.

E o que isso significa? Nada, pensou Tom.

“Ainda está na linha, Tom? Vai ver que perdeu a voz de tanto medo.”

“De jeito nenhum. Isso está sendo gravado, Pritchard.”

“Ah-ah-ah — Dickie. Está começando a me levar a sério, hein, Tom?”

Tom ficou em silêncio.

“Eu... eu não sou Pritchard”, continuou a voz aguda, “mas *conheço* Pritchard. Ele está fazendo um trabalho para mim.”

Logo mais, quem sabe, os dois iam se conhecer no outro mundo, pensou Tom, e decidiu não dizer mais nenhuma palavra.

Pritchard continuou: “Um *bom* trabalho. Estamos conseguindo resultado”. Uma pausa. “Você continua aí? Nós estamos...”

Tom interrompeu, desligando o telefone com delicadeza. Seu coração batia mais forte que de costume, coisa que ele detestava, mas lembrou-se de que houve ocasiões na sua vida em que tinha batido mais depressa ainda. Para eliminar um pouco de adrenalina do organismo, subiu as escadas correndo, de dois em dois.

No seu estúdio acendeu as luzes fluorescentes, pegou um lápis e um bloco de papel para rascunho. Numa mesa de boa altura para se trabalhar em pé, desenhou primeiro a cena que via da janela: árvores verticais, a linha quase horizontal onde a beirada do jardim encontrava a relva alta e os arbustos do terreno vizinho. Refazendo as linhas, tentando uma composição interessante, conseguiu desviar a mente do caso Pritchard, mas só até certo ponto.

Jogou na mesa seu lápis Vênus e pensou: que *topete* daquele filho da puta de lhe telefonar uma segunda vez como Dickie Greenleaf! Aliás, terceira vez, se contasse o telefonema que Héloïse tinha recebido. Pelo jeito, Pritchard e Janice estavam realmente trabalhando em dupla.

Tom amava sua casa e sua família, e tinha decidido que os Pritchard não iriam se tornar parte da mobília nem da paisagem.

Em outro pedaço de papel Tom desenhou um retrato rudimentar de Pritchard, com linhas duras, os óculos de aro redondo e escuro, as sobrancelhas negras, a boca aberta e quase arredondada, como que falando. A testa quase não franzia: Pritchard parecia satisfeito com suas atividades. Tom usou lápis de cor, vermelho para os lábios, um pouco de roxo debaixo dos olhos, verde também. Uma caricatura bem forte. Mas em seguida arrancou a folha do bloco, dobrou-a, rasgou-a devagar em pedacinhos e jogou tudo no cesto de papel. Não gostaria que ninguém encontrasse aquilo caso ele eliminasse o senhor Pritchard.

Foi então para o seu quarto, onde tinha ligado o telefone que costumava ficar no quarto de Héloïse. Estava pensando em ligar para Jeff. Seriam apenas dez da noite em Londres.

De repente se perguntou: será que estava desmoronando debaixo das aporrinhações daquele merda do Pritchard? Será que estava assustado, pedindo socorro? Afinal, o tinha vencido numa briga de socos, em que Pritchard poderia ter oferecido muito mais resistência, mas não ofereceu.

Teve um sobressalto quando o telefone tocou. Pritchard de novo; imaginou. Tom ainda estava em pé. “Alô?”

“Alô, Tom, aqui é Jeff. Eu...”

“Ah, Jeff!”

“Pois é, falei com Ed e como vi que você não tinha telefonado para ele, resolvi ligar para saber como estão as coisas.”

“Ahn... bem, esquentando um pouco. Creio eu. Pritchard está de volta à cidade. E acho que ele comprou um barco. Não tenho certeza. Talvez um barquinho com motor de popa. Estou só supondo, porque estava coberto com uma lona, na traseira de uma picape. Vi quando passei de carro pela casa dele.”

“É mesmo? Mas para quê?”

Tom achava que Jeff bem poderia imaginar. “Acho que ele quer dragar os canais, vasculhar tudo!” Tom riu. “Quer dizer, com uma draga de ferro. Não tenho certeza. Só que ele ainda vai ter muito trabalho pela frente até encontrar alguma coisa, isso eu garanto.”

“Compreendi”, disse Jeff num sussurro. “Esse homem está obcecado!”

“Não é mesmo?”, disse Tom. “Veja bem, eu não vi Pritchard fazendo nada disso. Mas é prudente antecipar o que vem pela frente. Depois lhe dou mais notícias.”

“Estamos aqui, Tom, se você precisar de nós.”

“Para mim isso vale muito. Obrigado, Jeff, e diga a Ed que eu agradeço. Por enquanto, só espero que uma barcaça lhe dê uma trombada bem de frente e afunde a canoa de Pritchard. Ha-ha-ha!”

Desejaram-se felicidades e desligaram.

Era reconfortante ter reforços em vista, pensou Tom. Jeff Constant, por exemplo, certamente era mais forte e mais alerta do que Bernard Tufts. Para Bernard, Tom tivera que explicar cada manobra e seu objetivo quando estavam tirando Murchison de sua cova atrás do jardim, com o mínimo de ruído, usando ao mínimo os faróis do carro, e depois ensaiar exatamente o que Bernard deveria dizer se aparecesse algum investigador de polícia — como de fato apareceu.

Nas circunstâncias atuais, pensou Tom, seu objetivo era manter o corpo de Murchison, que apodrecia enrolado numa lona, debaixo d’água, isso supondo que algum resto do cadáver ainda subsistia.

O que será que acontece, exatamente, com um cadáver que fica debaixo d’água durante quatro, cinco anos, ou mesmo três? A lona deve apodrecer — mais da metade dela, talvez, desaparece; assim, as pedras devem soltar-se, deixando o corpo ser arrastado com mais facilidade, até mesmo subir um pouquinho, desde que ainda haja alguma carne. Mas será que o cadáver só sobe quando incha? Tom pensou na palavra maceração, a descamação da pele em camadas. E depois viria o quê? Mordidas de peixes? Ou será que a corrente já teria arrancado os pedaços de carne até não sobrar mais nada além dos ossos? O período do inchaço já devia ter passado havia muito tempo. Onde encontrar informações sobre um caso como o de Murchison?

No dia seguinte, depois do café, Tom informou a madame Annette que estava indo a Fontainebleau, ou talvez a Nemours, para comprar tesouras de jardinagem. Ela precisava de alguma coisa?

Não, respondeu ela, embora com um ar que Tom já conhecia, de que antes da partida dele decerto se lembraria de alguma coisa.

Como madame Annette não lhe disse mais nada, Tom saiu antes das dez, pensando em tentar achar a tesoura primeiro em Nemours. Viu-se então mais uma vez tomando caminhos desconhecidos, pois tinha tempo de sobra: era só se orientar pelas placas. Num posto de gasolina, parou e encheu o tanque. Estava dirigindo o Renault marrom.

Pegou uma estrada para o norte, pensando em seguir uns dois quilômetros e depois virar à esquerda rumo a Nemours. Terras cultivadas, um trator percorrendo devagar o campo cheio de restolhos amarelos — esta era a paisagem que Tom via pela janela aberta. Pela estrada passavam carros de passageiros e também utilitários de fazenda com enormes pneus traseiros. Agora outro canal, com uma ponte arqueada de ferro negro e arvoredos bucólicos perto de ambas as extremidades. Tom percebeu que seu caminho o levaria a passar pela ponte. Dirigia devagar, já que não havia ninguém atrás.

Acabava de subir na ponte quando uma olhada para a direita lhe revelou dois homens num barco a remo, um deles sentado, segurando algo que parecia um ancinho bem largo. O homem em pé, com o braço direito erguido, segurava uma corda na mão, erguida bem alto. Por um instante Tom dirigiu o olhar para a estrada, e depois novamente para os dois homens, que nem notaram sua presença.

O homem sentado, de camisa clara e cabelo escuro, era ninguém menos que David Pritchard, e o que estava em pé, de calça e camisa bege, era alguém que Tom não conhecia, alto e de cabelo claro. Os dois seguravam uma barra de metal de um metro ou mais, com uma meia dúzia de ganchinhos, um instrumento que numa versão maior Tom chamaria de fateixa.

Muito bem, muito bem. Estavam tão absortos que não tinham olhado para cima nem visto seu carro, que a essas alturas já devia ser conhecido de Pritchard. Por outro lado, reconhecer o carro serviria apenas para alimentar o ego de David Pritchard: quer dizer que Tom Ripley estava

tão preocupado que saía de carro por aí para ver o que Pritchard estava aprontando. E o que Pritchard tinha a perder?

Tom notou que o barco tinha motor de popa. E quem sabe eles tinham dois daqueles ancinhos com ganchos?

O fato de que teriam que se apertar contra a margem do canal quando passasse uma barca e dar um jeito de sumir caso duas barcas passassem lado a lado não ofereceu muito conforto para Tom neste momento. Pritchard e seu companheiro pareciam estar levando seu negócio a sério. Quem sabe Pritchard estava pagando bem ao seu ajudante? Será que o rapaz estava dormindo na casa de Pritchard? E quem seria ele, alguém de Villeperce ou de Paris? O que Pritchard teria lhe dito que estavam procurando? Agnès Grais talvez soubesse algo sobre aquele estranho de cabelo loiro.

Que chances tinha Pritchard de encontrar Murchison? Neste momento Pritchard estava a uns doze quilômetros de sua presa.

À direita de Tom um corvo precipitou-se como um raio, com um grasnido insolente como uma risada: “Cau! Cau! *Cau!*”. De quem estaria rindo, dele ou de Pritchard? De Pritchard, naturalmente! Tom segurou o volante com mais força e sorriu. Pritchard iria ter o que merecia, aquele xereta filho da mãe.

HAVIA VÁRIOS DIAS Tom não recebia notícia alguma de Héloïse. Só podia imaginar que ela continuava em Casablanca e tinha enviado um ou dois postais para Villeperce, que provavelmente chegariam vários dias depois dela. Isso já acontecera.

Tom sentiu-se inquieto. Telefonou para os Clegg e conseguiu manter uma conversa alegre e descontraída com os dois, falando sobre Tânger e as próximas viagens de Héloïse; mas esquivou-se do convite para tomar um drinque com eles. Eram ingleses, ele um advogado aposentado, muito correto e respeitável, que não sabia de nada sobre as conexões de Tom com o pessoal da Galeria Buckmaster. Com toda certeza o nome de Murchison já saíra da cabeça deles, se é que alguma vez tinha entrado.

Sentindo uma mudança de inspiração, Tom fez alguns esboços para seu próximo quadro: um interior, um quarto dando para um corredor.

Queria uma composição em roxos e quase negros, aliviada por um objeto claro apenas, que ele visualizou como uma jarra, talvez vazia, ou talvez com uma única flor vermelha que poderia acrescentar depois, se decidisse.

Madame Annette achou que ele estava um pouco “*mélancholique*, porque madame Héloïse não tinha escrito”.

“É bem verdade”, disse Tom, sorrindo. “Mas a senhora sabe como o correio por lá é terrível.”

Na noite seguinte, lá pelas nove e meia, foi até o café, procurando uma mudança de ares. A esta hora a clientela era um pouco diferente do pessoal que saía do trabalho às cinco e meia. Viu alguns homens jogando cartas; antes pensava que eram solteiros, mas agora sabia que não era assim. Muitos homens casados simplesmente gostavam de ficar no bar depois do jantar, em vez de, por exemplo, assistir à televisão — o que, aliás, também podiam fazer no café de Marie e Georges.

“Ahh, quem não conhece os fatos devia calar a boca!”, Marie gritava para alguém, ou talvez para o bar inteiro, enquanto tirava uma *bière*

pression. Lançou a Tom um aceno com a cabeça e um rápido sorriso com a boca vermelha de batom.

Tom encontrou um lugar no balcão. Sempre preferia ficar em pé quando estava lá.

“M’sieur Ripley?”, perguntou Georges, com as mãos gorduchas plantadas na beira da pia de alumínio, do outro lado do balcão.

“Mmm... *un demi pression*”, disse Tom, e Georges foi tirar o chope.

“O sujeito é um idiota!”, disse um homem à direita de Tom, e imediatamente levou uma cotovelada do seu companheiro, que retrucou algo ao mesmo tempo beligerante e cômico, dando uma gargalhada.

Tom afastou-se para a esquerda, pois os dois estavam um tanto altos. Ouviu retalhos de conversas: sobre os norte-africanos, sobre um projeto de construção em algum lugar, sobre um empreiteiro que ia precisar de pedreiros, pelo menos seis.

“...Prrichar, *non?*” Uma risadinha. “Pescando!”

Tom tentou ouvir sem virar a cabeça. As palavras tinham vindo de uma mesa atrás e um pouco à esquerda; viu de relance que os três homens sentados estavam de macacão de trabalho, todos por volta dos quarenta anos. Um deles embaralhava as cartas.

“Pescando no...”

“Por que ele não fica pescando na margem?”, perguntou outro. “Se aparecer uma barca” — um gesto com duas mãos e um som de esmagamento — “ele vai afundar naquele barquinho ridículo!”

“Hei, vocês sabem o que ele está fazendo?”, disse uma voz nova. Um homem mais jovem veio chegando devagar, copo na mão. “Ele não está pescando, ele está dragando o leito do canal! Com dois negócios cheios de ganchos!”

“Ah, *oui!* Eu vi”, disse um dos jogadores, sem interesse e pronto para voltar à partida.

Agora outro dava as cartas.

“Com esse negócio ele não vai pegar nem um *gardon*.”

“Não, só botas velhas, latas de sardinha, bicicletas! Ha-ha!”

“Bicicletas!”, disse o rapaz mais jovem, ainda em pé. “M’sieur, sabe que isso não é piada? Ele já apanhou uma bicicleta! Eu vi!” Deu uma gargalhada. “Toda torta, enferrujada!”

“O que será que ele está procurando?”

“*Antiques!* Esses americanos, vá saber o gosto deles!”, disse um homem mais velho.

Mais risos, e alguém tossiu.

“É verdade que ele tem um ajudante”, comentou outro homem na mesa, bem no momento em que o fliperama com o motoqueiro deu o grande prêmio para um jogador, e a gritaria vinda daquela direção (perto da porta) abafou tudo que foi dito nos segundos seguintes.

“...outro americano. Eu os ouvi conversando.”

“Se for para pegar peixes, é absurdo.”

“Ah, os americanos — eles têm grana para esses absurdos...”

Tom deu um golinho na cerveja, acendeu devagar um Gitane.

“Ele está se esforçando *mesmo*. Eu o vi escarafunchando o canal lá perto de *Moret!*”

Tom continuava a escutar, de costas para a mesa, ao mesmo tempo que trocava palavras amistosas com Marie. Mas não ouviu mais nada a respeito do Pritchard. Os jogadores tinham voltado ao seu mundinho fechado. Tom conhecia as duas palavras que os homens tinham usado, *gardons*, um tipo de carpa, e *chevesnes*, outro peixe comestível, da família das carpas. Não, Pritchard não estava tentando pescar essas criaturas prateadas, nem bicicletas enferrujadas.

“*Et madame Héloïse? Encore en vacances?*”, perguntou Marie, com os cabelos meio desgrenhados, como de costume, enxugando automaticamente o balcão de madeira com um pano úmido.

“Ah, sim”, disse Tom, puxando a carteira para pagar. “Os encantos do Marrocos, sabe como é.”

“*Maroc!* Ah, que lindo! Já vi fotografias!”

Marie tinha dito as mesmas palavras vários dias antes, pelo que Tom se lembrava, mas era uma mulher ocupada, que precisava fazer as honras da casa para uma centena de fregueses, manhã, tarde e noite. Tom comprou um maço de Marlboro antes de sair, como se os cigarros tivessem o dom de trazer Héloïse de volta mais cedo.

Em casa, Tom escolheu as cores que ia querer para seu trabalho de amanhã, e colocou os tubinhos e a tela no cavalete. Pensou em sua composição, escura, intensa, com o foco numa área ainda mais escura ao

fundo, que permaneceria indefinida, como um quartinho sem luz. Já tinha feito vários esboços. Amanhã começaria os traços a lápis na tela branca. Mas não hoje. Estava um pouco cansado, com medo de falhar, de manchar, com medo de simplesmente não dar conta do recado.

Às onze horas da noite o telefone não tinha tocado. Em Londres eram dez horas, e seus amigos ingleses podiam estar pensando que a falta de notícias suas era bom sinal. E Cynthia, o que estaria fazendo esta noite? Muito provavelmente lendo um livro, bem segura de si, quase arrogante em sua convicção de que Tom era culpado do assassinato de Murchison — ela também devia saber sobre a maneira duvidosa com que Dickie Greenleaf deixou este mundo — e certa de que o destino por fim iria prevalecer, colocar seu timbre na existência de Tom, o que quer que isso significasse. Aniquilá-lo, talvez.

Com vontade de ler, Tom ficou contente de ter na cabeceira a biografia de Oscar Wilde escrita por Richard Ellmann. Saboreava cada parágrafo. Algo na vida de Oscar Wilde era como uma purgação, o destino humano encapsulado: um homem de boa vontade, cheio de talento, que dera ao prazer humano uma dádiva considerável, e que fora atacado e arrastado na lama pelo espírito vingativo da plebe ignara, que assistira com sádico prazer à derrocada de Oscar. Sua história lembrou a Tom a história de Cristo, um homem generoso e cheio de boa vontade, dedicado à expansão da consciência, à ampliação da alegria de viver. Ambos foram mal compreendidos pelos contemporâneos, ambos sofreram com a inveja profundamente enraizada no peito dos que queriam vê-los mortos, e que escarneceram deles enquanto eram vivos. Não admira, pensou Tom, que pessoas de todos os tipos e idades continuem lendo sobre Oscar Wilde, talvez sem nem mesmo perceber por que ficam tão fascinados.

Enquanto esses pensamentos lhe passavam pela cabeça, Tom virou a página e leu sobre o primeiro livro de poesia de Rennell Rodd, do qual ele dera um exemplar a seu amigo Oscar. Rodd tinha escrito com sua própria letra uma dedicatória em italiano — estranhamente, segundo o livro — que, traduzida, significava:

*No teu martírio, a multidão sequiosa e cruel
A quem tu falas virá se amontoar;
Todos virão ver-te na tua cruz,*

E nem um só terá piedade de ti.

Bem, isto era profético, estranho, pensou Tom. Será que já tinha lido esses versos em algum lugar? Acabou achando que não.

Enquanto lia, Tom imaginava a emoção de Oscar ao saber que havia ganhado o prêmio Newdigate de poesia — não muito tempo depois de ter sido exilado. Neste ponto, apesar do conforto que sentia ao ler na cama, reclinado em seus travesseiros, e da antecipação prazerosa das próximas páginas, Tom pensou em Pritchard, em seu desgraçado barquinho a motor e em seu ajudante.

“Que droga”, murmurou, levantando da cama. Sentiu uma curiosidade quanto às redondezas, aos rios e canais próximos, e embora já tivesse estudado esta área no mapa mais de uma vez, sentiu-se compelido a procurar de novo.

Abriu seu grande atlas do *Times*, o *Concise atlas of the world*. Quanto a rios e canais, o distrito abrangendo Fontainebleau e Moret, chegando até Montereau ao sul, parecia um desenho do sistema circulatório tirado da *Anatomia de Gray*: veias e artérias, finas e grossas, cruzando-se, separando-se, rios e canais. Cada um, porém, devia ter largura suficiente para o barco de Pritchard. Muito bem, Pritchard tinha ali uma bela tarefa.

Como gostaria de falar com Janice Pritchard! O que pensaria ela de tudo isso? “Teve sorte, querido? Algum peixe para o jantar? Mais uma bicicleta? Ou uma bota velha?” E o que será que Pritchard lhe dizia que estava procurando? Muito provavelmente a verdade, pensou Tom. Murchison. Por que não? Será que Pritchard tinha um mapa, será que registrava tudo? Bem possível.

Tom ainda conservava o primeiro mapa que consultara, com o círculo traçado. Sua circunferência feita a lápis ia até um pouco além de Voisy. No *Concise atlas of the world* os rios e canais eram mais nítidos, e com certeza mais numerosos. Será que Pritchard teria traçado um longo raio, com a intenção de ir se concentrando aos poucos, ou, ao contrário, começara pelas redondezas e iria se estendendo? Achou que a segunda possibilidade era mais plausível. Um homem com um cadáver nas mãos talvez não tivesse tempo de percorrer vinte quilômetros, mas poderia

resignar-se a dez ou menos. Tom calculou que Voisy ficava a oito quilômetros de Villeperce.

Numa estimativa rápida, Tom avaliou que havia cerca de cinquenta e quatro quilômetros de canais e rios num círculo com raio de dez quilômetros. Que empreitada! Será que Pritchard iria contratar outro barco a motor com outra dupla de ajudantes?

Quanto tempo uma pessoa levaria para cansar-se de uma tarefa assim? Tom lembrou-se de que Pritchard não era normal.

Quanto será que já teria explorado até agora, em sete dias — ou seriam nove? Se navegasse canal acima, pelo meio, logicamente, a dois quilômetros por hora, três horas durante a manhã, mais três à tarde, cobriria doze quilômetros por dia — mas isso sem contar as dificuldades, tais como cruzar outro barco a cada meia hora, e ainda colocar o barco na traseira da picape e levá-lo até outro canal. Num rio, talvez fosse necessário fazer uma viagem de ida e volta para cobrir toda a largura.

Tendo cerca de cinquenta quilômetros para esquadrihar, com mais umas três semanas de trabalho Pritchard poderia descobrir Murchison, se é que ele ainda estava lá para ser descoberto — isso contando também com um pouco de sorte.

Esse período de tempo, porém, era bem vago, pensou Tom, após sentir um leve tremor interno. E supondo que Murchison tivesse vagado à deriva para o norte, para fora da área que Tom estava considerando?

E outra: e se o cadáver de Murchison, com lona e tudo, tivesse sido arrastado até algum canal meses atrás, e descoberto quando o canal foi drenado para reparos? Tom já tinha visto muitos canais secos, com a água retida por comportas mais acima. Os restos mortais de Murchison poderiam ter sido entregues à polícia, é claro, que talvez não tivesse conseguido identificá-los. Tom não vira nenhuma notícia do gênero nos jornais — um saco com ossos não identificados —, mas ele não vinha procurando uma notícia assim, e será que isso sairia necessariamente nos jornais? Bem, sairia sim, pensou ele. É bem o tipo de coisa que o público francês, ou qualquer outro público, gosta de ler: um saco de ossos não identificados descobertos por... um pescador domingueiro? Sexo masculino, provavelmente vítima de violência ou assassinato, não

suicídio. Mas por algum motivo Tom não conseguia acreditar que a polícia ou qualquer pessoa já tivesse encontrado Murchison.

Certa tarde, quando Tom já tinha feito bons progressos em seu quadro a óleo que chamava “quarto dos fundos”, sentiu inspiração para ligar para Janice Pritchard. Se David atendesse, poderia desligar; se fosse Janice, continuaria a conversa e veria o que conseguiria descobrir.

Colocou delicadamente um pincel com tinta ocre ao lado da palheta e desceu para telefonar do hall.

Madame Clusot, a mulher que fazia a limpeza que Tom chamava de “mais séria”, estava ocupada no banheiro do andar térreo, cuja porta dava para os degraus que levavam à adega. Pelo que Tom sabia, ela não compreendia inglês. Ela estava agora a apenas uns quatro metros de distância. Tom procurou o número dos Pritchard, que havia rabiscado num bloco, e ia pegar o telefone quando ele tocou. Tomara que seja Janice, pensou ao atender.

Não. Era uma chamada internacional, duas telefonistas murmurando alguma coisa, depois uma delas emergindo, vitoriosa, e perguntando: “*Vous êtes m’sieur Tom Ripley?*”.

“*Oui, madame.*” Será que tinha acontecido alguma coisa com Héloïse?

“*Un instant, s’il vous plaît.*”

“Alô, Tómm!” A voz de Héloïse parecia ótima.

“Alô, meu doce. Como vai? Por que você não...”

“Estamos muito bem... Marrakesh! Sim... mas eu *escrevi* um cartão, num envelope, mas você sabe...”

“Tudo bem, querida. O que interessa é: você está bem? Não está doente?”

“Não, querido, imagine! Noëlle conhece uns remédios maravilhosos! Se a gente precisar, ela compra.”

Bem, só isso já era uma boa coisa. Tom tinha ouvido falar de estranhas doenças africanas. Engoliu em seco. “E você volta quando?”

“Ahh...”

Tom ouviu mais uma semana, pelo menos, naquele *abh*.

“Nós ainda queremos ver” — barulhos altos de estática, quase uma desconexão, e então Héloïse de novo, calmamente — “*Meknès*. Vamos de avião. Está acontecendo alguma coisa. Vou desligar, Tómm.”

“O *que* está acontecendo?”

“...O.k. Tchou-tchau, Tõmm.”

Fim.

O que, em nome de Deus, estava acontecendo? Outra pessoa queria telefonar? Parecia que Héloïse tinha ligado do saguão do hotel (barulho de gente ao fundo), o que Tom achou lógico. Dava raiva, mas pelo menos ele sabia que neste momento ela estava bem, e se fosse para Meknès, que ficava ao norte, na direção de Tânger, de lá com certeza tomaria um avião de volta para casa. Que pena que não houve tempo para falar com Noëlle! E ele nem sabia o nome do hotel onde elas estavam agora.

Mais animado, de modo geral, pela conversa com Héloïse, Tom pegou novamente o telefone, olhou para o relógio — três e dez — e discou o número dos Pritchard. Um toque, cinco, seis, sete. Daí a voz aguda e bem americana de Janice: “Alôôôôu?”.

“Alô, Janice! Aqui é Tom. Como vai?”

“Ah, que bom ouvir você! Estamos muito bem. E você?”

Alegre e amistosa — muito estranho, pensou Tom. “Bem, obrigado. Está gostando deste tempo bonito? Eu estou.”

“Não é uma delícia? Agora mesmo eu estava lá fora cuidando das minhas rosas. Por pouco não ouvi o telefone.”

“E eu ouvi dizer que David anda pescando”, disse Tom, forçando-se a sorrir.

“Ha! Pescando!”

“Não é mesmo? Creio que eu o vi uma vez, quando passei de carro por um canal perto daqui. Ele está pescando carpas?”

“Não, ele quer é pescar um *corpo!*” Janice riu, divertida com a semelhança entre as duas palavras. “É ridículo! O que ele vai encontrar? Nada!” Outra risada. “Mas serve para tirar ele de casa. Bom exercício.”

“Corpo de quem?”

“De um homem chamado Murchison. David disse que você o conhecia, até mesmo que foi você quem o matou. É o que David pensa. Dá para imaginar?”

“Não!”, disse Tom, rindo e fazendo uma cara divertida. “E quando foi que eu matei esse sujeito?” Silêncio. “Janice?”

“Desculpe, achei que eles estavam voltando, mas era outro carro. Anos atrás, penso eu. Ah, senhor Ripley, isso é tão absurdo!”

“É mesmo. Mas, como você disse, é bom para fazer exercício... esporte...”

“Esporte!” Pela voz aguda e as risadinhas, Tom sentia que ela estava adorando cada minuto do esporte do marido. “Arrastar uns ganchos...”

“E o homem que está com seu marido é um velho amigo?”

“Não! É um americano, estudante de música, que David arranjou em Paris! Por sorte nossa, é um rapaz bonzinho, não um ladrão.” Janice deu uma risadinha. “Digo isso porque ele está dormindo na nossa casa. O nome dele é Teddy.”

“Teddy...?” disse Tom, esperando ouvir o sobrenome, que não veio. “Quanto tempo você acha que isso vai durar?”

“Ah, até ele encontrar alguma coisa. David é um sujeito decidido, isso não se pode negar. Só sei que nessas de comprar gasolina, fazer curativos nos dedos deles dois, cozinhar para eles, minha vida está muito agitada. Não dá para você dar uma chegada uma hora dessas para tomar um café ou um drinque?”

Tom ficou estupefato. “Eu... agradeço. Mas é que agora...”

“Sua mulher está viajando, pelo que ouvi dizer.”

“Sim, e creio que ainda vai ficar fora mais algumas semanas.”

“Onde ela está?”

“Acho que agora ela vai para a Grécia. Está tirando umas feriazinhas com uma amiga, sabe como é. E eu estou tentando dar um jeito no meu jardim.” Tom sorriu, vendo madame Clusot sair do banheiro com um balde e um esfregão. Não quis convidar ela para fazer uma visitinha, tomar um café ou um drinque, pois ela poderia ser ingênua — ou esperta — a ponto de contar a David, e neste caso ficaria patente que Tom estava curioso quanto às atividades dele, e portanto preocupado. David decerto também sabia que sua mulher era imprevisível: isso devia fazer parte dos divertimentos sádicos do casal. “Bem, Janice, dê lembranças ao seu marido — lembranças de bom vizinho.” Fez uma pausa, e Janice esperou. Tom sabia que David tinha contado a ela que levara uma surra em Tânger, mas parecia que no mundo daqueles dois o certo e o errado, a delicadeza e a rudeza não valiam nada, nem sequer

eram lembradas. Na verdade era mais estranho que um jogo, pois em qualquer jogo existem regras.

“Até logo, senhor Ripley, e obrigada pelo telefonema”, disse Janice, amigável como sempre.

Tom olhou fixo para seu jardim, pensando em como eram estranhos os Pritchard. O que ele ficara sabendo com aquele telefonema? Que David poderia prosseguir *ad infinitum*. Não, impossível. Mais um mês e ele já teria vasculhado o leito dos rios e canais numa área com setenta e cinco quilômetros de diâmetro! Que maníaco! E, a menos que fosse absurdamente bem pago, Teddy também acabaria cansando. Naturalmente, Pritchard poderia contratar outra pessoa, enquanto tivesse dinheiro.

Onde será que Pritchard e Teddy estariam agora, exatamente? Quanta energia, pensou Tom, aqueles dois precisavam ter para colocar o barco várias vezes por dia no chão e depois carregá-lo de novo na traseira da picape! Será que neste minuto os dois estariam revolvendo o leito do Loing, perto de Voisy? Tom sentiu um desejo de ir até lá — talvez na caminhonete branca, para variar — e satisfazer sua curiosidade, agora, já, às três e meia. Então percebeu que tinha medo de fazer isso, de passar pela segunda vez pela cena do sumiço do corpo. E se alguém o tivesse observado e memorizado seu rosto no dia em que fora de carro até Voisy e atravessara a ponte? E se desse de cara com David e Teddy arrastando seus ganchos bem ali?

Isso perturbaria seu sono, mesmo que eles não alcançassem seu objetivo. Tom decidiu definitivamente não ir.

Ficou contemplando sua pintura já terminada, razoavelmente satisfeito — mais que isso até. Tinha acrescentado uma lista vertical de um vermelho azulado no lado esquerdo da tela, uma cortina no interior da casa. Os azuis, púrpuras e negros se intensificavam a partir das margens em direção ao retângulo de bordas esmaecidas — a porta negra do quarto do fundo, que não ficava bem no centro do quadro. A tela era mais alta do que larga.

Mais uma terça-feira chegou, e Tom pensou em monsieur Lepetit, o professor de música, que em geral vinha às terças. Mas Tom e Héloïse tinham interrompido suas aulas temporariamente: não sabiam quanto

tempo ficariam no Norte da África, e Tom não tinha telefonado para monsieur Lepetit desde que voltara, embora continuasse estudando. Os Grais o convidaram para almoçar no fim de semana, mas Tom agradeceu e recusou. Durante a semana Tom ligou para Agnès Grais e convidou-se para ir até lá por volta das três da tarde.

A mudança de cena lhe fez bem. Sentaram-se na cozinha funcional e bem organizada dos Grais, com uma mesa de tampo de mármore com lugar para seis, e tomaram café expresso com uma dose de Calvados. Sim, disse Tom, tinha falado duas ou três vezes com Héloïse ao telefone — e pelo menos uma vez, disse ele rindo, a ligação tinha caído. E um cartãopostal escrito séculos atrás, três dias depois que ele partiu, tinha chegado ontem. Parecia que tudo estava correndo bem.

“É o seu vizinho continua pescando”, disse Tom com um sorriso. “É o que eu ouvi dizer.”

“Pescando!” Por um momento Agnès Grais franziu as sobrancelhas negras. “Ele está é procurando alguma coisa, não sei o quê. Está dragando o canal com uns ganchinhos, sabia? O companheiro dele também. Não que eu tenha visto, mas ouvi o pessoal comentar no açougue.”

As pessoas sempre faziam comentários na padaria e no açougue, e como o padeiro e o açougueiro também entravam na conversa, o serviço era lento, mas quanto mais tempo a gente ficava por lá, mais coisas acabava descobrindo.

Tom disse por fim: “Tenho certeza de que dá para pescar coisas fascinantes nesses rios e canais. Você não ia acreditar nas coisas que eu já encontrei na *décharge publique* antes de as autoridades fecharem a área, que droga. Valia por uma exposição de arte. Até móveis antigos! Alguns precisavam de pequenos consertos, é claro, mas os dois jarros de metal ao lado da minha lareira estão em ótimo estado, e são do fim do século passado. Vieram da *décharge publique*”. Tom riu. A *décharge publique* era uma área ao lado de uma estrada que saía de Villeperce, onde antigamente era permitido jogar cadeiras quebradas, geladeiras imprestáveis e velharias em geral, tais como livros antigos, dos quais Tom havia salvo diversos. Agora a área ficava fechada com uma cerca de metal e um cadeado. É o progresso.

“Dizem que ele não está recolhendo nada”, disse Agnès, como se não estivesse muito interessada. “Ouvi dizer que ele joga de volta no canal as quinquilharias. Nem um pouco civilizado da parte dele. Podia pelo menos deixar na margem, para os lixeiros recolherem. Estaria prestando um serviço para a comunidade.” Agnès sorriu. “Mais um Calvados, Tom?”

“Não, obrigado, Agnès. Já tenho que ir andando.”

“Andando *por quê?* Precisa trabalhar? Ou voltar para uma casa vazia? Ah, eu sei que você sabe se divertir, Tom — você pinta, toca seu cravo...”

“Nosso cravo”, interrompeu Tom. “É meu e de Héloïse.”

“Certo.” Agnès jogou o cabelo para trás e olhou para ele. “Mas você parece um pouco tenso. Estou vendo que você está se forçando a voltar para casa. Tudo bem, Tom. Espero que Héloïse telefone para você.”

Tom já estava em pé, sorrindo. “Quem sabe?”

“E você sabe que pode aparecer aqui a qualquer hora, para almoçar, jantar, ou só para dar uma passada.”

“Prefiro telefonar primeiro, você sabe.” A voz de Tom era igualmente agradável. Era um dia de semana e Antoine só chegaria na sexta à noite ou sábado ao meio-dia. E Tom lembrou que as crianças deviam voltar da escola a qualquer momento. “Tchauzinho, Agnès. Muito obrigado pelo ótimo café.”

Ela o acompanhou até a porta da cozinha e deu uma palmadinha no seu braço: “Você parece um pouquinho triste. Não se esqueça de que seus velhos amigos estão sempre aqui”.

Tom deu um adeusinho da janela do carro e pegou a estrada logo antes do ônibus escolar amarelo, que vinha da direção oposta e já ia parando para deixar Edouard e Sylvie Grais.

De repente pensou em madame Annette, nas férias que ela precisava tirar. Estavam no início de setembro. Madame Annette não gostava de tirar férias em agosto, o mês tradicional de férias dos franceses, pois segundo ela havia muito trânsito e congestionamentos em todo lugar. Além disso, em agosto as empregadas tinham mais folga, já que os patrões estavam fora, de modo que ela e suas amigas tinham mais tempo para fazer visitas. Será que deveria sugerir a madame Annette que tirasse férias agora?

Não seria mesmo uma boa ideia, por segurança? Havia um limite no que ele queria que madame Annette visse e ouvisse na cidade.

Tom percebeu que estava preocupado, e com isso sentiu-se mais fraco. Tinha que fazer alguma coisa em relação a esse sentimento, e quanto antes melhor.

Decidiu ligar para Jeff ou Ed, já que ambos lhe pareciam agora igualmente valiosos. Era da presença de um amigo que ele precisava, uma mão que o ajudasse, ou um braço, se necessário. Afinal, Pritchard tinha em Teddy uma mão amiga.

E o que diria Teddy se Pritchard conseguisse apanhar sua presa? O que exatamente Pritchard lhe teria dito que estava procurando?

De repente Tom se dobrou com uma gargalhada, e quase tropeçou no meio da sala, onde estava andando de um lado para o outro. Aquele Teddy, estudante de música — seria mesmo? —, talvez acabasse topando com um cadáver!

Naquele momento madame Annette entrou. “Ah, m’sieur Tómm, fico tão contente de ver o senhor de bom humor!”

Tom sentiu o rosto vermelho de alegria. “Acabo de me lembrar de uma piada ótima... Não, madame, infelizmente traduzida em francês não tem graça!”

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, Tom checou o número de Ed Banbury em Londres e discou. Ouviu uma gravação com a voz de Ed pedindo para deixar seu nome e telefone, e já ia falar quando, para seu alívio, Ed atendeu.

“Alô, *Tom*! Sim, acabei de entrar. O que há de novo?”

Tom respirou fundo. “Tudo na mesma. David Pri-chato continua pescando por aí, de barco, arrastando uns ganchos.” Tom disse tudo isso com calma deliberada.

“É mesmo? E quanto tempo já faz? Uns dez dias — bem, mais que uma semana, com certeza.”

Era claro que Ed não vinha contando os dias, nem Tom, mas Tom sabia que já devia fazer umas duas semanas que Pritchard estava em ação. “É, uns dez dias. Para ser honesto, Ed, se ele continuar com esse negócio — e pelo jeito vai continuar —, pode muito bem acabar achando aquilo que você sabe.”

“Sim. É incrível. E eu acho que você precisa de um apoio.”

Tom percebeu que Ed tinha compreendido bem. “Sim. Bem, posso precisar. Pritchard tem um ajudante — acho que já contei a Jeff. É um sujeito chamado Teddy. Eles estão trabalhando juntos nesse infatigável barco com motor de popa, arrastando aqueles ancinhos, ou melhor, fileiras de ganchos. Já estão nisso há tanto tempo...”

“Eu vou até aí, Tom, vou fazer o que puder. E, pelo jeito, quanto antes melhor.”

Tom hesitou. “Olhe, confesso que eu me sentiria melhor.”

“Vou fazer o possível. Tenho que terminar um trabalho sexta-feira, mas vou tentar terminar amanhã à tarde. Você já falou com Jeff?”

“Não. Estava pensando em falar, mas talvez não precise, já que você pode vir até aqui. Então, sexta à tarde? Ou à noite?”

“Vamos ver como vai ser este trabalho — talvez eu consiga ir antes, lá pelo meio-dia de sexta. Eu ligo de novo, Tom, dando a hora do voo.”

Tom sentiu-se melhor depois disso, e imediatamente foi procurar madame Annette para informá-la de que provavelmente teriam um hóspede no fim de semana, um senhor de Londres. A porta do quarto dela estava fechada. Silêncio. Será que ela estava tirando uma soneca? Isso não fazia parte dos seus hábitos.

Tom olhou pela janela da cozinha e viu madame Annette inclinada sobre um canteiro de violetas silvestres, imunes à seca, ao frio e aos insetos predatórios, ou assim parecia. Tom saiu para o jardim. “Madame Annette?”

Ela se ergueu. “Ah, m’sieur Tom, estou admirando as violetas de perto. Elas não são *mignonnes*?”

Tom concordou. As flores salpicavam de lilás-claro o chão do jardim, perto do pé de louro e da cerca viva. Tom deu as boas-novas: alguém para quem cozinhar, para quem preparar o quarto de hóspedes.

“Um amigo, que bom! O senhor vai ficar mais alegre. Ele já esteve em Belle Ombre?”

Vinham caminhando para a entrada lateral, que dava para a cozinha.

“Não tenho certeza. Acho que não. É curioso.” Parecia mesmo estranho, considerando que ele já conhecia Ed havia tanto tempo. Talvez inconscientemente Ed tinha se afastado de Tom e de sua casa, por causa dos Derwatts falsificados. E, naturalmente, por causa do fiasco da visita de Bernard Tufts.

“E o que o senhor acha que ele gostaria de comer?”, perguntou madame Annette já de volta a seus domínios, a cozinha.

Tom riu, pensando numa resposta. “Provavelmente vai querer uma especialidade francesa. Com esse tempo...” Estava calor, mas não muito.

“Que tal lagosta fria? Ou *ratatouille*? É claro! *Escalopes de veau* com molho madeira?” Seus olhos azul-claros brilhavam.

“Está bem, sim.” A maneira como madame Annette dizia tudo isso realmente despertava o apetite. “É uma boa ideia. Parece que ele chega na sexta.”

“E a esposa?”

“Ele não é casado. M’sieur Ed vem sozinho.”

Tom pegou o carro e foi ao *bureau de poste* comprar selos e ver se havia chegado alguma correspondência de Héloïse no correio da tarde, que

não era entregue em casa. Havia um envelope com a letra dela, que fez seu coração pular. Vinha de Marrakesh e tinha a data totalmente ilegível devido à tinta do carimbo. Dentro havia um cartão-postal em que ela havia escrito:

Querido Tom,

Por aqui tudo bem, a cidade é movimentada. E tão bonita! A areia é púrpura na luz da tarde. Não estamos doentes, e comemos cuscuz quase todos os dias no almoço. Meknès vai ser a próxima. Vamos de avião. Noëlle manda lembranças. Todo o meu carinho,

H.

Muito gostoso de receber, pensou Tom, mas ele já sabia havia dias que elas iam de Marrakesh para Meknès.

Trabalhou então no jardim com inspiração, enfiando a pá nos cantos que Henri tinha descuidado. Henri tinha uma noção estranha de suas tarefas. Era prático até certo ponto, conhecia as plantas muito bem, mas de repente se desviava da rota e trabalhava minuciosamente em alguma coisa sem importância. Mas não cobrava caro nem era desonesto, e Tom pensou que não tinha do que reclamar.

Depois de seus labores, tomou um banho e continuou lendo a biografia de Oscar Wilde. Como madame Annette havia previsto, estava reanimado com a perspectiva de uma visita. Chegou até a dar uma olhada no *Télé-7-Jours* para ver o que havia na TV naquela noite.

Não encontrou nada que despertasse seu interesse, mas achou que poderia tentar um programa às dez horas, a não ser que tivesse algo mais interessante a fazer. De fato ligou a televisão às dez, mas depois de cinco minutos desligou e foi a pé, com uma lanterna na mão, até o café de Marie e Georges para tomar um expresso.

Os jogadores estavam novamente imersos em suas cartas, as máquinas de fliperama rangiam e espoucavam. Mas Tom não conseguiu pescar nada sobre David Pritchard, o curioso pescador. Supôs que Pritchard devia estar cansado demais à noite para ir até o café e tomar a última cerveja, ou seja o que for que ele bebia. Tom, porém, continuava de olho, esperando por ele, cada vez que a porta se abria. Já tinha pago e estava pronto para ir embora quando uma nova olhada para a porta, que

acabava de abrir, lhe revelou que quem acabava de entrar era Teddy, o companheiro de Pritchard.

Teddy estava sozinho. Parecia ter acabado de tomar banho, com sua camisa bege e calça cáqui, mas parecia também um pouco mal-humorado, ou talvez simplesmente cansado.

“Encore un express, Georges, s’il vous plaît”, disse Tom.

“Eh bien sûr, m’sieur Ripley”, respondeu Georges sem nem olhar para Tom, e virou sua figura rotunda para a máquina de café.

Teddy parecia não ter reparado em Tom, se é que alguma vez alguém lhe mostrara quem era Tom, e postou-se em pé no balcão perto da porta. Marie lhe trouxe uma cerveja e o cumprimentou como se já o conhecesse, pensou Tom, mesmo sem ouvir o que ela tinha dito.

Decidiu arriscar e olhar para Teddy com mais insistência do que faria um estranho, para ver se ele dava sinal de reconhecê-lo.

Teddy não demonstrou nada. Apenas franzia a testa e olhava para sua cerveja. Trocou algumas palavras rápidas com um homem à sua esquerda, sem sorrir.

Será que Teddy estava pensando em abandonar o serviço de Pritchard? Teria saudades de alguma namorada em Paris? Ou estaria farto da atmosfera na casa dos Pritchard, devido à relação estranha de David com Janice? Será que à noite ouvia Pritchard agredindo a esposa no quarto porque não tinha conseguido encontrar sua presa naquele dia? Mais provavelmente, Teddy só queria respirar um pouco de ar puro. Era um tipo forte, a julgar por suas mãos. Não um tipo cerebral. Estudante de música? Tom sabia que algumas universidades americanas têm um currículo que parece o de uma escola técnica. Ser “estudante de música” não significa que o aluno conheça ou se interesse por música; é o diploma que importa. Teddy tinha mais de um metro e oitenta, e quanto antes saísse de cena, melhor.

Tom pagou seu segundo café e foi indo para a porta. Bem quando passava pelo fliperama, o motoqueiro bateu numa barreira e o choque foi simulado pelo flash de uma estrela que acabou se congelando. Fim de jogo. INSERIR MOEDAS INSERIR MOEDAS INSERIR MOEDAS. Os gemidos de desolação dos que sapeavam o jogo deram lugar a risadas.

Teddy ainda não tinha olhado para ele. Tom chegou à conclusão de que Pritchard não lhe contara o que eles estavam procurando, o corpo de Murchison. Quem sabe tinha lhe dito que estavam à procura de joias num barco submerso? Ou de uma mala cheia de objetos valiosos? Mas, pelo que Tom percebia, Pritchard não dissera que a busca tinha a ver com um vizinho que morava na mesma cidade.

Quando Tom olhou para trás, já na porta, Teddy continuava curvado sobre a sua cerveja, sem conversar com ninguém.

Já que estava calor e madame Annette parecia inspirada pela ideia de preparar uma lagosta, Tom ofereceu-se para ir de carro até Fontainebleau para ajudar com as compras e procurar a melhor peixaria da cidade. Sem grande dificuldade — madame Annette sempre tinha que ser convidada com insistência para um passeio do tipo — Tom a convenceu a acompanhá-lo.

Apesar de terem que fazer a lista de compras, apanhar as sacolas e algumas roupas de Tom para levar para a lavanderia, conseguiram sair de casa às nove e meia. Mais um dia de sol glorioso, e madame Annette tinha ouvido no rádio que o tempo permaneceria bom no sábado e domingo. Madame Annette quis saber qual era a profissão de monsieur Edouard.

“É jornalista”, respondeu Tom. “Nunca chequei direito se ele sabe francês. Mas *um pouco* ele tem que saber.” Tom riu, imaginando o que vinha pela frente.

Quando as cestas estavam cheias e a lagosta amarrada num grande saco de plástico, um saco duplo, segundo o peixeiro, Tom colocou mais uma moeda no parquímetro e convidou madame Annette (duas vezes) para entrar numa confeitaria e fazer uma pequena extravagância, “*un petit extra*”. Ela cedeu, sorrindo de prazer.

Uma grande bola de sorvete de chocolate com dois waffles espetados como orelhas de coelho, e uma generosa porção de chantilly entre elas, foi a escolha de madame Annette. Deu uma olhada discreta em volta, vendo as matronas que jogavam conversa fora nas mesas próximas. Jogavam fora mesmo? Bem, nunca se sabe, pensou Tom, apesar dos largos sorrisos que davam ao mergulhar em seus doces. Tom tomou um

café expresso. Madame Annette disse que adorou seu sorvete, e ele ficou contente.

E se nada acontecer este fim de semana?, pensou Tom enquanto caminhavam até o carro. Quanto tempo Ed poderia ficar? Até terça? Será que haveria necessidade então de chamar Jeff Constant? A verdadeira questão era: quanto tempo Pritchard iria insistir na busca?

“O senhor vai ficar mais feliz quando madame Héloïse voltar, m’sieur Tómm”, disse madame Annette no carro, enquanto voltavam para Villeperce. “Quais são as notícias de madame?”

“Notícias! Bem que eu gostaria de ter notícias! O correio... ah, o correio de lá é pior que o telefone. Mas acho que em menos de uma semana madame Héloïse vai estar de volta.”

Ao virar na rua principal de Villeperce, viu a picape branca de Pritchard vindo pela direita. Tom não precisava diminuir a marcha, mas diminuiu. A popa do barco, sem o motor, projetava-se sobre o chão da picape. Será que eles tiravam o barco da água na hora do almoço? Tom imaginou que sim, do contrário ele não estaria em segurança, só amarrado na margem, sujeito a roubo ou a uma colisão com uma barça. A lona escura estava agora no chão, junto ao barco. Tom supôs que eles iam sair de novo depois do almoço.

“É m’sieur Pritchard”, observou madame Annette.

“Sim”, disse Tom. “O americano.”

“Ele está tentando encontrar alguma coisa nos canais”, continuou madame Annette. “Todo mundo está falando nisso. Mas ele não diz para ninguém o que quer encontrar. Está gastando tanto tempo e dinheiro...”

“Bem, há muitas histórias.” Tom conseguiu sorrir enquanto falava. “A senhora sabe, madame, histórias sobre tesouros afundados, moedas de ouro, caixas de joias...”

“Sabe, m’sieur Tómm, ele apanha esqueletos de gatos e cachorros. E deixa tudo na margem! Joga tudo lá, ou então é o amigo dele quem joga. É muito chato para quem mora por ali, para quem vai passear lá perto...”

Tom não queria ouvir mais nada, mas mesmo assim ouviu. Virou à direita e entrou pelos portões ainda abertos de Belle Ombre.

“Esse homem não pode ser feliz aqui. Aposto como ele não é feliz”, disse Tom, dando uma olhada para madame Annette. “Não consigo imaginar que ele vá continuar morando no nosso bairro por muito

tempo.” A voz de Tom era suave, mas seu pulso batia um pouco mais rápido. Ele detestava Pritchard, e não havia nada de novo nisso; é que na presença de madame Annette não podia xingar Pritchard em voz alta, nem mesmo baixinho.

Na cozinha, guardaram a manteiga, os belos brócolis, a alface, três tipos de queijo, o café do tipo extra, um bom pedaço de carne para assar e, naturalmente, as duas lagostas vivas. Mais tarde madame Annette iria se ocupar delas, bem longe de Tom. Ele sabia que para madame Annette elas não mereciam mais consideração do que um punhado de feijões jogados na água fervente; mas ele imaginava que as ouvia gritar, ou ao menos gemer, enquanto cozinhavam na água até morrer. Tão deprimente como algo que Tom tinha lido sobre assar lagostas no micro-ondas: dizia que a gente tem quinze segundos depois de ligar o forno para sair correndo da cozinha e não ter que ouvir nem ver as lagostas batendo as garras contra o vidro do forno até morrer. Havia gente, Tom imaginou, que podia continuar descascando batatas tranquilamente enquanto as lagostas assavam até morrer — em quantos segundos? Tom procurou não acreditar que madame Annette fosse um tipo assim. De qualquer forma, eles ainda não tinham um forno de micro-ondas. Nem madame Annette nem Héloïse haviam demonstrado qualquer interesse nisso, e se demonstrassem Tom já tinha armado a munição contrária: havia lido que as batatas assadas no micro-ondas ficavam mais cozidas do que assadas, um ponto que Héloïse, madame Annette e Tom levariam muito a sério. E quando se tratava de cozinhar, madame Annette nunca tinha pressa.

“*M’sieur Tomm!*”

Tom ouviu madame Annette chamá-lo da varanda de trás. Estava na estufa, com a porta aberta para ouvir qualquer chamado. “*Sim?*”

“Telefone!”

Tom voltou correndo, esperando que fosse Ed e pensando que devia ser Héloïse. Com dois pulos subiu os degraus da varanda.

Era Ed Banbury. “Amanhã, lá pelo meio-dia, Tom. Para ser mais exato... você tem um lápis aí?”

“Tenho, sim.” Tom anotou: onze e vinte e cinco, chegada em Roissy, voo 212. “Vou estar lá esperando você, Ed.”

“Seria ótimo, se não for muito trabalho.”

“De jeito nenhum. É uma viagem tranquila, e vai me fazer bem. Alguma novidade de... bem, de Cynthia? Ou de alguém?”

“Nada de nada. E do seu lado?”

“O homem continua pescando. Você vai ver. Ah, mais uma coisa, Ed. Qual é o preço daquele desenho do *Pombo*?”

“Para você, dez mil. Não quinze.” Ed deu uma risadinha.

Despediram-se alegremente.

Tom começou a pensar numa moldura para o desenho do pombo: de madeira castanho-clara, fina ou bem larga, mas de um tom cálido, combinando com o papel amarelo-claro do desenho. Entrou na cozinha para dar a madame Annette a boa notícia: o hóspede chegaria amanhã a tempo de almoçar. Melhor um menu não muito pesado para o almoço, em vista do calor.

Então saiu e concluiu suas tarefas na estufa, terminando com uma boa varrida. Também tirou o pó das janelas com uma vassoura macia que foi buscar dentro de casa. Queria que Belle Ombre estivesse em sua melhor forma para receber um velho amigo como Ed.

Aquela noite Tom assistiu no vídeo a *Quanto mais quente melhor*. Era bem o que ele precisava, um relaxamento leve, até mesmo a insanidade do coro masculino com seus sorrisos forçados.

Antes de dormir foi até seu estúdio e fez alguns esboços na mesa, em que podia trabalhar em pé confortavelmente. Desenhou de memória, traçando com pesados riscos negros o rosto de Ed. Poderia perguntar-lhe se gostaria de posar por uns cinco ou dez minutos para os esboços preliminares. Seria interessante fazer um retrato do rosto aloirado e tipicamente inglês de Ed Banbury, a testa alta, o cabelo fino e liso, castanho-claro, o olhar educado mas interrogativo, os lábios finos, prontos para sorrir ou cerrar-se a qualquer momento.

TOM LEVANTOU-SE excepcionalmente cedo, como costumava fazer quando tinha algum compromisso pela frente. Às seis e meia já tinha se barbeado, vestido uma camisa e uma calça Levis, e estava caminhando sem barulho pela sala rumo à cozinha para pôr água para ferver. Madame Annette só se levantava às sete e quinze ou sete e meia. Tom levou uma bandeja para a sala com sua cafeteira, a xícara e o pires. Como o café ainda não tinha acabado de coar, foi até a porta da frente, pensando em abri-la para receber o ar fresco da manhã, dar uma olhada na garagem e decidir se iria até Roissy com a Renault ou com a Mercedes vermelha.

Vendo um fardo comprido e cinzento aos seus pés, deu um pulo para trás. Estava estendido na soleira da porta e Tom compreendeu com horror, e instantaneamente, o que era.

Percebeu que Pritchard tinha embrulhado aquela coisa em algo que poderia ser chamado de um “novo” encerado cinzento, que lhe pareceu o mesmo que ele vinha usando para cobrir seu barco, mas agora amarrado com cordas. Pritchard também tinha feito vários cortes nesse encerado, com uma faca ou tesoura — por quê? Para ter lugares por onde segurá-lo? Ele precisara transportar aquele fardo até ali, talvez sozinho. Por curiosidade, Tom inclinou-se, puxou para trás um canto do encerado novo, e logo viu a velha lona, puída e estragada, e um pedaço de osso de um branco acinzentado.

Os grandes portões de ferro de Belle Ombre continuavam fechados e trancados por dentro com cadeado. Pritchard devia ter vindo de carro até a estradinha ao lado do gramado de Tom, parado o carro e arrastado ou carregado aquele trambolho pelo gramado e mais uns dez metros de cascalho até chegar à porta da frente. Naturalmente o cascalho devia ter feito barulho, mas tanto madame Annette como Tom estavam dormindo na parte traseira da casa.

Tom achou que sentia um odor desagradável, mas talvez fosse apenas o cheiro mefítico da umidade, do ranço — ou da imaginação.

A caminhonete era uma boa ideia para o momento, e graças a Deus madame Annette ainda não estava acordada. Tom voltou para o hall, pegou seu chaveiro na mesinha, voltou para fora correndo e abriu a traseira do carro. Agarrou firmemente com as duas mãos as cordas do fardo e o levantou, esperando um peso muito maior.

O diabo da coisa não pesava mais que quinze quilos, pensou, talvez menos de vinte. E uma parte era água. O pacote pingava um pouco, enquanto Tom o carregava, cambaleando, para a caminhonete branca. Tom se deu conta de que tinha ficado paralisado de surpresa na soleira da porta por vários segundos. Não devia deixar isso acontecer de novo! Percebeu que não conseguia distinguir a cabeça dos pés, enquanto suspendia o fardo e o colocava no chão do carro. Sentou-se no lugar do motorista e deu um puxão na corda para poder fechar a porta traseira.

Nada de sangue. Pensamento absurdo, percebeu de imediato. As pedras que tinha colocado com a ajuda de Bernard Tufts também já deviam ter ido embora havia muito tempo. Supôs que os ossos tinham ficado no fundo porque não sobrara nenhuma carne.

Trancou a traseira do carro, depois a porta lateral. A caminhonete estava do lado de fora da garagem, que só comportava dois carros. E agora, o que fazer? Voltar para o seu café, dar “*bon jour*” a madame Annette. E, enquanto isso, pensar. Ou planejar.

Voltou até a porta da frente, onde se viam algumas gotas d’água na soleira da porta e no capacho, para seu grande aborrecimento. Mas o calor do sol logo iria se encarregar disso, no máximo lá pelas nove e meia, pensou, quando madame Annette sairia para as compras. Na verdade, ela costumava sair e voltar pela porta da cozinha. Entrando em casa, Tom foi até o banheiro do hall e lavou as mãos. Notou que a perna direita da calça estava um pouco úmida e cheia de areia, e limpou-a da melhor maneira possível.

Quando será que Pritchard tinha encontrado sua pepita de ouro? Provavelmente ontem no fim da tarde, ou talvez ontem de manhã. Devia ter guardado seu tesouro escondido no barco. Será que contara a Janice? Provavelmente, por que não? Pelo jeito, Janice não fazia nenhum

juízo quanto a certo ou errado, pró ou contra qualquer coisa, e com certeza não em relação ao marido, do contrário não estaria com ele agora. Tom se corrigiu: Janice era tão maluca quanto David.

Entrou na sala com um ar alegre, vendo madame Annette colocar torradas, manteiga e geleia na mesa do café. “Que delícia! Obrigado, madame. *Bon jour!*”

“*Bon jour*, m’sieur Tómm. Acordou cedo hoje.”

“Como sempre quando estou esperando visitas, não é mesmo?” Deu uma mordida na primeira torrada.

Estava pensando que devia cobrir o fardo com jornais ou qualquer outra coisa, para disfarçá-lo de alguém que espiasse pela janela do carro.

Será que Pritchard tinha dispensado Teddy? Ou será que o próprio Teddy tinha pedido demissão, com medo de se tornar cúmplice em algo com que não tinha nada a ver?

O que será que Pritchard esperava que ele fizesse com aquele saco de ossos? Será que iria chegar a qualquer momento com a polícia e dizer: “Vejam! Aqui está o desaparecido Murchison!”.

Com esse pensamento Tom se levantou, com a xícara de café na mão, franzindo a testa. O cadáver podia muito bem voltar direto para um canal, pensou, e Pritchard podia muito bem ir para o inferno. É claro que Teddy poderia testemunhar que ele e Pritchard tinham encontrado alguma coisa, *um certo* cadáver, mas que prova havia de que fosse Murchison?

Olhou para o relógio. Faltavam sete para as oito. Pensou que devia sair de casa às nove e cinquenta, no máximo, para buscar Ed no aeroporto. Umedeceu os lábios e acendeu um cigarro. Estava perambulando pela sala, pronto para interromper-se a qualquer momento se madame Annette aparecesse. Lembrou-se de que tinha decidido deixar os dois anéis nas mãos de Murchison. Dentes, registros dentários? Será que Pritchard tinha pesquisado tanto na América a ponto de conseguir cópias de documentos policiais, talvez por meio da senhora Murchison? Percebeu que estava se torturando, porque não podia, com madame Annette na cozinha, que tinha janela para fora, sair e dar uma boa olhada no que havia na caminhonete. Esta ficara estacionada junto à janela da cozinha, e parte do fardo talvez fosse visível

para madame Annette, se ela espiasse, mas por que ela haveria de espiar? O carteiro também devia chegar às nove e meia.

Decidiu simplesmente estacionar a caminhonete na garagem e dar uma olhada, e já. Antes, terminou seu cigarro com calma, tirou seu canivete suíço da mesinha do hall, colocou-o no bolso e pegou uma pilha de jornais velhos na cesta ao lado da lareira.

Deu marcha à ré com a Mercedes vermelha, deixando-a pronta para buscar Ed Banbury, e entrou com a caminhonete branca na vaga da Mercedes. Às vezes utilizava um pequeno aspirador de pó ligado na tomada da garagem, de modo que no momento madame Annette podia pensar o que quisesse de suas atividades. As portas da garagem ficavam em ângulo reto com a janela da cozinha. Mesmo assim, Tom fechou a porta da garagem do lado onde estava a caminhonete e deixou a outra aberta, mostrando o Renault marrom. Ligou então a luz na parede direita.

Mais uma vez subiu na traseira da caminhonete e forçou-se a verificar de que lado ficavam a cabeça e os pés daquele objeto enrolado. Isso não foi fácil, e assim que se deu conta de que o corpo era bem pequeno, se era de fato Murchison, percebeu também que não tinha cabeça. A cabeça tinha se separado, caído fora. Tom obrigou-se a dar umas palmadas nos pés e nos ombros do esqueleto.

Nada de cabeça.

Isso era reconfortante, pois significava que não havia dentes, nem osso do nariz característico ou algo do gênero. Tom saiu da traseira, sentou-se no assento do motorista e abriu todas as janelas da caminhonete. Era um cheiro engraçado, rançoso, que emanava do fardo enrolado em lona, não cheiro de morte, mas de molhado. Percebeu que teria que olhar para as mãos para verificar os anéis. *Sem cabeça*. Onde estaria a cabeça, então? Rolando com a corrente, descendo à deriva? Não, não haveria de estar num rio.

Tom saiu do carro, tentou sentar-se numa caixa de ferramentas que era muito pequena, e acabou se apoiando no para-lama da frente, de cabeça baixa. Estava quase desmaiando. Arriscaria esperar até que Ed chegasse e lhe desse apoio moral? Encarou o fato de que não conseguia continuar examinando o cadáver. Iria dizer...

Endireitou-se e forçou-se a pensar com clareza. Iria dizer, caso Pritchard aparecesse com a polícia, que naturalmente fora obrigado a colocar aquele repugnante saco de ossos — pois ele vira, de fato, alguns ossos e com certeza tinha sentido o cheiro — longe das vistas de sua governanta, por motivos óbvios de decência, e que ficara tão nauseado que ainda não havia contatado a polícia.

Seria extremamente desagradável, porém, se a polícia chegasse (chamada por Pritchard) quando ele estivesse fora de casa esperando Ed no aeroporto. Madame Annette teria que lidar com os policiais, estes com certeza iriam procurar o cadáver de que Pritchard lhes falara, e não levariam muito tempo para encontrá-lo — menos de meia hora, pelos seus cálculos. Tom curvou-se e molhou o rosto numa torneira do lado de fora da casa.

Sentiu-se melhor, embora percebesse que estava esperando a chegada de Ed para lhe reforçar a coragem.

E se fosse o cadáver de outra pessoa, não o de Murchison? Engraçado, as coisas que passam pela cabeça da gente. Lembrou-se então de que a lona interna, marrom-clara, lhe era muito familiar — exatamente a que ele e Bernard tinham usado naquela noite.

E se Pritchard continuasse tentando pescar a cabeça, nas vizinhanças do local onde tinha encontrado o corpo? E o que andava dizendo o povo de Voisy? Será que alguém tinha notado alguma coisa? Achou que havia cinquenta por cento de chance de que alguém houvesse notado. Era comum ver-se um homem ou uma mulher passeando na beira do rio e atravessando a ponte, de onde se tinha uma vista melhor. Infelizmente, o objeto pescado bem podia parecer um corpo humano. Obviamente as duas (ou três?) cordas que ele e Bernard haviam usado tinham resistido bem, do contrário o encerado não estaria lá até agora.

Pensou em trabalhar no jardim por uma meia hora para acalmar os nervos, mas não sentia vontade. Madame Annette estava pronta para sair para as compras da manhã. Faltava só uma meia hora para sair e buscar Ed.

Subiu e tomou um banho rápido, apesar de já ter se banhado pela manhã, e vestiu outra roupa.

Quando desceu, a casa estava em silêncio. Se o telefone tocasse agora, decidiu que não atenderia, embora pudesse ser Héloïse. Detestava ter

que ficar fora de casa por quase duas horas. Seu relógio marcava cinco para as dez. Foi até o carrinho das bebidas, escolheu o copinho menor de todos (uma taça com pezinho), colocou uma minúscula porção de Rémy Martin, saboreou-a na língua e aspirou o aroma do copo. Depois lavou e secou o copo na cozinha e o colocou de volta no carrinho das bebidas. Carteira, chaves, tudo pronto.

Saiu e trancou a porta da frente. Sempre pensando em tudo, madame Annette já abrira os portões, e Tom os deixou bem abertos quando partiu na direção norte. Foi dirigindo em velocidade média, normal. Na verdade estava bem adiantado, apesar de que nunca se sabe o que se vai encontrar na *périphérique*.

Saída para o norte em Pont la Chapelle, rumo ao enorme e tristonho aeroporto, de que Tom continuava não gostando. Heathrow é tão imenso que é difícil imaginar sua área total, e a gente tem que caminhar um quilômetro carregando as bagagens. Mas Roissy, em sua arrogante inconveniência, tinha um desenho simples: um edifício circular principal e uma dúzia de estradas que partem dele, todas sinalizadas, naturalmente, mas se a gente não encontra a primeira placa é tarde demais para voltar.

Parou o carro num estacionamento ao ar livre. Estava pelo menos quinze minutos adiantado.

E de repente ali estava Ed, parecendo encalorado, com uma camisa branca de gola aberta e uma espécie de mochila pendurada no ombro. Na outra mão trazia uma maleta de executivo.

“Ed!” Mas Ed ainda não o vira. Tom acenava.

“Alô, Tom!”

Apertaram as mãos calorosamente.

“Meu carro não está longe”, disse Tom. Ed levava uma maleta e tinha também uma capa de chuva jogada no ombro. “Vamos pegar aquele micro-ônibus amarelo até o estacionamento. E como vão as coisas em Londres?”

Tudo estava correndo bem, disse Ed. Sua vinda não tinha sido difícil, sem transtorno para ninguém. Poderia ficar até segunda-feira, sem problemas, ou mais ainda se necessário. “E do seu lado? Alguma novidade?”

Em pé no micro-ônibus, segurando numa alça, Tom fez uma careta. “Bem, tem uma coisinha. Eu conto depois, não aqui.”

Já no carro, Ed perguntou como iam as férias de Héloïse no Marrocos. Tom perguntou se Ed já havia estado em Belle Ombre, e ele disse que não.

“Engraçado!”, disse Tom. “Quase inacreditável!”

“Mesmo assim as coisas vêm correndo bem, não é?”, retrucou Ed, com um sorriso amistoso para Tom. “Temos uma relação comercial, certo?”

Ed riu como se achasse a afirmação absurda, pois em certo sentido o relacionamento dos dois era profundo como uma amizade, mas diferente. Uma traição de um dos dois podia levar o outro à desgraça, a uma multa, talvez à prisão. “Sim”, concordou Tom. “Falando nisso, o que está fazendo Jeff neste fim de semana?”

“Ahn... não sei direito.” Ed parecia estar saboreando a brisa de verão que entrava pela janela. “Liguei para ele ontem à noite e falei que vinha ver você. Falei também que você poderia precisar dele. Achei que não havia mal em dizer isso.”

“Não, não há mal nenhum mesmo.”

“Será que nós vamos precisar dele?”

Tom franziu a testa vendo o engarrafamento de trânsito na *périphérique*. O êxodo do fim de semana já estava começando, e a estrada para o sul também deveria estar congestionada. Tom virava e revirava a questão na mente: contar para Ed a respeito do cadáver antes ou depois do almoço. “Realmente ainda não sei.”

“Que beleza esses campos por aqui!”, disse Ed, enquanto saíam de Fontainebleau para o leste. “Parecem maiores que na Inglaterra.”

Tom não disse nada, mas ficou satisfeito. Algumas visitas não faziam comentários, como se fossem cegas ou ficassem devaneando enquanto olhavam pela janela. Ed também admirou muito Belle Ombre, em especial os imponentes portões — sobre os quais Tom comentou, rindo, que não eram à prova de balas —, e elogiou o equilíbrio do conjunto da casa, visto da rua.

“Bem, agora, Ed...” Tom tinha estacionado a Mercedes não longe da porta da frente, com a traseira voltada para a casa. “Tenho que lhe

contar uma coisa muito desagradável que eu só fiquei sabendo hoje às oito da manhã — juro.”

“Acredito”, disse Ed franzindo a testa. Estava com a bagagem na mão. “O que é?”

“Ali na garagem...” Tom abaixou a voz e deu um passo para junto de Ed. “Hoje de manhã Pritchard descarregou o corpo na soleira da minha porta. O corpo de Murchison.”

Ed franziu a testa mais ainda. “O cor... você está brincando!”

“É um saco cheio de ossos”, disse Tom quase num sussurro. “Minha governanta não viu nada, e não vamos deixar que ela veja. Está na traseira daquela caminhonete. Nem pesa muito. Mas temos que fazer alguma coisa.”

“Obviamente.” Ed também falou baixinho. “Está pensando em levar até algum bosque e deixar por lá?”

“Não sei. Tenho que pensar. Achei... bom, é melhor lhe contar agora.”

“Aqui na porta?”

“Aqui mesmo. Ele trabalhou no escuro, naturalmente. Do meu quarto eu não escutei nada. Madame Annette também não comentou sobre nenhum barulho. Encontrei o negócio lá pelas sete da manhã. Ele deve ter chegado pelo lado da casa, talvez com Teddy, o ajudante, mas mesmo sozinho ele pode ter arrastado aquilo sem muito trabalho. Veio de lá, da estradinha lateral. É difícil ver essa estrada agora, mas dá para passar de carro, parar e entrar a pé no meu terreno.” Enquanto Tom olhava naquela direção, achou que percebia uma leve depressão na grama, uma trilha talvez feita por alguém andando a pé, já que os ossos não eram pesados e não seria necessário arrastá-los pelo chão.

“Teddy”, disse Ed pensativo, e virou-se para a porta da casa.

“Sim. Fiquei sabendo o nome dele pela mulher de Pritchard, acho que já lhe contei. Só gostaria de saber se esse Teddy continua empregado, ou se Pritchard considera que o trabalho já foi feito. Bem, vamos entrar, tomar um drinque e curtir um bom almoço.”

Abriu a porta com a chave que ainda estava na mão. Madame Annette, ocupada na cozinha, talvez já os tivesse visto, mas percebera também que eles queriam conversar por um momento.

“Que bonito! Puxa, Tom, que bela sala.”

“Quer deixar sua capa aqui embaixo?”

Madame Annette entrou e Tom fez as apresentações. Naturalmente, ela quis levar a mala de Ed para cima; ele protestou, sorrindo.

“É um ritual”, disse Tom. “Venha, vou mostrar seu quarto.”

Madame Annette tinha cortado uma única rosa cor de pêssego e a colocado na mesa de cabeceira, causando um efeito ótimo em seu vasinho estreito. Ed achou o quarto esplêndido. Tom lhe mostrou o banheiro anexo, e lhe pediu que ficasse à vontade e descesse logo para um aperitivo antes do almoço.

Era uma hora da tarde.

“Algum telefonema, madame?”, perguntou Tom.

“*Non*, m’sieur, e estou em casa desde as dez e quinze.”

“Muito bem”, disse Tom calmamente, pensando que isso era ótimo mesmo. Pritchard decerto tinha contado à esposa sobre seu precioso achado, seu sucesso. E qual teria sido a reação dela, pensou, além de dar uma risada tola?

Tom foi até a sua coleção de CDs, hesitou entre uma composição de Scriabin para cordas — linda, mas sonhadora — e a *Opus 39* de Brahms, e escolheu esta última, uma série de dezesseis valsas brilhantes para piano. Era disso que ele e Ed precisavam; só esperava que Ed também gostasse. Colocou o volume não muito alto.

Preparou para si um gim com tônica, e quando estava colocando no copo uma casquinha de limão viu Ed descendo a escada.

Ed quis tomar a mesma coisa.

Tom preparou o drinque e foi até a cozinha pedir a madame Annette que esperasse uns cinco minutos para servir o almoço.

Tom e Ed ergueram seus copos e trocaram um olhar num silêncio quebrado apenas por Brahms. Tom sentiu de imediato o efeito do drinque, mas também sentia Brahms fazer seu sangue correr mais depressa. Uma ideia musical, rápida e vibrante, se seguia a outra, como se o grande compositor estivesse deliberadamente se exibindo. E, com aquele talento, por que não?

Ed caminhou devagar para a varanda. “Que belo cravo! E a vista daqui, Tom! Esse terreno todo é seu?”

“Não, só até aquela cerca viva. Atrás tem um bosque mais ou menos público.”

“Também gosto da sua música.”

Tom sorriu. “Que bom.”

Ed voltou até o meio da sala. Tinha vestido uma camisa azul fresca. “A que distância mora esse Pritchard?”, perguntou em voz baixa.

“A uns dois quilômetros naquela direção”, Tom fez um gesto sobre o ombro esquerdo. “Falando nisso, minha governanta não compreende inglês — ou pelo menos é o que eu suponho”, acrescentou com um sorriso, “ou acho melhor pensar assim.”

“É, eu me lembro. É muito conveniente.”

“Sim. Às vezes.”

Almoçaram presunto frio, queijo cottage com salsinha, salada de batatas feita em casa por madame Annette, azeitonas pretas e uma boa garrafa de Graves bem gelado. Para finalizar, um sorvete. Os dois aparentavam bom humor, mas Tom não parava de pensar na próxima tarefa, e sabia que Ed sentia o mesmo. Nenhum dos dois quis café.

“Vou vestir um jeans”, disse Tom. “Está preparado? Nós vamos ter que... talvez ajoelhar na traseira do carro.”

Ed já estava de jeans.

Tom subiu depressa e trocou de roupa. Quando voltou, pegou de novo seu canivete suíço na mesa do hall e chamou Ed com um aceno de cabeça. Saíram pela porta da frente. Tom deliberadamente evitou olhar para a janela da cozinha, para não atrair o olhar de madame Annette.

Viram o Renault marrom pela porta aberta da garagem. Não havia parede entre os carros.

“Bem, não está tão ruim”, disse Tom, tentando falar com uma voz animada. “Está faltando a cabeça. O que eu estou procurando agora...”

“Faltando?”

“Deve ter rolado, você não acha? Depois de três, quatro anos? A cartilagem se dissolve.”

“Rolado para onde?”

“Ed, esse negócio estava debaixo d’água. Do rio Loing. Não creio que a corrente mude de sentido, como acontece nos canais, mas sempre existe uma corrente. Eu quero checar os anéis. Lembro que ele tinha dois, e eu os deixei nos dedos. O.k., você está pronto?”

Ed concordou de cabeça, e Tom percebeu que ele tentava parecer disposto para qualquer coisa. Tom abriu a porta lateral da caminhonete,

e puderam ver quase todo o fardo cinza-escuro, enrolado em lona com duas cordas, aparentemente uma na cintura e a outra na altura dos joelhos. A parte que Tom achava que eram os ombros estava virada para a frente do carro. “Os ombros estão desse lado, creio”, disse, apontando com um gesto. “Desculpe, me dê licença.” Tom entrou primeiro, foi de joelhos até o outro lado do corpo para dar lugar a Ed e puxou seu canivete. “Vou verificar as mãos.” Começou a cortar a corda, o que não era tarefa rápida.

Ed pôs a mão debaixo da extremidade do fardo, onde estariam os pés, e tentou erguê-lo. “É bem leve!”

“Eu lhe disse.”

De joelhos no chão do carro, Tom atacou a corda a partir de baixo, serrando para cima com a serrinha do canivete. Era uma corda nova, de Pritchard. Com esforço, conseguiu cortar. Afrouxou a corda e tomou coragem, porque estava agora na parte abdominal do cadáver. Ainda havia um cheiro rançoso, úmido, não o tipo de cheiro que dá náuseas, a menos que se pense nele. Tom viu agora que alguns pedaços de carne, pálidos e flácidos, ainda se agarravam à coluna vertebral. O abdômen, naturalmente, era oco. As mãos, Tom lembrou-se.

Ed observava atentamente. Tinha murmurado alguma coisa, talvez sua exclamação favorita.

“As mãos”, disse Tom. “Bom, dá para entender por que é tão leve.”

“Nunca vi coisa igual na minha vida!”

“E espero que nunca mais tenha que ver.” Tom afrouxou a lona de Pritchard, e depois o encerado bege todo gasto, que parecia prestes a se desintegrar, como uma bandagem enrolando uma múmia.

Os ossos da mão e do punho estavam quase separados dos dois ossos do antebraço, pensou Tom, mas de qualquer forma ainda não tinham se separado. Era a mão direita (por acaso, Murchison estava deitado de costas), e Tom viu de imediato o pesado anel de ouro com uma pedra roxa, do qual tinha uma vaga lembrança. Recordou também que na época achou que devia ser um anel de formatura. Tirou-o cuidadosamente do dedo mínimo, não querendo arrancar as delicadas falanges. O anel saiu com facilidade. Tom enfiou-o no polegar para limpá-lo, e depois o colocou no bolso da frente da calça Levis.

“Você disse que eram dois anéis?”

“Pelo que me lembro.” Tom teve de se afastar, pois o braço esquerdo não estava dobrado, mas esticado ao lado do corpo. Afrouxou mais o encerado e abriu a janela atrás de si. “Tudo bem com você, Ed?”

“Claro.” Mas Ed estava pálido.

“Isso vai ser rápido.” Tom pegou a outra mão, e nela não havia nenhum anel. Olhou debaixo dos ossos, para ver se tinha caído no encerado de Pritchard.” Aliança de casamento, creio”, disse Tom. “Não está aqui. Deve ter caído.”

“Com certeza, é lógico que *pode* ter caído”, respondeu Ed, dando um pigarro.

Tom percebeu que Ed estava numa luta, que teria preferido não olhar. Mais uma vez Tom apalpou debaixo do fêmur, dos ossos pélvicos. Sentiu algo como migalhas, algumas macias, outras menos, mas nada parecido com um anel. Sentou-se. Será que devia desamarrar as duas lonas? Sim. “Tenho que procurar aqui mesmo. Olhe, Ed, se madame Annette nos chamar para atender o telefone ou algo assim, você sai do carro e diz a ela que estamos na garagem e que eu chego lá num minuto. Não sei se ela sabe que nós estamos aqui. Se ela perguntar o que nós estamos *fazendo* — mas ela não vai perguntar —, vou dizer que estou lustrando o carro.”

Então Tom atacou sua tarefa com vontade. Cortou a outra corda da mesma maneira (tinha um nó apertado), lamentando não ter trazido da estufa seu serrote de podar. Levantou os ossos do tornozelo e da perna, olhou e apalpou de cima a baixo. Inútil. Notou que estava faltando o dedo mínimo do pé esquerdo. Faltavam também uma ou duas falanges das mãos. Mas o anel de formatura provava que era mesmo Murchison, pensou.

“Não consigo encontrar. Agora...” Tom hesitou pensando nas pedras. Será que devia pegar algumas, como tinha feito com Bernard Tufts, para afundar os ossos? E, aliás, o que fazer com aquele troço? “Acho que vou amarrar tudo de novo. Sabe que pode ficar parecendo um par de esquis?”

“Será que esse filho da mãe desse Pritchard não vai chamar a polícia, Tom? Pedir para mandarem alguém aqui?”

Tom respirou fundo. “Sim, seria lógico. Mas, Ed, nós estamos lidando com gente doida! Vá adivinhar o que eles vão fazer!”

“E se a polícia vier?”

“Bem...” Tom sentiu sua adrenalina subir. “Vou dizer a eles que esses ossos estão no carro porque eu queria tirá-los fora da vista do meu hóspede, e que eu pretendia entregá-los à polícia assim que me recuperasse do choque de encontrá-los. E também... quem foi que avisou a polícia? *Esse* é o culpado!”

“Você acha que Pritchard sabe deste anel? Identificação?”

“Duvido. Duvido que ele tenha procurado um anel.” Tom começou a amarrar de novo a parte inferior da carcaça.

“Eu ajudo você com a parte de cima”, disse Ed, pegando a corda que Tom tinha posto de lado.

Tom sentiu-se grato. “Temos que dar duas voltas em vez de três, por causa daquele nó.” Pritchard tinha dado três voltas com sua corda nova.

“Mas, afinal de contas, o que é que nós vamos fazer com isso?”, perguntou Ed.

Atirar de volta em algum canal, Tom pensou consigo, e neste caso eles teriam — ou ele teria — que desamarrar de novo as cordas para enfiar umas pedras na lona de Pritchard. Ou então jogar aquela famigerada coisa no laguinho de Pritchard. De repente, Tom riu. “Estava pensando que a gente podia jogar esse negócio de volta na casa de Pritchard. No gramado dele tem um lago.”

Ed deu uma risadinha, sem acreditar. Os dois estavam puxando as cordas para apertar os últimos nós.

“Ainda bem que tenho mais corda na minha adega”, disse Tom. “Ótimo, Ed. Agora nós sabemos o que temos aqui, certo? Um corpo sem cabeça, bem difícil de identificar, penso eu, com as impressões digitais desaparecidas há muito tempo, junto com a pele.”

Aqui Ed forçou um sorriso que parecia nauseado.

“Vamos sair”, disse Tom de súbito. Ed pulou no chão da garagem e Tom foi escorregando logo atrás. Tom olhou para a estrada em frente a Belle Ombre, examinando todo o trecho que conseguia ver dali. Não dava para acreditar que Pritchard não tivesse a curiosidade de vir dar

uma xeretada, e estava esperando Pritchard a qualquer momento. Mas não quis dizer isso a Ed.

“Agradeço-lhe muito, Ed.” Deu uma palmadinha no seu braço. “Eu não poderia ter feito isso sem você!”

“Está brincando?” Ed tentou sorrir.

“Não. Hoje de manhã fiquei encalacrado com esse negócio, como já lhe disse.” Agora queria procurar mais corda e deixá-la à mão na garagem, mas notou que Ed continuava pálido. “Quer dar uma volta no jardim dos fundos? Andar um pouco no sol?”

Tom apagou a luz da garagem. Foram saindo pelo lado da cozinha — pelo jeito madame Annette já tinha terminado o serviço e estava no quarto dela — e chegaram até o gramado dos fundos. O sol batia quente e brilhante no rosto dos dois. Tom começou a conversar sobre suas dalias. Iria cortar uma ou duas agora, já que estava com seu canivete. Mas como a estufa era logo ali, foi até lá buscar sua tesoura de jardinagem.

“Você não tranca isso de noite?”, perguntou Ed.

“Em geral não. Sei que devia. A maioria das pessoas aqui das redondezas trancaria.” Tom se pegou olhando para a estradinha lateral de terra, tentando ver se chegava algum carro ou Pritchard em pessoa. Afinal, Pritchard tinha vindo por aquela estrada fazer sua entrega. Tom cortou três dalias azuis e os dois entraram na sala, pela porta da varanda.

“Que tal um bom conhaque?”, Tom sugeriu.

“Para ser franco, estou com vontade de deitar um pouco.”

“Nada mais fácil.” Tom serviu uma pequena dose de Rémy Martin e passou-o a Ed. “Eu insisto. Apoio moral. Não vai lhe fazer nenhum mal.”

Ed sorriu, e o engoliu de um gole. “Mmm-m. Obrigado.”

Tom subiu com Ed, tirou uma toalha de mão do banheiro dos hóspedes e a molhou com água fria. Disse a Ed para deitar-se com a toalha molhada na testa, e que se quisesse dormir um pouco, tudo bem.

Depois desceu, pegou na cozinha um vaso apropriado para as dalias e colocou-as na mesa. O isqueiro de Héloïse, um valioso Dunhill todo de jade, estava na mesa de café. Como ela fez bem de deixá-lo em casa! E quando será que ela iria pegá-lo na mão outra vez?

Abriu a porta do banheirinho de baixo, depois a porta menor, e acendeu a luz. Desceu a escada até a adega, vendo os vinhos, as molduras sem uso encostadas na parede, a velha estante de livros que agora servia de reserva para água mineral, leite, garrafas de refrigerantes, batatas e cebolas. Uma corda. Tom procurou pelos cantos, levantou sacos plásticos de cereais, e por fim encontrou o que queria. Sacudiu a corda e a enrolou de novo. Tinha ali quase cinco metros, e podia precisar dela toda, se desse três voltas e colocasse pedras dentro da lona. Subiu a escada e saiu da casa pela frente, fechando todas as portas atrás de si.

Seria aquele o carro de Pritchard — um carro branco, vindo da esquerda — avançando devagar rumo a Belle Ombre? Tom foi até a garagem e colocou a corda no chão, no canto esquerdo, perto da roda do Renault.

Era Pritchard. Tinha estacionado à direita dos portões e estava em pé ao lado do carro, com uma máquina fotográfica encostada nos olhos.

Tom deu um passo à frente. “O que há de tão fascinante na minha casa, Pritchard?”

“Ah, muita coisa! A polícia já esteve aqui?”

“Não. Por quê?” Tom parou com as mãos na cintura.

“Não faça perguntas bobas, senhor Ripley.” Pritchard virou-se e voltou para o seu carro, olhando para trás uma vez com um sorrisinho estúpido.

Tom ficou onde estava até o carro de Pritchard se afastar. Talvez o tivesse incluído na fotografia, pensou, mas e daí? Cuspiu no chão na direção de Pritchard, virou-se e voltou para a porta de casa.

Será que Pritchard havia guardado a cabeça de Murchison? Como uma garantia de vitória?

MADAME ANNETTE ESTAVA NA SALA quando Tom entrou em casa. “Ah, m’sieur Tómm, eu não sabia onde o senhor estava. Telefonaram da polícia, há mais ou menos uma hora. Do comissariado de Nemours. Achei que o senhor estava dando uma volta com seu amigo.”

“Telefonaram a respeito do quê?”

“Perguntaram se houve algum distúrbio durante a noite. Eu disse que não.”

Tom franziu a testa: “Distúrbio de que tipo?”

“Algum barulho, algum carro. Eles me perguntaram, e eu falei: *‘Non, m’sieur, absolument pas de bruit’*.”

“Da minha parte, posso dizer a mesma coisa. Muito bem, madame. Eles não disseram que tipo de barulho seria esse?”

“*Sim*, disseram que entregaram aqui um pacote grande. Alguém denunciou — alguém com sotaque americano —, e é um pacote que tem interesse para a polícia.”

Tom riu. “Um pacote! Deve ser brincadeira.” Procurou seus cigarros, por fim tirou um da caixa na mesa de café e usou o isqueiro de Héloïse. “E a polícia vai telefonar de novo?”

Madame Annette parou um momento de limpar a mesa já brilhante da sala de jantar. “Não tenho certeza, m’sieur.”

“Eles não disseram quem era o americano?”

“*Non, m’sieur.*”

“Quem sabe eu é que deveria telefonar para a polícia”, disse Tom como se para si mesmo, e pensou que com certeza deveria fazer isso, para afastar uma possível visita da polícia. Percebeu também que estaria metendo a cabeça para fora, colocando-se em risco, ou, para falar claro, mentindo, se dissesse que não sabia nada sobre pacote nenhum, enquanto aquele saco de ossos continuasse no seu terreno.

Tom procurou na lista telefônica o número do comissariado de Nemours. Ligou, deu seu nome e endereço. “Minha governanta me

disse que hoje me telefonaram do comissariado. Foi do *seu* comissariado?” Tom foi passado para alguma outra pessoa.

Depois de uma espera, Tom repetiu para a pessoa seguinte o que já tinha dito.

“Ah, *oui*, m’sieur Ripley. *Oui*.” A voz de homem continuou falando em francês: “Um homem com sotaque americano nos disse que o senhor recebeu um pacote que interessa à polícia. Por isso telefonamos para sua casa. Isso foi hoje à tarde, lá pelas três horas”.

“Não recebi nenhum pacote. Hoje chegaram duas cartas, isso sim, mas nenhum pacote.”

“Um pacote grande, foi o que o americano falou.”

“Não chegou nenhum pacote, m’sieur, posso garantir. Não consigo imaginar por que alguém... esse homem deixou o nome?” Tom mantinha uma voz leve e despreocupada.

“*Non*, m’sieur, nós perguntamos, mas ele não deu o nome. Nós conhecemos a casa do senhor. Tem um belo portão...”

“Sim, obrigado. O carteiro pode tocar a campainha, se trouxer um pacote. Do contrário temos uma caixa de cartas do lado de fora.”

“Sim, isso seria o normal.”

“Bem, agradeço por me avisar, mas já andei em volta da casa toda alguns minutos atrás e não vi nenhum pacote, nem pequeno nem grande.”

Desligaram amigavelmente.

Tom ficou contente ao notar que o policial não tinha relacionado o homem de sotaque americano com Pritchard, o americano que agora morava em Villeperce. Isso poderia vir depois, se é que haveria um depois, e Tom esperava que não houvesse. E o policial com quem ele acabara de falar provavelmente não seria o mesmo que tinha visitado Belle Ombre para investigar o desaparecimento de Murchison, anos atrás. Mas é claro que aquela visita estaria registrada na polícia. Naquela ocasião, não viera um policial de uma delegacia de Melun, uma cidade maior que Nemours?

Madame Annette rondava por ali discretamente.

Tom explicou. Não havia pacote nenhum, ele e m’sieur Banbury já tinham dado a volta na casa toda, ninguém tinha entrado pelo portão,

nem mesmo o carteiro hoje de manhã (mais uma vez, nada de notícias de Héloïse), e Tom tinha dispensado uma visita da polícia de Nemours para procurar um pacote estranho.

“Muito bem, m’sieur Tómm. É um alívio. Pacote!”, e ela abanou a cabeça, indicando que não tinha paciência com mentiras e brincadeiras de mau gosto.

Tom ficou contente vendo que madame Annette também não desconfiava que Pritchard fosse o culpado. Era o tipo da coisa que ela diria, se desconfiasse. Tom olhou para o relógio: quatro e quinze. Ficou satisfeitíssimo ao ver que Ed estava tirando uma boa soneca depois do estresse de hoje. Quem sabe uma xícara de chá? E que tal convidar os Graís para virem tomar um aperitivo antes do jantar? Por que não?

Foi para a cozinha e disse: “Um bule de chá, madame? Tenho certeza de que nosso hóspede vai acordar a qualquer momento. Chá para nós dois... Não, não precisa servir sanduíches nem bolo... Sim, Earl Grey é perfeito”.

Tom voltou para a sala, com as mãos nos bolsos dianteiros do jeans, no bolso direito estava o grosso anel de Murchison. Melhor atirar aquilo num rio, pensou Tom, talvez jogá-lo logo de uma ponte em Moret. Ou, se estivesse com pressa, direto no saco de lixo da cozinha. O saco de plástico saía quando se abria a portinhola debaixo da pia, e os sacos eram postos na rua e recolhidos às quartas e sábados de manhã. Amanhã, por exemplo.

Tom estava subindo as escadas para bater na porta de Ed quando este abriu, com um sorriso cauteloso.

“Alô, Tom! Tirei uma soneca ótima! Espero não ter incomodado. Aqui é tão gostoso e sossegado!”

“Não me incomodou em nada, imagine. Que tal uma xícara de chá? Vamos descer.”

Tomaram chá e ficaram olhando os dois irrigadores do jardim. Tom tinha resolvido não mencionar o telefonema da polícia. Para que serviria isso? Só para deixar Ed mais nervoso e inseguro.

“Estive pensando”, começou Tom, “para aliviar o clima de hoje eu poderia convidar um casal vizinho para vir tomar um aperitivo antes do jantar. Agnès e Antoine Graís.”

“Tudo bem”, disse Ed.

“Vou ligar para eles. São gente boa, moram perto daqui. Ele é arquiteto.” Tom foi até o telefone e discou, já preparado, ou melhor, cheio de esperanças de obter um jorro de informações a respeito de Pritchard assim que Agnès ouvisse o som da sua voz. Mas não. “Estou ligando para perguntar se você e Antoine — se é que ele está em casa, espero que esteja — podem vir até aqui tomar um drinque lá pelas sete? Estou com visita, um velho amigo da Inglaterra que veio passar o fim de semana.”

“Ah, Tom, que ótimo! Sim, Antoine já chegou. Mas por que vocês dois não vêm até aqui? Seria uma mudança de cenário para o seu amigo. Qual é o nome dele?”

“Edward Banbury. Ed. Então está bem, Agnès. Vamos com todo prazer. A que horas?”

“Ahh... seis e meia é muito cedo? As crianças querem assistir a um programa de TV depois do jantar.”

Tom disse que estava ótimo.

“Vamos até lá”, disse para Ed, sorrindo. “Eles moram numa casa redonda, como um torreão, coberta de trepadeiras de rosas. Fica só a duas casas de distância do maldito Pritchard.” Tom sussurrou a última palavra, e deu uma olhada para a porta na direção da cozinha; e, com certeza, lá vinha madame Annette perguntando se os cavalheiros gostariam de tomar mais chá. “Acho que não, madame, obrigado. Ed, você quer mais?”

“Não, obrigado, não mesmo.”

“Ah, madame Annette, nós vamos até os Grais às seis e meia. Acho que vamos voltar lá pelas sete e meia, ou quinze para as oito. Então jantamos talvez às oito e quinze?”

“Muito bem, m’sieur Tómm.”

“E um bom vinho branco com as lagostas. Talvez um Montrachet?”

Madame Annette ficaria contente em providenciar.

“Que acha, ponho paletó e gravata?”, perguntou Ed.

“Não se incomode. Antoine provavelmente já está de jeans, até mesmo de short. Ele chegou hoje de Paris.”

Ed levantou-se, terminou sua xícara, e Tom viu que ele estava olhando pela janela para a garagem. Deu uma olhada para Tom e desviou a vista. Tom sabia o que ele tinha em mente: o que iam fazer com aquilo? Ficou

contente ao ver que Ed não perguntou agora, pois não tinha nenhuma resposta pronta.

Os dois subiram. Tom vestiu uma calça de algodão preta e uma camisa amarela. Colocou o anel no bolso direito da calça. Por algum motivo, sentia-se mais seguro tendo-o consigo. Depois foram para a garagem, onde Tom olhou para o Renault marrom, depois para a Mercedes vermelha na entrada, como se estivesse resolvendo qual dos dois pegar — caso madame Annette estivesse olhando pela janela da cozinha. Foi até a metade fechada da garagem e verificou que o fardo enrolado em lona continuava no chão do carro.

Se a polícia viesse durante sua ausência, Tom pretendia dizer que o embrulho fora deixado lá durante a noite sem o seu conhecimento. Será que David Pritchard iria aparecer e notar as diferenças entre as cordas e tudo mais? Tom duvidava. Entretanto, não quis dizer tudo isso para Ed, para não deixá-lo mais tenso. Só lhe restava esperar que Ed não estivesse presente, ou então que compreendesse sua mentira e o acompanhasse, caso a polícia falasse com os dois juntos.

Ed já tinha descido e os dois entraram no carro, pois era hora de sair.

Os Graís mostraram-se hospitaleiros e curiosos quanto ao novo hóspede, Ed Banbury, jornalista londrino. Os adolescentes olharam bem para ele, talvez divertidos com seu sotaque. Antoine estava de short, como Tom havia previsto, e suas pernas bronzeadas e musculosas pareciam infatigáveis, capazes de fazer uma maratona em volta da fronteira da França, por exemplo. Aquela noite ele estava usando as pernas apenas para ir da sala para a cozinha e vice-versa.

“O senhor trabalha para um jornal, senhor Banbury?”, perguntou Agnès em inglês.

“Sou freelance. Independente”.

“É incrível”, disse Tom, “já conheço Ed há tantos anos — é verdade que nós nunca fomos amigos muito íntimos —, e ele nunca esteve em Belle Ombre! Fico contente que ele...”

“Aqui é muito bonito”, disse Ed.

“Ah, Tom, tenho uma novidade”, disse Agnès. “O ajudante, ou sei lá como se chama, de Pritchard foi embora. Ontem à tarde.”

“Ah, é?”, disse Tom, fingindo pouco ou nenhum interesse. “O homem do barco.” Deu um gole no seu gim com tônica.

“Vamos sentar”, disse Agnès. “Ninguém quer sentar? Eu quero.”

Estavam em pé, pois Antoine acabara de mostrar a casa para Ed e Tom, pelo menos parte dela, até a torre do “observatório”, como Antoine a chamava, onde ficava seu estúdio, e, no lado oposto, os dois quartos. Ainda no andar de cima havia outro quarto para seu filho Edouard, e um quartinho no sótão.

Todos se sentaram.

“Pois é, esse Teddy”, Agnès continuou. “Por acaso eu o vi passando de carro ontem lá pelas quatro, sozinho na picape, saindo da casa dos Pritchard. Daí pensei, hoje eles estão terminando cedo. Seu amigo sabe que eles estão remexendo nos canais?”

Tom olhou para Ed e disse em inglês: “Estamos falando sobre Teddy, o ajudante de Pritchard. Já lhe contei sobre esses dois esquisitões, que andam vasculhando os rios, pelo jeito procurando um tesouro”. Tom riu. “Tem dois casais estranhos: um é Pritchard e a mulher, o outro Pritchard e o ajudante.” Continuou em francês para Agnès: “O que eles estavam procurando?”

“Ninguém sabe!” Agnès e Antoine riram, porque responderam quase ao mesmo tempo.

“Não, falando sério”, disse Agnès, “hoje de manhã na padaria...”

“Padaria!”, disse Antoine, como se cheio de desprezo por esse centro de fofocas só para mulheres, e depois ouviu com atenção.

“Bem, hoje na padaria Simone Clément me disse que ficou sabendo por intermédio de Marie e Georges. Ontem Teddy esteve no café para tomar um copo, e contou a Georges que tinha terminado tudo com Pritchard e estava de mau humor, mas não disse por quê. Parece que eles brigaram. Não tenho certeza, mas é o que parecia”, terminou Agnès com um sorriso. “Seja como for, Teddy não está aqui hoje, a caminhonete dele não está mais lá.”

“Estranhos, esses americanos. Às vezes”, Antoine acrescentou, como se achasse que Tom poderia se ofender com seu “estranhos”. “E quais são as notícias de Héloïse, Tom?”

Agnès voltou a oferecer seus canapés de salsicha e a tigelinha de azeitonas verdes.

Tom contou as novidades a Antoine, pensando, ao mesmo tempo, que era uma vantagem decisiva que Teddy tivesse ido embora, e ainda por

cima de mau humor. Será que ele tinha compreendido, finalmente, qual era o peixe que Pritchard tinha pescado, e concluído que era melhor não se envolver com aquilo? E, no caso, sair de cena não era uma reação normal? E talvez Teddy — mesmo se bem pago — já estivesse farto das personalidades bizarras de Pritchard e esposa. Gente normal, pensou Tom, fica incomodada perto de gente muito anormal. Tom ainda conseguia falar de outros assuntos, enquanto seus pensamentos vagavam.

Cinco minutos depois, quando Edouard apareceu e pediu licença para fazer algo no jardim, Tom teve outra ideia: Teddy bem que poderia denunciar a descoberta dos ossos à polícia de Paris, não necessariamente hoje, mas amanhã. Talvez pudesse dizer, com toda a honestidade, que Pritchard lhe afirmara estar procurando um tesouro, uma mala cheia de joias, qualquer coisa menos um cadáver, e que ele, Teddy, achava que a polícia devia ficar sabendo a respeito do corpo. Seria uma maneira excelente de ir à forra, se Teddy tivesse essa inclinação.

Até agora as notícias eram boas. Tom sentiu seu rosto relaxar. Aceitou um canapé, mas não uma segunda dose do seu drinque. Ed parecia estar se virando bem em francês com Antoine. Agnès Grais estava muito bonita, com uma blusa branca bordada de mangas bufantes, estilo camponês. Tom lhe fez um elogio pela blusa.

“Francamente, Tom, já está na hora de Héloïse lhe dar outro telefonema”, disse Agnès quando os dois foram embora. “Tenho uma intuição de que ela vai lhe telefonar hoje à noite.”

“É mesmo?”, disse Tom, sorrindo. “Eu não ponho a mão no fogo.”

O dia tinha ido muito bem, pensou Tom. Até agora.

PARA ACRESCENTAR MAIS UM POUCO de sorte ao seu dia, pensou Tom, não tivera de assistir, nem ouvir, nem imaginar que ouvia os gritos de duas lagostas fervidas vivas. E enquanto dava uma mordida em outro succulento pedaço, coberto de manteiga quente com limão, lembrou-se de que a polícia não viera fazer uma visita enquanto ele e Ed estavam na casa dos Grais. Se tivessem vindo, madame Annette lhe teria dito imediatamente.

“Uma delícia, Tom”, disse Ed. “Você janta assim todas as noites?”

Tom sorriu. “Não, é em sua homenagem. Que bom que você gosta.” Serviu-se de um pouco de salada de rúcula.

Tinham acabado de comer a salada e o queijo quando o telefone tocou. Seria a polícia, ou estaria certa a previsão de Agnès Grais e desta vez era Héloïse?

“Alô?”

“Alô, Tómm!” Era Héloïse, estava com Noëlle em Roissy, e daria para Tom ir buscá-la hoje mesmo em Fontainebleau?

Tom respirou fundo. “Héloïse, querida, estou superfeliz por você ter chegado, mas... só por esta noite, não daria para você ficar na casa da Noëlle?” Tom sabia que Noëlle tinha quarto de hóspedes. “Estou com um hóspede da Inglaterra.”

“Quem?”

Relutante, Tom disse “Ed Banbury”, sabendo que este nome sinalizaria um vago perigo para Héloïse, já que era relacionado com a Galeria Buckmaster. “Hoje à noite nós temos que trabalhar um pouquinho, ao passo que amanhã... escute, como vai Noëlle? Ótimo. Mande um abraço para ela, sim? E você, está bem? Você não se importa, não é, querida, de ficar em Paris hoje à noite? Me telefone amanhã de manhã a qualquer hora.”

“Tudo bem, *chéri*. É tão bom voltar para casa!”

Desligaram.

“Caramba!”, disse Tom, voltando para a mesa.

“Héloïse”, disse Ed.

“Ela queria voltar para casa hoje à noite, mas vai ficar com a amiga dela, Noëlle Hassler. Graças a Deus.” O corpo na garagem era apenas um monte de ossos, talvez não identificáveis, pensou, mas mesmo assim eram ossos de um homem morto, e Tom instintivamente não queria que Héloïse ficasse perto deles de modo nenhum. Engoliu em seco, tomou um gole de seu Montrachet. “Escute, Ed...”

Naquele momento madame Annette entrou. Era realmente hora de tirar da mesa os pratos do jantar e da salada e trazer os pratinhos de sobremesa. Quando madame Annette trouxe a musse de framboesa, feita em casa e bem leve, Tom recomeçou. Ed ouvia com um leve sorriso, os olhos alertas.

“Escute, Ed, estou pensando em fazer alguma coisa ainda hoje à noite a respeito do problema.”

“Foi o que eu pensei. Outro rio? Esse negócio vai afundar.” Ed falou positivamente, mas baixinho. “Ali não há nada que flutue.”

Tom entendeu que ele estava falando em não botar pedras. “Não. Tive outra ideia. Jogar o troço no laguinho do Pri-chato, bem lá dentro.”

Ed sorriu, depois riu baixinho, e corou um pouco. “Bem lá dentro!”, repetiu, como se estivesse ouvindo ou lendo uma história cômica de horror, e engoliu uma colherada de musse.

“Possivelmente”, replicou Tom em voz baixa, e começou a comer. “Sabe que essas framboesas são do meu quintal?”

Café na sala, e nenhum dos dois quis conhaque. Tom foi andando devagar até a porta da frente, saiu e olhou para o céu. Eram quase onze horas. As estrelas ainda não estavam em sua plena glória de verão porque havia muitas nuvens. E a lua, o que andava fazendo? Mas se acabassem o serviço depressa, pensou Tom, o que importava a luz do luar? No momento não conseguia localizar a lua.

Voltou para a sala. “Topa vir comigo hoje à noite? Eu não espero ver Pritchard...”

“Sim, Tom.”

“Volto num segundo.” Tom subiu as escadas correndo, vestiu de novo sua calça Levis, e transferiu o pesado anel da calça preta para o bolso do jeans. Será que estava ficando com neurose de mudar de roupa?

Imaginando que isso ajudava, dava novas forças? Foi então para seu ateliê, pegou um lápis macio e papel de rascunho e desceu, sentindo-se de repente mais animado.

Ed continuava sentado numa ponta do sofá amarelo, agora com um cigarro na mão.

“Dá para você aguentar até eu fazer um esboço rápido?”

“Esboço de *mim*?” Mas Ed concordou.

Tom começou a desenhar, indicando em traços rápidos o sofá e as almofadas com o fundo. Desenhou a concentração intrigada nas sobrancelhas e cílios loiros de Ed, que o fitava; captou os finos lábios ingleses e as linhas esportivas do colarinho aberto da camisa. Depois moveu sua cadeira meio metro para a direita e começou outra página. Mesma coisa. Ed aproveitou para se mexer, tomar seu café. Tom trabalhou por uns vinte minutos e agradeceu a Ed por sua cooperação.

“Cooperação!” Ed riu. “Eu estava é devaneando.”

Madame Annette tinha voltado com mais café, e Tom sabia que agora ela ia se recolher.

Tom começou: “Minha ideia é chegar no terreno dos Pritchard pelo outro lado, não o lado dos Grais. Sair do carro, levar o negócio a pé mesmo, atravessar o gramado, chegar até o laguinho, e simplesmente jogar dentro. Não pesa nada, você sabe”.

“Menos de quinze quilos, acho.”

“Por aí. Bem, eles podem ouvir alguma coisa, Pritchard e a mulher, se estiverem em casa. A sala tem uma janela daquele lado, aliás, um par de janelas, creio. Daí simplesmente vamos embora. Eles que reclamem!” Tom acrescentou com ousadia: “Ele que telefone para a polícia e conte a história”.

Silêncio por alguns segundos.

“Você acha que ele faria isso?”

Tom deu de ombros. “Quem sabe o que um maluco é capaz de fazer?”, disse num tom resignado.

Ed levantou-se. “Vamos?”

Tom dobrou as páginas de seu bloco de rascunho e o colocou junto com o lápis na mesa de café. Pegou um paletó na mesa do hall e a carteira com documentos na gaveta, para o caso de ser parado pela

polícia. Pensou divertido: nunca dirigia sem sua carteira de motorista. Hoje um policial poderia pedir seus documentos, mas não olharia para o volume na traseira do carro, que à primeira vista parecia um tapete enrolado para transporte.

Ed desceu também, de paletó escuro e tênis. “O.k., Tom.”

Tom apagou algumas luzes, os dois saíram pela porta da frente e Tom a trancou. Abriu os grandes portões, ajudado por Ed, e depois a grande porta metálica da garagem. Madame Annette talvez estivesse de luz acesa nos fundos da casa, mas Tom não tinha certeza e não se importava. Não havia nada de estranho em levar um hóspede para um passeio de carro tarde da noite, possivelmente para um café em Fontainebleau. Entraram na caminhonete e abriram um pouco as janelas, embora desta vez Tom não notasse nem sombra de cheiro de bolor. Passou pelos portões de Belle Ombre e virou à esquerda.

Atravessou a zona sul de Villeperce e pegou a primeira estrada para o norte, como sempre sem se preocupar muito em saber que estrada era, contanto que a direção geral estivesse certa.

“Você conhece todas essas estradas”, disse Ed. Era uma meia pergunta.

“Ah! Noventa por cento, talvez. É fácil deixar passar as estradinhas laterais à noite, onde não há placas.” Tom virou à direita, dirigiu por mais um quilômetro e encontrou uma placa que dizia, entre outras cidades, VILLEPERCE à direita. Tom seguiu por ela.

Foi parar numa estrada que conhecia, que levava até a casa dos Pritchard, depois à casa vazia, e depois à dos Grais.

“Acho que esta aqui é a rua deles”, disse Tom. “Agora, a minha ideia”, diminuiu a marcha e deixou um carro ultrapassá-lo. “Vamos levar o negócio a pé, uns trinta metros, mais ou menos, para eles não escutarem o carro.” O relógio no painel mostrava quase meia-noite e meia. O carro seguia devagar, com os faróis baixos.

“É essa?”, perguntou Ed. “A casa branca à direita?”

“Essa mesma.” Tom viu luzes acesas no andar térreo, e no andar de cima apenas uma. “Espero que estejam dando uma festa!”, disse com um sorriso. “Mas duvido. Vou estacionar perto daquelas árvores ali atrás, e depois é cruzar os dedos.” Deu marcha à ré e apagou as luzes. Estava perto de uma curva que levava a uma estradinha de terra à direita, dessas utilizadas sobretudo pelos fazendeiros. Um carro ainda podia ultrapassá-

lo, embora Tom não encostasse mais à direita para não cair numa valeta, mesmo que fosse uma valeta rasa. “Vamos tentar.” Tom pegou uma lanterna que tinha colocado no assento entre os dois.

Abriram a traseira, Tom enfiou os dedos debaixo da corda mais próxima, que enrolava as pernas de Murchison, e puxou. Foi fácil. Ed já ia agarrando o outro pedaço de corda, quando Tom disse: “Espere”.

Ficaram em silêncio e escutaram.

“Pensei ter ouvido alguma coisa, mas acho que não foi nada.”

Descarregaram o fardo. Tom fechou a traseira, ou quase: não queria fazer barulho. Com um gesto de cabeça comandou a partida. Saíram caminhando pela direita da estrada, Tom agora na frente, com a lanterna na mão esquerda, que só acendia de tanto em tanto para iluminar o chão, pois afinal a noite estava bastante escura.

“Espere um pouco”, murmurou Ed. “Não estou segurando direito.” Ajeitou melhor os dedos sob a corda e continuaram.

Tom fez outra pausa e cochichou: “Daqui uns dez metros, está vendo ali, vamos chegar no gramado. Acho que não tem nenhuma valeta”.

Agora viram nitidamente as janelas iluminadas da sala. Será que Tom ouvia música ou estava apenas imaginando? Não havia cerca, só uma espécie de valeta à direita. Do outro lado, apenas quatro metros mais à frente, viram a entrada de carro, mas os Pritchard não estavam à vista. Tom indicou em silêncio que deviam continuar caminhando. Foram até a entrada de carro e viraram à direita rumo ao laguinho, que agora era uma forma escura oval, quase redonda. Os dois pisavam silenciosamente na grama. Tom ouviu música vinda da casa, música clássica — hoje não a todo volume.

“Vamos jogar”, disse Tom, e comandou a manobra. “É o velho um-dois-três. Um...” Deram um impulso. “Dois... e três, bem no meio!”

Ploft. Muitas borbulhas vindas do fundo do lago.

E muita água revolta, enquanto Tom e Ed iam embora devagar. Tom foi na frente; na estrada virou à esquerda, iluminando o caminho com a lanterna.

Quando estavam a uns vinte passos da entrada de carro, Tom diminuiu a marcha e parou, e Ed fez o mesmo. Viraram-se e olharam para a casa de Pritchard, além da escuridão.

“...aua... buaa-a?” Os fragmentos de uma pergunta vinham de uma garganta feminina.

“É a mulher dele, Janice”, Tom cochichou para Ed. Tom deu uma olhada para a direita, e mal conseguiu divisar a forma fantasmagórica da caminhonete branca, quase escondida pela folhagem escura. Olhou de novo para trás, para a casa dos Pritchard, fascinado. Pelo jeito, eles tinham ouvido o barulho.

“E... ou... ah... uá!” Isto veio num tom mais grave, e para Tom parecia a voz de Pritchard.

Uma luz externa se acendeu, e Tom viu a figura de Pritchard, de camisa clara e calça escura, sair na varanda. Pritchard olhou à direita e à esquerda, iluminou com a lanterna toda a volta do gramado, olhou bem para a estrada, daí desceu os degraus até o gramado. Foi direto para o lago, espiou bem, e olhou para a casa.

“...lago...” Essa palavra veio claramente de Pritchard, seguida por um som áspero, talvez um xingamento. “...pariu!... no jardim... Jan!”

Janice tinha aparecido na varanda, de calça e blusa clara. “...zer... ma-ii?”, perguntou.

“Nã-ao — o de *gancho!*” Uma brisa favorável levou essas palavras direto a Tom e Ed.

Tom tocou o braço de Ed e sentiu-o rígido de tensão. “Acho que ele vai dragar o lago para pegar o negócio!”, cochichou, e abafou uma risada nervosa.

“Tom, não é melhor a gente ir embora?”

Naquele momento Janice, que tinha desaparecido, veio chegando depressa pela frente da casa, trazendo uma vara. Curvado, espiando através dos arbustos selvagens que cresciam na beira do gramado, Tom conseguiu ver que não era o ancinho largo com ganchos, mas uma vara longa com três dentes, dessas que os jardineiros usam para tirar mato e folhas de lugares difíceis de se alcançar. Tom tinha um instrumento semelhante, de pouco menos de dois metros de comprimento, e este parecia mais curto.

Resmungando, pedindo alguma coisa, talvez a lanterna (que agora estava no chão), Pritchard apanhou a vara e a enfiou dentro do lago.

“Vai que ele consegue?”, Tom murmurou para Ed, e foi dando um passo de lado na direção do carro.

Ed o seguiu.

Então Tom estendeu o braço e os dois pararam. Através dos arbustos, Tom viu Pritchard, inclinado para a frente, pegar alguma coisa que Janice estava lhe dando — e de repente a camisa branca de Pritchard desapareceu.

Ouviram uma exclamação de Pritchard, e um *splash* bem alto.

“*David!*” Era Janice correndo em volta do lago. “*Da-vid!*”

“Meu Deus, ele caiu lá *dentro!*”, disse Tom.

“Ma... uaa... aaa... P’tu!” Era Pritchard emergindo na superfície. Mais cuspidas, e um *splash* como de um braço cortando a água.

“Cadê aquele *gancho?*”, gritou Janice com voz aguda. “Me dê...”

Pritchard tinha soltado o gancho, pensou Tom.

“Janice!... Me dê!... *lama* embaixo! Dê a *mão!*”

“É melhor uma *vassoura...* ou uma *corda...*” Janice correu para a varanda iluminada, deu meia-volta como uma maníaca e correu de novo para o lago. “A *vara...* não estou *achando!*”

“Esse... sua *mão!*...” As palavras de David Pritchard se perderam. Só se ouvia a água espadanando.

A figura clara de Janice esvoaçava pela beira do lago como um fogo-fátuo. “David, *cadê* você? Ah!” Ela se curvou; devia ter avistado alguma coisa.

A superfície do lago borbulhava, com um barulho audível para Tom e Ed.

“... minha *mão*, David, segure na *beirada!*”

Segundos de silêncio, depois um grito agudo de Janice seguido por outro grande espadanar de água.

“Meu Deus, *os dois* caíram!”, disse Tom, histericamente divertido. Tinha a intenção de cochichar, mas falou quase em tom normal.

“Qual é a profundidade do lago?”

“Não sei. Um metro e meio, um metro e oitenta? Estou só supondo.”

Janice gritou alguma coisa e foi abafada pela água.

“Será que a gente não devia...” Ed olhou para Tom ansiosamente. “Quem sabe...”

Tom sentiu a tensão de Ed, e começou a mudar o peso do corpo do pé esquerdo para o direito e vice-versa, como se deliberando algo, sim ou não. Era a presença de Ed que tornava as coisas diferentes. As pessoas no lago eram inimigas de Tom. Se estivesse sozinho, não teria hesitado, teria ido embora.

Os barulhos da água tinham parado.

“*Eu* não empurrei aqueles dois para dentro do lago”, disse Tom com um jeito grave, bem quando um leve som — como o de uma só mão agitando a superfície da água — veio daquela direção. “Agora vamos embora enquanto é tempo.”

Tinham que dar só mais uns quinze passos no escuro. Que grande sorte, pensou Tom, que ninguém tinha passado por ali nos cinco ou seis minutos que os fatos levaram para acontecer. Entraram no carro, Tom deu marcha à ré e entrou na estradinha próxima, para virar à esquerda e ir embora pelo mesmo caminho cheio de voltas por onde tinha vindo. Ligou os faróis no máximo.

“Que alívio!”, disse Tom sorrindo. Lembrou-se da sua euforia com o inexpressivo Bernard Tufts, depois que tinham jogado... sim, os mesmos ossos, os de Murchison, no rio Loing, em Voisy. Naquela ocasião teve vontade de cantar. Agora se sentia simplesmente aliviado e contente, mas percebia que Ed Banbury não sentia o mesmo, não conseguia sentir. Assim, Tom foi dirigindo com cuidado e não disse mais nada.

“Alívio?”

“Ah...” Tom dirigia agora numa escuridão densa; não tinha certeza de onde apareceria o próximo cruzamento ou placa. Mas achou que seguindo naquela direção iria acabar de novo ao sul de Villeperce, cruzando a rua principal em ângulo reto. Provavelmente o café de Marie e Georges estaria fechado, mas Tom não queria ser visto nem mesmo atravessando a rua principal. “Sim, que alívio que não passou nenhum carro naqueles minutos que a gente estava lá! Não que eu me importe muito. O que é que eu tenho a ver com os Pritchard ou com os ossos no lago deles — que, imagino, serão encontrados amanhã?” Tom imaginou vagamente dois cadáveres flutuando, uns três dedos abaixo da superfície do lago. Riu e deu uma olhada para Ed.

Ed, fumando um cigarro, devolveu o olhar e abaixou a cabeça, segurando a testa com a mão. “Tom, não estou conseguindo...”

“Está se sentindo mal?”, perguntou Tom preocupado, e diminuiu a velocidade. “Podemos parar...”

“Não, mas nós estamos saindo de cena e eles estão lá se afogando.”

Já se afogaram, pensou Tom. Pensou em David Pritchard chamando a esposa, “Sua *mão!*”, como se quisesse puxá-la para dentro de propósito, num último ato de sadismo, mas Pritchard não estava encostando os pés no chão e queria viver. Tom percebeu, com um sentimento de frustração, que Ed Banbury não compreendia a coisa da mesma forma que ele. “São dois intrometidos, Ed.” Tom novamente se concentrou na estrada, no trecho arenoso que avançava debaixo do carro. “Por favor, não esqueça que o negócio de hoje à noite tinha a ver com *Murchison*. Isto é...”

Ed apagou o cigarro no cinzeiro. Continuava esfregando a testa.

Eu também não gostei de ver aquilo, Tom quis dizer, mas será que podia dizê-lo e se fazer acreditar, quando acabava de dar risada? Respirou fundo. “Aqueles dois iam adorar chegar nas falsificações, chegar na Galeria Buckmaster, chegar em todos nós, provavelmente através da senhora Murchison. Pritchard estava atrás de mim, mas as falsificações iam acabar aparecendo. Escute, Ed: eles pediram, eles levaram. Eram dois xeretas intrometidos, só isso.” Tom falou com força.

Já estavam quase em casa; as poucas e bucólicas luzes de Villeperce piscavam à esquerda. Seguiam pela estrada que os levaria a Belle Ombre. Tom viu a grande árvore em frente aos portões da casa, que pendia sobre ela protetoramente, como ele sempre sentia. Os grandes portões continuavam abertos. Uma luz bem fraca aparecia por uma janela da sala, à esquerda da porta da frente. Tom estacionou na vaga da garagem.

“Vou usar a lanterna”, disse Tom, e a pegou. Com um pano que encontrou no canto da garagem, espanou uns grãos de areia do chão da caminhonete, torrões de terra cinzenta. Terra? Ocorreu-lhe que esses torrões podiam ser, deviam ser, os restos de Murchison, restos indescritíveis (para ele) de carne humana. Eram muito poucos e Tom os tirou do chão de cimento da garagem, afastando-os com o pé. Eram

minúsculos. Desapareceram no cascalho, invisíveis, pelo menos a olho nu.

Foram até a porta da frente, Tom segurando a lanterna. Ed Banbury tinha tido um dia atarefado, percebeu Tom, tinha sentido uma amostra do gosto genuíno da sua própria vida — a de Tom — e do que ele precisava fazer, do que precisava ser feito de vez em quando para proteger a todos eles. Mas Tom não estava disposto, de modo algum, a fazer um discurso para Ed, nem mesmo uma curta afirmação. Pois não acabara de fazer isso no carro?

“Passe você, Ed”, disse Tom na porta de casa.

Acendeu outra luz na sala. Madame Annette já tinha fechado as cortinas horas atrás. Ed entrou no banheiro de baixo; Tom só esperava que ele não fosse vomitar. Tom lavou-se na pia da cozinha. O que oferecer a Ed? Chá? Uísque puro? Será que Ed não preferia gim? Ou um chocolate quente e depois cama? Ed veio para a sala, chegando perto de Tom.

Estava tentando parecer normal, e até mesmo agradável, embora seu rosto mostrasse certa perplexidade ou preocupação, pensou Tom.

“Quer tomar alguma coisa, Ed?”, perguntou Tom. “Vou tomar um gim puro, sem gelo. Diga o que você quer. Chá?”

“A mesma coisa. O mesmo que você.”

“Sente-se.” Tom foi até o carrinho das bebidas e sacudiu a garrafa de angustura. Veio trazendo dois drinques iguais.

Depois que ergueram os copos e tomaram o primeiro gole, Tom disse: “Muito obrigado, Ed, por ficar comigo hoje à noite. Foi uma grande ajuda, a sua presença”.

Ed Banbury tentou sorrir e não conseguiu. “E, se é que eu posso perguntar, o que vai acontecer agora? O que vem depois?”

Tom hesitou. “Para nós? Por que haveria de acontecer alguma coisa?”

Ed deu mais um gole no gim, engolindo com certa dificuldade. “Naquela casa...”

“A casa dos Pritchard!”, disse Tom em voz baixa, com um sorriso. Continuava em pé. A pergunta o divertia. “Bem, posso imaginar o que vai acontecer lá amanhã, por exemplo. O carteiro deve chegar lá pelas nove, digamos. Talvez ele note o ancinho de jardim, a ponta de madeira saindo fora da água, e chegue mais perto para olhar. Ou talvez não.

Talvez veja a porta da casa aberta, a não ser que o vento a tenha fechado, e pode notar as luzes acesas — a luz no teto da varanda.” Mas o carteiro também poderia vir da entrada de carro, na direção dos degraus da varanda. E a vara com gancho, com menos de dois metros de comprimento, talvez não se projetasse para fora da superfície do lago, já que o fundo era lamacento. Pode passar mais de um dia até que os Pritchard sejam descobertos, pensou Tom.

“E então?”

“Com toda a probabilidade, em menos de dois dias eles vão ser descobertos. E daí? Murchison não pode ser reconhecido, identificado, aposto qualquer coisa! Nem mesmo pela mulher dele.” Tom pensou depressa no anel de formatura de Murchison. Bem, iria esconder o anel em algum lugar da casa hoje à noite, caso o mais improvável acontecesse, uma visita da polícia amanhã. Lembrou-se de que as luzes dos Pritchard continuariam acesas, mas seu estilo de vida era tão estranho que duvidava que algum vizinho fosse bater na porta deles só porque viu luzes acesas a noite inteira. “Ed, esta é a coisa mais simples que eu já fiz, acho eu. Você percebe que nós nem levantamos um dedo?”

Ed olhou para Tom. Estava sentado numa cadeira amarela de espaldar reto, curvado para a frente, com os braços apoiados nos joelhos. “É. Está certo, pode-se dizer isso.”

“Definitivamente”, Tom disse com firmeza, e tomou mais um reconfortante gole do seu gim puro. “Nós não sabemos de nada sobre o lago. Nunca estivemos perto da casa dos Pritchard”, disse Tom, falando baixo e chegando mais perto de Ed. “Quem é que sabe que aquele embrulho já esteve aqui? Quem é que vai interrogar *nós dois*? Ninguém. Eu e você demos um passeio de carro até Fontainebleau, no fim decidimos não ficar em nenhum bar, e voltamos para casa. Ficamos fora menos de quarenta e cinco minutos. E é mais ou menos isso.”

Ed olhou para Tom e disse: “É verdade”.

Tom acendeu um cigarro e sentou-se em outra cadeira. “Sei que é enervante. Já tive que fazer coisas muito piores. Muito, muito, muito piores”, disse Tom, e deu risada. “Agora, Ed, a que horas você gostaria de tomar café no quarto amanhã de manhã? Ou chá? Pode dormir até a hora que quiser.”

“Chá, creio eu. É elegante tomar chá antes de comer alguma coisa aqui embaixo.” Ed tentou sorrir. “Digamos... nove horas, quinze para as nove?”

“Certo. Madame Annette adora agradar os hóspedes, sabia? Vou deixar um bilhete para ela. Mas eu devo levantar antes das nove. Madame Annette costuma estar em pé logo depois das sete”, disse Tom com uma voz alegre. “Então ela vai até a padaria comprar *croissants* frescos para nós.”

A padaria, pensou Tom, o centro de informações. Que notícias traria madame Annette quando voltasse às oito da manhã?

TOM ACORDOU logo depois das oito. Da janela meio aberta ouviu pássaros cantando; pelo jeito, teriam mais um dia de sol. Foi então — compulsivamente, como um neurótico, era a sensação que tinha — até a gaveta das meias, a última debaixo da sua cômoda, e apalpou uma meia de lã preta, sentindo um pequeno volume, o anel de Murchison. Lá estava ele. Fechou de novo a gaveta, ouvindo o ruído das bordas de metal. Escondera o anel ali ontem à noite, do contrário não conseguiria dormir, sabendo que o anel estava simplesmente no bolso de uma calça. Era só pendurá-la distraidamente sobre uma cadeira, por exemplo, e o anel cairia no tapete bem à vista de qualquer um.

Com a mesma calça Levis da noite passada e uma camisa limpa, já banhado e barbeado, desceu em silêncio. A porta de Ed estava fechada; tomara que ainda estivesse dormindo.

“*Bon jour, madame!*”, disse Tom, percebendo que falara com uma voz mais alegre do que de costume.

Madame Annette correspondeu com um sorriso, e comentou sobre o tempo bonito, mais um dia de sol. “Agora seu café, m’sieur.” E saiu para a cozinha.

Alguma notícia horrível, se houvesse, já seria anunciada por madame Annette, pensou Tom. Embora ela ainda não tivesse ido à padaria, alguma amiga poderia ter lhe telefonado. Paciência, disse Tom a si mesmo. A notícia seria ainda mais surpreendente quando viesse, e ele tinha que parecer surpreso, disso não havia dúvida.

Depois do primeiro café, Tom saiu e cortou duas dalias frescas e três rosas bem interessantes, e arranjou vasos para elas na cozinha, com a ajuda de madame Annette.

Pegou então uma vassoura e foi para a garagem. Começou dando uma varrida rápida, e achou que o chão estava tão limpo que podia jogar tudo no cascalho lá fora, onde a sujeira iria desaparecer. Abriu a traseira da caminhonete e varreu o chão, tirando algumas partículas cinzentas, tão

poucas que nem as contou, e por fim acabou jogando-as no cascalho também.

Quem sabe ir a Moret hoje de manhã seria uma boa ideia, pensou. Um passeiozinho para Ed, e lá poderia jogar o anel no rio. E talvez Héloïse já tivesse telefonado, como ele realmente esperava, dando a hora de chegada do trem. Poderiam combinar tudo isso, a parada em Moret, depois Fontainebleau e a volta para casa na caminhonete, onde com certeza cabiam todas as malas extras que Héloïse devia ter adquirido.

O correio que chegou logo depois das nove e meia trouxe um cartão de Héloïse de Marrakesh, com data de dez dias antes. Típico. Como teria sido bem-vindo no deserto da semana anterior, que se passara sem uma palavra! O cartão mostrava uma cena de mercado, com mulheres de xales listados.

Querido Tom,

Camelos outra vez, mas aqui é mais divertido! Encontramos dois homens de Lille! Amusants e bons para jantar. Os dois estão tirando férias das esposas. Beijinhos da Noëlle. Um beijão meu!

H.

Férias das esposas, mas não das mulheres em geral. Bons para jantar! Parecia que Héloïse e Noëlle tinham comido os dois.

“Bom dia, Tom.” Ed desceu as escadas sorrindo, com o rosto rosado como ficava às vezes, sem razão. Tom já tinha notado, e acabara concluindo que o rubor era uma peculiaridade inglesa.

“Bom dia, Ed. Mais um dia bonito! Estamos com sorte.” Tom indicou a mesa da saleta de almoço, já posta para os dois, espaçosa e confortável. “O sol incomoda você? Posso fechar a cortina.”

“Não, eu gosto.”

Madame Annette chegou com o suco de laranja, *croissants* quentes e café fresco.

“Que tal um ovo quente, Ed?”, perguntou Tom. “Ou mexido? Ou pochê? Meu prazer é pensar que aqui nesta casa a gente pode fazer qualquer coisa.”

Ed sorriu. “Não, ovo não, obrigado. Eu sei por que você está de bom humor: Héloïse está em Paris e deve voltar para casa hoje.”

O sorriso de Tom se alargou. “Acredito que sim. É o que eu espero. A não ser que haja alguma coisa muito tentadora em Paris, mas não consigo imaginar o quê. Nem mesmo um bom show de cabaré — ela bem que gosta, e Noëlle também. Acho que Héloïse vai telefonar a qualquer momento. Ah! Recebi um cartão dela hoje de manhã. Levou dez dias para chegar de Marrakesh. Dá para imaginar?” Tom riu. “Experimente a geleia. É madame Annette quem faz.”

“Obrigado. Escute, o carteiro... será que ele vai passar por aqui antes de ir para aquela casa?” Mal se escutava a voz de Ed.

“Não sei, não sei mesmo. Imagino que sim, que ele passa aqui primeiro. Do centro para a periferia. Mas não tenho certeza.” Tom percebeu a preocupação no rosto de Ed. “Estava pensando que esta manhã — assim que eu tiver notícias de Héloïse — nós podíamos ir de carro até Moret-sur-Loing. Uma cidade linda.” Tom fez uma pausa, e já ia dizer que gostaria de jogar o anel no rio ali quando mudou de ideia: quanto menos fatos angustiantes pesassem na cabeça de Ed, tanto melhor.

Tom e Ed passaram pela varanda e deram um passeio no jardim. Os melros ciscavam na grama, quase sem medo deles, e um tordo olhou-os bem nos olhos. Um corvo negro voou lá no alto, dando seu feio grito que fez Tom recuar, como se ouvisse uma música cacofônica.

“Cau-cau-cau!”, Tom imitou a ave. “Às vezes são só dois *caus*, é pior ainda. Fico esperando o terceiro, como se fosse o segundo sapato que tem que cair. Isso me lembra...”

O telefone tocou. Os dois ouviram o tilintar fraco vindo de casa.

“Deve ser Héloïse. Me desculpe”, disse Tom, e foi para casa depressa. Entrando, disse: “Tudo bem, madame Annette, eu atendo”.

“Alô, Tom. Aqui é Jeff. Estou ligando pra perguntar como estão as coisas.”

“Que bom, Jeff! As coisas estão ahn...” — Tom viu Ed entrar na sala em silêncio, pela porta da varanda — “bem tranquilas até agora.” Deu uma piscada elaborada para Ed, e continuou de cara séria. “Nada de emocionante para relatar. Quer dar uma palavra com Ed?”

“Sim, se ele estiver por aí. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa: não se esqueça de que eu estou pronto para dar um pulo aí a *qualquer momento*.

Estou confiando que você vai me chamar — não hesite.”

“Obrigado, Jeff. É muito bom saber. Bom, vou passar para Ed.” Colocou o telefone na mesa do hall e cochichou para Ed ao passar por ele: “Nós dois ficamos em casa o tempo todo, e não aconteceu nada. É melhor assim”, acrescentou, enquanto Ed apanhava o telefone.

Tom foi andando até o sofá amarelo e parou junto à porta da varanda, longe de Ed. Ouviu-o dizer que não havia nada de novo no front, que a casa era linda e o tempo estava ótimo.

Tom conversou com madame Annette sobre o almoço. Pelo jeito madame Héloïse não chegaria em tempo, de modo que iria almoçar só com m’sieur Banbury. Disse ainda a madame Annette que ia telefonar agora para madame Héloïse, no apartamento de madame Hassler em Paris, e perguntar quais eram seus planos.

Naquele momento o telefone tocou.

“Deve ser madame Héloïse!”, disse Tom para madame Annette, e foi atender. “Alô?”

“Alô, Tom!” Era a voz familiar de Agnès Grais. “Você já está sabendo das notícias?”

“Não. Que notícias?”, perguntou Tom, notando que Ed estava prestando atenção.

“Os Pritchard. Foram encontrados mortos hoje de manhã, no lago da casa deles!”

“Mortos?”

“Afogados. É o que parece. Foi... bem, foi uma manhã de sábado muito perturbada aqui em casa! Você conhece o garoto dos Leferre, Robert?”

“Acho que não.”

“Ele é colega de escola de Edouard. Pois bem, Robert chegou hoje de manhã para vender uns bilhetes de tômbola, com um amigo, outro garoto cujo nome não sei, não importa. Bom, nós compramos dez bilhetes para agradar os garotos, e eles foram embora. Isso já faz uma hora. A casa ao lado está vazia, como você sabe, e naturalmente eles continuaram até a casa dos Pritchard, que... bem, de lá eles voltaram correndo para a *nossa casa, morrendo de medo!* Disseram que a casa estava aberta, todas as portas. Ninguém atendeu a campainha, uma luz estava

acesa, e aí eles foram — só por curiosidade, tenho certeza — dar uma olhada no lago que tem ali ao lado da casa, sabe?”

“Sim, sei qual é”, disse Tom.

“Então, lá eles viram — porque parece que a água é bem, limpa — dois corpos, meio flutuando! Ah, Tom, *quel horreur!*”

“*Mon Dieu, oui!* Eles acham que foi suicídio? A polícia.”

“Ah, sim, a polícia, naturalmente, eles continuam lá na casa, e inclusive um policial veio aqui falar conosco. Nós só dissemos...” Agnès deu um grande suspiro. “*Alors*, Tom, o que é que nós poderíamos dizer? Que aqueles dois ficavam acordados até tarde, tocando música alto. Que eram novos aqui no bairro, e que nunca vieram à nossa casa, nem nós à casa deles. O pior... ah, Tom, parece magia negra! Terrível!”

“O quê?”, perguntou Tom, já imaginando.

“Embaixo deles, dentro da água, a polícia encontrou ossos.”

“Ossos?”

“É, restos de ossos *humanos*. Enrolados. Foi um vizinho que nos contou, porque as pessoas foram até lá por curiosidade, sabe como é?”

“Gente de Villeperce?”

“Sim. Até que a polícia cercou tudo com corda. *Nós* não fomos. Eu não sou *tão* curiosa assim!” Agnès deu risada, como se para aliviar a tensão. “Quem sabe ao certo o que aconteceu? Será que eles eram loucos? Será que se suicidaram? Será que Pritchard pescou aqueles ossos? Ainda não temos nenhuma resposta. Vá saber como funcionava a cabeça daqueles dois!”

“Verdade.” De quem poderiam ser os ossos?, Tom pensou em perguntar, mas Agnès não saberia dizer, e para que aparentar curiosidade? Tal como Agnès, Tom ficou apenas chocado. “Agnès, eu lhe agradeço por me contar. É realmente inacreditável.”

“Que bela impressão seu amigo inglês vai ter de Villeperce!”, disse Agnès com mais uma risada de alívio.

“Não é mesmo?”, disse Tom, sorrindo. Uma ideia desagradável acabara de lhe ocorrer nos últimos segundos.

“Tom, nós estamos aqui, Antoine vai ficar até segunda de manhã. Estamos tentando esquecer esse horror que aconteceu tão perto de nós. É bom conversar com gente amiga. E quais são as notícias de Héloïse?”

“Chegou, está em Paris! Me ligou ontem à noite. Deve chegar em casa hoje. Passou a noite com a amiga dela, Noëlle, que tem um apartamento em Paris, sabe?”

“Sei, sim. Dê lembranças nossas para Héloïse, sim?”

“Vou dar!”

“Se eu ficar sabendo de alguma coisa, telefono de novo hoje. Afinal, eu estou mais perto, infelizmente.”

“Ah! Certo, eu compreendo. Obrigadíssimo, querida Agnès, e dê lembranças para Antoine e as crianças.” Tom desligou. “Ufa!”

Ed estava a uma pequena distância, perto do sofá. “Foi lá que nós fomos tomar um drinque ontem à noite, não foi? Agnès...”

“Sim”, disse Tom. Explicou que dois garotos que foram vender bilhetes de tómbola tinham espiado no lago e visto as duas figuras.

Mesmo conhecendo os fatos, Ed fez uma careta.

Tom narrou os eventos como se para ele fossem uma novidade. “Que terrível, justo dois garotos terem que ver isso! Devem ter uns doze anos. A água é bem clara naquele lago, pelo que me lembro. Apesar de o fundo ser lamacento. E aquelas paredes estranhas...”

“Paredes?”

“As paredes do lago. São de cimento, lembro que alguém disse isso. Provavelmente não são grossas. Mas do gramado não dá para ver o cimento, as paredes não chegam até a borda. Assim, acho que é fácil escorregar na beirada e cair lá dentro, especialmente se a pessoa está com alguma coisa nas mãos. Ah, sim, Agnès contou que a polícia encontrou um saco de ossos humanos no fundo do lago.”

Ed olhou para Tom em silêncio.

“Disse que a polícia continua lá. Aposto que sim.” Tom respirou fundo. “Acho que vou falar com madame Annette.”

Viu logo que a grande cozinha quadrada estava vazia, e acabava de virar à direita para bater na porta de madame Annette quando ela surgiu no corredor de serviço.

“Ah, m’sieur Tómm! Que história! *Une catastrophe!* Na casa dos Prrichar!” Estava pronta para contar tudo. Madame Annette tinha telefone próprio no quarto.

“Ah, sim, madame Annette, madame Grais acaba de me contar! Que choque! Duas mortes, e tão perto de nós! Eu ia justamente contar para a senhora.”

Os dois foram para a cozinha.

“Madame Marie-Louise acabou de me contar. Foi madame Geneviève que contou para ela. A cidade *inteira* já está sabendo! Duas pessoas *afogadas!*”

“Será que foi acidente? É isso que estão falando?”

“As pessoas acham que eles estavam discutindo e aí um dos dois escorregou e caiu lá dentro. Eles viviam brigando, o senhor sabia, m’sieur Tómm?”

Tom hesitou. “Eu acho que já ouvi comentários.”

“Mas aqueles ossos no lago!” A voz dela baixou para um sussurro. “Estranho, m’sieur Tómm, *muito* estranho. Que *gente* estranha.” Madame Annette falava como se os Pritchard fossem seres vindos do espaço, além da compreensão normal.

“Isso com certeza”, disse Tom. “*Bizarre*, é o que todo mundo diz. Bem, madame, tenho que telefonar para madame Héloïse.”

Mais uma vez o telefone tocou assim que Tom ia discar, e desta vez, frustrado, ele murmurou um palavrão. Polícia? “Alô?”

“Alô, Tómm! É Noëlle. Boas notícias para você: Héloïse vai chegar...”

Héloïse ia chegar dentro de um quarto de hora. Estava vindo de carro com um amigo de Noëlle chamado Yves, que tinha comprado um carro novo e queria experimentá-lo. Além disso, o carro tinha lugar para a bagagem de Héloïse, e era mais conveniente que vir de trem.

“Um quarto de hora! Obrigado, Noëlle. Você está bem? E Héloïse?”

“Nós duas estamos com a saúde dos exploradores mais calejados!”

“Espero vê-la logo, Noëlle.”

Desligaram.

“Héloïse vai chegar de carro a qualquer momento”, disse Tom para Ed com um sorriso. Em seguida foi dar a notícia para madame Annette. A expressão dela se iluminou de imediato. A presença de Héloïse era mais alegre do que a imagem dos Pritchard afogados no lago, com certeza.

“Para o almoço, que tal uma mesa de frios, m’sieur Tómm? Comprei um patê de fígado de galinha muito bom!”

Tom lhe garantiu que a ideia era excelente.

“E para a noite, *tournedos* — suficientes para três. Eu estava mesmo esperando madame para hoje à noite.”

“E batatas assadas. Dá para a senhora fazer? Bem assadas! Não, deixe que eu mesmo vou assar tudo lá fora na grelha!” Sem dúvida a maneira mais alegre e saborosa de assar as batatas e grelhar os *tournedos*. “E uma boa *sauce béarnaise*?”

“*Bien sûr, monsieur. Et...*”

Iria comprar vagens frescas hoje à tarde, e mais alguma coisa, talvez o queijo predileto de madame Héloïse. Madame Annette estava no sétimo céu.

Tom voltou para a sala, onde Ed estava passando os olhos no *Herald Tribune* do dia. “Está tudo bem”, anunciou. “Quer dar uma volta comigo?” Tom sentia vontade de dar uma corrida, ou saltar por cima de uma cerca.

“Grande ideia! Vamos esticar as pernas!” Ed já estava pronto.

“E quem sabe dar de cara com Héloïse naquele carrinho veloz? Ou será que Yves está amaciando o motor? De qualquer forma, vamos.” Tom voltou à cozinha, onde madame Annette trabalhava calmamente. “Madame, eu e m’sieur Ed vamos dar uma voltinha. Voltamos em quinze minutos.”

Em seguida foi ter com Ed no hall. Mais uma vez pensou naquela possibilidade deprimente que tinha lhe ocorrido de manhã, e parou, com a mão na maçaneta.

“Que foi?”

“Nada de especial. Já que eu confio tanto em você...” Tom correu os dedos pelo cabelo liso. “Bem, hoje de manhã me ocorreu que o velho Pri-chato talvez tivesse um diário — ou *ela*, mais provavelmente. Quem sabe eles escreveram que encontraram os ossos”, continuou Tom, abaixando a voz e dando uma olhada para a sala, “e que descarregaram o embrulho na minha porta ontem mesmo.” Tom abriu a porta, sentindo necessidade de ar fresco e luz do sol. “E que esconderam a cabeça em algum lugar no terreno deles.”

Os dois saíram para o pátio coberto de cascalho.

“A polícia pode encontrar o diário”, continuou Tom, “e logo ficar sabendo que um dos passatempos de Pritchard era me atormentar.” Tom não gostava de falar sobre suas ansiedades, aliás passageiros. Mas lembrou-se de que Ed merecia plena confiança.

“Mas aqueles dois eram tão malucos!” Ed olhou para Tom de testa franzida, e seu cochicho não era mais alto do que seus passos no cascalho. “O que quer que eles tenham escrito, pode ser fantasia, não necessariamente verdade. E, mesmo assim, a palavra deles contra a *sua*?”

“Se eles anotaram em qualquer lugar que despejaram os ossos por aqui, eu vou simplesmente negar”, disse Tom numa voz baixa e firme, como se este fosse o ponto final da questão. “Não acho que isso vai acontecer.”

“Certo, Tom.”

Continuaram caminhando como se para livrar-se daquela energia nervosa, andando lado a lado já que quase não havia carros na estrada. De que cor seria o carro de Yves, pensou Tom, e será que hoje em dia ainda é necessário amaciar o motor? Imaginou um carro amarelo, *très sportif*.

“Escute, Ed, você acha que Jeff gostaria de vir até aqui? Só para se divertir? Ele disse que podia tirar uns dias de folga. Falando nisso, Ed, espero que você continue por aqui pelo menos mais uns dois dias. Você pode ficar?”

“Posso.” Ed deu uma olhada para Tom. O rubor inglês estava de volta no seu rosto. “Você podia dar uma ligada para Jeff e convidá-lo para vir. É uma boa ideia.”

“Tenho um som no meu ateliê. Muito confortável.” Tom queria muito desfrutar a presença de seus velhos amigos em Belle Ombre, mesmo que fosse só por dois dias; ao mesmo tempo, estava pensando se seu telefone não estaria tocando neste momento, ao meio-dia e dez, com a polícia querendo falar com ele. “Ali! Olhe!” Tom deu um pulo e apontou. “Aquele carro amarelo! Aposto!”

Vinha vindo um carrinho conversível com o teto abaixado e Héloïse acenando. Ela se erguia no banco do passageiro, tanto quanto lhe permitia o cinto de segurança, e seu cabelo loiro e longo voava para trás com o vento.

“Tómm!”

Tom e Ed estavam no mesmo lado da estrada que o carro.

“Oi! Alô!” Tom agitava os braços. Héloïse parecia muito queimada de sol.

O motorista pisou no breque, mas mesmo assim passou por Tom e Ed, que tiveram que voltar correndo.

“Alô, querida!” Tom beijou Héloïse no rosto.

“Este é Yves!”, disse Héloïse, e o rapaz moreno sorriu e disse: “*Enchanté, m’sieur Ripley!*”. Estava dirigindo um Alfa-Romeo. “Quer uma carona?”, perguntou em inglês.

“Este aqui é Ed”, Tom indicou com um gesto. “Não, obrigado, vamos indo a pé”, respondeu em francês. “A gente se vê lá em casa!”

O banco traseiro do carro estava carregado de malas e maletas, uma delas decididamente nova para Tom; não havia lugar nem mesmo para um cachorrinho. Saiu com Ed numa meia corrida, depois correndo a toda, rindo, e não estavam a mais de cinco metros atrás do Alfa-Romeo quando o carrinho amarelo virou à direita e passou pelos portões de Belle Ombre.

Madame Annette apareceu. Muito falatório, boas-vindas e apresentações. Todos ajudavam com as bagagens, pois havia inúmeros objetos pequenos e sacos plásticos no porta-malas. Desta vez madame Annette teve permissão de levar os objetos mais leves lá para cima. Héloïse tomava conta, apontando certos sacos de plásticos que continham “*pâtisserie et bonbons du Maroc*”, que ninguém deveria apertar.

“Não vou apertar”, disse Tom, “só levar para a cozinha.” Foi até a cozinha e voltou. “Posso lhe oferecer um drinque, Yves? E fique para almoçar, você é muito bem-vindo.”

Yves agradeceu e recusou os dois convites, dizendo que tinha um encontro em Fontainebleau e estava um pouco atrasado. Despedidas e agradecimentos de Héloïse para Yves.

Madame Annette então serviu dois Bloody Marys, um para Tom e outro para Ed, e um suco de laranja para Héloïse. Tom não tirava os olhos dela. Achou que ela não tinha engordado nem emagrecido, e a curva das suas coxas sob a calça azul-claro era tão bela, uma obra de arte. A voz dela, enquanto tagarelava, um pouco em inglês e um pouco em

francês, sobre o Marrocos, ou *Maroc*, lhe soava como música, mais deliciosa que Scarlatti.

Quando Tom olhou para Ed, que tinha na mão seu drinque cor de tomate, viu seu olhar igualmente fixo em Héloïse, que agora olhava pela varanda. Héloïse perguntou por Henri, e quis saber quando foi a última vez que choveu. Tinha deixado mais dois sacos plásticos no hall, e os trouxe para dentro. Um continha uma tigela de metal — lisa, sem enfeites, observou Héloïse com prazer. Mais uma coisa para madame Annette lustrar, pensou Tom.

“E isso aqui, Tom! Olhe! Tão bonito e custou tão pouco! Uma maleta para sua escrivantina.” Tirou um retângulo de couro marrom macio, trabalhado mas não em excesso, só nas beiradas.

Que escrivantina?, pensou Tom. Em seu quarto havia uma mesa de escrever, mas...

Héloïse estava abrindo, mostrando para Tom os quatro bolsos internos, dois de cada lado, também de couro.

Tom continuava mais disposto a olhar para Héloïse, tão perto dele agora que ele imaginou que sentia o cheiro do sol na sua pele. “É linda, querida. Se é para mim...”

“Claro que é para você!” Héloïse riu e deu uma olhada rápida para Ed, jogando o cabelo loiro para trás.

De novo sua pele estava um pouco mais escura que o cabelo. Tom já tinha visto isso algumas vezes. “É uma pasta, não, querida? Creio que não é uma maleta — maleta em geral tem alça.”

“Ah, Tom, você é tão sério!” Héloïse deu-lhe um empurrão na testa de brincadeira.

Ed riu.

“Ed, como você chamaria isto? Porta-cartas?”

“A língua inglesa...” Ed começou, e não terminou. “De qualquer forma, não é uma pasta. Eu diria que é um porta-cartas.”

Tom concordou. “É linda mesmo, meu doce, muito obrigado.” Tomou a mão direita de Héloïse e deu-lhe um beijo rápido. “Vou cuidar dela com muito carinho e conservá-la bem lustrosa.”

Mas Tom tinha os pensamentos em outro lugar. Quando e onde poderia contar a ela sobre a tragédia dos Pritchard? Madame Annette

não iria mencioná-la nas próximas duas horas, pois estava ocupada com o almoço. Mas o telefone poderia tocar a qualquer momento com mais novidades, vindas dos Grais, talvez, ou até mesmo dos Clegg, se a notícia já tinha se espalhado por alguns quilômetros. De qualquer forma, Tom decidiu desfrutar de um bom almoço e ouvir os relatos sobre Marrakesh e os dois cavalheiros bons para jantar, André e Patrick. O almoço foi cheio de risadas.

Héloïse disse para Ed: “Estamos tão contentes de ter você aqui na nossa casa! Espero que você goste da visita”.

“Obrigado, Héloïse. Sua casa é linda, muito confortável.” Ed deu uma olhada para Tom.

Naquele momento Tom estava pensativo, mordendo o lábio inferior. Talvez Ed soubesse no que ele estava pensando: que tinha que informar a Héloïse logo mais a respeito dos Pritchard. Se Héloïse lhe perguntasse sobre eles durante o almoço, Tom estava preparado para ser evasivo. Ficou feliz por ela não ter feito nenhuma pergunta.

NINGUÉM QUIS CAFÉ depois do almoço. Ed disse que tinha vontade de dar um passeio mais longo, “conhecer a cidade inteira”.

“Você vai mesmo ligar para Jeff?”, perguntou Ed.

Tom explicou para Héloïse, que estava na mesa fumando um cigarro. Ele e Ed achavam que Jeff Constant, um fotógrafo de Londres, velho amigo dos dois, talvez gostasse de vir fazer uma visita por uns dois dias. “Por acaso, nós sabemos que ele está livre agora”, disse Tom. “Ele é freelance, como Ed.”

“*Mais oui, Tómm!* Por que não? E onde ele vai dormir? No seu ateliê?”

“Foi o que eu pensei. A não ser que eu fique com você por uns dois dias e ele durma no meu quarto.” Tom sorriu. “Como você quiser, meu doce.” Tom se lembrou de que isso já tinha acontecido várias vezes: por algum motivo era mais fácil para ele ir dormir no quarto de Héloïse do que para ela mudar seus pertences para o quarto dele. Os dois quartos tinham cama de casal.

“Mas claro, Tom”, disse Héloïse em francês. Ela se levantou, e Tom e Ed fizeram o mesmo.

“Me desculpe um segundo”, disse Tom para Ed, e foi até a cozinha.

Madame Annette estava colocando os pratos na máquina de lavar louça, exatamente como em qualquer outro dia.

“Madame, foi um almoço excelente — obrigado. E duas coisas.” Tom abaixou a voz: “Vou contar agora a madame Héloïse sobre o caso dos Pritchard, para que ela não fique sabendo através de estranhos, e não seja um choque tão grande.”

“Oui, m’sieur Tómm. Tem razão.”

“E a segunda coisa: vou convidar outro amigo inglês para vir amanhã. Não tenho certeza se ele pode vir; eu aviso a senhora. Nesse caso ele vai ficar no meu quarto. Vou telefonar para Londres daqui a alguns minutos, e depois lhe digo.”

“Muito bem, m’sieur. Mas e as refeições — *le menu?*”

Tom sorriu. “Se houver alguma dificuldade, nós podemos jantar fora amanhã à noite.” Lembrou-se de que o dia seguinte era domingo, mas o açougue estava aberto pela manhã.

Subiu então depressa as escadas, pensando que a qualquer momento o telefone poderia tocar — os Grais, por exemplo, que sabiam que Héloïse já devia ter chegado — e alguém começar a falar sobre os Pritchard. O telefone do segundo andar estava agora no quarto de Tom, não no de Héloïse, como de costume, mas ela provavelmente atenderia se tocasse no quarto dele.

Héloïse estava no seu quarto, desfazendo as malas. Tom notou duas blusas de algodão que ainda não tinha visto.

“Gosta desta, Tom?” Héloïse segurou contra a cintura uma saia de listas verticais. As listas eram roxas, verdes e vermelhas.

“É *bem* diferente”, disse Tom.

“Sim! Foi por isso que eu comprei. E este cinto? Ah, tenho uma coisa para madame Annette também! Deixe-me...”

“Querida”, Tom interrompeu, “tenho que lhe contar uma coisa meio desagradável.” Ela prestou atenção. “Você se lembra dos Pritchard?”

“Ah, os *Prrichards*”, ela repetiu, como se eles fossem as pessoas mais chatas e desinteressantes da face da Terra. “*Alors?*”

“Eles...” Era doloroso pronunciar as palavras, mesmo sabendo que Héloïse detestava os Pritchard. “Eles tiveram um acidente, ou cometeram suicídio. Não sei, mas a polícia deve dizer.”

“Eles *morreram?*” Héloïse abriu a boca de espanto.

“Agnès Grais me contou hoje de manhã. Por telefone. Foram encontrados naquele laguinho no gramado deles. Lembra? O lago que nós vimos quando passamos por lá de carro.”

“Ah, lembro, sim.” Estava em pé com o cinto marrom nas mãos.

“Talvez eles tenham escorregado, ou um puxou o outro lá para dentro, não sei. E o fundo é de lama — *de la boue* —, não é fácil de sair.” Tom hesitava ao falar, como se sentisse simpatia pelos Pritchard, mas era o puro horror daquele afogamento na lama, aquele nada debaixo dos pés, só o lodaçal viscoso, limo e lama nos sapatos. Tom tinha horror à ideia de afogamento. Continuou o relato, contando a Héloïse sobre os dois

garotos que foram vender bilhetes de t6mbola e voltaram correndo para a casa dos Grais, apavorados, com a not6cia de que tinham visto duas pessoas no lago.

“*Sacrebleu!*”, H6lo6ise murmurou, e sentou-se na beira da cama. “E Agn6s chamou a pol6cia?”

“Claro. E n6o sei como 6 que ela ficou sabendo, ou vai ver que esqueci, a pol6cia encontrou *debaixo* dos Pritchard um saco de ossos humanos.”

“*Quoi?*” H6lo6ise, chocada, prendeu a respira76o. “Ossos?”

“Eles eram esquisitos, estranhos. Os Pritchard.” Tom sentou-se numa cadeira. “Querida, isso tudo aconteceu poucas horas atr6s. Depois vamos ficar sabendo de mais coisas, imagino. Mas eu queria lhe contar antes que Agn6s ou alguma outra pessoa o fizesse.”

“Eu devia telefonar para Agn6s. A casa deles fica t6o *perto* de l6! O que ser6 esse saco de ossos? O que eles andavam fazendo com isso?”

Tom abanou a cabe7a e levantou-se. “E o que mais ainda v6o encontrar naquela casa? Instrumentos de tortura? Correntes? Aqueles dois tinham que estar no livro de Krafft-Ebing! Quem sabe a pol6cia vai encontrar *mais* ossos.”

“Que terr6vel! Gente que eles mataram?”

“Quem sabe?” E na verdade Tom n6o sabia, e pensou que era uma possibilidade que David Pritchard pudesse ter, entre seus tesouros, ossos humanos que havia desenterrado de algum lugar, ou que fossem de algu6m que ele tinha varrido do mapa; Pritchard era um bom mentiroso. “N6o se esque7a, David Pritchard gostava de bater na mulher. Quem sabe ele j6 bateu em outras mulheres.”

“T6mm!” H6lo6ise cobriu o rosto com as m6os.

Tom foi at6 ela e abra7ou-a pela cintura. “Eu n6o devia ter dito isso. Mas 6 uma possibilidade.”

Ela o abra7ou apertado. “Eu pensei que esta tarde pudesse ficar s6 para n6s dois. Mas n6o com essa hist6ria horr6vel!”

“Mas ainda temos a noite — e muito tempo depois! Voc6 quer telefonar para Agn6s, eu sei, querida. E depois eu vou ligar para Jeff.” Tom afastou-se um pouco. “Voc6 n6o conheceu Jeff, uma vez em Londres? Um rapaz loiro, um pouco mais alto e mais forte que Ed?”

Tom não queria mencionar, justo neste momento, que Jeff e Ed estavam entre os fundadores da Galeria Buckmaster, assim como Tom, porque isso iria lembrar Bernard Tufts, com quem Héloïse nunca se sentira à vontade, já que Bernard era visivelmente esquisito e amalucado.

“Lembro-me do nome. Você devia telefonar para ele primeiro. Se eu esperar, Agnès vai estar sabendo de mais coisas.”

“Verdade!” Tom deu risada. “Falando nisso, madame Annette naturalmente ficou sabendo da notícia hoje de manhã, através da sua amiga Marie-Louise, se não me engano.” Tom não pôde deixar de sorrir. “Com a rede telefônica de madame Annette, ela já deve estar mais bem informada do que Agnès!”

Tom viu que sua agenda não estava no quarto: devia estar na mesa do hall. Desceu, procurou o nome de Jeff Constant e discou. No sétimo toque, teve sorte.

“Oi, Jeff, aqui é Tom. Olhe, as coisas estão tranquilas neste momento. Por que você não dá um pulo aqui para tirar uns dias de folga comigo e com Ed — ou umas férias mais longas, se você puder? Que tal amanhã?” Tom percebeu que estava falando cautelosamente, como se seu telefone estivesse grampeado, mas até então isso nunca tinha acontecido. “Ed saiu para dar uma volta.”

“Amanhã? Bom, amanhã, acho que eu posso, sim. Com prazer, se as linhas aéreas permitirem. Tem certeza de que aí tem lugar para mim?”

“Sem dúvida nenhuma, Jeff!”

“Obrigado, Tom. Vou dar uma olhada nos horários dos voos e ligo de volta, espero que em menos de uma hora. Está bem assim?”

“Claro.” E Tom lhe garantiu que ficaria feliz de ir buscá-lo em Roissy.

Tom avisou Héloïse que o telefone estava livre, e que Jeff Constant deveria vir amanhã para passar uns dois dias.

“Que bom, Tom. Então vou ligar para Agnès.”

Tom desceu a escada de novo. Queria checar a grelha, aprontar o carvão para aquela noite. Continuava pensando, enquanto dobrava a capa impermeável e empurrava a grelha até um lugar conveniente. O que aconteceria se Pritchard tivesse avisado a senhora Murchison do seu achado, dizendo que tinha certeza de que os ossos eram de seu marido, por causa do anel de formatura no dedo mínimo da mão direita?

E por que será que a polícia não tinha lhe telefonado até agora?

Seus problemas talvez estivessem longe de terminar. Se Pritchard já tinha informado a senhora Murchison — e talvez Cynthia Gradnor também, meu Deus —, poderia ter acrescentado que tinha despejado ou pretendia despejar os ossos na porta de Tom Ripley. Com certeza não teria dito “despejar”, pensou Tom, mas entregar ou depositar, pelo menos para a senhora Murchison.

Por outro lado — Tom não podia deixar de sorrir com seus pensamentos errantes —, ao falar com a senhora Murchison, Pritchard poderia não ter dito que pretendia depositar os ossos em lugar nenhum, pois isso seria um tanto desrespeitoso: o correto, supôs Tom, teria sido transportar os ossos até a casa de Pritchard, como ele de fato havia feito, e então chamar a polícia. Como as antigas cordas de Tom estavam intactas, talvez Pritchard não tivesse procurado nenhum anel.

Outra possibilidade, já que Pritchard tinha feito pequenos cortes na lona velha, era que ele tivesse retirado a aliança e guardado em algum lugar da sua casa, onde a polícia poderia encontrá-la. Se a senhora Murchison fora informada a respeito dos ossos por Pritchard, poderia ter mencionado os dois anéis que o marido sempre usava, e seria capaz de identificar a aliança se a polícia a encontrasse.

Tom sentiu que seus pensamentos ficavam cada vez mais fracos, mais tênues — isto é, ele não conseguia acreditar na realidade destes últimos: suponhamos que Pritchard tenha escondido a aliança num lugar que só ele conhecia (isto é, julgando que ela não tivesse caído dentro do Loing). O esconderijo poderia ser tão improvável que ninguém iria encontrá-la a não ser que a casa fosse totalmente queimada, e as cinzas peneiradas. Será que Teddy...

“Tom?”

Tom teve um sobressalto e virou-se. “Ed! Oi!”

Ed tinha dado a volta na casa e estava atrás de Tom. “Não tive intenção de assustá-lo!” Estava com o suéter jogado nas costas e amarrado na frente.

Tom não pôde deixar de rir. Tinha dado um pulo como se tivesse levado um tiro. “Eu estava devaneando. Falei com Jeff e parece que ele vem amanhã. Não é ótimo?”

“É mesmo? Para mim é muito bom. E quais são as últimas?”, perguntou em voz mais baixa. “Alguma novidade?”

Tom carregou o saco de carvão para um canto do terraço. “Acho que as senhoras estão comparando suas informações.” Dava para ouvir as vozes de Héloïse e madame Annette numa animada conversa perto do hall da frente. As duas falavam ao mesmo tempo, mas Tom sabia que cada uma estava compreendendo a outra perfeitamente, embora com algumas repetições. “Vamos lá ver.”

Entraram na sala pela porta da varanda.

“Tõmm, eles revistaram... alô, m’sieur Ed.”

“Ed, por favor”, disse Ed Banbury.

“...revistaram a casa toda, a polícia”, Héloïse continuou, enquanto madame Annette procurava ouvir, embora Héloïse falasse em inglês. “Agnès me contou que a polícia ficou lá até as três da tarde. Até vieram falar de novo com os Grais.”

“Era de se esperar”, respondeu Tom. “Eles acham que foi acidente?”

“Não encontraram nenhum bilhete de suicídio!”, respondeu Héloïse. “A polícia acha... Agnès disse que talvez aconteceu um acidente, quando eles estavam jogando aqueles... aqueles...”

Tom deu uma olhada para madame Annette. “Ossos”, completou em voz baixa.

“...ossos lá dentro. Ugh!” Héloïse agitou as mãos com uma repugnância nervosa.

Madame Annette foi se afastando com ar de que estava voltando para seus deveres, como se não compreendesse o que significava a palavra *ossos* em inglês, e provavelmente não compreendia mesmo.

“E a polícia não descobriu de quem eram os ossos?”, perguntou Tom.

“A polícia não sabe, ou então não diz”, respondeu Héloïse.

Tom franziu a testa. “Será que Agnès e Antoine *viram* esse saco de ossos?”

“*Non*, mas as duas crianças foram até lá e dizem que viram, na grama, antes de a polícia pedir pra eles irem embora. Acho que tem um cordão em volta da casa e um carro de polícia estacionado na porta. Ah, Agnès falou que os ossos eram velhos. Foi o delegado de polícia quem disse a ela. Têm vários anos de idade e estavam dentro d’água.”

Tom deu uma olhada para Ed, notando que este ouvia com admirável seriedade e interesse. “Quem sabe eles *caíram* ao tentar tirar os ossos

para fora?”

“Ah, *oui!* Agnès disse que a polícia achou que foi algo assim, porque encontraram junto com eles um utensílio de jardim, uma vara com um gancho.”

Ed disse: “E será que eles estão levando os ossos para Paris ou algum outro lugar, para serem identificados? Quem era o dono dessa casa antes?”.

“Não sei”, disse Tom, “mas isso se descobre rapidamente. Com certeza nessas alturas a polícia já descobriu.”

“A água era tão clara!”, disse Héloïse. “Lembro-me do dia em que vi esse lago. Eu pensei que dava até para criar uns peixinhos bonitos.”

“Mas o fundo era de lama, Héloïse. Alguma coisa podia afundar e... puxa, que assunto”, disse Tom, “quando a vida em geral é tão sossegada por aqui.”

Estavam agora em pé perto do sofá, mas ninguém se sentava.

“Imagine, Tómm, Noëlle já está sabendo. Ela ouviu no noticiário da uma, no rádio, não na televisão.” Héloïse puxou o cabelo para trás. “Tómm, acho que um chá cairia bem. Quem sabe m’sieur Ed também gostaria? Dá para você pedir a madame, Tómm? Agora quero dar uma volta sozinha no jardim.”

Tom ficou contente, pois caminhar alguns minutos sozinha seria bom para Héloïse relaxar. “Faça isso, meu doce — e é claro que vou pedir para madame fazer chá.”

Héloïse saiu e desceu correndo os degraus para o jardim. Usava calça branca e tênis.

Tom foi procurar madame Annette, e tinha acabado de dizer a ela que todos gostariam de tomar um chá quando o telefone tocou.

“Acho que é nosso amigo de Londres”, disse Tom para madame Annette, e voltou à sala para atender.

Ed naquele momento não estava ali.

Era Jeff, já com sua hora de chegada: onze e vinte e cinco, amanhã de manhã, voo BA 826. “Volta em aberto”, disse Jeff, “para qualquer eventualidade.”

“Obrigado, Jeff. Estamos todos esperando você ansiosamente! O tempo está ótimo, mas traga um suéter.”

“Posso levar alguma coisa para você, Tom?”

“Só você mesmo.” Tom riu. “Ah, meio quilo de cheddar, se não for incômodo. Sempre é mais gostoso quando vem de Londres.”

Chá. Os três saborearam um bom chá na sala. Héloïse, reclinada num canto do sofá com sua xícara, mal disse palavra. Tom não se importou. Estava pensando no noticiário da televisão, daqui a uns vinte minutos, quando viu a enorme figura de Henri perto da estufa.

“Ora, ora, Henri”, disse Tom, colocando a xícara na mesa. “Vou ver o que ele quer — se é que quer alguma coisa. Desculpem, com licença.”

“Você marcou um encontro com ele, Tómm?”

“Não, querida, não marquei.” Tom explicou para Ed: “É meu jardineiro, o bom gigante”.

Tom saiu. Como desconfiava, Henri não tinha vindo para trabalhar a essa hora numa tarde de sábado, mas sim para falar sobre *les événements* na *maison Prricbar*. Nem mesmo um duplo suicídio, como disse Henri, dava mais vivacidade ao seu corpanzil, nem mesmo lhe causava tensão, como Tom reparou.

“Sim, ouvi falar”, disse Tom. “Madame Graïs me telefonou hoje de manhã. Uma notícia realmente chocante!”

As botas de Henri, com suas solas grossas, dançavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Suas manzorras brincavam com um raminho onde balançava um botão de lavanda. “E os ossos lá embaixo”, disse Henri num tom grave e sóbrio, como se os ossos selassem um julgamento sobre os Pritchard. “Ossos, m’sieur!” E toca a girar nas mãos o raminho de lavanda. “Que gente estranha — e bem aqui! Debaixo do nosso nariz!”

Tom nunca tinha visto Henri perturbado. “Você acha” — Tom desviou a vista para o gramado, depois de volta para Henri — “que eles dois realmente decidiram se suicidar?”

“Quem sabe?”, perguntou Henri, levantando suas grossas sobrelhas. “Quem sabe foi um jogo estranho? Os dois tentaram alguma coisa — mas o quê?”

Muito vago, Tom pensou consigo, mas provavelmente as ideias de Henri eram um reflexo do que a cidade inteira pensava. “Vai ser interessante saber o que disse a polícia.”

“*Bien sûr!*”

“E *de quem* são esses ossos? Alguém sabe?”

“*Non*, m’sieur. Ossos de uma certa idade! Como se... *alors*, o senhor sabe, todo mundo sabe, Prrichar estava dragando os canais e os rios aqui em volta! Para quê? Só por divertimento? Tem gente dizendo que esses ossos são o que Prrichaar pescou num canal, e que ele e a mulher estavam *brigando* por causa deles.” Henri olhou para Tom como se tivesse revelado um segredo sórdido a respeito do casal.

“Brigando por causa deles”, Tom repetiu, em legítimo estilo interiorano.

“Estranho, m’sieur.” Henri abanou a cabeça.

“*Oui*, ah, *oui*”, disse Tom com um suspiro, numa voz reconciliada, como se cada dia apresentasse algo intrigante, com que a gente simplesmente tem de conviver. “Quem sabe hoje à noite a TV vai trazer alguma novidade — se é que eles se importam com uma cidadezinha tão pequena como Villeperce, hein? Bem, Henri, tenho que voltar para casa, porque estamos com uma visita de Londres e esperando outra para amanhã. Você com certeza não quer começar a trabalhar a essa hora, não é?”

Henri não queria, mas aceitou um copo de vinho na estufa. Tom guardava ali uma garrafa para Henri — substituída com frequência, para não perder o sabor — e um par de copos. Os copos não estavam muito limpos, mas de qualquer modo os dois brindaram e beberam.

Henri disse em voz baixa: “Ainda bem que esses dois vão sumir da cidade — e aqueles ossos também. Aquela gente era *bizarre*”.

Tom concordou de cabeça solenemente.

“*Salutations à votre femme*, m’sieur”, disse Henri, e foi saindo pelo gramado, rumo à estradinha lateral.

Tom voltou para a sala para tomar seu chá.

Ed e Héloïse estavam conversando sobre Brighton, sabe-se lá por quê.

Tom ligou a televisão. Já era quase hora. “Vai ser interessante saber se Villeperce merece um minuto nas notícias internacionais”, disse Tom para Héloïse. “Ou mesmo nacionais.”

“Ah, sim!” Héloïse endireitou-se na cadeira.

Tom tinha trazido a TV mais para o centro da sala. O primeiro assunto foi uma conferência em Genebra, depois veio uma corrida de barcos. O interesse do grupo dispersou-se, e Ed e Héloïse voltaram a conversar, em inglês.

“Olhe lá”, disse Tom, com bastante calma.

“A casa!”, exclamou Héloïse.

Todos olharam. O sobrado branco dos Pritchard fornecia o pano de fundo para a voz do locutor. Era óbvio que o fotógrafo não tinha conseguido chegar mais perto, só até a estrada, e talvez só para uma foto, pensou Tom. A voz do locutor disse: “...um estranho acidente descoberto hoje de manhã na cidadezinha de Villeperce, perto de Moret, os corpos de dois adultos, David e Janice Prrichard, americanos, ambos com trinta e poucos anos de idade, num lago de dois metros de profundidade em seu próprio gramado. O falecido casal estava vestido e com sapatos, e acredita-se que as mortes foram causadas por acidente... M’sieur e madame Prrichard tinham comprado a casa recentemente...”.

Nenhuma menção aos ossos, pensou Tom, enquanto o locutor chegava ao final da história. Olhou para Ed e imaginou, vendo suas sobrancelhas ligeiramente levantadas, que ele estava pensando a mesma coisa.

Héloïse então disse: “Eles não falaram nada sobre... sobre aqueles ossos”. Olhou ansiosamente para Tom. Sempre que Héloïse tinha que mencionar os ossos, parecia que era algo doloroso.

Tom organizou seus pensamentos. “Acho que eles devem ter levado os ossos para algum lugar para descobrir quantos anos têm, por exemplo. Deve ser por isso que a polícia não permitiu que se mencionasse o saco de ossos.”

“Interessante”, disse Ed, “o jeito como eles cercaram o lugar com cordas, não acham? Nem mesmo uma foto do lago, só uma tomada distante da casa. A polícia está cautelosa.”

Continua investigando, pensou Tom. Deve ser isso que Ed quis dizer.

O telefone tocou e Tom levantou para atender. Tinha adivinhado: era Agnès Graïs, que acabava de assistir ao noticiário da noite.

“Antoine falou ‘já vão tarde’. Ele acha que aquela gente era doida, e como por acaso eles pescaram os ossos do rio, ficaram, assim, muito entusiasmados e eles mesmos caíram lá dentro.” Agnès parecia prestes a estourar de riso.

“Você quer falar com Héloïse?”

Ela quis.

Héloïse foi até o telefone e Tom voltou para junto de Ed, mas continuou em pé.

“Um acidente”, murmurou Tom, pensativo. “E foi mesmo, de fato!”

“É verdade”, Ed respondeu.

Nenhum dos dois estava ouvindo, nem tentando ouvir, a animada conversa de Héloïse com Agnès Grais.

Tom estava pensando, talvez pela segunda vez, que era sorte Murchison não estar usando cinto, mas sim suspensórios. Um cinto de couro poderia ter durado, poderia ter sido mais um objeto retirado por David Pritchard, e mais facilmente encontrado numa casa do que uma aliança de casamento. *Será* que Murchison estava de cinto? Tom tinha esquecido esse detalhe. Pegou o último biscoito de chocolate do pratinho na mesa de café. Ed dispensou o seu.

“Vou lá em cima relaxar alguns minutos”, disse Tom. “Às quinze para as oito vou começar a tomar conta do carvão. Lá fora, no terraço.” Deu um sorriso. “Vamos ter uma noite agradável.”

TOM ACABAVA DE DESCER A ESCADA, com uma camisa limpa e um suéter, quando o telefone tocou. Atendeu no hall.

Uma voz masculina se identificou como *commissaire de police divisionnaire*, ou coisa parecida, Etienne Lomard, de Nemours. Poderia vir falar com o senhor Ripley um momento?

“Será uma conversa breve, creio eu, m’sieur, mas de bastante importância.”

“Mas é claro”, respondeu Tom. “Agora?... Muito bem, m’sieur.”

Tom supôs que o policial sabia onde ficava a sua casa. Héloïse lhe tinha dito, depois de sua conversa telefônica com Agnès Grais, que a polícia continuava na casa dos Pritchard, e que havia duas viaturas estacionadas na frente. Tom teve um impulso de subir e avisar Ed, mas achou melhor não. Ed sabia qual seria a sua história, e não havia necessidade de que estivesse presente durante a conversa. Em vez disso Tom foi para a cozinha, onde madame Annette estava lavando a salada, e lhe disse que dentro de uns cinco minutos um policial iria chegar.

Um policial, ela repetiu, só com uma leve surpresa, pois não era da sua área. “Muito bem, m’sieur.”

“Deixe que eu atendo a porta. Ele não vai ficar muito tempo.”

Daí Tom pegou um avental velho, seu predileto, pendurado atrás da porta da cozinha, e o amarrou na cintura. “SAÍ PARA ALMOÇAR”, estava escrito em letras negras no bolso vermelho dianteiro.

Quando entrou na sala, Ed estava descendo a escada. “Um policial vai chegar daqui a pouco”, disse Tom. “Alguém deve ter dito que nós — Héloïse e eu — conhecemos os Pritchard.” Tom deu de ombros. “E também porque nós falamos inglês. Não tem muita gente assim por aqui.”

Tom ouviu baterem na porta. Havia uma aldraba e uma campainha, mas ele não fazia nenhum julgamento sobre as pessoas que usavam um ou outro.

“Não é melhor eu sair de cena?”, perguntou Ed.

“Tome um drinque, faça como quiser. Você é meu hóspede.”

Ed foi até o carrinho das bebidas, no canto oposto da sala.

Tom abriu a porta e cumprimentou dois policiais, que aliás ele nunca tinha visto. Cada um disse seu nome, levando a mão ao boné, e Tom os convidou para entrar.

Ambos escolheram as cadeiras retas e não o sofá.

Ed se aproximou, e Tom, ainda em pé, o apresentou como Ed Banbury, de Londres, um velho amigo que tinha vindo passar o fim de semana. Ed foi então para o terraço com seu drinque.

Os policiais tinham mais ou menos a mesma idade, e deviam ter o mesmo posto. De qualquer forma os dois falaram, e o assunto era uma certa senhora Thomas Murchison, que tinha telefonado de Nova York para a casa dos Pritchard, esperando falar com David Pritchard e sua mulher, e a polícia tinha atendido. O senhor Ripley por acaso conhecia essa senhora Murchison?

“Acredito”, disse Tom sinceramente, “que ela esteve aqui em casa por uma hora, alguns anos atrás, depois do desaparecimento do marido.”

“*Exactement!* É bem o que ela nos contou, m’sieur Ripley! *Alors*” — o oficial continuou, falando com segurança, em tom grave —, “madame Murrchisson nos informou que recebeu um telefonema ontem, sexta-feira, de...”

“Quinta-feira”, corrigiu o outro policial.

“Possivelmente... sim, o primeiro telefonema. Era David Pritchard, que a informou que tinha encontrado os... os ossos, sim, ossos do seu marido. E que ele, Pritchard, iria falar com o senhor a respeito deles. Iria *mostrar* para o senhor esses ossos.”

Tom franziu a testa. “Me mostrar? Não compreendo.”

“Entregá-los”, disse o outro policial ao colega.

“Ah, sim, *entregar*.”

Tom respirou fundo. “O senhor Pritchard não me disse nada sobre isso, posso garantir. Madame Murchison disse que ele telefonou *para mim?* Não é verdade.”

“Ele *ia* entregar os ossos, *n’est-ce pas*, Philippe?”

“Sim, mas sexta-feira, disse madame Murrchisson. Ontem de manhã”, respondeu o outro.

Os dois estavam sentados com o quepe no colo.

Tom abanou a cabeça. “Nada foi entregue aqui em casa.”

“M’sieur Ripley, o senhor conhecia m’sieur Prrichar?”

“Sim, ele veio se apresentar a mim no café aqui da cidade. Fui uma vez à casa dele tomar um drinque. Semanas atrás. Eles tinham convidado a mim e a minha mulher, mas fui sozinho. Eles nunca estiveram aqui em casa.”

O policial mais alto e mais loiro pigarreou e disse para o outro: “As fotografias?”

“Ah, *oui*. Nós encontramos na casa dos Prrichar duas fotografias da sua casa, m’sieur Ripley, tiradas do lado de fora.”

“É mesmo? Da minha casa?”

“Sim, sem dúvida. As fotos estavam em cima do aparador na casa dos Prrichar.”

Tom olhou para as duas fotos na mão do policial. “Muito estranho. Minha casa não está à venda.” Tom sorriu. “Ah, sim! Eu me lembro de que uma vez eu vi Pritchard na rua aí fora. Algumas semanas atrás. Minha governanta me chamou a atenção — tinha alguém tirando fotos da minha casa com uma camarazinha dessas bem ordinárias.”

“E o senhor reconheceu m’sieur Prrichar?”

“Ah, sim. Não gostei de vê-lo tirar fotos, mas achei melhor não tomar conhecimento. Minha mulher também viu, e também uma amiga da minha mulher que estava nos visitando naquele dia.” Tom franziu a testa, forçando a memória. “Lembro de ver madame Pritchard de carro — ela veio buscar o marido alguns minutos depois, e os dois foram embora juntos. Estranho.”

Neste ponto madame Annette entrou na sala e Tom lhe deu sua atenção. Ela queria saber se os cavalheiros gostariam de tomar algo. Tom sabia que ela estava querendo pôr a mesa logo.

“Um copo de vinho?”, perguntou Tom. “Um *pastis*?”

Os dois recusaram polidamente, pois estavam a serviço, *de jour*.

“Não, madame, para mim nada ainda”, disse Tom. “Ah, madame Annette, alguém me telefonou na quinta ou na sexta?” Tom deu uma

olhada para os policiais, e um deles assentiu. “Um certo m’sieur Pritchard? A respeito de uma entrega aqui em casa?” Tom fez a pergunta com real interesse, pois de repente lhe ocorreu que Pritchard poderia ter falado com madame Annette sobre uma entrega, e ela poderia ter esquecido (muito improvável) de avisá-lo.

Ela abanou a cabeça: “*Non*, m’sieur Tómm”.

Tom disse para os policiais: “Naturalmente, minha governanta ficou sabendo da tragédia dos Pritchard hoje de manhã”.

Murmúrios dos policiais. “É claro, essas notícias se espalham depressa!”

“Os senhores podem perguntar a madame Annette sobre qualquer entrega feita aqui”, disse Tom.

Um policial fez isso, e madame Annette de novo abanou a cabeça. “Nenhum pacote, m’sieur”, disse ela taxativamente.

“Madame Annette, este assunto...” — Tom escolheu as palavras — “também se refere a m’sieur Murchison. Lembra-se daquele senhor que desapareceu no aeroporto de Orly? O americano que passou uma noite aqui, alguns anos atrás?”

“Ah, *oui*. Um homem alto”, disse madame Annette, meio vaga.

“Sim. Conversamos sobre quadros. Meus dois Derwatts.” Tom apontou as paredes, para que os policiais compreendessem. “M’sieur Murchison também tinha um Derwatt, que infelizmente foi roubado em Orly. No dia seguinte eu o levei de carro até Orly, lá pelo meio-dia, se não me engano. A senhora se lembra, madame?”

Falou de modo casual, sem ênfase, e madame Annette o recompensou, felizmente, respondendo no mesmo tom.

“Sim, m’sieur Tómm. Lembro-me de que ajudei a carregar as malas dele até o carro.”

Isso já era bom, pensou Tom, embora em outra ocasião ela já tivesse dito que se lembrava de ter visto m’sieur Murchison saindo de casa e entrando no carro.

Héloïse veio descendo as escadas. Tom levantou-se e os oficiais também.

“Minha esposa, madame Héloïse.”

Os dois policiais mais uma vez se apresentaram.

“Estamos falando sobre a casa dos Pritchard”, disse Tom a Héloïse. “Quer tomar alguma coisa, querida?”

“Não, obrigada. Vou esperar.” Parecia que Héloïse queria sair para dar uma volta, talvez no jardim.

Madame Annette voltou para a cozinha.

“Madame Ripley, a senhora por acaso viu algum pacote — assim deste comprimento — que foi entregue ou deixado em algum lugar do seu terreno?” O oficial abriu os braços para indicar o comprimento.

Héloïse pareceu intrigada. “De uma floricultura?”

Os oficiais não puderam deixar de sorrir.

“*Non*, madame. Uma lona amarrada com corda. Quinta-feira bem tarde, ou sexta?”

Tom deixou a cargo de Héloïse dizer que só tinha chegado de Paris naquele dia ao meio-dia. Passara a sexta-feira à noite em Paris, e na quinta ainda estava em Tânger, disse ela.

Isto encerrava o assunto.

Os policiais trocaram algumas palavras, e um deles disse: “Podemos falar com seu amigo de Londres?”

Ed Banbury estava em pé perto das rosas. Tom o chamou com um grito. Ed veio rápido.

“A polícia quer lhe perguntar sobre um pacote entregue aqui”, disse Tom nos degraus do terraço. “Eu não vi nada, nem Héloïse.” Tom falava com tranquilidade, sem saber se um policial estaria atrás dele na varanda ou não.

Os policiais ainda estavam na sala quando Ed entrou.

Perguntaram-lhe se ele tinha visto algum pacote cinzento, de mais de um metro de comprimento, na entrada de carro, ou debaixo da cerca viva — em qualquer lugar do terreno, ou até mesmo fora dos portões. “*Non*”, respondeu Ed. “*Non*.”

“Quando foi que o senhor chegou aqui, m’sieur?”

“Ontem, sexta-feira, ao meio-dia. Almocei aqui.” As sobrancelhas loiras de Ed davam ao seu rosto uma expressão totalmente honesta. “M’sieur Ripley foi me buscar no aeroporto de Roissy.”

“Obrigado. Sua profissão?”

“Jornalista.” Ed precisou então escrever em letra de forma seu nome e endereço em Londres, num bloco que um dos policiais lhe deu.

“Por favor, mandem lembranças minhas a madame Murchison, se os senhores falarem com ela de novo”, disse Tom. “Tenho uma boa recordação dela, embora um tanto vaga”, acrescentou sorrindo.

“Sim, nós vamos falar de novo com ela”, disse um policial, o de cabelo castanho. “Ela está... bem, ela acha que os ossos que nós encontramos — ou que Prrichar encontrou — podem ser os do seu marido.”

“Do seu marido”, Tom repetiu incrédulo. “Mas onde foi que Pritchard os encontrou?”

“Não sabemos exatamente, mas talvez não longe daqui. Dez, quinze quilômetros.”

Os moradores de Voisy ainda não tinham falado nada, pensou Tom, supondo que tivessem visto alguma coisa. E Pritchard não tinha mencionado Voisy — ou será que tinha? “Com certeza vocês podem identificar o esqueleto”, disse Tom.

“*Le squelette est incomplet, m’sieur. Il n’y a pas de tête*”, disse o policial loiro, com uma expressão séria.

“*C’est horrible!*”, murmurou Héloïse.

“Vamos determinar primeiro quanto tempo esteve na água.”

“Alguma roupa?”, perguntou Tom.

“Ah! Tudo podre, m’sieur. Não sobrou nem um botão na mortalha original! Os peixes, o fluxo d’água...”

“O fluxo d’água”, repetiu o outro policial, fazendo um gesto. “A corrente. Vai desgastando as roupas, a carne...”

“Jean!” O outro policial fez um gesto rápido de mão, como dizendo: Chega! Há uma dama na sala!

Houve um silêncio de alguns segundos, e Jean continuou.

“O senhor se lembra, m’sieur Ripley, se o senhor viu m’sieur Murrchisson entrar pelo portão de embarque em Orly naquele dia, tanto tempo atrás?”

Tom se lembrava, sim. “Aquele dia eu não estacionei o carro. Parei na calçada, ajudei m’sieur Murchison a tirar as bagagens — e também o quadro embrulhado — e fui seguindo. Isso foi na calçada em frente ao portão de embarque. Ele tinha pouca bagagem, podia levar tudo

facilmente. Foi por isso que não fiquei esperando até ele passar pelo portão.”

Os policiais murmuraram algumas palavras e consultaram suas anotações.

Tom imaginou que eles estavam confirmando se ele havia dito à polícia, anos atrás, que de fato tinha deixado Murchison com sua bagagem na calçada, no portão de embarque em Orly. Ele não quis comentar que suas declarações antigas com certeza continuavam arquivadas durante todo esse tempo. Nem ia mencionar que lhe parecia estranho que alguém fosse trazer Murchison para esta área a fim de assassiná-lo, ou que Murchison tivesse cometido suicídio nas vizinhanças. De repente Tom se levantou e foi até sua esposa.

“Você está bem, querida?”, perguntou em inglês. “Acho que os cavalheiros vão terminar logo. Não quer sentar?”

“Não, estou bem”, respondeu Héloïse com certa frieza, como se quisesse dizer que as atividades estranhas e desconhecidas de Tom é que tinham trazido a polícia até ali, e que a presença deles não era agradável de suportar. Estava apoiada num bufê, de braços cruzados, a uma boa distância da polícia.

Tom voltou aos policiais e sentou-se, para não parecer que os estava pressionando a ir embora. “Os senhores poderiam dizer a madame Murchison, se falarem com ela, que estou disposto a conversar com ela de novo? Ela sabe tudo o que eu tenho a dizer, mas...” Fez uma pausa.

O policial loiro chamado Philippe disse: “Sim, m’sieur, vamos transmitir o recado. Ela tem seu telefone?”

“Já teve”, disse Tom, com voz agradável. “O número não mudou.”

O outro policial levantou um dedo para seu colega, pedindo licença, e disse: “E uma mulher chamada Cynthia, m’sieur — na Inglaterra? Madame Murrchisson falou no nome dela”.

“Cynthia... sim”, respondeu Tom, como se esforçando para lembrar. “Eu a conheço de leve. Por quê?”

“Acredito que o senhor a viu recentemente em Londres?”

“Sim, é verdade. Tomamos um drinque num *pub anglais*.” Tom sorriu. “Como é que vocês sabem disso?”

“Madame Murrchisson nos disse, porque ela está em contato com madame Cynthia...”

“Grrad-nor”, completou o policial loiro, olhando em seu bloquinho.

Tom começou a ficar apreensivo. Tentou antecipar os próximos lances. Que perguntas viriam agora?

“O senhor a viu em Londres, falou com ela por algum motivo em particular?”

“Sim”, disse Tom. Virou-se para ver Ed, que estava apoiado nas costas de uma cadeira. “Lembra-se de Cynthia, Ed?”

“S-sim, vagamente”, Ed respondeu em inglês. “Não a vejo há anos.”

“Meu motivo”, Tom continuou para os policiais, “era perguntar a ela o que m’sieur Pritchard queria de mim. Vocês compreendem, eu achei que ele estava exagerando na vontade de se aproximar. Por exemplo, procurava ser convidado para vir à minha casa — coisa que eu sabia muito bem que minha mulher não queria!” Aqui Tom riu. “A única vez que visitei os Pritchard para tomar um drinque, m’sieur Pritchard mencionou Cynthia...”

“Grrad-nor”, o policial repetiu.

“Sim. M’sieur Pritchard, quando tomei um drinque na sua casa, insinuou que essa Cynthia não gostava de mim, tinha alguma coisa contra mim. Perguntei a Pritchard por que, mas ele não me contou. Nada agradável, mas típico de Pritchard! Assim, quando estive em Londres, consegui encontrar o número de madame Grrad-nor, e perguntei a ela: Qual é a desse Pritchard?” Tom lembrou-se depressa de que Cynthia Gradnor pretendia (na opinião dele) proteger Bernard Tufts, para que este não ficasse marcado como falsificador. Cynthia tinha seus limites autoimpostos, que iriam funcionar a favor de Tom.

“Sim, e o que mais? O que o senhor ficou sabendo?” O policial moreno parecia interessado.

“Não muito, infelizmente. Cynthia me contou que nunca tinha encontrado Pritchard, nunca sequer o vira. Ele telefonou para ela assim, sem mais nem menos.” De repente Tom lembrou do intermediário, George alguma-coisa, na grande festa em Londres para jornalistas na qual Pritchard estivera, e também Cynthia. O intermediário, depois de ouvir Pritchard falar sobre Ripley, dissera a ele que havia uma mulher na festa que detestava Ripley. Assim Pritchard ficou sabendo o nome dela (e

Cynthia o nome de Pritchard, pelo jeito), mas os dois não atravessaram a sala para se encontrar face a face. Tom não ia fornecer à polícia essa informação.

“Estranho”, refletiu o policial loiro.

“Pritchard *era* estranho!” Tom levantou-se, como se estivesse com as pernas duras de ficar sentado tanto tempo. “Bem, já que são quase oito horas, vou preparar um gim com tônica para mim. E para vocês, cavalheiros? *Un petit rouge*? Um uísque? O que vocês quiserem.”

Tom falou numa voz que não deixava dúvidas de que os cavalheiros iriam aceitar alguma coisa, e assim fizeram: os dois escolheram *un petit rouge*.

“Vou dizer a madame”, disse Héloïse, e saiu para a cozinha.

Os dois policiais elogiaram Tom pelos seus Derwatts, especialmente o que ficava em cima da lareira, criação de Bernard Tufts. Apreciaram também o Soutine.

“Que bom que vocês gostam”, disse Tom. “Fico muito feliz de possuí-los.”

Ed tinha pego outro drinque no bar, Héloïse veio juntar-se a eles, e com um copo na mão de todo mundo o clima ficou mais leve.

Tom disse em voz baixa para o policial moreno: “Duas coisas, m’sieur. Também terei o maior prazer em falar com madame Cynthia, se ela quer falar comigo. É número dois, o que vocês acham...” Deu uma olhada em volta, mas ninguém estava prestando atenção.

O policial loiro, Philippe, com o boné debaixo do braço, parecia encantado com Héloïse, e feliz em falar sobre qualquer coisa menos ossos e carne podre. Ed também tinha se juntado a Héloïse.

Tom continuou: “O que o senhor acha que m’sieur Pritchard pretendia fazer com os ossos no lago do jardim?”

O policial Jean ficou refletindo.

“Se ele tirou os ossos de um rio, por que jogá-los de volta na água, e depois — quem sabe deliberadamente — se matar?”

O policial deu de ombros. “Pode ter sido um acidente — um deles escorregou e caiu, e depois o outro também. Parece que eles estavam tentando tirar alguma coisa para fora, com aquele utensílio de jardim. A televisão ainda estava ligada, e na sala havia dois cafés, um drinque” —

ele deu de ombros — “ainda pela metade. Quem sabe eles estavam escondendo os ossos temporariamente. Talvez a gente fique sabendo de alguma coisa amanhã ou depois, mas talvez não.”

Os policiais estavam em pé, copo na mão.

Tom lembrou-se de outra coisa: Teddy. Resolveu mencionar Teddy, e chegou mais perto do grupo de Héloïse. “M’sieur”, disse para Philippe. “M’sieur Pritchard tinha um amigo, ou, se não era um amigo, de qualquer forma era alguém que o acompanhava quando ele pescava nos canais. Todo mundo sabe disso.” Tom usou a palavra *pêcher*, pescar, em vez de *procurar*. “Ouvi dizer que o nome dele era Teddy. Vocês já falaram com ele?”

“Ah, Teddy, Théodore”, disse Jean, trocando um olhar com o colega. “*Oui, merci*, m’sieur Ripley. Ouvimos falar dele através de seus amigos, os Grais — aliás, gente muito boa. Encontramos o nome e o número dele de Paris, no bloco perto do telefone na casa dos Prrichar. Hoje à tarde alguém falou com ele em Paris. Ele disse que quando Prrichar encontrou os ossos no rio seu trabalho terminou. E aí...” O policial hesitou.

“Aí ele foi embora”, disse Philippe. “Desculpe, Jean.”

“Sim, foi embora”, disse Jean, dando uma olhada para Tom. “Parece que ele ficou surpreso ao ver que os ossos — o esqueleto — eram o objetivo de Prrichar.” Jean olhou bem firme para Tom. “E quando esse Teddy viu os ossos voltou para Paris. Teddy é estudante. Queria ganhar um dinheirinho, só isso.”

Philippe quis dizer alguma coisa, mas foi silenciado por um gesto de Jean.

Tom arriscou: “Acho que ouvi alguma coisa do gênero no café. Que esse Teddy ficou espantado e decidiu dar adeus a Pritchard”. Agora foi a vez de Tom de dar de ombros.

Os policiais não fizeram comentários. Não quiseram ficar para jantar, embora Tom tivesse certeza de que não aceitariam seu convite. Também recusaram mais um copo de vinho.

“*Bon soir, madame, et merci*”, os dois disseram cordialmente para Héloïse.

Perguntaram quanto tempo Ed iria ficar.

“Pelo menos mais três dias, espero”, disse Tom, sorrindo.

“Não tenho certeza”, disse Ed, educado.

“Nós estamos aqui”, disse Tom com firmeza para os dois policiais, “eu e minha mulher, caso possamos ajudar em alguma coisa.”

“Obrigado, m’sieur Ripley.”

Os policiais lhe desejaram boa-noite e subiram na viatura, que tinham deixado na entrada.

Tom, voltando da porta da frente, disse: “Que sujeitos agradáveis! Você não achou, Ed?”

“Sim... sim, eram mesmo.”

“Héloïse, meu doce, quero que *vous* acenda o fogo. Agora mesmo. Estamos um pouquinho atrasados, mas vamos ter um jantar excelente.”

“Eu? Que fogo?”

“O carvão, querida. Na varanda. Tome, é só você ir até lá e riscar um fósforo!”

Héloïse pegou a caixa de fósforos e saiu para a varanda, graciosa em sua saia longa listada. Usava uma blusa verde de algodão, com as mangas enroladas. “Mas é você que sempre acende”, disse ela, riscando um fósforo.

“Hoje é uma noite especial. Você é a... a...”

“Deusa”, completou Ed.

“Deusa do lar”, disse Tom.

O carvão pegou fogo. Pequenas labaredas azuis e amarelas, todas iguais, dançavam sobre os carvões. Madame Annette tinha enrolado pelo menos meia dúzia de batatas em papel alumínio. Tom voltou a vestir seu avental e pôs mãos à obra.

Então o telefone tocou.

Tom gemeu. “Héloïse, atenda você, por favor. Deve ser Noëlle ou então os Grais, aposto.”

Eram os Grais, Tom percebeu quando entrou na sala. Héloïse naturalmente os estava pondo a par do que a polícia tinha dito e perguntado. Tom falou com madame Annette na cozinha: a *sauce béarnaise* estava sob controle, e também os aspargos, que serviriam de entrada.

A refeição foi de fato deliciosa e memorável. Assim disse Ed. O telefone não tocou; ninguém nem mencionou o telefone. Tom disse a madame Annette que amanhã de manhã, depois do café, poderia preparar seu quarto para o novo hóspede inglês, monsieur Constant, que iria chegar às onze e meia no aeroporto de Roissy.

O rosto de madame Annette refletiu todo o seu prazer com essa perspectiva. Era como se para ela os hóspedes, os amigos, fizessem a casa ganhar vida, tal como as flores e a música fazem para outras pessoas.

Tom arriscou-se a perguntar para Héloïse, enquanto tomavam café na sala, se Agnès ou Antoine Grais tinham alguma novidade.

“*Non-n*, só que as luzes continuam acesas lá naquela casa. Uma das crianças foi dar uma volta até lá com o cachorro. A polícia continua procurando alguma coisa.” Héloïse parecia entediada com aquilo tudo.

Ed deu uma olhada para Tom, com um leve sorriso. Tom perguntou-se se Ed estava pensando que... bem, Tom não conseguia colocar seus pensamentos em palavras, nem para si mesmo, e muito menos na presença de Héloïse! Considerando as peculiaridades dos Pritchard, nenhum exagero era demais quando se tratava de imaginar o que a polícia estava procurando, e o que poderia encontrar.

NA MANHÃ SEGUINTE, depois do seu primeiro café, Tom pediu a madame Annette que trouxesse todos os jornais que conseguisse comprar (era domingo) quando fosse até a cidade.

“Eu poderia ir imediatamente, m’sieur Tómm, se não fosse...”

Tom sabia que ela estava falando do café da manhã de madame Héloïse, chá com grapefruit. Tom ofereceu-se para prepará-lo caso madame Héloïse acordasse, o que era duvidoso. E quanto a m’sieur Banbury, Tom simplesmente não sabia, já que os dois tinham ficado acordados até tarde na véspera.

Madame Annette saiu, tanto para comprar os jornais como para ouvir as fofocas na padaria, com certeza. E qual das fontes de informação seria a mais confiável? A padaria ia ser animada, exagerada, mas a gente sempre podia aparar um pouco e chegar até a verdade, que talvez estivesse várias horas à frente da imprensa.

Quando Tom já tinha podado várias dalias e escolhido uma crespa cor de laranja e duas amarelas, madame Annette voltou. Tom ouviu o clique da fechadura.

Na cozinha, Tom passou os olhos nos jornais. Madame Annette estava tirando da cesta de compras os *croissants* e um filão de pão.

“A polícia está procurando *a cabeça*, m’sieur Tómm”, madame Annette sussurrou, embora não houvesse ali mais ninguém além de Tom para ouvi-la.

Tom franziu a testa. “Na *casa*?”

“Em todo lugar!” Outro sussurro.

Tom lia: as manchetes diziam alguma coisa a respeito de uma “extraordinária casa nos arredores de Moret-sur-Loing”, e continuavam afirmando que David e Janice Pritchard, americanos na casa dos trinta anos, tinham escorregado e morrido acidentalmente, ou então cometido um bizarro suicídio num lago em sua propriedade. Segundo a polícia, já estavam na água há cerca de dez horas quando foram descobertos por

dois garotos de menos de doze anos, que alertaram um vizinho. Debaixo dos corpos, no solo lamacento do lago, a polícia tinha retirado com uma draga um saco de ossos humanos, um esqueleto no qual faltavam a cabeça e um pé. O esqueleto era de um homem de idade madura, até agora não identificado. Nenhum dos dois Pritchard tinha emprego, e David Pritchard recebia uma renda mensal de sua família nos Estados Unidos. O parágrafo seguinte afirmava que o esqueleto incompleto havia permanecido na água por um número indeterminado de anos. Os vizinhos relataram que Pritchard vinha explorando o leito dos canais e dos rios da região, aparentemente procurando algo do tipo, pois seus esforços tinham cessado na última quinta-feira com a descoberta do esqueleto.

O segundo jornal dizia essencialmente a mesma coisa, mais sucintamente, e dedicava uma sentença inteira à afirmação de que os Pritchard tinham levado uma vida singularmente tranquila durante os poucos meses em que moraram em sua casa, mantendo-se basicamente isolados, tendo como único divertimento tocar discos em alto volume até tarde da noite, e finalmente adotando o hobby de dragar o leito dos canais e dos rios. A polícia tinha conseguido entrar em contato com as respectivas famílias de David e Janice Pritchard. As luzes da casa estavam acesas, a porta aberta, e na sala ainda havia drinques inacabados quando os dois corpos foram descobertos.

Nada de novo, pensou Tom, mas mesmo assim ficava um pouco chocado cada vez que lia a notícia.

“Madame, o que será que a polícia está *realmente* procurando agora?”, perguntou, esperando ficar sabendo de alguma coisa e ainda agradar madame Annette, que adorava fornecer informações. “Com certeza não é a cabeça”, sussurrou Tom em voz sincera. “*Pistas*, talvez, para saber se foi suicídio ou acidente.”

Na pia, madame Annette, com as mãos molhadas, inclinou-se para ele. “M’sieur Tom, hoje de manhã ouvi dizer que eles encontraram *um chicote*. Outra pessoa — madame Hubert, o senhor sabe, a mulher do electricista — disse que encontraram uma *corrente*. Não sei se é uma corrente grande, mas é uma corrente.”

Ed desceu para a sala. Tom lhe deu bom-dia e lhe passou os dois jornais.

“Chá ou café?”, perguntou Tom.

“Café com um pouco de leite quente. Pode ser?”

“Claro. Venha para a mesa, é mais confortável.”

Ed pediu um *croissant* com geleia.

E se realmente encontrarem a cabeça, pensou Tom enquanto foi providenciar o café de Ed, na casa dos Pritchard? Ou a aliança de casamento escondida em algum lugar inacreditável — por exemplo, enfiada a martelo num interstício entre dois tacos no chão? Uma aliança com iniciais? E a cabeça em algum outro lugar? E quem sabe para Teddy essa foi a gota d’água?

“Posso ir com você até Roissy?”, perguntou Ed. “Eu gostaria de ir.”

“Claro! E eu gostaria de ter a sua companhia. Vamos pegar a picape.”

Ed continuava lendo os jornais. “Nada de novo, não é mesmo, Tom?”

“Para mim, não.”

“Sabe, Tom... bem...”, disse Ed, sorrindo.

“Vamos lá! Uma notícia alegre!”

“Pois é isso mesmo, só que agora eu estraguei a surpresa. *Acho* que Jeff vai trazer o seu desenho do pombo. Pedi a ele antes de vir embora.”

“Puxa, mas que ótimo!” Tom deu uma olhada nas paredes da sala. “Que inspiração isso vai me dar!”

Madame Annette chegou com uma bandeja.

Menos de uma hora depois, quando Tom e Héloïse já tinham dado uma boa verificada no quarto dele, que agora ficaria para Jeff, e colocado na mesa de cabeceira uma rosa vermelha num vasinho comprido, Tom e Ed partiram para Roissy. Estariam de volta para o almoço, disse Tom a madame Annette — com sorte, logo depois da uma.

Tom tinha tirado o anel de Murchison da meia de lã preta. O anel estava agora no bolso esquerdo da calça. “Vamos por Moret. A ponte é tão bonita, e não é fora do caminho.”

“O.k.”, disse Ed. “Ótimo.”

O dia também estava ótimo. Tinha chovido de manhã cedo, lá pelas seis, bem o que era necessário para refrescar o jardim e o gramado, e também para dispensar Tom de regar as plantas.

Logo apareceram as torres da ponte de Moret, uma de cada lado do rio, construções atarracadas de um ocre rosado, veneráveis e protetoras.

“Vamos dar um jeito de chegar perto da água”, disse Tom. “A ponte tem duas mãos, mas é estreita entre as torres. Vamos ter que esperar nossa vez.”

Cada torre tinha uma passagem em arco, dando lugar para apenas um carro. Tom só precisou parar por alguns segundos, esperando passar dois carros que vinham na direção oposta. Atravessaram então o rio Loing, onde Tom tanto queria atirar o anel, mas foi impossível parar. Depois de atravessar a segunda torre, tomou uma rua à esquerda, e, apesar da linha amarela no chão, estacionou junto à calçada.

“Vamos caminhar até a ponte e pelo menos dar uma olhadinha rápida”, disse Tom.

Chegaram na ponte, Tom com as mãos nos bolsos, a esquerda segurando o anel. Tirou a mão do bolso e segurou o anel com o punho bem fechado.

“Arquitetura do século XVI, quase tudo isso”, disse Tom. “E Napoleão passou uma noite aqui quando voltou de Elba. A casa onde ele dormiu tem uma placa, creio.” Tom juntou as duas mãos e passou o anel para a mão direita.

Ed não disse nada; parecia estar tentando absorver tudo. Tom parou perto da amurada, enquanto dois carros passavam atrás. Alguns metros mais abaixo, o Loing lhe parecia de uma profundidade bem conveniente.

“M’sieur...”

Tom virou-se surpreso, e viu um policial de calça azul-marinho, camisa azul-claro de manga curta, óculos escuros.

“*Oui*”, disse Tom.

“O senhor é dono daquela picape branca?”

“Sim.”

“Ali é proibido estacionar.”

“Ah, *oui!* *Excusez-moi!* Vamos tirar o carro de lá imediatamente! Obrigado, chefe.”

O policial bateu continência e foi embora, revólver na cintura.

“Será que ele conhecia você?”, perguntou Ed.

“Não tenho certeza. Talvez. Ele foi bem camarada de não me multar.” Tom sorriu. “E acho que não vai fazer isso. Vamos embora.” Com um impulso do braço para trás, Tom atirou o anel, mirando a metade do rio, que não estava muito cheio. Caiu bem próximo ao meio, deixando Tom satisfeito. Deu um sorriso leve para Ed, e os dois voltaram para a picape. Pelo que Ed percebera, poderia ter sido uma pedra. Melhor assim.

PATRICIA HIGHSMITH nasceu em Fort Worth, Texas, em 1921, e criou-se em Nova York, onde se formou, em 1942, pela Universidade Columbia. Seu primeiro romance, *Strangers on a train* (1950), foi filmado por Alfred Hitchcock em 1951 e se transformou num clássico do cinema *noir*. Em 1956, *O talentoso Ripley* (1955) recebeu o prêmio Edgar Allan Poe, da Associação dos Escritores Policiais dos Estados Unidos. Em 1959, o livro ganhou sua primeira adaptação para o cinema, feita por René Clément, com Alain Delon no papel principal. Em 1999, Anthony Minghella dirigiu a segunda versão cinematográfica, protagonizada por Matt Damon. Em 1957, Highsmith ganhou o Grande Prêmio Francês de Literatura Policial e, em 1964, o Silver Dagger, da Associação Britânica de Escritores Policiais. De personalidade avessa ao contato com jornalistas, passou a maior parte da vida reclusa em diversas cidades europeias, particularmente na Itália. Viveu seus últimos anos isolada numa mansão perto de Locarno, na Suíça italiana. Publicou também *O talentoso Ripley*, *O jogo de Ripley*, *Ripley subterrâneo* e *O garoto que seguiu Ripley*, todos publicados pela Companhia das Letras. Patricia Highsmith morreu em 1995.

Copyright © 1991 by Patricia Highsmith

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Ripley under water
Capa

Jeff Fisher
Preparação

Marcos Luiz Fernandez

Revisão

Larissa Lino Barbosa Renato Potenza Rodrigues

Atualização ortográfica

Verba Editorial
ISBN 978-85-8086-811-1

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, GEE 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br www.blogdacompanhia.com.br